

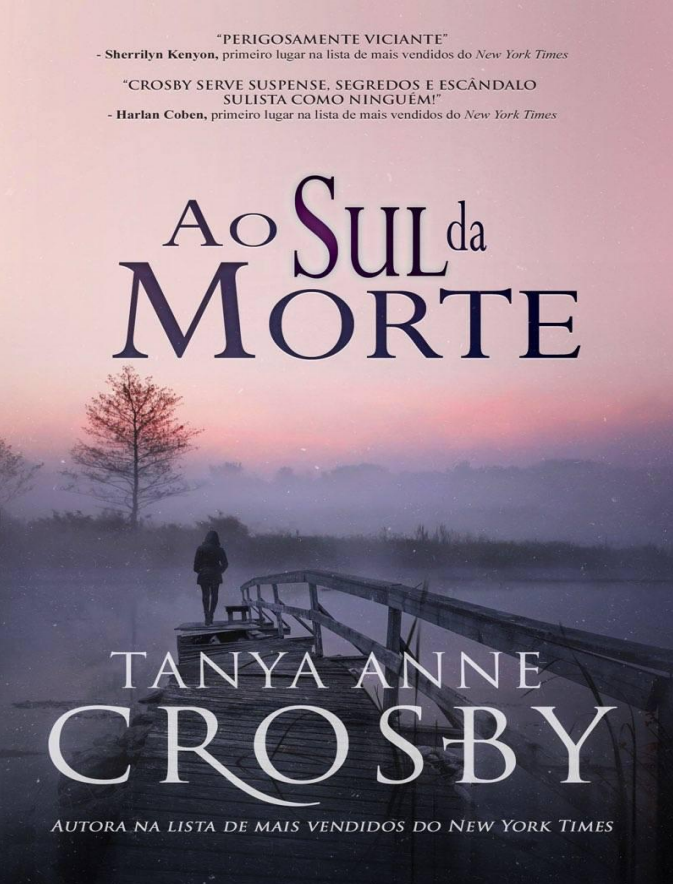
"PERIGOSAMENTE VICIANTE"

- Sherrilyn Kenyon, primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*

"CROSBY SERVE SUSPENSE, SEGREDOS E ESCÂNDALO
SULISTA COMO NINGUÉM!"

- Harlan Coben, primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*

Ao SUL da MORTE

A person is seen from behind, standing on a wooden pier that extends into a body of water. The scene is misty and atmospheric, with a soft sunset or sunrise sky in shades of pink and orange. A single tree stands on the left bank, its silhouette visible against the sky. The water is calm, reflecting the light from the sky.

TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO NEW YORK TIMES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AO SUL DA MORTE

TANYA ANNE CROSBY
LISLAINE M. OLIVEIRA



AO SULDA MORTE

[Direitos Autorais](#)

[Alto Risco](#)

[Menções a Tanya Anne Crosby](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Livro 1 Prévia](#)

[Sobre a Autora](#)

“Ao Sul da Morte”

Escrito por Tanya Anne Crosby

Copyright © 2016 Tanya Anne Crosby

Todos os direitos reservados

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

Design da capa © 2015 DamonZa

✧ Created with **Vellum**

ALTO RISCO

Augusta respondeu cada exploração das mãos dele fazendo uma inspeção faminta de seu corpo. Ela havia vivido trinta e quatro anos e nunca experimentara essa necessidade doentia de ser saciada tão profundamente pelo corpo de um homem.

“É por isso que você veio me ver, Augusta?” ele sussurrou, sua voz grossa contra a bochecha dela. Ele pressionou a virilha contra ela para que ela pudesse sentir a evidência completa da excitação dele, e ela prendeu a respiração. Ela sentiu o gosto de suor no lábio superior dele e lambeu com gula nos lábios dela. Ela tinha uma vaga consciência de que um seio havia escapado dos confins de sua camiseta e sua pele nua estava sendo acariciada pelo ar frio noturno. Ela queria a boca dele para aquecer sua pele.

Os olhos dele imobilizaram-na, aqueles olhos azul-claros que a faziam querer dizer qualquer coisa para mantê-lo bem ali nos braços dela. “Sim”, ela disse com um suspiro estremecido, e se esticou para morder o lábio dele.

“Tem certeza?”

Um assassino iria pedir permissão para fazer amor com ela?

Ela achava que não.

MENÇÕES A TANYA ANNE CROSBY

“Tanya Anne Crosby cria uma história que toca a alma e fica para sempre no coração.”

SHERRILYN KENYON, AUTORA BESTSELLER #1 DO NYT

“Os personagens de Crosby prendem o leitor...”

PUBLISHERS WEEKLY

“Tanya Anne Crosby se propõe a nos oferecer uma leitura divertida e o faz com humor, um ritmo acelerado e a quantidade certa de romance.”

THE OAKLAND PRESS

“Romance preenchido com charme, paixão e intriga...”

AFFAIRE DE COEUR

“Crosby mistura a quantidade certa de humor... Fantástico, excitante!”

RENDEZVOUS

PRÓLOGO

Não há lugar dentro do corpo humano onde a alma possa ser encontrada e esculpida. Ela não fica sentada em um altar na caverna do coração. Nem se prolonga em um cadáver em decomposição. Não pode ser apagada como uma lâmpada.

Energia; diz-se que o corpo humano produz cerca de duzentos e cinquenta BTU enquanto dorme, chegando a dois mil e quatrocentos com trabalho pesado.

Quanto que o medo produz?

Tudo que fazemos é controlado por impulsos elétricos correndo pelos nossos corpos – até aqueles sinais cruciais dizendo aos nossos corações para bater mais rápido quando estamos em perigo. Nosso sangue bombeia mais oxigênio para os músculos e cérebro. As pupilas se dilatam para enxergar melhor. Os sistemas digestivo e urinário tornam-se lentos. Os pulmões se expandem para receber mais ar... para podermos focar e lutar até nossos suspiros finais.

Todas as coisas ficam claras durante o momento da morte...

“Mas eu sou a mãe dela”, eu disse, e senti que era meu dever intervir para estabelecer um rumo para minha filha desobediente... porque assim como eu, ela iria cometer erros demais antes de tropeçar no caminho certo... e, se andasse a esmo por muito tempo na escuridão, poderia ir longe demais... e nunca mais voltar..

Domingo, 16 de agosto, 19:15

O sol estava se pondo, preenchendo a floresta à frente com sombras longas e serpeantes.

Cody Simmons imaginou que havia serpentes venenosas debaixo de cada tronco podre que saltava. Ele conheceu uma criança que uma vez foi mordida apenas por se sentar em um tronco, então manteve os olhos abertos e os pulos altos, procurando sinais de serpentes no capim alto.

TC, que tinha treze anos e era um ano inteiro mais velho que o Cody, iria zombar se achasse que Cody estava com medo, então Cody ficou de boca calada e manteve o ritmo atrás de TC enquanto eles corriam até a velha igreja abandonada.

TC era seu melhor amigo, mas às vezes ele colocava Cody em apuros, e a Vovó de Cody, Rose, não gostava muito da família dele. Ela dizia que eles estavam “empinando o nariz” e que “não dava para fazer uma bolsa de seda da orelha de uma porca, não importa o quanto se tentasse”, mas Cody não sabia exatamente o que aquilo significava. Às vezes sua avó dizia coisas que não faziam sentido, e a mãe de Cody dizia que era porque a Vovó Rose ainda estava vivendo no passado – tanto faz. Cody não se importava enquanto ainda pudesse brincar com o TC.

Ele ouviu a voz da Vovó Rose à distância, chamando-o para jantar. Havia um assado fervendo na panela de pressão e creme de milho verde esperando por ele, mas ele não parou. Eles tinham pelo menos trinta minutos antes que ela ficasse

determinada a encontrá-lo, e TC disse que tinha certeza absoluta que conseguiriam chegar à igreja e voltar sem ninguém perceber que eles haviam sumido.

Talvez ele estivesse um pouco assustado, mas a antecipação que estava borbulhando por ver algo que nunca havia visto antes, exceto nos programas de TV, era ainda mais emocionante – uma cena de crime na vida real! TC jurou na Bíblia que ele viu sangue no altar da velha igreja, e embora Cody não acreditasse nele isso não tornava a aventura menos empolgante.

Seus tênis novos estavam enlameados agora porque haviam corrido pelo pântano, evitando a floresta até que tivessem que entrar. Eles avistaram a pequena igreja branca desmoronada no mesmo instante em que uma bola enorme de sol laranja nas costas deles mergulhou no riacho, extinguindo a maior parte da luz da floresta.

Derrapando para brecar, TC esperou Cody alcançá-lo.

“Devíamos ter trazido uma lanterna!” Cody lamentou.

“Medroso!”

“Sou não! Aposto que você não trouxe uma assim eu não ia conseguir dizer se é sangue ou outra coisa! Provavelmente é só óleo ou sei lá.”

“Não, é sangue”, TC assegurou-lhe, lançando um olhar afiado.

A igreja não estava a mais de nove metros de distância agora, a porta da frente arrancada, então dava para ver direto o interior negro. Parecia uma boca bocejando em um rosto bravo. Duas janelas escuras ficavam de cada lado da porta. As vidraças haviam sido quebradas a muito tempo atrás e não sobrara muito, exceto por uma lasca de vidro recortado presa no peitoril do vidro direito. O brilho laranja do pôr do sol refletiu como um cintilar no olho de alguém.

Os dois garotos andaram devagar até a edificação, passando pelas velhas sepulturas e cruzeiros de madeira apodrecida que marcavam o cemitério antigo da igreja.

O pai de TC havia lhes contado histórias sobre encontros secretos do passado bem aqui na floresta. Ele havia dito que encontraram um homem enforcado dentro da igreja. Supostamente, cometeu suicídio – algo sobre fazer coisas ruins com crianças e sentir-se culpado por isso – ou talvez alguém simplesmente o tenha matado para fazê-lo pagar por seus pecados. Cody supôs que era esse o motivo pelo qual não usavam mais a igreja – isso e porque eles foram e construíram uma mercearia Harris Teeter bem sobre a estrada de terra que levava até a velha igreja, terminando o caminho para qualquer um que fosse corajoso o suficiente para encarar o fantasma de um homem enforcado. Nos

cinco anos desde que a estrada havia sido bloqueada, a floresta já havia reclamado a estrada de terra.

“De onde cê acha que é o sangue?” Cody perguntou, lutando contra a urgência de disparar de volta na direção de onde tinham vindo. Ele estava começando a se sentir estranho – como se talvez alguém estivesse observando-os – alguém que eles não conseguiam ver. Era uma sensação ruim que ele não conseguia afastar.

“Ouvi dizer que as pessoas matavam e tiravam a pele de gatos e coisas, poderia ser algo assim”, TC disse, naquele mesmo tom sabe-tudo que seu pai usava.

Cody entortou a camiseta. Um de seus punhos em formato de bola ao seu lado. “Isso não tá certo.”

“Bom, às vezes as pessoas não são certas, meu pai diz.”

“Aposto que alguém se cortou naquele vidro, talvez. Parece bem afiado para mim.”

TC olhou para a parte recortada da janela e deu de ombros evasivamente. “Talvez.”

Eles pararam na porta e olharam para dentro. Teias de aranha se espalhavam pelo topo do batente da porta até o interior. Estava aninhado de insetos, todos esperando para serem sugados até secar.

“Olha isso”, TC disse.

Ele manuseou os resquícios da carcaça seca de uma cigarra, tentando extrair a madeira exposta no batente. Quando não saiu, ele esmagou com o punho. O golpe reverberou no interior escuro da igreja e, em algum lugar nas sombras, algo guinchou.

Cody engoliu o bloco que subia em sua garganta.

Um altar que mal dava para ver descansava no palco lá dentro. Todos os bancos da igreja haviam sumido, mas ainda dava para ver o caminho que as pessoas haviam tumultuado até a nave central da igreja, a madeira gasta por centenas de melhores sapatos de domingo. O caminho estava três quartos obscurecido, desaparecendo nas sombras.

Eles deslizaram olhares desconfiados um ao outro.

“Vai, entra”, TC ordenou. “Eu já vi.”

“Eu não vou sozinho!” Cody protestou.

“Por quê? Tá com medo?”

“Não!”

“Frangote!”

“Não, você tem que me mostrar onde está tudo – talvez não esteja mesmo lá.”

“Não, eu juro – olhe.” Ele apontou para o lado direito do altar. “Vê onde aqueles panos estão pendurados? Eles estão pingando sangue.”

Cody apertou os olhos para enxergar na escuridão. “Só vejo um monte de panos velhos pendurados como se alguém tivesse limpado o lugar.”

TC fez cara de nojo. “Por que alguém limparia esse depósito velho?” ele argumentou. “Ninguém tem usado faz cem anos.”

Cody levantou a sobancelha em dúvida. “Sim, bom, seu pai disse que costumava vir aqui na igreja quando era pequeno.”

“Meu pai nasceu nos anos sessenta. Foi a muito tempo atrás.”

“Sim”, Cody cedeu.

“Sim”, TC disse.

Ambos os garotos haviam perdido completamente a coragem. Nenhum queria entrar, mas nenhum queria admitir que poderiam estar assustados demais, então ficaram lá, cada um agarrando uma estrutura do batente da porta. Atrás deles, os últimos traços da luz do sol mal eram visíveis através do limite florestal. Mas bem onde eles estavam parecia preto como carvão e ficando ainda mais escuro a cada segundo.

Os sons do pântano estavam se intensificando. Grilos cricrilavam mais alto e sapos-boi coaxavam de seus esconderijos. No calor de agosto o tempo era perfeito para a pesca de sapos. Cody pensou que talvez fosse melhor os sapos ficarem de boca calada a menos que quisessem terminar como o jantar de alguém – não dele, claro. Ele nunca havia experimentado um e, como a mãe dele tinha medo de sapos, achava que nunca iria – não que ele se importasse já que todos diziam que tinha gosto de frango. Ele preferia apenas comer frango. Seu estômago roncou.

“Acho que ouvi sua avó chamando”, TC ofereceu.

“Sim. Acho que ela está preocupada.”

“Provavelmente.”

O som de um arrastar de pés veio do interior escuro da igreja. O coração de Cody bateu mais rápido. “Ouvii isso?” ele sussurrou.

TC balançou a cabeça fazendo não, mas com os olhos arregalados disse sim. Eles congelaram, esperando por mais sons.

“Provavelmente só um rato... ou uma serpente”, Cody sussurrou, mas não souou como nenhuma daquelas coisas. Soava mais com um sapato de sola macia quando esfregado sobre um chão áspero, um arrastar suave como o que ele

conseguiu fazer quando deslizava seus melhores sapatos de domingo no velho assoalho de madeira da Vovó Rose.

Cody não teve coragem de olhar para dentro de novo, e os olhos de TC estavam fixos no rosto de Cody. Ambos os garotos estavam congelados com indecisão.

Lá dentro, algo bateu contra o chão e os dois garotos correram.

Cody correu para salvar sua vida, mas TC era mais rápido e Cody lutava para manter o ritmo, seu passo não tão firme no novo par de tênis. Ele estava assustado demais até para prestar atenção em serpentes ou troncos e tropeçou em um buraco no chão, caindo de joelhos na escuridão.

“TC!” ele gritou quando foi para baixo, mas TC estava correndo para o pôr do sol desaparecendo e não parou para olhar para trás mesmo após abrir caminho pelas árvores. A última coisa que Cody viu foram as costas da camiseta amarela brilhante do amigo.

A cabeça de Cody atingiu a terra fofa do outro lado do buraco, uma parede de lama molhada que gotejava com água fedorenta. Foi outro instante confuso antes de perceber que havia caído em um enorme buraco – um túmulo – e ele sufocou de medo quando sentiu algo mole debaixo dele. Era uma pessoa – uma pessoa morta – mas ele não conseguiu gritar, porque sua voz ficou presa na garganta. Seu tornozelo doía como se estivesse quebrado. A dor foi lançada através da perna quando tentou se levantar.

Cody começou a chorar – suavemente, assim quem quer que estivesse dentro daquela velha igreja proibida não conseguiria ouvi-lo. Ele estava sozinho em um buraco na floresta e não conseguia ver nada além de uma lasca do céu escuro acima da copa das árvores. Não havia nem luz suficiente para conseguir ver no que estava se ajoelhando, mas ele tentou ficar de pé, apesar da dor, e encontrou o chão irregular e mole, e caiu de joelhos de novo, agarrando o que parecia uma nádega nua. Horrorizado, ele gritou e disparou ficando de pé, mas mais dor jorrou pelo tornozelo e ele se dobrou de joelhos, caindo em prantos.

Quando sua visão se ajustou à crescente escuridão, ele conseguiu ver o contorno mais fraco de um seio pálido e um rosto distorcido debaixo dele.

Ou talvez fosse sua imaginação.

Deus! Ele tinha certeza absoluta que estava ajoelhado em um cadáver gelado.

Lágrimas quentes caíram dos olhos, mas ele reprimiu o choro. E se alguém estivesse lá fora? Ele não queria que soubessem onde ele estava. Talvez TC fosse voltar com ajuda. Que tipo de amigo deixava você para morrer em um buraco

na floresta? Talvez a avó dele estivesse certa e TC não batesse bem da cabeça! Mesmo velha como a Vovó Rose era, ela nunca o teria deixado sozinho para morrer. Ele pensou na avó se preocupando com ele e sentiu outra onda de histeria transbordando.

Uma sombra aproximou-se e elevou-se sobre ele, uma forma com olhos pálidos, e ele sentiu algo quente escorrer entre as pernas.

Cody congelou, olhando direto para aqueles olhos, incapaz de se mover, incapaz de chorar.

Pelo instante mais longo, a sombra preta apenas encarou-o no túmulo, sem dizer uma palavra, e a boca de Cody tiritou.

Deus, o que ele ia fazer? Ele jurou que nunca mais sairia de casa sem avisar alguém se simplesmente pudesse voltar para casa. Ele nunca daria ouvidos ao TC – nunca mais!

“Tá machucado?”

Era uma voz de homem, não de um monstro, mas Cody não conseguia ver uma boca se mexendo e percebeu que havia algo cobrindo o rosto do homem, exceto pelos olhos. Cody concordou com a cabeça, incapaz de falar.

O homem caiu em silêncio novamente, encarando-o lá embaixo, e Cody sentiu o medo correr por ele como um trem de carga. Seu corpo inteiro começou a tremer. E, então, o homem inclinou-se sobre o túmulo, estendendo a mão para o Cody.

Segunda-feira, 16 de agosto, 2:15.

Pam Baker era oficialmente uma vítima de assassinato.

O corpo dela estava deitado ao lado de uma sepultura aberta enquanto a médica-legista finalizava o exame inicial. Mais tarde, quando toda a evidência tivesse sido coletada, eles iriam embalá-la e transportá-la.

Fazia pouco tempo que a região Lowcountry havia se recuperado da epidemia de terror que havia impulsionado Charleston a sair da era de inocência à qual a cidade havia teimosamente se apegado. A possibilidade de um assassino imitador era impensável.

O detetive Jack Shaw estava começando a ver pontos pretos devido ao flash insistente da câmera do assistente. Fotos do corpo, dentro e fora da sepultura, as mãos, a boca, a igreja, o perímetro, e qualquer um ao redor da cena – felizmente, às 2h da madrugada não havia muitos espectadores. Ao perceberem o que estavam encarando, eles haviam ficado deliberadamente em silêncio na faixa da polícia.

Ele encarou as mãos inchadas. Amostras de debaixo das unhas seriam levadas ao laboratório mais tarde. A fita sobre a boca da garota ficou intacta, embora ele desconfiasse saber exatamente o que encontrariam assim que a removessem – ou, ainda mais importante, o que não encontrariam. Se o *Modus Operandi* fosse o mesmo, a língua teria desaparecido e o interior da boca estaria pintado de azul. O problema era... ele conseguia ver que este não seguia exatamente os padrões anteriores, e havia uma sensação crescente de

desconforto na boca do estômago enquanto ele esperava por uma estimativa da hora da morte.

“Palidez de segundo grau... presente.”

O que significava que o corpo havia sido movido desde a morte. O perpetrador provavelmente a havia matado em outro lugar e depois a largado aqui. O lugar óbvio para procurar seria dentro da igreja abandonada, mas o lugar estava limpo pelo que podiam dizer. As únicas pegadas discerníveis que haviam encontrado pelo chão sujo de madeira eram as pertencentes às crianças. Alguns panos pretos gordurosos estavam pendurados lá dentro, mas pareciam estar cobertos por uma camada de cera ou imundície. Ainda assim, o laboratório iria testá-los a fundo.

“Sem presença de larvas – formigas, sim, moscas, sim. Exposição a elementos... breve.” O assistente da médica ficou de pé atrás dela, rabiscando cada palavra murmurada em uma caderneta. De alguma forma, o discurso sem tom parecia um insulto à garota que, apenas semanas antes, havia estado cheia de vida. Jack só a havia visto uma vez, mas havia conversado com ela em diversas ocasiões quando ligava para os escritórios do *Tribune*. Pamela Baker havia desaparecido enquanto investigava os assassinatos de Secessionville para o jornal. Ele suspirou. Ela era uma aspirante a repórter que nunca conseguiu terminar o primeiro caso.

“*Rigor mortis*... em declínio. Dê-me um termômetro.”

O assistente vasculhou para produzir o instrumento desejado. Após um momento, a médica continuou, “Temperatura do corpo igual à do ambiente, neste instante 30 graus Celsius. Palpite inicial, hora da morte, julgando pela falta de decomposição de sangue, algo entre vinte e quatro e trinta e seis horas”.

Embora ele estivesse esperando por isso, Jack sentiu a bile subir na garganta com o anúncio. A pele da garota estava pálida, sem sangue, ainda não parecia mármore, muito pouco inchada. Os olhos dela estavam cegos, cobertos com uma membrana fina, mas ainda dava para ver a teia escura, parecida com a de uma aranha, de vasos quebrados nos brancos salientes dos olhos. Inserir um termômetro no fígado dela havia sido fácil pois, diferente das outras vítimas, essa havia sido cortada da cavidade pélvica até passando o umbigo.

Talvez o assassino estivesse evoluindo?

Qualquer que fosse o caso, o time não deixaria uma pedra não virada hoje à noite, porque se a médica-legista estivesse correta – e ela havia visto defuntos mais do que o suficiente para saber – Pamela Baker havia sido um cadáver por menos de trinta e seis horas enquanto o suspeito de homicídio, Ian Patterson,

havia estado sentado em uma cela de prisão por mais de três semanas. Havia uma garota morta deitada perto de uma sepultura aberta em um cemitério abandonado e uma criança desaparecida – um garoto de doze anos – e era inteiramente possível que eles tinham o homem errado atrás das grades.

Ele encarou o corpo, sem piscar.

Desde o começo, Patterson havia insistido em sua inocência. Somente agora parecia que o homem poderia estar dizendo a verdade. Mas se Patterson não matou Pamela Baker... quem o fez? Era isso o que Jack tinha de descobrir antes que o caso contra Patterson desmoronasse.

Antes que o Cody Simmons surgisse morto também.

Fale sobre segundas-feiras de merda. Ele olhou para o relógio. Eram 2:20 da madrugada. Ele se perguntou como Rose Simmons estava. A avó da criança havia sido levada às pressas para a sala de emergência depois da notícia do desaparecimento dele – ataque cardíaco. Ele conhecia a senhora pessoalmente e esperava que ela pudesse sair dessa.

A médica-legista lançou um olhar a ele por cima do ombro. “Bom, Jack”, ela falou. “É oficial. Essa é a número três. *Agora* você tem um caso em série.”

Com a descoberta do primeiro corpo, uma estudante universitária, a intuição de Jack havia lhe dito que estavam lidando com um assassino em série, e ele quase havia perdido o emprego tentando fazer seus superiores escutarem. Agora era a última coisa que ele queria ouvir. “Certeza?”

Ela despiu as luvas ao encará-lo, fazendo careta. “Tão certa quanto estou de que Baker está morta.”

Eles dois se viraram para olhar o corpo que havia sido puxado para fora da sepultura. Cortado da pélvis até o esterno com a lâmina de um instrumento afiado, ela estava deitada esparramada debaixo das árvores, seu corpo tingido de azul turquesa debaixo da luz do luar que cortava pela copa das árvores. Suas mãos posicionadas em forma de oração e presas juntas por uma fita. Sua boca também estava tapada por uma fita, os olhos salientes e cegos.

“Obviamente, vamos querer ter certeza da identidade dela antes de liberarmos a notícia”, ela acrescentou. “Vou conseguir lhe dizer com certeza assim que a levamos para o laboratório.”

Após um mês olhando para a foto dela dia sim dia não, Jack não precisava de um relatório do laboratório para saber quem era. Infelizmente, o tempo da Baker havia acabado.

O relógio de Cody ainda estava contando, e se Ian Patterson não era culpado, então não tinham uma pista de onde começar. “Obrigado”, ele disse e se afastou.

Terça-feira, 17 de agosto, 2:15

Augusta pressionou os olhos fechados, tentando bloquear as imagens que a provocavam.

Após duas semanas, uma boa noite de sono ainda a iludia. Ela orgulhava-se do fato de não ter nenhuma preocupação, e não era do tipo de dormir com todo mundo, mas algo sobre Ian Patterson havia lhe feito jogar toda a cautela para o vento – não que ela pudesse acrescentar aquela virtude em particular à sua lista, veja bem. Ela era teimosa, impetuosa e não conformista, mas cautela não era muito um ponto forte. Desta vez, ela pode ter realmente fracassado.

A noite em que encontraram o corpo de Kelly Banks, ela havia, na realidade, estado com Ian no Windjammer, um bar no litoral da Isle of Palms. A esta altura ela havia esperado completamente ser levada para interrogatório, mas até agora Ian havia permanecido em silêncio sobre o tempo deles juntos. O porquê ela não conseguia entender a fundo, mas supunha que tudo viria à tona assim que procedessem com um julgamento.

Ela conseguia ver os jornais agora: *Herdeira Aldridge Apresenta-se com Álibi para Assassino*.

Sua irmã Caroline iria enlouquecer.

Como editora do *Tribune*, Caroline iria arcar com as consequências e o Canal 11 iria aproveitar a oportunidade para esfolá-la.

Mas Augusta havia ensaiado várias vezes na cabeça.

Álibi ou não, não era como se Ian não pudesse ter cometido aquele assassinato em especial. Ainda assim, ele não havia parecido um assassino. Augusta havia tido tanta certeza que ele estava sendo perturbado pela irmã e pela mídia que ela havia pulado em sua defesa.

“Você está provocando uma reação em mim”, ele havia alertado com aquele sorriso devagar e fala lenta sulista que de alguma forma conseguiam confundir-la. “Você não quer chegar lá.”

“Você não é mais um padre”, ela reagiu, pressionando a gelada e úmida garrafa de cerveja nos lábios. Ela quase conseguia sentir o suor do corpo dele enquanto encarava-o do outro lado da mesa e cruzava as pernas, arfando de leve pelas sensações físicas que corriam por ela.

“Não”, ele disse, sua expressão sombria.

Um alerta talvez? Augusta ignorou.

“Não sou.”

Ela o estava fisgando. “Então, você se absteve de mulheres?”

“Não.”

Os olhos azuis pálidos reluziram como gelo na luz opaca do bar, e a única palavra fez o coração de Augusta saltar um pouco. “Somente aquelas relacionadas àqueles determinados a me colocar atrás das grades.”

Ele estava falando sobre a irmã dela, claro. Caroline havia trabalhado incansavelmente para manter os pecados de Ian no foco da atenção pública. Ela havia trazido à tona cada crime do qual Ian havia sido acusado e publicado sem misericórdia, lançando perguntas para todos, inclusive a polícia, considerarem. Graças à Caroline, todos sabiam que ele havia feito sexo pela primeira vez aos onze anos e passado o verão no reformatório.

Augusta não acreditava que alguma daquelas histórias fosse relevante – nem uma sequer – principalmente desde que haviam sido corrompidas pelos esforços da irmã em tirar o legado da família – um jornal enfermo – da miséria. Augusta acreditava piamente que Ian era vítima de uma caça às bruxas, não um criminoso, e o único perigo que ela encarava parecia bem carnal em natureza.

O olhar dela nunca deixou os olhos dele. Eles eram como fundas piscinas azul-claras chamando-a para a alma dele. Em algum lugar naquelas profundezas, ela via a vulnerabilidade dele, que falava com ela em um sussurro sedutor. “Culpado por associação?”

Ele deu de ombros evasivamente. Augusta tomou um longo gole da cerveja, desligando o olhar do rosto dele com algum esforço, escondendo o tremor de sua respiração por trás de um longo expirar.

Cada nervo em seu corpo estava tenso e vivo.

Ele arqueou uma sobrancelha loira escura. “Por que você está aqui, Augusta?”

Apesar do fato de que o Windjammer estava cheio de corpos suados e zunindo com tagarelice, tudo o que Augusta conseguia ouvir era o som da voz dele e seu próprio coração batendo nas têmporas. As palmas da mão pareciam suadas, e ela envolveu a garrafa na mão esquerda e esfregou a umidade gelada dela com a direita, imaginando se o sabor dele era tão embriagante quanto o fermento em suas mãos. Ela deu de ombros. “Talvez estou aqui porque não acredito que seja culpado?”

O arco da sobrancelha dele se aprofundou. “Você está perguntando... ou dizendo?”

Augusta estava muito mais inflexível dessa vez. “Não, eu *não* acredito que você seja culpado!”

Ele reclinou-se na cadeira e avaliou-a por um momento. “Isso a faria a única pessoa nessa cidade que não acredita”, ele sugeriu.

Augusta olhou a garota no palco, inclinando a cabeça. Ela sorriu consciente. “Aparentemente, não sou a única.”

Nos seus vinte e poucos anos, a garota de cabelo escuro estava obviamente enamorada pelo Ian. Distraidamente arranhando notas no violão, ela não havia tirado os olhos deles a noite toda, mas Ian não parecia notar. Sua atenção estava enfocada em Augusta, e ela sabia que ele estava se sentindo exatamente como ela neste momento. O ar entre eles pareceu tão severamente ferido quanto as cordas do violão da “namorada” dele. Augusta inclinou o queixo na direção da garota no palco. “Ela acredita em você o suficiente para lhe dar um álibi.”

“Ela falou a verdade”, ele disse. “Eu estava aqui naquela noite, vendo-a tocar – bem aqui nesta mesa, para falar a verdade – esperando o irmão dela se juntar a mim.” Ele deu um tapinha na mesa.

“Foi o que ouvi.” Augusta inclinou a cabeça, olhando para ele de forma recatada, e então perguntou, “Ela é sua namorada?”

“Amiga.”

O coração dela deu um sobressalto pelo modo como ele enfatizou a única palavra, deixando claro que não havia nada mais entre eles.

“Com benefícios?”

“Sem.”

Augusta lançou outro olhar questionador a ele. “Escolha dela ou sua?”

Ele levantou a sobrancelha. “Isso importa mesmo, Augusta?”

Augusta deu de ombros, fingindo indiferença, embora sentisse o contrário.

“Bom... então você não acredita que eu seja culpado”, ele reconheceu. “Mas por que *mesmo* você está aqui, Srta. Aldridge?”

Augusta piscou para ele. A verdade era que ela não sabia.

Ela sentou mais para frente, incerta de como responder. “Eu... eu quero ajudar... se puder”, ela disse e encontrou o olhar dele diretamente, querendo que ele visse a sinceridade dela. “Acho que me sinto culpada pelo modo que a minha irmã está atormentando-o.”

Ele levou o copo de água aos lábios. Nenhuma cerveja – direto na H2O. “Já sou grandinho”, ele disse. “Posso me cuidar. O que você precisa se preocupar é com”, ele acrescentou de modo misterioso, “a sua irmã... e você mesma. Você está além da compreensão dela”, ele disse.

O rosto de Augusta ruborizou. Era verdade. Se ele era inocente ou culpado, ela era um perigo para si mesma neste momento. De repente, ela sentiu-se

comprimida e sufocada e levantou-se de forma abrupta, incerta se queria ir embora.

Ele olhou para ela com preocupação. “Você está bem?”

“Sim. Só preciso de um pouco de ar.”

Aquele instante selou o destino dela.

Eles compartilharam um olhar duradouro, um que dizia nada e tudo ao mesmo tempo.

“Eu acompanho você”, ele ofereceu. “Nós dois poderíamos aproveitar um arzinho.”

Augusta apoiou a cerveja na mesa, feliz que não havia pedido a segunda, fingindo para si mesma que ainda tinha a cabeça no lugar e a consciência intacta.

Foi a segunda mentira que contou a si mesma. A primeira foi que ela não sabia por que estava aqui, porque lá no fundo sabia exatamente o que estava fazendo.

Ele a seguiu para fora, onde, mesmo no calor forte do verão, havia uma multidão – algumas pessoas, sobra da apresentação lá dentro; outras, simplesmente queriam uma desculpa para beber uma cerveja direto da garrafa na praia; e ainda outras cuja juventude havia sido gasta vagabundeando pelas redes de vôlei que estavam amarradas do lado de fora do Windjammer e que não conseguiam achar o caminho pelo verão sem reviver um momento do passado. Embora a fachada tivesse mudado um pouco, o Windjammer era uma instituição da Isle of Palms. Ela fez o caminho até a praia, completamente consciente do homem que a seguia em silêncio. Ela mal conseguia ouvir os passos dele no calçadão.

Augusta tentou esvaziar a cabeça.

O que a fazia ter tanta certeza de que Ian não era o assassino que todos estavam tentando fazê-lo ser? E por que ela o estava levando para uma praia escura em uma noite praticamente sem lua? Suas irmãs ficariam malucas de preocupação se fizessem ideia de onde ela estava e com quem. “Você não tem que vir comigo”, ela ofereceu tardiamente, embora esperasse que ele não fosse parar.

“E perder a chance de descobrir o que move Augusta Aldridge? Nem pensar!” ele disse e deu risada.

Eles andaram pelo calçadão, pelas dunas inconstantes e descendo a praia, que se esticava quase até metade do píer com a maré no seu ponto mais baixo. Um talho de luar refletia na areia molhada. Havia luz suficiente para ver que não havia mais ninguém na praia, apesar dos sons de farra que eram filtrados pelas

dunas. Seu coração batendo com força, Augusta virou à esquerda até o píer, onde estava mais escuro e um pouco mais reservado. Ela não estava no controle agora. Alguma parte primitiva de seu cérebro tomou o controle. Tudo o que ela conseguia pensar era em beijar Ian... para começar.

Ele não falhou em perceber a direção que ela o levava e riu com a voz rouca. “Você é mesmo um enigma, Augusta.”

Augusta esticou o braço, retirando as sandálias ao chegarem ao píer, lançando a ele um sorriso travesso. Ela jogou o calçado para cima das dunas em um trecho mais seco da praia e inclinou-se contra um dos montes, levantando o queixo.

Ele ficou parado a alguns centímetros de distância, relutante em ir até ela, estudando-a, seu olhar viajando por ela apesar da determinação em não flertar com ela. “Está se sentindo melhor, certo?”

Augusta concordou, o sorriso dela flertando o máximo que sabia fazer.

Os olhos azuis dele estavam pálidos, brilhando perigosamente debaixo do luar. “Você realmente gosta de brincar com o fogo, né?” ele sussurrou com rouquidão.

O olhar de Augusta desceu para a saliência no jeans dele. Ele estava excitado... e ela nunca havia ficado tão excitada por um homem. Seu corpo suplicava pelo dele. Seus mamilos doíam. Ela deu de ombros, a respiração tropeçando em um suspiro. “Me parece que é você quem está assustado”, ela provocou.

Ele se aventurou mais para perto, parecendo travar uma guerra com quaisquer pensamentos que estavam passando pela sua cabeça, e Augusta sentiu a umidade entre as coxas. Ela enfiou os dedos dos pés na água gelada e na areia debaixo dos pés e o chamou mais para perto. Ela vestia uma camiseta branca de gola V por cima de uma saia que ia até o tornozelo na cor de cerejas maduras. Seus seios estavam tensos no material, ansiando pelos longos dedos dele. Em algum lugar no nevoeiro de seu cérebro, ela percebeu quão impulsivo isso era, mas não conseguiu se fazer importar. Ela estremeceu quando ele a encarou, fome nos olhos.

Ele não disse nada ao se aproximar e menos quando a alcançou. Não havia necessidade em fingir pudor. Não era o estilo da Augusta. Ela queria que ele a beijassem – precisava que ele a tocasse – e ela deslizou o braço no pescoço dele enquanto ele se curvava para a boca dela, acolhendo a sensação dos lábios quentes e macios no dela. Ele não se conteve. Deu a língua para ela, deslizando a quentura febril em sua boca, sentindo cada canto com gula, mordiscando a língua dela, beijando-a com fome; e eles se ataram em um abraço carnal bem ali na

praia, debaixo da coberta da escuridão.

Augusta respondeu cada exploração das mãos dele fazendo uma inspeção faminta de seu corpo. Ela havia vivido trinta e quatro anos e nunca experimentara essa necessidade doentia de ser saciada tão profundamente pelo corpo de um homem.

“É por isso que você veio me ver, Augusta?” ele sussurrou, sua voz grossa contra a bochecha dela. Ele pressionou a virilha contra ela para que ela pudesse sentir a evidência completa da excitação dele, e ela prendeu a respiração. Ela sentiu o gosto de suor no lábio superior dele e lambeu com gula nos lábios dela. Ela tinha uma vaga consciência de que um seio havia escapado dos confins de sua camiseta e sua pele nua estava sendo acariciada pelo ar frio noturno. Ela queria a boca dele para aquecer sua pele.

Os olhos dele imobilizaram-na, aqueles olhos azul-claros que faziam-na querer dizer qualquer coisa para mantê-lo bem ali nos braços dela. “Sim”, ela disse com um suspiro estremecido, e se esticou para morder o lábio dele.

“Tem certeza?”

Um assassino iria pedir permissão para fazer amor com ela?

Ela achava que não.

Augusta concordou.

Ele era inocente, ela decidiu, mas neste instante ela sentia tudo menos isso. Os lábios dela estavam machucados pelo beijo deles. Seu coração golpeava contra as costelas. Ele se inclinou para beijar o mamilo dela, tomando-o com a boca e chupando com força, parecendo ler os pensamentos dela.

Augusta gemeu bem no fundo da garganta.

Sua cabeça caiu para trás contra o monte enquanto ele deslizou a mão para baixo da saia dela, dentro da calcinha... entre as coxas. Ele enfiou o dedo dentro dela e seus olhos encontraram os dela por cima da elevação dos seios. A boca dele deixou o mamilo tempo suficiente para ele sussurrar com um sorriso tortuoso, “Parece que encontrei seu ponto doce”.

Não para, ela implorou em silêncio.

Não para.

Augusta abriu as pernas, e ele deslizou o dedo mais fundo dentro do corpo dela. Ela ajustou para acomodá-lo, sua cabeça caindo para trás, qualquer disposição que ela poderia ter reunido completamente perdida. Ele levou aqueles dedos sem vergonha aos lábios para saboreá-la enquanto ela observava.

“Doce como o mel”, ele disse roucamente.

O coração de Augusta martelava. “Quero você dentro de mim”, ela disse

desesperadamente.

Não se parecia com ela. Ela não era *aquela* garota, mas sentiu-se completamente carnal e aberta na presença dele, não julgada, desinibida.

Ela não teve que pedir de novo.

Ele arrastou-a para debaixo do píer onde estava mais escuro – onde ficariam protegidos de bisbilhoteiros – passando os sapatos dela na areia. De alguma forma, ele abriu o zíper da calça antes que a tivesse no chão. E ele a cobriu, metendo dentro dela.

Naquele momento, pareceu tão certo.

Ela nunca havia experimentado tamanho desejo devastador em toda a vida – nunca. Seu corpo era como um fantoche dançando a cada olhar dele, a cada toque. Ela não poderia ter se afastado naquele instante mais do que poderia ter dito não.

Somente agora parecia tão errado.

Ian Patterson estava atrás das grades pela tentativa de assassinato da irmã dela. Ele era suspeito de ter matado mais duas mulheres e possivelmente responsável pelo desaparecimento de pelo menos outras três, incluindo uma jovem repórter que trabalhava para a irmã dela.

Augusta lutou com a culpa.

Como ela pôde estar tão errada?

Depois da prisão dele e o choque inicial dela, ela havia esperado que eles o liberassem, dizendo que era um erro. Sua alma estava morrendo um pouco a cada dia que passava sem a liberação dele – não tanto porque precisava vê-lo, precisava confrontá-lo, ou até porque ela havia estado muito, muito errada sobre ele, mas porque havia desejado tanto lutar com a própria carne e osso em defesa de um estranho.

E porque ela ansiava pela língua dele entre suas pernas... mesmo agora.

A memória disso a fez sentir-se atraída a deslizar a mão debaixo das cobertas. Era alguma surpresa que ela não conseguia dormir? Ela sentia-se uma traidora e mulher vil.

Com um gemido miserável, ela puxou as cobertas por cima da cabeça para bloquear os números vermelhos piscando no despertador. Com sorte, tudo estaria melhor pela manhã.



O sol da manhã brilhou do telhado de metal à distância.

Sentindo a força ao redor, ele ancorou seu pequeno barco, feliz pelo dia de

folga e o nascer do sol calmo. Mais tarde, o pântano seria uma sauna, mas agora estava sereno e bonito. Pássaros mergulhavam ao redor dele, puxando insetos e camarõezinhos das águas em volta. Pelo que todos sabiam, ele era apenas um pescador comum impelindo o barco com varas pelos capins-da-praia alagados em busca de puxar cantarilhos... e o sangue no fundo do barco, debaixo da lâmina de sua faca, era da última longarina de peixe.

Havia tempo para fazer isso da maneira correta.

Ele não estava com pressa.

Transgredido pelo mar, este lugar era apenas outro abandonado pela humanidade, largado, esquecido, escolhido pelos bicos dos pássaros e visitado por criaturas cujos únicos propósitos incluíam comer, dormir e defecar.

Como o Farol Morris Island, não dava para alcançá-lo exceto por barco. Mesmo assim, o acesso para dentro do edifício estava disponível somente para o mais ágil e intrépido. As paredes eram altas, as portas e janelas fechadas com longas tábuas, e a ponte de cavaletes ao lado era um esqueleto de aço enorme, enferrujada e pronta para cair se os ventos soprassem na hora certa.

Um barco zuniu, ondulando a água em seu rastro. Irritado, ele puxou a linha, observando as pequenas ondas viajarem tão longe quanto as torres do edifício.

Dentro da carcaça decadente do prédio em si, nada de valor permaneceu. Como o resto das ruínas de Charleston, estava vagarosamente retornando à natureza. Mas o teto estava intacto, ocultando de uma visão aérea o que está dentro, e quando muito, o tijolo marcado pelo fogo, como a profusão de barcos encalhados pela costa, atraía olhares curiosos, mas nada mais. Pescadores locais faziam vista grossa com isso. Guerreiros do final de semana estavam mais interessados em tomar uma cerveja atrás da direção de seus esquis, e a possibilidade de serpentes venenosas ou crocodilos mantinha até os mais curiosos em seus barcos.

Isso a tornava uma estação intermediária perfeita – até que ele pudesse determinar a melhor forma de recuperar seu solo sagrado.

Ele esperou a água acalmar-se e o rastro passar.

Cantarilhos eram comedores oportunistas. Eles viviam pelas margens de um canal, onde as correntes da maré estavam concentradas, posicionando-se para aproveitar a corrente. O truque era saber onde pescar e manter a isca no fundo junto da margem de uma estrutura situada no meio de uma corrente em mudança. O prédio era um ótimo obstrutor, dando aos peixes o local perfeito para aproveitar a mudança da maré.

Esse era o segredo. Saber quando e onde pescar... a menos que você estivesse

disposto a se contentar com porcaria.

Ele não estava.

Ele não tinha se preocupado demais em sepultar Pamela Baker em seu lugar especial. Ela era porcaria. Parte de um jogo, nada mais – um jogo que ele havia ganhado com muita facilidade. Um jogo que o havia deixado enojado e insatisfeito – sem fundamento. Ele a teria deixado lá para apodrecer no cemitério e tinha total intenção de cobri-la e ir embora... até que as crianças apareceram.

Ele havia escutado suas vizinhas se aproximando à distância e se escondido, totalmente preparado para colocar mais dois corpos no túmulo se necessário. Um ficou assustado e fugiu... então ficou um... um pequeno espécime perfeito que havia feito tudo valer a pena.

Por um instante, ele havia considerado deixar o garoto ir.

Ele sabia que não valia a pena agir por impulso. Ainda assim, exceto pela interrupção inesperada, ele havia planejado o descarte com cuidado extremo. Não havia nada que o rastreasse.

Serpentes mudavam de peles.

Borboletas emergiam de seus casulos.

Cigarras içavam de seus exoesqueletos.

Planos, como marés, tendiam a mudar.

Não, ele precisava da criança.

Se pudesse ter este... poderia haver paz... por um tempo.

Ele olhou a antiga estação ferroviária. Ele havia mantido a garota Baker viva naquele prédio e ninguém a havia encontrado. Ela estava escondida bem à vista... invisível... como pessoas velhas. Mesmo quando olhavam direto em seus olhos, os velhos olhos cansados procurando reconhecimento, a maioria das pessoas passava reto, olhando através deles... porque ninguém via nada exceto o que queria ver.

Ele havia amarrado a criança bem no alto.

Ele levou seu tempo colocando a isca em um novo anzol, saboreando a quietude do início da manhã, esperando para ter certeza de que o som de canos batendo contra a parede de pedra iria se perder em sons mais pacíficos. Gaivotas gritavam em cima dele. A buzina de um barco distante chamou sua atenção. Mas todos os sons vindos de dentro do pequeno edifício, como o ranger da antiga ponte ferroviária, foram perdidos na brisa matinal. Enrolados em panos, aqueles canos velhos eram mais que robustos o suficiente, ele decidiu. Ele sorriu e chutou os pés da lateral do barco, inclinando-se para trás para aproveitar o cheiro de lama na brisa da manhã.

E^xhausta e mal-humorada de uma noite sem sono, Augusta sentou-se na cama, secando o cabelo com uma toalha, encarando o pica-pau que estava empoleirado no peitoril de sua janela.

Três meses se passaram da sentença delas – como ela havia considerado os termos do Testamento e Último Desejo da mãe delas – e ela estava mais confusa do que antes. Ela não havia realmente esperado herdar um centavo do dinheiro da Flo – principalmente desde que havia estado afastada há anos antes de sua morte. Infelizmente, ela não conseguia nem se lembrar da última vez que havia tido uma conversa real com a mãe e, na realidade, não conseguia nem mais imaginar o rosto dela. Ela tentou determinar como aquilo a fazia se sentir, mas não conseguia fechar em uma emoção particular. Atrás da dormência, havia algo agonizante, mas ela o afastou.

Embora não estivesse tão sem emoção como Caroline e Savannah pareciam acreditar, ela também não se dava a explosões de sentimentalismo. Ela herdou aquele traço honestamente; a mãe delas havia sido um pouco uma parede de tijolos com poucas fissuras. Ainda assim, havia surpreendido Augusta descobrir que Caroline e Savannah haviam descoberto caixa atrás de caixa de lembranças no sótão – tudo aparentemente escondido pela Flo. Evidentemente, a mãe delas tinha um traço sentimental fino como papel que nunca havia ficado evidente.

Tome o quarto no qual Augusta estava dormindo, por exemplo. Havia sido o quarto de Augusta ao crescer, mas nada nele lembrava o lugar onde ela havia sofrido durante o temor da adolescência. As paredes estavam remendadas agora e repintadas em um cáqui acetinado imaculado. Suas ecléticas e aleatoriamente

penduradas capas de revista e pôsteres haviam sido substituídos por pinturas respeitáveis. Flo havia transformado isso em seu *quarto de visitas*. Mas se você estivesse procurando pela nostalgia, ela estava lá – uma coleção única de fotos que ocupavam a penteadeira de nogueira – apropriadamente, todas de Augusta com as irmãs e Josh Childres, que havia sido o melhor amigo de Augusta e parceiro no crime durante a infância.

Jogando a toalha úmida no carpete, ela perambulou até a penteadeira, levantando uma foto dela e do Josh. Nessa, os dois deviam ter dez anos, empunhando martelos grandes e pesados. Flo havia ordenado a demolição das moradias dos escravos. Sabendo quanto significava para Augusta destruir as relíquias dos pecados Confederados delas, ela havia deixado Augusta e Josh desferir os primeiros golpes. Sua irmã Caroline não havia aprovado e havia se recusado a participar. Sua irmã mais velha sentia que, certo ou errado, os resquícios da cultura escrava de Charleston eram parte da história delas e deveria ser respeitada. Sua irmã, Savannah, por outro lado, era jovem demais para conseguir levantar o pesado martelo ou ter uma opinião. Mas Augusta e Josh tiveram um dia de grande importância destruindo tudo à vista – exceto que Augusta havia se limitado a objetos inanimados. Josh havia se distraído com mosquitos e moscas, empunhando o martelo como uma arma Viking assassina.

O filho único da governanta Sadie havia sido uma criança atrevida, cheia de energia. Estimado por ambas Sadie e Flo, ele era provavelmente o único homem que Florence Willodean Aldridge não havia detestado – sem contar com o Sammy, claro. O Sammy ela havia venerado acima de tudo. Se não antes da morte, mais especialmente depois.

O desaparecimento do irmãozinho dela havia sido o momento decisivo em suas vidas, mudando todos, e não para melhor. Caroline havia assumido o papel de quem agrada, tomando para si tentar fazer a mãe rabugenta feliz e fracassando com cada tentativa. Savannah havia se fechado na própria mente enquanto o pai delas as abandonou menos de dois meses mais tarde. Ele havia arranjado uma nova namorada e morrerá, tudo dentro de seis meses da morte do Sam. E Augusta... bem, ela havia se tornado um pouco desordeira – irritada e hostil.

Ela gostava de pensar que havia mudado, mas a verdade estava fervendo em algum lugar debaixo da superfície, ameaçando irromper a qualquer momento. Ela *ainda* estava irritada, mas hostilidade não era um papel fácil de fazer ultimamente. Ela devia ser uma adulta, não uma adolescente rebelde.

Quem diabos ela estava desafiando? Flo nunca havia dado a mínima para

qualquer de suas filhas. Se todas elas simplesmente ficassem fora do caminho dela e da imprensa, a mãe era um pequeno mexilhão feliz enterrado dentro do palácio no mar.

Com um suspiro, Augusta colocou a fotografia dela com o Josh na penteadeira, examinando o resto. Olhando todas aquelas fotos descansando em um lugar de honra tornava fácil acreditar que Flo se importava. Mas eram provavelmente todas para exibição – assim os convidados de Flo iriam elogiar sua devoção infinita com as filhas impertinentes e ingratas.

Ou talvez Flo havia realmente desejado preservar um rastro de Augusta aqui em algum lugar, como um memorial para a filha que havia lhe renegado. Quem saberia? Todas aquelas respostas haviam sumido há tempos, enterrada junto com a mãe.

Ela olhou a foto do Josh.

Augusta não o havia visto muito desde que Caroline havia conseguido irritá-lo ao implicá-lo como uma fonte em seu artigo sobre os assassinatos em Secessionville – um artigo que, incidentalmente, também quase demitiu seu próprio noivo da força policial. Tanto quanto Flo possa ter feito, a irmã dela havia ido atrás de Ian Patterson como um Pit Bull e Augusta não conseguia evitar se perguntar quanto da persistência dela havia tido a ver com a prisão de Ian. Ela não conseguia afastar a sensação de que ele era inocente. Isso se pegava a ela de forma mais teimosa do que o pelo do Retriever delas, Tango.

Enojada, ela afastou-se da penteadeira.

Havia coisas demais em sua mente neste momento – nem a menor delas tinha algo a ver com a reforma da casa. Na morte da mãe, Flo havia deixado cada uma das filhas com uma tarefa – um dever final desagradável para fornecer a cada uma delas uma última mesada. Com Flo, nada poderia ser dado livremente. Nem abraços. Nem sorrisos. Tudo tinha de ser *merecido*, e o preço normalmente incluía um pedaço da alma de alguém.

O *trabalho* de Caroline era reviver o *Tribune* – um dos jornais mais antigos de Charleston – das dolorosas dores da morte. Savannah – sua irmã mais nova e a favorita da mãe delas – se Flo realmente tivesse uma favorita – tinha de enfrentar seus demônios da escrita e escrever um livro novo. Sem dúvidas, Flo estava esperando que Savannah fosse imortalizá-la em sua tinta. E Augusta, bem, ela tinha de restaurar a casa na qual haviam crescido – essa monstruosidade da era da Guerra Civil que ela tinha vindo a odiar. E a parte injusta do acordo... elas tinham que fazer tudo isso enquanto moravam juntas debaixo do mesmo teto, sem matar uma a outra.

O que quer que aquilo devesse alcançar, Augusta não sabia, mas Flo tinha um tremendo senso de humor e a piada estava nelas.

Até então, Augusta estava vivendo de uma única gaveta, relutante a ficar confortável demais, mas ela abriu a gaveta da penteadeira agora e encarou o fundo vazio. Um olhar para o chão do closet confirmava que seu guarda-roupa inteiro estava jogado esperando para ser lavado, e um sorriso torto curvou seus lábios. Aparentemente, um guarda-roupa limitado só funcionava se você estivesse disposta a lavar a roupa com frequência.

Resgatando um shorts da pilha imunda e puxando a camiseta mais limpa, ela decidiu que outra viagem para New York era adequada. Augusta havia mantido o apartamento lá, pretendendo retornar após a sentença de um ano ter terminado. Ela havia trazido somente as necessidades mais básicas. Caroline ia enlouquecer com ela saindo de novo, ela sabia, mas não podia ser evitado. Embora a essa altura, os ataques de Caroline fossem a menor de suas preocupações, e mesmo a casa ficava bem depois da situação de Ian.

No que ela estivera pensando?

Se ele era culpado ou não, dormir com ele pode ter sido a coisa mais estúpida que ela já fez em toda a vida. Sem ousar explorar os sonhos da noite anterior muito a fundo, ela fez o caminho descendo as escadas, passando pela tábua solta que havia enviado a mãe caindo para a morte. Pela centésima vez, ela parou para inspecioná-la, examinando a madeira torcida. Parecia um pouco com dano de água, mas um olhar para cima revelou que não havia nenhuma mancha reveladora no teto. Mexendo na tábua levantada com os dedos do pé, ela decidiu começar a reforma deste mausoléu – este tributo à aristocracia sulista – o mais rápido possível. Cristo, mas se a mãe delas achava que ela ia deixar o lugar como era, estava bem enganada. Se seria forçada a lidar com a restauração desta relíquia do Velho Sul, iria acabar em algo que Augusta conseguia olhar sem sentir vergonha.

Não era segredo para ninguém que Augusta odiava esta casa. Quanto a isso, ela odiava Charleston e sua fachada geral que escondia uma alma pútrida – melodramática talvez, mas a descrição combinava com seus sentimentos da mesma forma. Não, dê a ela New Yorke as pessoas honestas e diretas a qualquer dia da semana.

No final da escada, ela checkou o velho espelho massivo que havia estado pendurado no saguão por literalmente um século e franziu ao ver os círculos escuros se formando debaixo dos olhos. O espelho havia pertencido em algum momento a Charles Pinckney, um dos assinantes da Declaração de

Independência. Mas aquela distinção não havia salvado a plantação de Pinckney e ele vendeu a propriedade – e o espelho – devido à má administração. Sua perda foi aparentemente o ganho das Aldridge, ou melhor o ganho da tataravó.

Quando elas eram mais novas, Sadie havia convencido todas de que o espelho carregava as almas dos mortos, e morta era exatamente o que ela parecia hoje de manhã. O vidro original prateado mal estava lisonjeiro, mas sua mãe havia sacrificado com prazer seu reflexo pela marca característica de ser dona de um vidro dourado que tivesse sido pendurado anteriormente na Snee Farm.

Tudo isso era honestamente inútil para Augusta. Ela não se importava muito em se ver no espelho, mas se fosse fazer isso, era melhor conseguir realmente ver-se com clareza.

Vozes vieram da direção da cozinha. “Pelo amor, Caroline! Você não tinha que fazer isso, hein?”

Augusta entrou enquanto Sadie inspecionava um presente, aparentemente da Caroline, puxando a pequena concha e girando o bastão na mão. Pintada de amarelo, a pequena tigela estava apoiada em cima de uma base na forma de um girassol miniatura. Augusta andou até lá para inspecioná-la também e então percebeu o que era, suas bochechas queimaram e, abruptamente, ela deu as costas, dizendo apenas, “Bonito”.

Ela se acomodou no balcão da cozinha, ouvindo a irmã e a empregada de longa data, e amiga da mãe delas, tagarelarem enquanto ela tentava bloquear todas as memórias dos sonhos da noite anterior.

“Doce como mel...”

“Em que lugar você foi encontrar isso?” Sadie perguntou.

“Uma lojinha incrível em Mount Pleasant. Jack e eu almoçamos em Shem Creek na semana passada enquanto procurávamos um vestido de casamento.”

“Amei!” Sadie anunciou.

“Vocês dois já marcaram a data?”

“Ainda não”, Caroline disse.

Augusta estava apostando que eles nunca marcariam. O medo de compromisso de Caroline aproximava-se da paranoia. Para seu desalento, Sadie colocou o pote de mel na ilha em sua frente. Augusta olhou a bugiganga de cerâmica sem a menor quantidade de desgosto e tentou não pensar no Ian.

Não era como se ela não tivesse problemas suficientes para lidar.

E hoje, antes que ela começasse com o inventário final das relíquias das quais iriam se livrar no leilão que ela havia organizado, ela ia ter de ligar no escritório em New York e tornar sua licença permanente. Ela havia estado se enganando de

que nenhuma delas iria durar mais de três meses, porque aqui estavam elas, cada uma bem enfiada em sua própria tarefa, e a verdade era que, não importava quanto gostasse de pensar que estava acima de suborno – porque isso é tudo o que essa herança realmente era – ela não estava. De modo nenhum ela iria desistir de sua parte de trinta e sete milhões de dólares.

Nem suas irmãs.

Talvez ela fosse comprar um calendário e pendurar no quarto, assim poderia marcar os dias como um prisioneiro abandonado em uma cela de pedras. O pensamento a fez dar um sorriso afetado. Prender um calendário iria enfurecer o fantasma da mãe dela – tachinhas nas paredes – assim como nos velhos tempos.

“Tenho a coisa perfeita para colocar nele!” Sadie disse. “Comprei um pouco de mel local da Bee City. Mas vocês garotas terão de ir lá em casa para experimentar porque vou levar essa belezinha para casa comigo.”

“Esperava que o fizesse”, Caroline disse. “Você faz tanto por nós, Sadie. Eu só queria que você soubesse o quanto apreciamos isso.” Ela apontou a base do objeto. “Viu, está assinado.”

Sadie arfou com alegria e deu um beijo rápido na bochecha de Caroline. “Sabe o que eu aprecio? Que você lavou a louça ontem à noite, garotinha.”

Caroline olhou para Augusta. “Na verdade... foi ideia da Augie. Percebemos que se você pode cozinhar para nós, podemos nos reunir para limpar tudo depois.”

Sadie apressou-se para o lado de Augusta e plantou um beijo inesperado na bochecha dela.

O rosto de Augusta aqueceu-se. “Droga!” ela disse. “Todo esse melo está me deixando doente.” Mas ela sorriu, aquecida pelo beijo sincero de Sadie.

Seu coração deu um pequeno chute de protesto quando Sadie se afastou. Dela vinha o único pouquinho de quentura que Augusta conseguia se lembrar da juventude. Ela sentia falta daqueles braços amorosos.

Como de costume, a cozinha cheirava maravilhosamente, com o aroma de pão assado fresco competindo com bacon defumado na maçã. O melhor que ela havia conseguido em New York foi o cheiro prolongado de uma caixa de *bagels* da H&H ou café fresco torrado – livre comércio, claro.

Ok, então talvez houvesse *algumas* coisas sobre Charleston que eram melhores que no norte. Pelo menos, essa sentença de prisão deu-lhe a oportunidade de juntar-se e familiarizar-se com as irmãs e Sadie, embora a atormentasse que mesmo do túmulo a mãe delas ainda estivesse controlando suas vidas.

“Café, Augusta?”

Augusta deu um aceno exagerado de olhos arregalados para Sadie. “Por favor!” Mas ela se levantou e foi pegar uma xícara para si, mal esperando Sadie servi-la. Ela estava só um pouco distraída nesta manhã.

“Aqui está”, Sadie falou, trazendo uma colher limpa quando o telefone de Caroline tocou.

Como sempre fazia ultimamente, Caroline mergulhou em busca do celular, provavelmente torcendo que fosse o Jack. Os dois haviam se tornado inseparáveis após a reconciliação. Augusta estava feliz pela irmã, mesmo se, em sua opinião, fosse impossível voltar atrás. Uma vez que algo quebrou, estava quebrado para sempre. Como uma xícara estilhaçada, você poderia juntar todos os pedaços, mas as manchas de cola permaneceriam. Sua mãe havia estado certa sobre aquilo.

Um flash de memória acometeu-a, de entregar a Flo uma xícara de porcelana remendada – uma fina xícara branca com azaleias pintadas à mão. Sua mãe havia entregado de volta e lhe disse para jogar no lixo. Estava arruinada. Inutilizável. Imprestável. Augusta calou a memória.

De verdade, ela torcia pelo melhor para Jack e Caroline.

“Alô?” O sorriso de Caroline curvou-se em um gracejo devagar – uma clara indicação de que quem ligava era, de fato, Jack Shaw. Mas então seu sorriso esvaiu e ela correu para o saguão para conversar. “Ah, não!” ela falou.

Augusta e Sadie compartilharam um olhar de compreensão.

“Problemas no paraíso já?”

Augusta deu de ombros. Não era mesmo da sua conta. Ela pegou a colher e mexeu o creme no café, tentando não ouvir a conversa no saguão.

Sadie manuseou o pequeno bastão em seu presente. “Augusta, querida, você viu meu pote de mel?”

Augusta concordou, seu rosto aquecendo. Ela desejou que o maldito pote estivesse em qualquer outro lugar em vez de na frente dela. Era um gesto doce de sua irmã, mas a última coisa no mundo da qual queria ser lembrada era do homem por quem havia perdido a cabeça.

“Ah Deus!” ela ouviu Caroline exclamar do saguão. “Ah... meu Deus... Jack” Caroline engasgou nas últimas palavras e um arrepio agitou-se descendo a espinha de Augusta. Sua irmã não era do tipo de melodrama – nenhuma delas era – mas Caroline menos que todas. Como a filha mais velha de Florence Willodean Aldridge, ela havia sido com frequência quem ficava para juntar os pedaços. Às vezes, Caroline parecia tanto uma fortaleza de rocha quanto sua

mãe.

Obviamente escutando a conversa também, Sadie lançou um olhar curioso para Augusta, e Augusta bebericou o café enquanto esperava Caroline voltar para a cozinha. O que no mundo a teria deixado tão chateada já esta manhã?

Talvez Jack tivesse voltado atrás sobre o casamento?

Mas Augusta não achava isso. Ela nunca havia visto um homem com olhos de súplica maiores do que seu prospectivo cunhado. Depois de dez anos separados, ela não achava que aqueles dois pudessem ser separados com um pé-de-cabra a essa altura. Mas Jack era um policial, então talvez tenha algo a ver com o trabalho dele...

Houve um silêncio ponderado vindo do saguão. Quando Caroline voltou à cozinha, seu rosto estava pálido como papel, os olhos vidrados.

“O que houve nesta terra verde de meu Deus?” Sadie perguntou, seus olhos pretos cheios de temor.

Piscando para afastar as lágrimas, Caroline adentrou a cozinha, seu olhar concentrando a atenção em Augusta. Ela engoliu fundo, agarrando a ilha da cozinha, e disse, “Eles encontraram o corpo da Pam Baker”.

“Ah, não!” Sadie exclamou.

Caroline parecia que estava prestes a desmaiar. “Tem mais”, ela disse, e um formigamento correu pela espinha de Augusta.



IAN HAVIA APRENDIDO a se desligar dos sons da prisão, mas as pequenas coisas ainda penetravam de algum modo. O escoamento constante do banheiro, o *ting, ting, ting* distante de alguém tamborilando impacientemente em uma cama de metal e o arranhar de baixa qualidade do que pareciam unhas em paredes de cimento.

Deitado no beliche, ele encarou as manchas amarelas no colchão acima, imaginando como diabos ele havia ficado tão profundamente envolvido nos negócios de outra pessoa.

Como sempre, tudo havia começado de forma inocente o suficiente. Haviam-lhe pedido para procurar uma garota desaparecida – um membro de sua paróquia. Jennifer Williams, dezesseis anos, acusara-o de conduta imprópria, mas ela havia estado em sofrimento na época, e a rejeição dele a mandou cambaleando. A garota havia se arrependido da acusação quase imediatamente e confessado – tarde demais para salvar sua afiliação com a Igreja. Mas estava tudo bem. Ian não foi criado para ser padre.

Ele obviamente não foi desenhado para ser o salvador de ninguém também, porque estava fazendo um trabalho terrível em ajudar alguém – inclusive a si mesmo. De alguma forma, ele havia conseguido mergulhar de cabeça em uma pilha de merda legal. Primeiro, as acusações da William. E agora estava sendo mantido por não apenas uma, mas duas alegações de homicídio, nenhum dos quais havia cometido.

Programada para exatos trinta minutos, sua audiência preliminar iria estabelecer de uma vez por todas se a evidência era sólida o suficiente para ir a julgamento.

Ele sabia que não era. Noventa por cento da evidência havia sido plantada. Mas por quem e por quê? Isso ele não sabia. Tudo que conseguiu descobrir era que alguém sabia que ele estava se aproximando da verdade e o queria fora do caminho. De algum modo, ele sentia no âmago que tudo voltava às Aldridge. Havia uma conexão lá; ele só não sabia o que era ainda.

“Aproveitando as férias?”

Reconhecendo a voz, Ian ficou tenso. Ele não se importou em levantar. “Claro”, respondeu, deslizando um olhar para o rosto que o olhava através das grades. “As acomodações são ótimas. Sempre quis uma vista aérea de homens sendo fodidos por trás, tanto no sentido literal quanto no figurado.”

Jack Shaw ficou do lado de fora da cela, avaliando-o, e Ian se sentou.

“Você ficaria ótimo de rosa”, Shaw sugeriu, referindo-se à cor dos macacões escolhida pelo Estado para estupradores. “Mas eu pessoalmente gostaria de vê-lo de verde.”

A cor escolhida para presidiários no corredor da morte.

Apesar do fato de Ian ser inocente, o comentário de Jack acertou o alvo.

Uma vez, ele acreditou que todas as pessoas de bem iriam para o céu; todas as ruins, para o inferno. Agora ele suspeitava que não havia céu ou inferno exceto por aquele que existia bem aqui na terra – mais especificamente bem aqui nesta cela. Ele nunca teria imaginado que um homem inocente poderia ser condenado por um crime – nem mesmo após Jennifer Williams tê-lo acusado de conduta nociva. No final, a justiça havia prevalecido. Mas neste instante ele estava encarando a possibilidade de uma pena de morte, porque a Carolina do Sul era um dos trinta e três estados que ainda mantinham um corredor da morte.

Lutando com a raiva, ele olhou para os sapatos de prisioneiro. “O que você quer, Shaw?”

“Ver sua reação, imagino.”

Ian inclinou-se para a frente, interessado apesar da raiva. Ele juntou os dedos

em um punho – nunca mais iria curvar as mãos em oração.

Não havia justiça.

Não havia Deus.

Ninguém mais era inocente.

Nem mesmo ele.

Os olhos astutos de Shaw observavam-no.

“Reação a que, exatamente?”

“Você vai descobrir logo, logo”, ele sugeriu. “Então, queria ser aquele a lidar com as notícias. Parece que encontraram o corpo de Pamela Baker.”

O estômago de Ian mergulhou. Não importava que eles achavam que ele era culpado. Ele não era. E agora outra garota estava morta; ele se preparou para o resto da notícia. Era melhor saber exatamente pelo que iriam tentar marcá-lo. “E?”

Shaw subiu os ombros. “Parece que você se livrou dessa.”

Ian ficou de pé. “Por quê?”

“Não parece o tipo de pergunta que um homem inocente iria fazer.”

“Minha inocência não o impediu de tentar me processar até agora – ou de atormentar a garota que é meu álibi.”

“As pessoas mentem”, Shaw sugeriu.

Os dois encararam feio um ao outro, inflexíveis.

“Baker está morta a menos de uma semana”, Shaw finalmente ofereceu.

Piscando, Ian se viu atraído às grades, encarando Jack diretamente nos olhos. Algo como esperança floresceu em seu interior. “Eu não matei ninguém”, ele jurou pela centésima vez.

“Assim você disse.”

“É a verdade.” Ele estendeu a mão para a grade, enrolando o punho no metal gelado.

Shaw não se preocupou em afastar-se. “Assim você diz.”

Os dois travaram um olhar, e em um momento de fraqueza, Ian chegou perto de implorar. “Eu não sou culpado”, insistiu, cerrando os dentes.

Shaw pareceu estudá-lo com mais firmeza. “Talvez não”, ele concedeu depois de um longo instante, e então deu um passo atrás, virou-se e saiu, seguindo o corredor até as portas de segurança, deixando Ian seguramente preso atrás das grades.

“Eu quero ver o meu advogado!” Ian gritou para as costas dele.

“Ele está a caminho”, Shaw ofereceu sem se virar, e Deus o ajude, Ian sentiu um raio de alívio. Mais do que amor ou compaixão humana – ou até sofrimento

pela garota que havia perdido a vida – ele sentiu alívio por si mesmo.

Ao ficar de pé observando Shaw desaparecer atrás das portas de segurança, ele soube além de uma sombra de dúvida que cada último rastro de homem que ele costumava ser – o homem que estava tentando ser – havia desaparecido.

Quem era ele agora?

Alguém que ele não conhecia.

Alguém que ele não queria conhecer.



APÓS O TELEFONEMA DO JACK, Caroline foi direto ao hospital ver Rose Simmons. Augusta recusou-se a ir, principalmente porque não conseguiria suportar a ideia de encarar Rose ou a família dela neste momento... sem saber o que estava prestes a fazer...

Uma memória de Cody Simmons – pequeno e prematuro, com cabelo preto brilhante, – emergiu em seus pensamentos ao se sentar no carro da mãe, encarando o prédio da rua King que hospedava os escritórios de advocacia Greene & Ashe, o advogado da família. Havia grades nas janelas – uma necessidade nessa parte da cidade. Enquanto Augusta havia defendido a decisão de Daniel permanecer aqui nessa área de reconstrução urbana – porque ela admirava sua determinação em permanecer firme pelas pessoas que precisavam mais dele – após ser assaltado no mês passado, ela não se sentia mais confortável em vir aqui sozinha. As portas do carro permaneceram trancadas e as janelas fechadas apesar de o ar condicionado do carro *vintage* estar emitindo um pouco de faíscas.

Contas de suor gotejaram entre seus seios enquanto ela esperava. Seu olhar moveu-se ansiosamente entre o jornal no banco do passageiro e a porta pintada de preto do escritório de advocacia.

O som do celular tocando de repente irrompeu de sua bolsa. Ela pescou o celular com certa trepidação. Era o Josh. Ela sorriu ao ver o nome dele no identificador de chamadas. De todas as pessoas que poderiam ter ligado, ele era a única que Augusta não poderia se forçar a ignorar. Diferente de como era com as irmãs, ela sentia-se obrigada a atender as ligações dele, embora não quisesse falar com ele – talvez como resultado de alguma sensação prolongada de lealdade? Quando crianças, a mãe dela havia alegado que eles eram “inseparáveis” e haviam sido, mas as coisas mudaram. Ela havia mudado. Ela tocou o botão para atender e tentou afastar o desapontamento de seu tom de voz. “Alô.”

“Ei, você. Ouvi sobre o Cody. Onde você está?”

Augusta franziu com a pergunta. Para um cara que parecia ganhar por conta própria sem falhar, estranhamente faltava-lhe civilidade. Augusta não queria lhe dizer onde estava. “No centro”, ela ofereceu.

“Você está bem?”

“Estou”, ela assegurou-o, mas recusou-se a oferecer mais. Os dias de confiar tudo ao Josh haviam acabado. Além do que ele, mais do que qualquer um, não iria entender.

Houve uma longa pausa do outro lado da linha. Ela teve a sensação de que sua resposta o decepcionou – como se de alguma forma Josh esperasse que ela fosse lidar com a notícia do desaparecimento de Cody com o mesmo ultraje da juventude. Mais do que isso, ela teve a sensação de que ele *precisava* que ela dependesse dele.

Intrusa, a memória dos dois atrás de um ancoradouro a acometeu. Eles tinham dezesseis anos naquele dia em que ele a beijou. Augusta havia se arrependido disso imediatamente e o relacionamento deles sofreu em sequência, embora Josh parecesse obrigado e determinado a fingir que tudo estava exatamente como foi um dia.

Bem, não estava.

“Só queria ter certeza”, ele disse. “Você está a caminho do hospital agora?”

A culpa atingiu-a. “Caroline está lá”, ela falou. “Você sabe que não sou tão boa com palavras.”

“Se a faz se sentir melhor, não tenho certeza que alguém saiba realmente o que dizer. Merda horripilante. Me prometa que tomará cuidado.”

Por que tudo o que ele dizia parecia aborrecê-la ultimamente? Ela deu uma palmada com as costas da mão no volante, olhando a porta do escritório de Daniel Greene. “Pode deixar, Josh. Mas não precisa se preocupar comigo, sabe? Sou grandinha. Posso me cuidar.”

Mas aquilo não era exatamente verdade. Todos poderiam tirar proveito de um olho vigilante ultimamente, inclusive Josh. Até então, três corpos haviam sido descobertos – todos encontrados pelados, mãos em posição de oração, as línguas arrancadas. Por mais que a polícia tentasse manter os detalhes escondidos, não havia muita chance de Augusta não saber algo dos detalhes mais horripilantes quando sua irmã era ao mesmo tempo vítima em potencial e editora do *Tribune* – sem falar no fato que o noivo de Caroline era, pelo menos inicialmente, o detetive encarregado das investigações.

Josh estava tentando ajudar, ela recordou-se. Ele não era Caroline. A micro

gestão da irmã obscureceu a de todos os outros. Então, ao que ela estava realmente reagindo? Talvez seu próprio senso de culpa pelo beijo atrás do ancoradouro? Na realidade, ela nunca havia beijado alguém antes daquele dia e o havia realmente encorajado, ansiosa pela experiência. O fato que isso a havia deixado com uma sensação doentia no estômago em seguida tinha pouco a ver com Josh, ou qualquer coisa que ele tenha feito, e tudo a ver consigo mesma.

Do outro lado da rua, Daniel Greene estacionou em uma vaga em frente ao prédio e saiu do carro. “Olha, Josh, tenho que ir.”

Ele suspirou, mas Augusta não conseguia mudar o modo como se sentia. Ela queria que ele seguisse em frente e esquecesse. “Tchau”, ele disse.

Augusta desligou quando Greene adentrou o escritório. Seus olhos retornaram à edição da manhã do *Tribune* no banco do passageiro ao seu lado.

Ian era inocente, ela tinha certeza disso.

Canibalizando o interior do lábio, ela encarou o jornal. Jack não havia dado tantos detalhes à Caroline, mas ela havia escutado, por acaso, o suficiente para saber que Pamela ainda estava viva há uma semana. Agora não estava, e não tinha como Ian tê-la matado sentado atrás das grades. Não, alguém estava fazendo isso, e ela sentia-se mais culpada por não ter se apresentado mais cedo. Mais um álbi poderia ter tirado Ian da prisão. Aparentemente, apesar de toda sua fala, ela era apenas uma covarde de coração... mas poderia compensar por isso agora...

Considerando as consequências potenciais de sua decisão, ela ficou sentada enraizada no banco do carro – não ambivalente exatamente, apenas cheia de temor.

Caroline iria ficar enlouquecida. Savannah não diria nada, mas por dentro pensaria que ela era louca. Quem saberia o que Jack iria fazer, considerando os crimes dos quais Ian Patterson era acusado – duas acusações de homicídio e pelo menos uma de tentativa de homicídio, com sua irmã Caroline sendo a vítima em potencial...

A coisa era... Augusta não havia acreditado na culpa de Ian desde o início – e embora tenha estado lá na tarde em que o algemaram e o transportaram das ruínas na propriedade delas, ela teve dificuldade em acreditar que qualquer coisa disso fosse verdade.

Aquele olhar ferido nos olhos dele – ela não conseguia esquecer. Seu olhar havia estado fixo nela, inabalável, aqueles olhos azuis enlaçados com raiva... e algo mais...

Decepção?

Agora outra criança estava desaparecida, e no fundo do âmago, Augusta sentia que Ian era a melhor chance que Cody Simmons tinha. Ela sentia nos ossos – talvez não do mesmo modo que Savannah *sabia* das coisas, mas ela sentia mesmo assim, sem qualquer ambivalência... apesar do fato que parecia ir contra todos os pensamentos racionais. Ian *sabia* de algo... mesmo se não soubesse que sabia... e alguém estava disposto a armar contra ele.

Uma audiência havia sido marcada para esta manhã. A notícia já estava pregada em todas as manchetes. Em uma decisão bastante emocional e controversa, eles haviam estabelecido uma fiança em vez de segurar Ian sem. Marcada em um ponto cinco milhões de dólares, tudo o que ele tinha que juntar era dez por cento. Era dinheiro que ela sabia que ele provavelmente não tinha.

Mas Augusta tinha.

O advogado delas iria negar-se a dar prosseguimento, mas ele faria exatamente como ela pedisse. Afinal, era o dinheiro de Augusta e ela tinha o direito de usar como bem entendesse. Dessa vez, não era simplesmente sobre apoiar um perdedor. Era sobre um desejo profundo e constante por justiça. E Ian Patterson estava no centro daquela justiça. Tendo passado os últimos seis meses procurando por Jennifer Smith, ele sabia tanto quanto a polícia sobre a investigação.

Talvez ele fosse encontrar Cody? Era um tiro no escuro, mas ela estava disposta a arriscar. Deixar as coisas acontecerem naturalmente...

Mesmo se significasse acrescentar o nome dela à caça às bruxas.

Mesmo se significasse desfazer o laço frágil que ela estava finalmente construindo com as irmãs.

Mesmo se significasse arriscar a chance de que ela poderia estar errada.

Respirando fundo, ela abriu a porta do carro e deslizou saindo detrás do volante do Town Car da mãe. Trancando a porta e jogando as chaves dentro da bolsa, ela foi direto ao escritório de Daniel Greene, com a intenção de pagar a fiança de Ian.

Aparentemente, a Senhora Justiça tinha um nome: Augusta Aldridge.

Menos de duas horas depois da audiência de Ian, com seu procedimento de saída completo, ele fez uma linha reta até a porta, meio esperando encontrar Augusta do lado de fora. Ela havia pagado a fiança dele, mas não em pessoa – ela mandou o advogado no lugar. Ele não sabia exatamente como se sentia sobre isso. Ele sabia que se sentia ao mesmo tempo aliviado e decepcionado por não ter avistado a cabeça ruivo-amarelada dela fora do prédio, embora não estivesse certo do que dizer para ela, além de *obrigado*.

Ele não havia conseguido tirá-la da cabeça.

Com três semanas passadas na maior parte do tempo na própria cabeça, o rosto de Augusta havia sido um fantasma constante perante os olhos. O olhar em seu rosto quando o algemaram e transportaram após o martírio da irmã dela havia lhe ferido mais fundo do que poderia ter esperado, principalmente considerando que ele não a conhecia muito bem. Ele havia passado apenas uma noite com ela. Uma noite.

Mas uma tremenda noite.

Augusta não era o tipo de garota que se esquece facilmente. Ousada. Honesta. Linda. Ela falava o que pensava e mostrava os sentimentos abertamente. Exatamente o tipo de mulher que ele buscaria... se estivesse livre. Mas não estava.

O que era pior, ele estava perdido.

Ele ainda não havia processado bem sua excomunhão da Igreja – não que o celibato tivesse sido alguma vez um requisito bem-vindo, embora ele tivesse

estado completamente preparado para fazer o que tinha que fazer. Mas esse não era seu problema no momento.

Neste instante, por mais que ele gostaria de se distanciar e esquecer tudo que sabia – esquecer que havia um assassino lá fora apagando vidas inocentes – não conseguiria. Resultado: Alguém estava disposto a sabotar a vida dele para tirá-lo do caminho. Alguém o estava observando. E se estivessem, significava que ele estava chegando perto, mesmo se não soubesse do que estava se aproximando. Mas não estava mais se movendo debaixo do radar – possivelmente nunca esteve. Se deixasse Augusta Aldridge chegar perto dele, ele a estaria colocando em perigo também. Porque agora, mais do que nunca, Ian estava determinado a descobrir quem estava por trás do desaparecimento de Jennifer Williams. Ele tinha um pressentimento de que aquela pessoa era responsável pelas mortes de pelo menos três outras mulheres e possivelmente mais. Na realidade, tinha certeza disso. Embora ainda não houvesse um corpo para Jennifer, sua intuição dizia que os desaparecimentos e assassinatos estavam todos conectados – inclusive o desaparecimento de Amanda Hutto, uma garota de seis anos de Folly Beach que não se encaixava no perfil das vítimas conhecidas.

Ele pegou um táxi e foi direto à loja de aluguel de carros mais próxima, alugando o veículo mais barato que tinham – um Ford Focus vermelho que iria infelizmente tornar muito fácil para todos reconhecerem-no. Seu Acura havia sido mantido sob custódia para poderem revistá-lo em busca de evidências. Felizmente, não o haviam destruído no processo. Talvez ele conseguisse a maldita coisa logo, mas enquanto isso, precisava ter algo para dirigir e precisava de um pouquinho mais de tempo para considerar o que fazer sobre a pobre garotinha rica.

Com alguma sorte, sua irmã Caroline iria manter o nariz – e o jornal que só servia para embalar peixe – fora de seus negócios, embora ele tivesse certeza de que não fosse o estilo dela. Bem, ele iria destruir aquela ponte quando chegasse a ela. Primeiro as coisas importantes. Ele decidiu ir para casa e ver se havia algo que os policiais não haviam visto quando vasculharam sua casa. Alguém havia plantado evidências para incriminá-lo e Ian pretendia descobrir quem. Ele nunca havia visto aquela bolsa antes, nem seu conteúdo, mas quem quer que tivesse colocado a bolsa de ataque sabia precisamente o que enfiar lá dentro, inclusive o mesmo rolo de fita usado para tapar a boca das vítimas e um frasco de tinta azul, junto com vários outros itens.

Indo para a via expressa, ele foi em direção ao rio Ashley, até a James Island, afastando pensamentos de Augusta Aldridge da mente.

Pelo bem dela.

Pelo bem dele.



POR BEM OU POR MAL, a ação havia sido realizada, e agora Augusta preparava-se para o pior. Ela dirigiu o Town Car *vintage* amarelo-limão, estilo Lincoln, da mãe até o estacionamento de cascalho e parou em frente à casa, desligando o motor, considerando a casa.

Bem em frente, dentro de um jardim circular, um carvalho enorme estava cercado por azaleias trêmulas. Através do para-brisa, Augusta olhou a antiga árvore, que agora estava corcunda e sobrecarregada de um lado com membros que se alongavam pelo chão como uma mãe descendo os filhos. Do outro lado, onde os galhos haviam ameaçado o telhado, eles foram cortados, amputados como as pernas e braços dos soldados Confederados.

Aquele era o problema ali, Augusta meditou. O que a maioria das pessoas viam do lado de fora – as cumeeiras de contos de fadas surgindo através de carvalhos majestosos liberalmente pintados com barba-de-velho, a graciosa varanda envelope – nada daquilo falava dos segredos sombrios enfiados dentro daquelas paredes antigas.

Enquanto algumas crianças poderiam ter visões de bombons dançando no cérebro, Augusta tinha imagens entretidas de mulheres contaminadas pela malária e bebês de escravas trabalhando nos campos de arroz. Aquele era o resultado que crescer perto das fileiras das casas de escravos tinha na imaginação de uma criança. Ela nunca havia conseguido compreender como a Sadie conseguia ter o lar naquela maldita casa de capataz. Mas aquilo era problema da Sadie, não de Augusta. Há muito tempo ela havia se resignado com o fato que era o direito da Sadie dormir onde bem quisesse – e se por acaso ela queria deitar a cabeça onde uma vez dormiram homens que havia torturado os ancestrais dela... então que seja. Não era como se a “casa grande” não tivesse sua própria porção de problemas – não a menor parte deles introduzidos pela presente geração das Aldridges – ela mesma inclusa.

Ela suspirou – uma expulsão do ar que era parte melancólica, parte alívio e parte trepidação.

Quando ela era criança, revistas como *Southern Living* e *House Beautiful* haviam vindo fotografar o memorial envelhecido de dias passados, tirando fotos das correntes coloridas de azaleias que cercavam a fachada de madeira caída... as altas águas-furtadas que, para Augusta, sempre pareceram olhos sinistros

mirando o mundo. Seus olhos foram levados para cima até a sacada. O ponto mais alto subia quase doze metros dentro das árvores, o cata-vento de cobre quase invisível no lençol de galhos e musgo que a cercavam. Ninguém mais subia lá, mas era uma sacada de verdade, não para exibição. O acesso era apenas possível através do sótão agora, mas ela e as irmãs haviam usado a sacada para manter seus bronzeados. Ela imaginou – não pela primeira vez – quantas viúvas haviam esperado lá seus maridos e filhos voltarem para casa mancando da guerra, com membros arrancados e a sombra da morte nos olhos.

Tamborilando os dedos no volante, ela deixou os pensamentos retornarem a Ian.

Eles já o soltaram?

Ela inalou uma respiração vacilante, imaginando se ele iria ligar.

Que diabos ela diria?

Quanto a isso, o que suas irmãs diriam quando descobrissem que ela havia pago a fiança dele?

Realmente, ela não era muito diferente desta casa. Ela oferecia uma fachada para o mundo, e por trás daquela fachada haviam segredos que, se mostrados à luz do dia, iriam deturpar a percepção que todos tinham dela. E apesar das melhores intenções de Augusta, ela parecia estar somando àqueles segredos dia a dia. Pelo próprio bem, ela tinha de acreditar que todos aqueles pecados poderiam ser levados pela água.

Afastando Ian resolutamente dos pensamentos, ela estudou a casa que havia chegado a desprezar, imaginando de qual parte da reforma deveria cuidar primeiro. De alguma forma, mesmo com todo o drama cercando-as, ela ia *ter* que arranjar tempo para isso – algum momento entre funerais e socorrer e ajudar assassinos acusados. Jesus, que desastre ela era! E, muito logo, se não começasse a trabalhar na casa, seria um desastre bem falido também.

Talvez ela chamasse um empreiteiro amanhã? Ela tinha algumas recomendações, mas isso foi o mais longe que chegou.

Quando considerou pela primeira vez a tarefa de reformar a casa velha, ela a havia abordado com ressentimento e sem nenhum propósito verdadeiro. Na realidade, a única coisa que a havia empolgado remotamente foi o prospecto de destruir o rebento – literalmente – e se livrar de cada pedacinho da mobília. Absolutamente nada teria lhe dado maior prazer do que jogar em uma fogueira imensa aqueles velhos mosquetes da Guerra Civil pendurados no escritório da mãe e os retratos da família de pessoas com as quais não queria estar relacionada. Mas aqui estava ela e, após três meses de choramingar sobre a

tarafa que a mãe havia lhe designado, estava começando a tornar-se importante para ela acreditar que este lugar antigo poderia de alguma forma ser redimido...

Talvez sua mãe tivesse sabido algo no final das contas?

Nah, ela decidiu, recusando-se a dar qualquer crédito à mãe. Florence W. Aldridge havia permanecido completamente ausente da vida delas; ela não poderia começar a criar as filhas do túmulo.

Arrancando as chaves da ignição, Augusta saiu do carro. Ela bateu a porta, trancando-a. Antes nem se pensava em ter de trancar o carro do lado de fora da própria porta, mas depois de tudo que havia vindo à público não se podia ser cuidadoso demais.

Ela parou no topo dos degraus da varanda, olhando por sobre o pântano. Sempre havia uma leve brisa estando assim tão perto da água, e o capim-da-praia se arqueava de forma submissa debaixo do opressivo sol da tarde.

Onde será que o Ian vai primeiro? Será que ele vem aqui? De volta às ruínas? Ele estava procurando algo, mas o quê?

Ela havia mantido o celular por perto, embora não tivesse certeza se planejava atendê-lo. O pobre Cody havia desaparecido da antiga igreja abandonada onde ela e as irmãs haviam brincado quando crianças. Mesmo naquela época o lugar parecia sinistro. Por que crianças eram atraídas ao perigo?

A mesma razão pela qual adultos são, uma vozinha em sua mente apontou. Que diabos é o Ian senão perigoso?

Droga, mas ela não gostou de ter que explicar suas ações para as irmãs.

Ela estava tão perdida nos próprios pensamentos, imaginando o que dizer a elas, que não ouviu as vozes elevadas até Sadie estar perto da porta de entrada.

“De todas as pessoas, Savannah! Eu não teria esperado isso de você!”

A porta abriu-se abruptamente, e Sadie, bolsa em mãos, deu um olhar irritado à Augusta, então, murmurando algo ininteligível, tentou fechar a porta antes que Savannah pudesse segui-la para fora.

Savannah saiu antes que Sadie pudesse bater a porta, e Sadie virou-se e marchou descendo a escada sem esperar a porta fechar. Pega de surpresa, Augusta saiu do caminho e Savannah saiu da casa para implorar um pouco desesperadamente, “Sadie, eu não agi pelas suas costas – por favor! Escuta!”

Sadie continuou andando, ombros eretos, fazendo o caminho pelo estacionamento até a casa dela. “Se vocês, garotas, ficarem com fome”, ela disse sem se virar, “sabem exatamente onde fica a geladeira!”

Augusta tinha certeza absoluta de que aquilo era para ela, uma vez que claramente Sadie não estava feliz com Savannah e não dava a mínima se ela

comia ou não.

A mão de Savannah foi para o quadril. A mão esquerda, que ainda estava engessada depois de uma queda horrorosa do banco da cozinha, pendurada desamparada ao lado. “Sadie!” ela gritou.

Sadie continuou andando, ignorando-a.

“Que diabos foi aquilo?”

Savannah deu um olhar decepcionado para Augusta e virou-se para abrir a porta, dando espaço para Augusta adentrar a casa. “Obviamente eu a irritei.”

“Você?”

“Não pareça tão orgulhosa!” Savannah irritou-se.

Sua irmã mais nova era a menos provável de irritar alguém, e Sadie não era a mulher mais fácil de aborrecer. “Como diabos você conseguiu isso?”

Quando a porta bateu atrás delas, Savannah marchou com Augusta direto para a cozinha. O cheiro de comida fez o estômago de Augusta resmungar. Só então ela percebeu que não havia comido o dia todo porque havia estado tão estressada sobre o Ian.

“Com fome?” Savannah perguntou, ignorando a pergunta de Augusta.

“Um pouco.”

“Sadie estava no meio do processo. Acho que podemos terminar o que ela começou. Você quer abrir uma garrafa do bom vinho da mamãe?”

Augusta riu. “Claro que sim!” ela declarou. “Deve ter sido uma discussão bastante calorosa para você mergulhar no estoque da mãe.”

Savannah olhou de volta para ela. “Eu gosto de vinho. Só não gosto de beber”, ela disse e deu um pequeno sorriso.

Em princípio, Augusta compartilhava aquela opinião. Ela estava bem longe de ser a pau-d’água que a mãe foi, mas vinho a relaxava e ela não estava íntegra o suficiente para dizer não a uma ótima garrafa de vinho. Naquele sentido, ela era muito parecida com a mãe, e se não fosse pela dedicação intensa de Augusta em não ser nada como a Flo, ela poderia ter acabado uma alcóolatra cheia dos medicamentos como a mãe delas. Mas iria nevar no inferno antes que ela adquirisse quaisquer dos traços da mãe. Além do que, seu bom gosto para vinho era caro demais para realmente ceder com frequência. Sua natureza prática não iria permitir.

“Vou pegar o vinho”, ela ofereceu e colocou a bolsa e as chaves no balcão, então fez o caminho até o refrigerador de vinhos que a mãe havia instalado antes de morrer. Embora fosse novo, Augusta sabia exatamente o que tinha dentro e não gastou muito tempo fazendo a escolha. Ela agarrou um Gaja Barbaresco

2007, um tinto italiano que provavelmente custou à mãe cerca de duzentos dólares e uns trocados, mas Augusta não estava pagando por ele, então que se dane. Este seria perfeito para solidarizar-se. Ela trouxe a garrafa para o balcão e então caçou duas taças de vinho. “A Caroline já está em casa?”

Savannah estava de pé em frente ao fogão, estudando o jantar meio cozido e abandonado. “Ainda não. Você sabe alguma coisa sobre cozinhar um *roux*?”

Augusta retirou uma terceira taça, mas colocou-a afastada no balcão, olhando para Savannah. “Não. A Caroline sabe.”

“Bom, não podemos esperar por ela. Vou ter que tentar.”

Augusta entornou vinho em uma taça e então a levantou, saboreando. “É apenas gordura e farinha, certo? Frite a farinha na manteiga até parecer dourada e grudenta. Vamos sobreviver se não estiver exatamente correto. Temos merdas piores para nos preocupar.”

Savannah suspirou. “Sim.” Ela virou-se para observar Augusta encher a taça, então entornar o vinho em uma segunda. “Não acho que vi a Sadie tão irritada assim antes”, ela preocupou-se.

Augusta levantou a taça de Savannah do balcão e entregou-lhe. “Eu já”, ela confessou com um levantar sublime nos lábios. Na realidade, não havia muitas pessoas que Augusta não tivesse irritado em algum momento, inclusive Sadie.

Savannah deu risada e, então, suspirou ao bebericar um golinho do vinho. “Um brinde a irritar as pessoas”, falou, e levantou a taça bem alto.

Augusta caiu na gargalhada. “Agora sim”, ela disse. “Então me diga, o que você fez para merecer a ira da Sadie?”



A DOR NO tornozelo de Cody ajudava a mantê-lo acordado.

Sua cabeça doía e ele sentia-se um pouco como na vez em que havia se enfiado no armário de licor do pai, confuso e com dor de estômago. Tentando focar, ele fixou o olhar na ponte de cavaletes da estrada de ferro do lado de fora da janela. Ele conseguia ver parte dela de onde estava deitado, algemado a uma porção de canos velhos, o suficiente para reconhecer que era uma antiga ponte férrea como aquela à qual o pai o havia levado perto do Parque Bushy. Seu pai lhe disse que quando ele e os amigos eram pequenos eles costumavam pular da ponte de cavaletes para o rio até que um dos amigos mergulhou em um ninho de serpentes venenosas e morreu após centenas de mordidas. Pareceu ao Cody que seu pai estava tentando assustá-lo, mas Cody sempre achou que escutava um tom de melancolia na voz dele quando contava aquela história. Não importava;

funcionou. Cody não tinha apenas medo de altura; ele ficava apavorado com serpentes e costumava achar que era a pior maneira de morrer – cercado por dentes venenosos em água preta lamacenta.

Mas ele tinha outro pesadelo agora.

Um do qual não conseguia acordar.

Morrer bem aqui e agora seria a pior coisa – molhado, frio e sozinho.

Ele sentia tanta falta do pai, a dor era um bloco enorme na garganta. E a mãe e a avó estavam provavelmente doentes de preocupação com ele. Seus jeans estavam molhados, talvez por causa do rio, mas ele havia mijado nas calças e talvez outras coisas também. Ele estava grogue demais para compreender. Não conseguia nem limpar o muco que estava secando debaixo do nariz porque não conseguia alcançar com o ombro.

Ele havia acordado aqui no preto como carvão, sem memória de chegar aqui. O homem de máscara havia pressionado algo doce sobre seu rosto e agora ele estava algemado a esses canos, os pés amarrados forte demais com cordas. Havia algo macio e protuberante enfiado no fundo da boca, debaixo da fita – como faziam naqueles desenhos animados quando amarravam alguma moça nos trilhos da via férrea em frente a um trem que se aproxima.

Mas não havia trem vindo.

Lá fora, havia apenas o silêncio, exceto pelo cricrilar dos grilos e coaxar dos sapos.

Cody encarou a ponte de cavaletes. Os trilhos estavam enferrujados, talvez quebrados, mas ele não conseguia se sentar para enxergar melhor. Todas as janelas estavam fechadas com tábuas, exceto uma. Naquela, as ripas estavam apenas pregadas na metade e salientes por cima das tábuas estavam cacos de vidros que pareciam pingentes de gelo retorcidos, o lado contrário para cima.

Nunca em sua vida ele havia querido tanto a mãe – não se importava se isso o tornava um bebê. Aquele idiota do TC deixou-o lá para morrer na floresta. Os músculos da garganta doíam de tentar engolir pelo pano em sua boca, e ele estava com sede. Ele deitou a cabeça contra a parede de tijolo, absorvendo tudo antes que a última luz do dia tivesse sumido.

Ele nunca havia visto este lugar antes – não fazia ideia de onde poderia estar – mas sentia cheiro de água. E lama fedorenta. Não havia como errar o cheiro de lama. Era forte aqui – como se estivesse cercado por ela. O interior do prédio estava vazio como se tivesse sido abandonado há muito tempo. Parecia que talvez houvera um incêndio aqui, porque o tijolo parecia o interior da lareira em casa, queimado e cinzento. Uma grande porta de metal enferrujada ficava do lado

oposto do aposento. Estava aberta e ele conseguia ver o que pareciam armários no outro aposento – não uma fileira única como na escola, mas menores amontoados em uma pilha vertical – talvez como em uma academia.

Olhando os canos acima da cabeça, ele pensou que talvez fossem de um banheiro... ou outra coisa... mas não conseguia ter certeza. A única coisa que sabia com certeza era que estavam firmemente presos à parede com pano envolto neles, e não iam se mover longe o suficiente para ele bater neles. Ambas as mãos estavam amarradas em um buraco único da algema, estendidas acima da cabeça e amarradas de novo com a mesma corda grossa que estava amarrada ao redor dos tornozelos. Tentar contorcer-se para sair delas só esfolava a pele, deixando-a quase pronta para sangrar.

Lá fora, o sol estava se pondo rápido. O cricrilar de grilos e coaxar de sapos-boi cresciam mais e mais. Um corvo preto aterrisou no interior do peitoril da janela, empoleirando-se na tábua manchada de água. Ele inclinou a cabeça curioso, olhando para ele. Pelo chão de cimento, algo se apressou até um canto escuro – um rato, talvez uma ratazana.

Talvez uma serpente.

O medo serpenteou subindo a espinha de Cody.

E, então, ele ouviu isto e seu coração dançou contra as costelas.

O som do motor de um barco.

Ele esperou pacientemente ele aproximar-se e, então, quando pensou que estava perto o suficiente, ele abriu a boca para gritar. Tudo o que saiu foi um som sufocado que assustou o pássaro, afastando-o... e, então, o motor desapareceu devagar... deixando Cody sozinho nas sombras profundas.

Ele começou a chorar.



CHEIA DO JANTAR, Augusta deitou-se esparramada no sofá, Savannah no outro. Quase vazia, a garrafa de vinho estava na mesa entre as duas. Ambas haviam tentado ligar para Caroline, mas sem muita sorte.

Rose Simmons havia morrido, o noticiário anunciou. A mulher que havia sido a coisa mais próxima de uma avó que Augusta já teve esvaiu-se sem nem acordar – uma pequena misericórdia ela não saber que o neto ainda estava desaparecido.

Na televisão muda, a imagem da repórter Sandra Rivers desfilou pelo cemitério abandonado onde o corpo de Pamela Baker havia sido descoberto no final daquela tarde. Em vez das notícias, parecia mais um episódio de *Cold Case*

Files. Rivers parecia saber exatamente aonde dirigir o câmera para o maior impacto e, de alguma forma, as lentes sempre acabavam de volta no perfeito batom da repórter e seus amáveis olhos verdes. A mulher havia transformado o sensacionalismo em ciência. O nome de Augusta de repente surgiu na tela e seu coração deu um leve salto. Ela sentou-se, olhando ansiosa para Savannah para ver se ela havia visto também, mas a irmã havia começado a bocejar, não mais prestando atenção às notícias.

A faixa mudou. *Ian Patterson Solto com Fiança*, a tela dizia, e ao lado o montante revelado de cento e cinquenta mil dólares. Mas o nome de Augusta havia sumido.

Logo todos saberiam – principalmente agora que Rivers havia se inteirado dos fatos. Mas a única pessoa para a qual Augusta temia ter de contar era Caroline. Ela olhou o relógio na parede de novo, seu coração martelando como um punho contra os pulmões. Eram 22h.

Quais eram as chances de Caroline já estar sabendo a esta altura?

Altas, ela decidiu.

Caroline havia calçado os sapatos da mãe como editora do *Tribune* de forma primorosa. Não havia muito que lhe escapasse ultimamente. A questão era... se Caroline soubesse, provavelmente teria vindo tempestuosa para casa com Augusta no centro da atenção.

Brevemente, ela considerou contar à Savannah com a pequena possibilidade de ganhar uma aliada, mas Savannah provavelmente não ia aprovar também, então preferiu esconder e dizer às duas de uma vez.

Titica de galinha.

A maioria das pessoas achava que Augusta era cheia de coragem, mas verdade absoluta, ela estava tremendo por dentro. Por qual razão, não sabia. Carolina não era a mãe dela. Nem ela havia cometido algum pecado aqui. Ela havia simplesmente tomado uma decisão honesta com base em uma intuição forte.

No outro sofá, Savannah estava felizmente alheia à mensagem na tela, bebericando o vinho, olhos fechados. Augusta se ajeitou no sofá.

A sala de lazer não havia mudado muito durante os anos desde que Augusta saiu de casa. A mesma madeira de uma cerejeira levantava paredes de painéis, os mesmos retratos nas paredes. Somente o carpete e os sofás eram novos, provavelmente porque a mãe havia tido uma germafobia tipo A. Qualquer coisa orgânica havia sido reciclada religiosamente e uma única mancha no carpete iniciava o final do tique taque do relógio. Crianças com dedos com chocolate

geralmente não eram bem-vindas em lugar nenhum dentro da casa da Flo. E, ainda assim, apesar daquele fato, a sala era o único aposento na casa que sempre pareceu acolhedor.

Uma das razões era ser o único aposento com uma televisão, o que dava certa normalidade, embora Augusta não conseguisse imaginar a mãe assistindo à TV.

Por outro lado... ela não poderia saber, não é?

Somente Savannah havia passado muito tempo com ela no final. Por tudo o que Augusta sabia, Flo havia sentado ali sozinha noite após noite, com a colcha da avó espalhada por sobre as pernas, sozinha e esquecida, assistindo às reprises de *Jeopardy*.

Mas aquela não era a imagem que florescia na cabeça de Augusta. Sua mãe nunca fora uma pessoa de ficar imóvel tempo suficiente para assistir a um único programa e certamente não o suficiente para sentir pena de si mesma. Não, Florence W. Aldridge havia levado uma vida completa... só aconteceu que não incluía as filhas. E se ela alguma vez diminuísse a velocidade por cinco minutos, e os sentimentos surgissem, ela os medicaria com álcool e drogas.

Infelizmente, aquela era a Florence Aldridge da qual Augusta se lembrava.

“Você já começou a escrever o novo livro?” Augusta perguntou a Savannah.

Savannah abriu os olhos e balançou a cabeça. Tomando o último gole do vinho, ela inclinou-se para a frente para apoiar a taça na mesa, então aninhou-se ainda mais no sofá, puxando a colcha da avó do apoio do sofá.

Ela estava encarando a TV agora, o que deu a Augusta um pouco de alívio. A faixa no final parecia dizer de forma permanente: PATTERSON LIVRE SOB FIANÇA.

“Talvez assim que eu retirar o gesso”, Savannah respondeu, levantando o braço e inspecionando as beiradas gastas ao redor dos dedos.

Augusta estava tentando não ser distraída pelo noticiário. “Quando será isso?”

“Semana que vem – graças a Deus!”

“Sinto muito sobre a mão, Sav.”

“Augie, você precisa parar de pedir desculpas. Você me deu uma cotovelada. Eu derrubei o bacon. O Tango foi atrás. Ele inclinou meu banco. Acidentes acontecem. Já superei.”

Augusta suspirou. “Então, por que você acha que a mãe deixou você com aquela tarefa em particular?”

“Escrever um livro novo?” Savannah deu de ombros. “Quem sabe.” Ela encontrou o olhar de Augusta honestamente, parecendo que queria dizer algo,

mas então hesitou e disse, “Não é tão fácil quanto parece, sabe?”

Augusta sabia que ela estava se referindo ao comentário que ela havia jogado para Savannah com raiva – que a tarefa dela exigia menos inteligência ou habilidade e que isso não era justo – mas ela não poderia pedir desculpas por acreditar que Flo estava brincando de favoritismo. Augusta ainda acreditava que era verdade. A tarefa de Savannah não tinha absolutamente nada a ver com a casa ou o jornal. Na realidade, a mãe estava pedindo para Savannah fazer exatamente o que ela havia escolhido fazer da vida. Parecia não haver nada de punição naquilo. Em contraste, nem Caroline nem Augusta queriam algo a ver com o *Tribune* ou a casa. O fato de que Caroline de repente parecia abraçar o papel no jornal era irrelevante. Augusta não conseguia superar a sensação de que, na realidade, Flo havia querido ensinar a cada uma delas uma lição... ou enrolá-las pelo menos.

Indefesa para ignorar isso, ela voltou o olhar para a televisão, assistindo à Sandra Rivers parar em frente à entrada escura da pequena igreja desmoronada, suas unhas com pontas brancas perfeitamente pintadas. Parecendo muito mais Marilyn Monroe do que uma repórter de notícias, ela agarrou o microfone com dedos delgados. Augusta quase conseguia ouvi-la irrompendo em uma melodia respiratória de “Happy birthday, Mr. President”. Uma fita amarela brilhante esticada na porta da igreja, barrando a humanidade de seu interior obscuro. A janela quebrada atrás dela era um pano de fundo dramático, e seu cabelo loiro estava perfeitamente no lugar. Se ela tinha glândulas sudoríparas, claramente não estavam funcionando.

“Aquela mulher me deixa enojada”, disse Caroline entrando no aposento.

Tango, o Labrador preto da mãe, que parecia ter se refugiado mais com Caroline do que qualquer outra, provavelmente havia estado esperando por ela na porta de entrada. Ele saracoteou atrás dela, a coleira tinindo enquanto andava.

Savannah sentou-se. “Você chegou!” ela disse. “Não ouvi você entrar. Está com fome?”

Caroline balançou a cabeça, jogando a bolsa na mesinha de mármore francês que a mãe delas lhes teria cortado os dedos por tocar. Ela escolheu um assento no final do sofá da Savannah e Savannah puxou a perna para cima para lhe dar espaço. Tango sentou no chão aos pés de Caroline. “Rose Simmons morreu hoje à noite”, ela falou solene, e então esticou o braço para acariciar o topo da cabeça de Tango.

“Soubemos”, Augusta disse, olhando ansiosa para a tela da televisão. Ela esticou o braço para pegar o controle remoto, desligando a TV.

Os pés de Savannah voltaram para o lugar anterior, seus dedos tocando a coxa de Caroline, e Caroline olhou para baixo. “Tentamos ligar”, Savannah ofereceu.

Caroline concordou e puxou um canto da colcha de Savannah para o colo, cobrindo os dedos do pé da irmã. Ela esfregou os olhos. “Estive com a família.”

Sentindo o sofrimento dela, Tango endireitou-se e olhou para ela, e Caroline automaticamente esticou o braço para tranquilizar o animal sagaz.

Os olhos de Savannah encheram-se de lágrimas também, e Augusta imaginou por que não conseguia sentir o que elas sentiam. Rose Simmons havia sido uma das mais queridas amigas da mãe delas, e Augusta não havia nem dito olá para ela no funeral da Flo. Mas aquilo não era tão perturbador para ela quanto o simples fato de que ainda tinha de derramar uma lágrima para a própria mãe. Por toda a vida, ela havia sido levada a fazer pelos outros porque seu coração sangrava de forma indiscriminada. Somente agora parecia que a fonte de emoções havia secado por completo. Ainda assim, ela não conseguia tirar Cody Simmons da mente. Se seu coração sangrava, era por ele neste momento.

“Percebemos”, Augusta disse. “Como estão?”

Caroline deu de ombros. “Tristes.”

“Compreensível.”

“Cara, você tem que se simpatizar por eles”, Savannah disse. “O Cody está desaparecido. A Rose se foi. Como diabos você fica de luto quando está lidando com uma criança desaparecida?”

“Não consigo imaginar”, Augusta falou, seus pensamentos se concentrando em Cody.

Onde ele poderia estar?

Amanda Hutto nunca havia sido encontrada – apesar do dinheiro de recompensa que havia sido oferecido em troca de informações – dinheiro que Augusta havia doado e o *Tribune* patrocinado. Toneladas de ligações, mas ninguém havia se apresentado com informação confiável. Ainda assim, ela pensou em oferecer outra recompensa por Cody, apesar do fato de que a família dele tinha mais do que dinheiro suficiente para fazer isso se quisessem. Provavelmente não era apropriado, ela decidiu. O que havia sido apropriado foi tirar Ian da prisão para que ele pudesse seguir quaisquer pistas que tivesse. Ela não conseguia encontrar em si algo para se sentir mal sobre aquilo.

Caroline suspirou. “Pobre Janet.”

“E a Claire?” Savannah perguntou.

Caroline balançou a cabeça. “Não a vi. Acho que ela está para chegar

amanhã.”

Janet era a filha mais nova de Rose Simmons. Sua filha mais velha, Claire, havia sido a melhor amiga de Caroline – antes de a vida acontecer para todas elas – antes de um grande estardalhaço com o Jack que havia levado à separação de dez anos de Caroline e Jack. O irmão mais velho delas, Nick Simmons, havia sido a paquera de todas na escola, inclusive de Augusta, mas Augusta não fazia ideia de onde ele estava ultimamente. Ela tinha certeza de que toparia com ele no funeral da mãe. Por mais que Augusta pudesse torcer para evitar aquilo, ela não estava tão distante de seu senso de decência que pudesse ignorar uma obrigação funerária. Se pudesse, teria sido o da mãe.

Por um longo momento, elas sentaram-se juntas, todas as três, contemplando as circunstâncias, o único som no aposento era o nervoso batucar das unhas de Augusta na taça de vidro e o suave tinir da coleira de Tango quando ajustava sua posição aos pés da Caroline.

“A Sadie foi para casa?” Caroline finalmente perguntou, soando surpresa pela possibilidade – por um bom motivo. Desde a morte da mãe, Sadie havia passado mais tempo na casa delas do que na própria casa.

“Sim... bem... sobre isso.” Savannah fez careta. “Odeio ser a pessoa a contar-lhe isso após um dia como hoje, mas há mais drama, então prepare-se.”

Antes que Savannah pudesse começar a história, Augusta agarrou a garrafa de vinho da mesa e entornou o resto na própria taça, respirando fundo. Ela sentiu-se levemente culpada por não oferecer para Caroline, mas após a conversa, se Caroline quisesse vinho, Augusta iria abrir uma nova garrafa com alegria.

“Não acho que a Sadie vai voltar por um tempo”, Savannah falou e continuou para contar à Caroline sobre a discussão da tarde. Augusta já havia escutado a história, então não disse nada, esperando permanecer imperceptível.

Algumas semanas atrás, Savannah havia encontrado um codicilo planejado para o testamento da mãe delas – uma emenda que, embora assinada e datada, de alguma forma nunca havia chegado à versão do advogado. Enquanto o original terá passado a herança da cocheira com toda a propriedade ao redor para Sadie, o novo codicilo teria desapropriado a casa dela e deixado em testamento, junto com a propriedade ao redor, para o estado de Charleston. Embora Sadie sempre tenha alegado não se importar com a terra, ela bem que se importava com a casa. E, evidentemente, Savannah havia levado a descoberta ao advogado da família sem falar com a Sadie primeiro, e ele em seguida havia confidenciado para Sadie. Claramente, a relação de Daniel Greene e Sadie havia se tornado um conflito de interesses, e Daniel deveria ser responsabilizado pela

violação da ética, exceto que ele obviamente era próximo demais da família – e da Sadie – para acreditar que qualquer uma iria denunciá-lo. Ele estava certo.

Como Augusta havia feito mais cedo quando Savannah contou-lhe a história, Caroline fez careta, confusa. “O que você quer dizer com um codicilo?” Ela balançou a cabeça. “E *por que* esta é a primeira vez que estou ouvindo isso?”

“Bom...” Savannah endireitou-se no sofá, de forma nervosa jogando a colcha. Augusta percebeu e não conseguiu evitar se perguntar por que as duas pareciam temer tanto a ira de Caroline. Ela era a irmã mais velha, e daí? “Não é um documento oficial”, Savannah explicou. “Eu só queria ver o que Daniel tinha a dizer sobre isso. Honestamente, não esperei que ele fosse contar para a Sadie.”

Caroline pareceu ainda mais confusa. “Não entendo. O que você quer dizer, não é um documento oficial?”

“Sim, então, é aí que fica bastante confuso”, Augusta acrescentou, engolindo o final do vinho e colocando a taça na mesa.

Savannah suspirou. “Ok, do início... Eu encontrei esse bloco de papel no escritório da mãe. Percebi que as margens estavam bem definidas, então, só por curiosidade, usei um lápis para fazer um decalque. Por isso, não tenho o original – o que contém a assinatura verdadeira e está escrito nele –, não achei que a droga da coisa iria se sustentar em um tribunal de justiça de qualquer forma. Só queria descobrir *por que* um codicilo que a mãe foi tão longe quanto a assinar e autenticar nunca acabou na versão final do testamento. Imaginei que o Daniel deveria ter ficado sabendo dele, então perguntei-lhe. Simples assim.”

“A mãe é – era – uma tabeliã, certo?”

Savannah deu de ombros.

Caroline levou a mão à testa, como se a conversa ameaçasse lhe dar uma dor de cabeça. “Bom, isso não me soa simples.”

Savannah continuou, “Moral da história: Daniel diz que nunca viu a coisa. Ele sugeriu que a mãe deve ter escrito o codicilo, então mudado de ideia e jogado no lixo”.

“O que é inteiramente possível”, Augusta concordou.

“Como foi escrito no dia antes de ela morrer – isso é o que a data diz, certo? – talvez o original nunca saiu dessa casa?” Caroline sugeriu. “Talvez esteja em algum lugar nas coisas da mãe e a gente só não encontrou ainda?”

Savannah deu de ombros de novo.

Caroline juntou as sobrancelhas. “Então, a Sadie está irritada agora porque você levou o documento para o Daniel?”

Savannah balançou a cabeça solenemente. “Não, a Sadie está irritada porque

eu lhe perguntei se ela havia visto o codicilo, o que ela sentiu que estava subentendido que talvez tivesse escondido de nós. E porque eu perguntei ao Daniel se havia qualquer recurso legal para investigar e cumprir os desejos da mãe – se é isso mesmo o que o codicilo é.”

“E a resposta é?”

“Não. Não há documento original, e mesmo se não fosse apenas uma sombra a lápis, é a nossa palavra contra...”

“Sadie *nunca* mentiria!” Caroline assegurou as duas. “Nem mesmo para salvar a casa dela!”

Um senso de melancolia entrou nos olhos cinzas de Savannah. “Eu só perguntei se ela se deparou com ele no meio das coisas da mãe, Caroline. Nunca a acusei.”

Elas ficaram sentadas em silêncio por alguns instantes, e então Savannah acrescentou, “Mas você tem que se perguntar sobre a invasão que tivemos alguns meses atrás. É uma terrível conveniência que a mãe aparentemente tenha escrito essa coisa e então morrido no dia seguinte”.

Era verdade. Augusta quase havia se esquecido da invasão com todo o resto do drama que havia acontecido desde então. Na noite seguinte ao primeiro assassinato em Secessionville, alguém havia invadido o escritório da mãe delas, destruindo um dos painéis caros de vidro chumbado em portas duplas que levava para a varanda dos fundos. Nenhuma digital havia sido encontrada e nada havia sido deixado fora do lugar. Caroline havia estado sozinha naquela noite, com Jack, na cozinha. Augusta estava em New York, onde havia ido buscar algumas necessidades para uma estadia prolongada em Charleston. Savannah havia estado com Sadie. Mas, claramente, aquilo significava que Sadie não poderia ter sido a ladra... a menos que tivesse sido feito mais cedo naquele dia e de forma a parecer uma invasão... mas por que ela iria se importar quando tinha livre acesso a casa o tempo todo? Não fazia sentido.

“Não se esqueça da invasão no escritório do Daniel no dia da leitura”, Augusta intrometeu-se, lembrando de repente.

Caroline levantou-se, aparentemente tendo ouvido o suficiente. “Cristo – não é novidade que a Sadie está irritada! Principalmente se você levou toda essa merda para o Daniel!”

Savannah sentou-se de volta no sofá, parecendo derrotada. “O que você teria feito no meu lugar? Ignorado?”

Caroline lançou um olhar para Savannah. “Você poderia ter trazido para nós, Savannah. Irritar a Sadie é a última coisa que qualquer uma de nós precisa

agora! Não conseguimos administrar sem ela.” Balançando a cabeça, ela saiu do aposento, agarrando a bolsa na saída. Tango saiu de fininho depois dela sem olhar para trás. O som dos passos dela desapareceu no corredor.

“Ela teve um dia difícil”, Augusta ofereceu, quando Caroline estava fora do alcance da voz. “Não é sua culpa, Sav. E não é sua culpa que a Sadie e o Daniel estão se comendo também.”

Savannah riu com a imagem que se apresentou e inclinou um olhar curioso. “Você tem certeza disso?”

“Bom, não fiquei seguindo-os até o quarto, mas você não acha que é óbvio? Os dois têm passado uma quantidade exagerada de tempo juntos.”

Savannah deu de ombros.

“De qualquer forma, o Daniel deveria ter ficado calado.”

“Tudo o que eu estava fazendo era perguntar”, Savannah explicou. “Não é para isso que advogados servem? Eu só queria ter certeza de que era alguma coisa antes de ter todo mundo exasperado com isso. Acontece que não era nada e todo mundo está exasperado do mesmo jeito. Eu só queria que ele não tivesse contado para a Sadie. Mas eu tenho que me perguntar por que a mãe estava de repente planejando dar a casa da Sadie para a cidade. É um enorme afastamento do testamento original, e as invasões são no mínimo coincidências estranhas – não acha?”

Augusta balançou a cabeça. “Não há como dizer o que a mãe estava pensando, embora eu saiba que a Sadie teria aceitado o decreto da mãe sem questionar. Ela é leal.”

“E desistir da casa?”

“Não feliz, mas sim.”

“Bom, ela está irritada com isso agora”, Savannah observou.

“Sim, bom, eu poderia estar também, se você não viesse direto a mim e, além disso, você não sugeriu que pudesse haver algo suspeito sobre a coisa toda?”

“De forma indireta.”

“Sem julgamentos aqui, Sav. De todas nós, você é a que tem o maior coração, e você fez o que achou que fosse certo. Mas a Sadie é da família. Se você questionasse a minha lealdade, eu ficaria irritada também.”

Os olhos de Savannah encheram-se de lágrimas e ela desviou o olhar para a tela desligada da televisão. “Deus, somos todas um desastre, não é?”

Augusta riu suavemente. “Algumas de nós mais do que as outras, e vou aceitar a maior parte da disfunção.” Ela levantou a taça de vinho. “Pelo menos sei que vocês concordam.”

Savannah deu risada, embora seus olhos permanecessem vidrados. “Então, como diabos conserto isso? Você tem mais prática com esse tipo de coisa.”

Infelizmente, era verdade. “Não se preocupe. Vou passar na Sadie de manhã e falar com ela.”

Savannah inclinou um olhar de surpresa. “Você?”

Augusta levantou o ombro. “Sim, por que não?”

“Augusta, você não tem ido à casa da Sadie faz mais de quinze anos!”

Augusta sorriu pesarosa, sabendo que mal era um exagero. Embora a casa da Sadie ficasse literalmente a um lançar de pedra, Augusta mal poderia digerir o lugar e não tinha ido lá desde que era uma adolescente com má atitude.

Alguns diriam que ela ainda tinha uma má atitude, ela imaginou. “Acho que está na hora, hein?”

Savannah sorriu. “Eu lhe devo uma”, ela disse.

Augusta deu uma piscadela conspiratória. “Nah. Somos irmãs. Estamos juntas nessa, certo? Só se lembre disso da próxima vez que eu irritar você.”

O que seria precisamente amanhã, Augusta pensou.

Savannah riu de novo. “Você não me irrita, exatamente”, ela reagiu.

Augusta lhe deu um sorriso torto e, pela primeira vez, a crítica foi sincera e sem nenhum sarcasmo – pelo menos não muito. “Só porque você nasceu com um grau de santidade, Sav – algo que eu e a Caroline, infelizmente, não compartilhamos.”

Savannah lhe deu um olhar de compreensão, um que Augusta reconheceu. Era um olhar que fazia Augusta sentir como se Savannah pudesse ler seus pensamentos – como se de alguma forma a irmã soubesse todos seus segredos sombrios. “Talvez eu apenas seja melhor em manter o diabinho no meu ombro amordaçado?” ela sugeriu com um leve sorriso.

“Certo. Bom...” Augusta levantou-se, com medo de aonde a conversa pudesse levar agora. Amanhã era cedo o suficiente para confessar tudo sobre Ian. “Vou pra cama.”

Savannah lhe deu outro olhar que a fez sentir-se como se a irmã estivesse esperando que ela falasse, mas não havia como a Savannah saber sobre Ian ou ela teria dito algo a essa altura, e naquele instante era assim que Augusta queria manter isso.

“Boa noite, Sav.”

“Noite, Augie.”

“Noite, Joãozinho”, Augusta acrescentou e a risada de Savannah seguiu-a para fora da sala.

Quarta-feira, 18 de agosto, 8:13.

Alguns segredos eram mais difíceis de manter do que outros.

Sadie Childres encarou o trio de túmulos aos seus pés, sentindo-se velha e cansada. Somente através da fina tenacidade o sol da manhã permeava as copas de verde acima, mas a grama debaixo da confusão de velhos carvalhos estava grata pelo alívio verdejante neste calor infernal. Novos pedaços de terra já estavam começando a se espalhar pelo túmulo de Florence.

Florence havia morrido há quatro meses agora, e nada seria o mesmo.

O túmulo vazio de Sammy ficava entre os pais, uma mudança decretada pelo divórcio oportuno e muito discreto de Robert e Florence. Nenhum deles havia conseguido digerir a ideia de seus ossos ficarem lado a lado pela eternidade. Robert, que, com aqueles olhos azuis sorridentes, conseguia convencer qualquer um de qualquer coisa. E Florence, cuja amizade havia significado o mundo para Sadie – uma amizade que havia atravessado a vida inteira delas.

Esfregando a umidade que se juntava debaixo dos olhos, ela piscou vendo as rosas frescas que havia colocado nos túmulos. Rosas para ambos Florence e Sammy.

Robert não ganhou nada – o mesmo que ele sempre deu. Como alguém havia amado aquele homem estava além dela – como *ela* o havia amado era inconcebível.

Tantos segredos.

Tantas mentiras.

Tantos arrependimentos.

Encarando as rosas, Sadie tentou evitar o ataque de memórias dolorosas.

Ela havia vindo aqui em segredo por anos – desde a morte de Sam. Florence, que Deus tenha a alma dela, nunca havia conseguido suportar isso, mas alguém tinha de honrar aquela pobre criança.

Devastada com a morte dele, Flo havia desmoronado completamente em seguida, recusando-se a se separar dele, recusando-se a admitir que ele havia ido. Assim que as autoridades pararam de procurar o corpo dele – muito depois de que houvesse uma chance de ele poder ser encontrado vivo – ela pagou para ter o contorno da costa escavado – mais para provar que ele não estava morto do que o contrário. Com as correntes fortes no canal, seu corpo nunca foi encontrado. Mas quanto à Florence, nenhum corpo significava nenhuma prova, e embora ela tenha ido com a maré para enterrar um filho, sempre acreditou que o Sammy ainda estava vivo.

Mas ele havia partido para sempre; Sadie sabia disso.

Todos aqueles anos mais tarde, ela não conseguia esquecer seu doce sorriso e os olhos azuis do pai dele – os dedinhos gorduchos quando puxava a saia dela. Perder Sam havia sido devastador para todas elas, não apenas Florence. Mas apesar do sofrimento de Florence, depois do funeral dele, ela nunca mais havia ido ao seu túmulo. Era Sadie quem mantinha as flores dele frescas.

E agora ela iria manter as da Flo também... apesar de tudo.

Senhor, será que a Florence poderia mesmo ter querido colocá-la para fora de casa?

Sadie tinha dificuldade em acreditar nisso – e mesmo assim... e se ela havia descoberto o segredo que Sadie havia mantido todos aqueles anos? Mesmo vinte e nove anos de oração não haviam lhe dado paz alguma. E era provavelmente por isso que ela não conseguia se separar das garotas, mesmo agora.

Culpa.

A verdade era que ela não estava tão irritada com a Savannah por levar aquele pedaço de papel ridículo para o Daniel. Ela entendia por que Savannah precisava de respostas. Mas Sadie estava de coração partido com a questão da sua lealdade – e honestidade –, de coração partido, mas não indignada...

Porque ela *havia* mentido.

Ela *ainda* estava mentindo.

E continuaria mentindo até o último suspiro, porque contar essa verdade em particular não serviria nenhum propósito além de destruir vidas.

Não, esse era seu fardo para carregar. E se o segredo dela era um tíquete de

ida para o inferno, então que fosse. Ela não seria a única pessoa lá. Ela olhou para o túmulo de Robert e franziu.

"Me encontra, Sadie!" ela ouviu a vozinha de Sam gritar de um passado distante.

"Estou lavando a roupa, criança. A não ser que você esteja dentro do cesto, não vou procurar nada hoje, hein?"

Seu rostinho surgiu no canto, parecendo abandonado, suas bochechas rosadas tão diferentes daquelas do filho de pele escura da Sadie, embora os olhos fossem um vívido azul.

"Por favor, por favor!" ele implorou.

Sadie largou uma calça vermelha de pijama no chão do corredor. *"Lá vai você de novo, hein? Por que não vem aqui ajudar a Sadie?"*

O olhar dele caiu no pijama. Ele era inteligente demais para uma criança de quatro anos e meio. *"Depois que você acabar de lavar roupa, posso tomar um picolé?"*

Sadie sorriu para ele. *"Claro que sim, senhor!"* Ela concordou olhando para o pijama. *"Pegue-a para mim. Você quer pêssego ou amora?"*

"Pêssego!" ele gritou alegremente, e pulou para a frente para agarrar o pijama vermelho do chão do corredor. *"Eu amo pêssego, Sadie!"*

"Eu sei, querido. E só porque você ama, eu fui e comprei outra caixa. Mas agora quem vai comer toda aquela amora, hein?"

Ele empertigou-se ao lado dela, olhando para cima com um sorriso doce. *"Josh?"*

Sadie deu risada com aquilo.

Josh com certeza.

Josh havia sido o único exemplo masculino que o garoto venerara. Seu pai nunca estivera presente, mesmo quando estava no mesmo aposento. Verdade absoluta, mesmo quando Robert Aldridge estava de pé bem na sua frente, ele havia desaparecido para algum outro lugar.

"Você é minha melhor amiga", Sam anunciou com suavidade.

"Sério?"

"Sim, senhora."

Agora Sadie olhou para baixo, para o túmulo vazio, lágrimas manchando a visão. *"Amo você, garotinho",* ela sussurrou.

Uma lágrima pesada desceu pelo nariz quando ela se ajoelhou para arrumar uma rosa de caule alto, cor pêssego, na urna de Sammy, ajustando para que a respiração do bebê mantivesse a flor erguida. O calor iria secá-la logo, mas por

agora, ela queria que o botão ficasse erguido alto e lindo. Quando o de Sammy estava ajustado ao seu gosto, ela ajustou as rosas de Florence também, e sem olhar para trás para o túmulo não enfeitado ao lado, ela virou-se e afastou-se.



NINGUÉM ESTAVA na casa de Sadie, então Augusta deixou o Town Car da mãe no estacionamento e aventurou-se para dentro das ruínas com o celular em mãos. Seus sapatos trituravam o cascalho enquanto ela fazia o caminho pelo percurso, indo para a grama queimada.

Haviam se passado três semanas desde o incêndio que quase levava a vida da irmã... três semanas desde que Ian foi preso. A floresta estava devastada. Somente Hugo havia derramado tamanha destruição, puxando árvores, como o resultado de uma briga fraternal de gato na qual cuspes de cabelo eram removidos pelas raízes.

Exceto que o Hugo havia sido um ato de Deus.

Este foi um ato de violência humana.

Se não fosse pelas chuvas recentes, o fogo poderia realmente ter engolido a casa da Sadie também, e então não teria havido casa para lutar, Augusta ponderou. Ela olhou para a casa da Sadie. Sua entrada azul estava dando lugar agora para um azul-cinza maçante. Azul fantasma, ela chamava. Era uma prática antiga em Charleston que havia vindo direto do folclore Gullah. O azul era para manter espíritos fora e os ocupantes da casa seguros. Mas agora era uma coisa popular de se fazer e a maioria das pessoas pintava suas varandas de azul por aqui. Mesmo a varanda da casa principal era pintada de um azul celeste pálido para combinar com o azul do céu claro de verão.

Augusta ficou lá, examinando a paisagem.

Antes do incêndio, não dava para ver a casa da Sadie de forma alguma. Mesmo no inverno, ficava completamente escondida das vistas. Mas o matagal uma vez denso havia sido queimado, e muitas das árvores haviam sido perdidas também. As que permaneceram mostravam cicatrizes pretas. Olhando os troncos queimados ao redor, ela imaginou quantos dos velhos carvalhos haviam sobrevivido ao primeiro incêndio – o que havia destruído a casa original – somente para sucumbir a esse.

As antigas moradias dos escravos haviam existido anteriormente deste lado da casa da Sadie, longe da casa principal – perto do pântano – onde os mosquitos eram piores. As cabanas haviam desaparecido, mas Augusta sempre teve uma sensação geral de indisposição quando andava nesta parte da propriedade. Hoje,

a melancolia era palpável.

Ela pode ter crescido aqui, mas havia algo não muito certo sobre a Oyster Point – algo que ela nunca havia conseguido identificar... mas estava lá, apesar de tudo.

Será que o Ian havia sentido isso também? O que ele estava procurando? Obviamente, ele estava perambulando pela floresta, mas com que fim?

A primeira vez que ela havia colocado os olhos nele, ele havia estado aqui, nessa floresta, segurando o tênis de corrida da mãe delas como uma bola de futebol. Ele as estivera contemplando à distância – Caroline e ela, enquanto passeavam com o Tango. A expressão no rosto dele havia sido de curiosidade, não de malícia.

O que ele estava procurando naquele dia?

Ela tentou ver o lugar pelos olhos dele.

Certamente não o tênis estúpido, embora encontrar o tênis da mãe delas lá fora na floresta fosse bem estranho. Na época, Augusta havia subestimado o fato quando Caroline transformou em algo tão enorme, mas ela tinha que admitir que era assustador. Florence W. Aldridge nunca teria colocado o pé na floresta. Ela poderia ter rasgado a saia nos arbustos de amoras. E, diabos, ela havia comprado tênis de corrida, mas Augusta apostaria que ela nunca os havia usado para o propósito pretendido. Então, o que o tênis estava fazendo na floresta – um pé, não os dois?

A ideia de que Ian iria invadir a casa delas, roubar o tênis da mãe e depois devolver como algum tipo de alerta era absurda. Primeiro de tudo, a morte da mãe havia sido um acidente. Flo caiu daqueles degraus; sem intriga nisso. E, enquanto Caroline havia sido marcada por um assassino, era mais provável que fosse por seu papel no *Tribune*. Caroline tinha notoriedade agora, e havia aumentado a busca pelo assassino de Secessionville. Claro que ele a perceberia. *Todos* na cidade a haviam percebido. E apesar da merda que todos falavam – e sentiam – sobre a mãe delas, Caroline parecia tão pronta para tomar o lugar da Flo. Parecia que os princípios de Caroline tinham mais amassados do que um *waffle* da *Eggo*.

De forma autêntica, Augusta tinha dificuldade com aquele fato. Talvez não estivesse sempre certa, e talvez às vezes fosse um pouco megera sobre isso, mas pelo menos quando Augusta dizia algo, não vacilava. Aconteça o que acontecer, ela era obstinada, decidida.

Ela não conhecia mais a irmã, e aquilo a deixava triste.

Ela virou-se e andou alguns metros para dentro da floresta até alcançar a

carcaça queimada da antiga casa Georgiana. A casa principal original havia sido queimada durante um incêndio na cozinha no ano seguinte ao final da Guerra Civil. Tudo o que sobrava agora era uma pilha de tijolos duas vezes grelhados com os restos de uma chaminé em um canto. As colunas de madeira haviam queimado completamente na primeira vez, mas o empilhamento ainda permanecia para mostrar onde haviam sido erguidas antes, junto com alguns degraus de tijolo que levavam à varanda. Dava para ver – mas muito mal – onde Jack havia entalhado as iniciais dele e da Caroline no tijolo durante o último ano escolar juntos. Felizmente, o relacionamento deles duraria pelo menos tanto quanto seu trabalho de arte, ela refletiu, e parou em frente aos degraus para reexaminar os arredores.

Quem quer que tivesse atraído Caroline para cá naquela noite o havia feito usando o celular de Augusta. Ela tentou recordar-se da criança que havia levado sua bolsa naquele dia após ela sair do escritório de Daniel Greene, mas tudo o que conseguia lembrar era que ele tinha cabelo castanho curto e pés grandes. Ela nem conseguia dar uma descrição própria para um retrato falado porque havia acontecido tão no final do dia, e ela somente havia visto a cabeça dele de trás enquanto ele fugia. Quando ela percebeu que a bolsa havia sido apanhada, junto com as chaves do carro e o celular, a criança havia se lançado em um beco. Augusta não entrou atrás dele, sobretudo por causa de algo que Savannah havia lhe dito.

Algumas noites antes do assalto, ela dissera, *“Pode chegar um momento em que você irá se perguntar, ‘O que eu deveria fazer?’ Faça o que a Augusta Aldridge nunca faria”*. Embora tenha irritado Augusta na época, Savannah parecia ter essa habilidade misteriosa de saber as coisas.

Sem as chaves do carro, ela havia chamado Savannah para ir buscá-la. E, de alguma forma, o Town Car da mãe havia resistido, sem um único arranhão, a uma noite na rua de uma das piores partes do centro. Mais tarde, a polícia fez uma busca na área, em vão. Em retrospecto, Augusta desejou ter prestado mais atenção aos detalhes, mas quem poderia ter previsto os eventos que aconteceram naquela noite? Nem mesmo Savannah poderia ter realmente sabido.

Cruzando os braços, ela ponderou... se encontrassem a criança que havia roubado sua bolsa... encontrariam uma ligação com o assassino verdadeiro? Ian – ela tinha mais certeza do que nunca – era inocente.

Balançando nos peitos dos pés no degrau mais alto das ruínas, ela olhou para o pântano. Na maré baixa, o raso parecia esticar-se para sempre. Com tantas árvores dizimadas, tudo o que se podia ver agora era capim-da-praia por

quilômetros. De onde Augusta estava, era fácil ver até onde a água havia subido na noite do incêndio porque o capim queimado parava abruptamente e o capim fresco crescia alto além daquele limiar, pontas douradas balançavam de forma suave na brisa.

O cemitério onde Cody Simmons havia desaparecido ficava apenas ao descer um pouco a estrada – perto o suficiente para eriçar os pelinhos nos braços de Augusta.

Será que havia algo sobre as ruínas em si? Ou era simplesmente uma coincidência que ambas Jennifer e Pamela haviam visitado o lugar – e que Caroline havia sido atraída para cá também? Para Augusta parecia que Ian acreditava que havia uma conexão.

Ela virou-se para reexaminar os tijolos chamuscados. Neste exato momento, eles estavam expostos – o musgo e as vinhas queimados. Atrás das ruínas, ela conseguia ver a estrada Fort Lamar. Neste final da rua, não havia tantos carros passando – para a maior parte, somente aqueles vindo à Oyster Point, porque a estrada ficava sem saída na propriedade delas. Para todos os efeitos, as ruínas eram simplesmente ruínas... basicamente o mesmo de qualquer ruína por aqui – pilhas aleatórias de tijolos que a natureza havia começado a recuperar.

Uma vez, Augusta havia se deparado com um ferrótipo antigo que mostrava a velha casa em toda a sua glória anterior. Com duas asas que se espalhavam como braços da casa principal, seu momento de maior orgulho foi a serviço como divisão de um hospital de campanha dos Confederados. Apenas descendo a estrada, comemorando a batalha de Secessionville, havia aproximadamente trezentos túmulos sem identificação onde ela e as irmãs havia brincado quando crianças. Nos dias de hoje era ilegal pisotear as barreiras, mas havia algo sobre cemitérios antigos que atraíam as crianças... como mariposas a uma luminária na varanda.

Pobre Cody.

Seu celular tocou, assustando-a, e ela olhou para ver o número. *Caroline*. Sua irmã estivera ligando do instante em que chegou ao escritório nesta manhã, e Augusta sabia o porquê: A essa altura, Caroline sabia que Augusta havia pagado a fiança de Ian, mas ela não estava disposta a ouvir uma lição de moral de Caroline. Ela esperou o toque cessar para ter certeza de que não iria atender acidentalmente e enfiou o celular no bolso traseiro.

De fato, ela deveria simplesmente desligá-lo, porque estava recebendo dúzias de mensagens – a maioria de pessoas irritadas que não concordavam que ela devesse ter pagado a fiança de Ian. Não era da conta de ninguém, e havia sido

um erro atroz dar seu número pessoal como contato para o dinheiro de recompensa pela Amanda Hutto. Toda Charleston parecia estar ligando para ela. Certo ou errado, ela não ia parar de ouvir sobre isso agora.

“O que você está fazendo aqui?”

Augusta deu um sobressalto com o som da voz de Josh. “Merda!” ela exclamou. “Você me deu um baita susto!”

Ela levou a mão ao peito, acalmando seu batimento cardíaco. Ela não havia percebido quão assustada estava por estar aqui sozinha, onde sua irmã quase havia sido assassinada e onde mais duas outras mulheres haviam desaparecido. “Dando uma olhada, eu acho. Que diabos *você* está fazendo aqui?”

“Vi o Town Car na casa da mãe.”

Com as mãos nos bolsos e vestindo seu uniforme usual de político, Josh parecia um estranho para ela – mal assemelhava-se ao garotinho com quem ela havia crescido. Diferente de Josh ultimamente, aquela criança nunca havia tido uma lista de afazeres. “Ela não estava em casa”, Augusta ofereceu. “Então, vim aqui xeretar. Sabe onde ela está?”

“Sim”, ele disse, mas não ofereceu nada mais, simplesmente lhe lançou um olhar muito paciente, de alguma forma condescendente.

Augusta ofendeu-se. A irritação subindo pela espinha. “Bom?” Qualquer discussão que Sadie tivera com Savannah, não era culpa de Augusta. Ela não gostava da atitude dele.

Ele tirou as mãos do bolso, mas ficou parado onde havia surgido – provavelmente preocupado que sujaria o terno Armani. Augusta olhou para a barra do jeans, percebendo pela primeira vez que a dela estava coberta em pó preto.

“Droga”, ela disse, esfregando a calça.

“A mãe não quer falar com você agora. Dê-lhe um tempo.”

“Você sabe que a Savannah não quis aborrecê-la”, Augusta ofereceu, sentindo-se indefesa e um pouco separada sem Sadie na vida delas. Até onde conseguia recordar, Sadie havia sido a pessoa a limpar os arranhões delas. Havia sido ela quem entregou suco de laranja para Augusta quando esta entrou suada e quente depois de brincar lá fora. A própria mãe nunca havia estado por perto para isso.

“Não importa o que ela quis, Augie. O fato é que os sentimentos da mãe estão magoados.”

“Nenhuma de nós acredita que ela tenha algo a ver com o codicilo desaparecido, Josh – nem mesmo Savannah.”

Josh deu de ombros, aparentemente inconvicto.

“Pelo amor de Deus, ela é uma escritora!” Augusta ponderou. “Ela tem de fazer perguntas, não importa no que acredite!”

“É? Então, eu sou advogado”, ele contra argumentou. “Perguntas fazem parte dos meus negócios também, mas eu defenderia você sem hesitar, simplesmente porque *sei*. Parece-me que você deveria ter sabido.”

Não importava que Augusta não havia tido nada a ver com nada daquilo. O olhar metido a santo no rosto de Josh irritou-a. “As pessoas cometem erros, Josh”, Augusta argumentou. “Neste caso, *Savannah* cometeu um erro. A Sadie vai mesmo punir todas nós por causa de algo que uma de nós fez? Quero dizer, fala sério!”

Josh balançou a cabeça. “Como eu disse... dê-lhe um tempo. De qualquer forma, não é como se você e a mãe tivessem alguma relação verdadeira, não é? Se está preocupada que as suas meias não serão dobradas, contrate uma empregada.”

Augusta balançou para trás nos calcanhares, sentindo como se ele tivesse lhe dado um tapa no rosto. Josh mais do que ninguém sabia como ela se sentia sobre o emprego da Sadie na Oyster Point. Foi Augusta quem havia se ofendido com a relação incestuosa que a mãe dele tinha com essa relíquia de escravidão. Ela não conseguia nem encontrar a voz para falar e defender-se. “Você também está irritado comigo por alguma razão?” ela perguntou-lhe diretamente. “Parece que você manteve distância, e eu disse a mim mesma que era por causa da Caroline, mas sinto que você tem contas a ajustar comigo.”

Ele balançou a cabeça de novo. “Não. Não irritado. Aprendi a muito tempo atrás que tudo na vida leva o banco de trás em suas cruzadas, e parece que você tornou Ian Patterson sua mais recente campanha.”

Augusta moveu-se na direção dele, as ruínas esquecidas agora. “Então, é tudo sobre isso?” ela perguntou com raiva. “Ian Patterson?”

Ele deu de ombros de novo.

“Quem eu ajudo – com quem eu me importo – não é da sua conta, Josh!”

Ele ficou firme, seu olhar sombrio. “Então, você se importa com ele agora? É isso mesmo?”

A pergunta pegou-a de surpresa, e ela hesitou no passo. “Eu não disse isso!”

As mãos dele voltaram ao bolso e ele lhe deu aquele “olhar de advogado” que tinha dominado tão bem. “Eu argumentaria que disse sim.”

Jesus, ela havia dito, não havia?

Aquele simples fato calou sua língua mais rápido do que qualquer outra coisa

havia feito. Suas mãos tremeram. Ela poderia se considerar uma mulher do mundo, que conseguia dormir com um homem sem consequências, mas aquilo obviamente não era verdade.

Ela se importava com Ian. Mas não poderia ser amor. Era cedo demais para amar! Não era?

Sua cabeça girava. Havia coisas demais acontecendo. Lágrimas espetaram os olhos.

As sobrancelhas escuras de Josh estreitaram-se sobre olhos azuis brilhantes. “A matemática é bem simples. Você não paga cento e cinquenta mil dólares por um cara por quem não dá a mínima, Augusta.” Ele estava irritado agora e aparentemente queria que ela soubesse. “Doar dez mil para ajudar a encontrar uma criança desaparecida é uma coisa, desembolsar cento e cinquenta mil por um assassino suspeito é outra completamente diferente. Você não pode explicar isso sem um pouco de troca de fluidos corporais. Que merda! Você chegou a considerar a Caroline nisso? Ou o Jack?”

Ele havia se deixado de fora, ela percebeu. Ela sabia que ele não dava a mínima para a Caroline ou o Jack. Josh sempre havia sido a maior preocupação do Josh. O peito de Augusta contraiu-se com raiva. Ela queria atacá-lo, dizer-lhe que não era da conta dele com *quem* ela dormia.

Ele fez aquilo soar tão impessoal, sórdido e desagradável.

Ela fez parecer egoísta e negligente – coisas que ela se esforçava ao máximo para não ser. No dia em que finalmente fechasse os olhos, tudo pelo que ela queria ser lembrada era por doar.

Ela queria dizer ao Josh que nunca poderia amá-lo – nunca – não importava a história deles. Ela queria dizer que havia fugido dele – das expectativas dele e olhares de cachorrinho magoado – da mesma forma que havia fugido da mãe e dessa casa disfuncional. Ela não conseguia evitar que seu coração não sentia o que o dele sentia.

“Vai pro inferno!” ela respondeu, e saiu enfurecida passando por ele, apressando-se até o carro. Ela sabia que ele não a estava seguindo, mas não conseguia se afastar rápido o suficiente.

Josh simplesmente ficou lá e observou-a ir, o espaço entre eles aprofundado a um ponto que parecia uma fenda irreparável. Sadie aproximou-se enquanto Augusta chegava ao carro, mas Augusta não conseguiu encontrar a voz para falar, muito menos argumentar com ela sobre Savannah. Ela puxou a porta do carro da mãe enquanto Sadie saía do veículo dela e ficava de pé, encarando-a boquiaberta enquanto Augusta dava ignição no Town Car e partia em sua frente.

“O que foi aquilo?”

Josh deu de ombros. “Ela consegue falar as verdades abertamente”, ele disse. “Mas, ao que parece, quando se trata de aceitá-las, ela não consegue.”



IAN PASSOU a maior parte do dia colocando a casa em ordem – literalmente. Não que ele tivesse tantas coisas, mas tudo que tinha havia sido levado e depois descartado, assim que fosse dado como inútil para a investigação, ou confiscado. A única perda real era o caderno que ele havia mantido para registrar sua investigação. Longe de incriminá-lo, aquele pedaço de evidência teria servido para validar sua história.

Infelizmente, ele ia ter que colocar a vida nas mãos de um júri que, após seguir a caça às bruxas de Caroline Aldridge nos jornais, não poderia ser objetivo. Ele não havia tido sorte o suficiente para ter as acusações retiradas; por enquanto, o tribunal estava seguindo em frente com o julgamento, embora seu advogado estivesse preenchendo uma ação para suprimir evidências. A polícia alegou que a porta da casa dele havia sido deixada entreaberta e aqueles artigos suspeitos, deixados à vista. Mas aquilo era impossível. Ian não tinha nada a esconder, mas não era idiota o suficiente para deixar a casa destrancada – nem nenhuma das “evidências” encontradas em sua casa lhe pertenciam. Se a casa estivera aberta, foi deixada por quem quer que tenha plantado a bolsa de ataque. A polícia provavelmente tinha vasculhado a casa inteira em busca de digitais, então ele tinha certeza de que não havia rendido nada, ou ele teria ouvido notícias a essa altura. Apesar do fato que eles haviam ido atrás do homem errado, eles eram meticolosos e diligentes.

Então onde exatamente aquilo o deixava?

Ele sentou-se na cama – porque essa era a única peça verdadeira de mobília na casa – um fato que provavelmente não havia ajudado muito no caso. Ele era um visitante temporário pelo que todos sabiam – um ex-padre com uma ficha criminal. Ele encaixava perfeitamente na rede de perfis deles. Ele entendia isso. Em retrospecto, supôs que a maioria de suas decisões eram suspeitas.

Ele havia escolhido esta casa de aluguel porque era perto das ruínas, porque lá era o último lugar ao qual poderia rastrear Jennifer. O fato que agora pelo menos duas das possíveis vítimas haviam visitado aquele lugar também, e Caroline Aldridge havia sido atraída para lá... levavam-no a acreditar que havia alguma importância ao lugar. Mas o que era exatamente, ele não sabia.

Havia algo como estar no lugar certo na hora errada. Talvez o fato que todas

as três mulheres haviam estado lá anteriormente era uma coincidência? Até o incêndio, havia sido um lugar privado, oculto da visão. Ele havia levado mais do que algumas investidas na área ao redor para localizar o local que havia visto apenas em uma foto.

A fotografia havia sido tirada de perto, com apenas uma visão manchada das ruínas de uma chaminé ao fundo. Julgando pelo sorriso no rosto de Jennifer, ela não apenas havia estado familiarizada com o fotógrafo a ponto de entregar-lhe seu celular, mas obviamente o admirava. Ela tinha aquele olhar – o mesmo que havia dado a Ian –, o mesmo olhar que o havia compelido a mandá-la para casa com uma lição de moral e um bilhete para a mãe, um pedido para a mãe buscar ajuda para a Jennifer.

Ele puxou um novo caderno e fez uma lista de pessoas conectadas às Aldridges. Escreveu os nomes de todas as três irmãs, parando ao sublinhar o de Augusta – não porque suspeitava que ela estivesse envolvida, mas porque não conseguia parar de pensar naquele olhar em seu rosto quando eles o algemaram e jogaram dentro do carro de polícia.

Confusão. Raiva. Dor.

Ela não estava sozinha.

Ele acrescentou Joshua e Sadie Childres à lista – a governanta das Aldridge e seu único filho, um advogado ambicioso com a mira em ambos o escritório de procuradoria e uma mesa na prefeitura se James Island conseguisse manter seu mais novo status de incorporação. Josh tinha uma reputação impecável – graduado *egregia cum laude* – uma distinção que ele havia ganhado por perseguir um currículo rigoroso em ciências políticas junto com a formação em direito.

Quanto a Jack Shaw, noivo de Caroline, aparentemente a investigação havia juntado aqueles dois de novo. Uma conveniência terrível – principalmente considerando que uma das garotas mortas era a ex-namorada de Jack.. a outra era uma funcionária do *Tribune*. Estava parecendo um crime bastante incestuoso, exceto que pelo menos metade das supostas vítimas não tinham a menor conexão com as Aldridges: Amanda, Jennifer, Amy.

Ele encarou o caderno, meditando sobre ele.

No final da lista estava Florence e Robert Aldridge, ambos mortos. Então, havia Sam – o filho que se afogou lá em 1989. Não muito para prosseguir naquilo. Pelo que Ian podia perceber, a criança havia se enfiado em seu barquinho inflável e navegado ao grande desconhecido. Essas coisas aconteciam – principalmente em Charleston, onde as correntes eram fortes.

O pai aparentemente morreu no mesmo ano – ataque cardíaco; a mãe,

quatro meses atrás – acidente. Ela caiu da escada. De acordo com o jornal, a governanta encontrou-a na manhã seguinte. Nada fora do comum aqui. Para os devidos fins, as Aldridges pareciam ser uma família decente, se possível um pouco exibida demais. Se uma delas tropeçasse, o mundo lia sobre isso – e agora a irmã mais velha estava no leme do oitavo jornal mais velho da nação. Ele realmente tinha pena de Jack Shaw. Aquela mulher poderia ser casca grossa.

Ele colocou interrogações ao lado dos nomes de Jennifer e Amanda Hutto. Como Jennifer, Amanda ainda estava desaparecida.

Amy Jones foi a primeira vítima. A garota estava no último ano da Faculdade de Charleston, e pelo que Ian sabia, nenhuma conexão conhecida com as Aldridges. Ele a havia ajudado a encher o tanque do carro na noite de sua morte, e o que ganhou por sua preocupação foi uma acusação de homicídio – embora tivesse um álibi que estava logrando.

Diferente de Pamela Baker e Kelly Banks, ela não tinha conexão com as Aldridges. Não parecia haver um padrão aqui... mas, de alguma forma, Ian sabia em seu interior que as mortes estavam todas conectadas.

O que uma fugitiva de dezessete anos, uma universitária de vinte e dois, uma despachante policial de trinta, uma garota de seis anos e uma repórter de vinte e três tinham em comum?

Então, havia Cody Simmons – ainda outra conexão com as Aldridges, se bem que com uma história na cidade mais antiga do que Deus, quem não conheceria as Aldridges? Cody não tinha nada em comum com o resto da lista de possíveis vítimas. Talvez a criança tivesse sido infeliz o suficiente de ter visto o assassino?

Ele anotou o nome de Cody, batucando o lápis. Ele sabia exatamente de que cemitério a criança havia sido apanhada porque havia estado lá algumas vezes enquanto vasculhava a área. Pelo menos por um tempo, chegar lá seria impossível, porque a polícia teria colocado cordões de isolamento no lugar. O jornal alegava que Cody não havia estado sozinho, mas não revelaram o nome do amigo. Jogada inteligente, mas boa sorte em manter aquilo em segredo. Garotos de doze anos gostavam de falar. Assim como mães aborrecidas.

A campanha tocou, um carrilhão irritante que felizmente não disparava com frequência.

Frustrado, Ian jogou o lápis. Ele tinha alguns conhecidos em Charleston – principalmente seu velho amigo de ensino médio que era dono do Wash 'N' Shine em Mount Pleasant. Foi a cunhada dele que havia dado o álibi para Ian – a mesma garota à qual havia ido assistir na noite em que Augusta surgiu em sua vida.

A casa que ele estava alugando era um regresso aos anos setenta – uma estância que chegava à água. A única coisa que o salvava de pagar um aluguel altíssimo era o simples fato que a propriedade não havia sido preservada. Apesar de o dono não morar lá, ele aparentemente não queria dar a terra para outro daqueles lares de um milhão de dólares. Tudo com o que Ian se importava era ter um lugar limpo para deitar a cabeça – principalmente após ter passado três semanas em um beliche com manchas de ejaculação em uma cela de prisão.

Na sala de estar, havia uma cadeira de praia dobrada em um canto e alguns livros empilhados ao lado. As paredes estavam expostas e ainda pareciam pintadas recentemente, exceto por alguns desgastes.

Ian destrancou a fechadura e puxou a porta, totalmente esperando encontrar outra repórter de tocaia lá fora. Elas eram como baratas se reunindo ao redor de um miolo de pão.

De rosto pálido, Augusta Aldridge estava de pé em sua varanda, agarrando a bolsa, parecendo demais uma garota inocente, não a mulher sedutora que ele sabia que ela poderia ser.

Seu olhar foi atraído ao carro estacionado a apenas nove metros atrás do *vintage* Town Car Lincoln dela – um sedã preto escuro com janelas sombreadas que poderia ser problema de polícia. “Oi”, ela disse, e o cumprimento foi experimental, como se ela pensasse que ele poderia mandá-la arrumar as malas.

Apesar da decisão anterior de mantê-la longe de sua vida, ele abriu ainda mais a porta, deixando-a entrar. “Você não deveria estar aqui, Augusta.”

Aqueles olhos azuis inflexíveis apelaram para ele.

Ela parecia que havia estado chorando. Ele afastou-se, deixando-a fechar a porta, deixando a porta escancarada caso ela quisesse sair correndo. Ele meio esperava que ela o fizesse, meio esperava que ela fosse entrar e ficar.

“Uau”, ela falou, olhando ao redor. “Fale sobre viver com pouco!”

“Nunca planejei ficar tanto tempo”, Ian admitiu, lançando um olhar por sobre o ombro. “Quer um copo d’água?” Ela estava vestida com uma daquelas saias longas que caíam até a panturrilha e uma camiseta branca simples. A camiseta abraçava seus peitos, revelando a textura do contorno de renda do sutiã. Depois de semanas sem ver uma mulher, ele sentiu o pênis se movimentar como uma criança errante concentrada em desafiar seus desejos.

Ela jogou a bolsa no chão já que não havia outro lugar para colocá-la. “Por favor.”

Ian desligou o olhar dos seios dela. Ele não conseguia esquecer o modo como havia se sentido dentro dela, aquele calor de veludo doce do corpo dela.

Simplesmente por saber que ela estava a uma curta distância, ele conseguia sentir a tensão se construindo dentro dele.

A casa ficou silenciosa de um modo desconfortável enquanto ele fugia para a cozinha e pegava um copo limpo na prateleira. Ele abriu a torneira e sentiu-se culpado ao observar o copo se encher. A água aqui tinha gosto de merda, mas ele não havia tido a chance de ir ao mercado, e tudo que ficara na geladeira teve de ser jogado fora. Mas, diabos, a mulher morava aqui então deve estar acostumada com a água a essa altura, e ele não a havia convidado. Ele levou o copo para ela, entregando enquanto a inspecionava de novo.

Linda para caralho.

Ele balançou a cabeça, um gesto errante. Não tinha conseguido resistir a ela naquele dia na praia e não achava que conseguiria fazer isso agora.

Ele queria que ela mantivesse distância.

Ela pegou o copo e seus dedos se tocaram pelo instante mais breve. A fera dentro da calça se mexeu de novo.

Cristo.

Ela tinha algum tipo de poder sobre o corpo dele. Se ela dissesse a palavra agora mesmo, ele a carregaria para a cama e despiria cada peça de roupa do corpo dela. Isso era o quanto ele a queria.

“Por que você está aqui, Augusta?”

Direto ao ponto.

As pessoas que tinham coisas a esconder evitavam problemas, Augusta pensou, e ela nunca havia conhecido alguém mais direto que Ian Patterson. Era parte da razão pela qual acreditava nele tão resolutamente. Não tinha nada a ver com a necessidade de justificar o fato que ela havia dormido com ele, ela assegurou-se. Neste instante, havia problemas bem mais importantes com que se preocupar – como uma criança desaparecida e o fato que suas irmãs iam provavelmente renegá-la para sempre por tudo que havia feito.

Ele merecia honestidade, ela decidiu. “Não sabia para onde ir.” Ávida por vê-lo, ela inspecionou-o através da borda do copo enquanto tomava um golinho, feliz por ter algo sólido entre eles, mesmo se fosse simplesmente um copo d’água.

Ele a deixava tonta.

Seu olhar a analisava, dos pés ao topo da cabeça e de volta, mas era algo mais do que sexual, Augusta sentiu, e ela lutou contra uma onda de emoção inesperada que parecia sufocar suas palavras. Ela tomou outro gole d’água e limpou a garganta.

“Você não deveria ter vindo”, ele disse.

Lágrimas espetaram os olhos de Augusta, mas, felizmente, ela segurou-as. “Como eu disse, não sabia para onde ir. Eu lhe disse que não acreditava que fosse culpado, Ian... ainda não acredito.”

Seus olhos azuis penetraram-na. “Tem certeza disso?”

Ela não o culpava por duvidar dela. Ela havia observado sem uma palavra enquanto o prendiam na noite do incêndio, e ela ainda não havia contado às irmãs – ou à polícia – que havia estado com ele na noite que o corpo de Kelly Banks foi descoberto. Embora pretendesse fazê-lo assim que a oportunidade se apresentasse. “Morta de certeza.”

Os lábios dele se curvaram um pouco pesaroso. “Boa escolha de palavras.”

“Não foi intencional”, Augusta assegurou-o, sorrindo com cansaço. “Eles vão retirar as acusações?”

Ian balançou a cabeça. “Não a essa altura. Pelo que sabem – pelo que *você* sabe, Augusta – estou trabalhando como cúmplice. No lugar deles, eu faria o mesmo.” Seus olhos azuis estudaram-na.

“Então... você está?”

Ele levantou as sobrancelhas. “Você acha que eu iria lhe contar se estivesse?”

Augusta levantou o ombro. “Acho que não.”

“Então, por que se importar em perguntar, Augusta? Ou você acredita que sou capaz de assassinato a sangue frio ou não. É simples assim.”

“Eu paguei sua fiança”, ela o recordou. “Eu faria isso se não acreditasse em você?”

O olhar deles cruzou-se e permaneceu. Ele apertou os olhos para ela e aquela boca sensual afinada, como ele se recordava. Augusta teve a impressão que eles estavam fazendo algum jogo mental da covardia, e se ela passasse... bom, talvez então ele acreditasse nela?

“Vir aqui foi idiotice”, ele disse de repente. “Mesmo se acredita que sou inocente, você também tem que acreditar que alguém armou para mim, e se for o caso, você honestamente acha que vou de repente cair fora do radar deles? No mínimo, eu estar solto sob fiança simplesmente significa que eles têm o bode expiatório de volta.”

“Preciso da sua ajuda para encontrar o Cody”, ela falou.

Ele lhe deu um olhar incrédulo. “Você só pode estar brincando! Quem diabos deixou você responsável por salvar o mundo?”

Ele atingiu um ponto sensível. Augusta devolveu-lhe o copo d’água, incerta do que mais fazer exceto esvaziar na cara dele. A raiva lançou-se sobre ela. “Ele é um amigo da família”, ela explicou.

“Que pena.” Ele deu de ombros, como se não pudesse importar-se menos, e pegou o copo dela, depois virou-se e saiu para a cozinha. “Para mim já chega”, ele disse ao se afastar. “Meu envolvimento neste caso só me trouxe muito sofrimento.”

Augusta seguiu-o. “E a Jennifer?”

Ele colocou o copo d’água no balcão e virou-se para encará-la, sem expressão, embora seus olhos revelassem algo diferente. “O que tem ela?”

Depois de tudo, ele não podia simplesmente estar *cheio*. O simples fato que alguém lá fora ainda poderia estar pronto para usá-lo como bode expiatório parecia uma razão boa o suficiente em si para ir atrás da verdade. Mas mais importante, a vida de um garotinho estava em jogo.

“Pensei que você tivesse um compromisso com a família da Jennifer – com a mãe dela. E agora uma criança está desaparecida também – ele é só uma criança, Ian. Cá entre nós, eu sei que podemos ajudar –”

“Ajudar o quê?” ele interrompeu. “Estive procurando a Jennifer por quase seis meses. Ela se foi, Augusta! Tenho de aceitar o fato e a mãe dela também. Estou cansado de ser caçado pelos jornais – pela sua irmã – já deu!”

Os ombros de Augusta enrijeceram-se.

Ele está mentindo.

Ele tem que estar.

Suas palavras não batiam com a emoção que ela espiava na profundidade de seus olhos. Nem soava em nada com o homem que ela havia conhecido... mas, realmente, quão bem ela o conhecia?

O que ela realmente sabia sobre Ian Patterson?

Todo mundo parecia tão certo de que ele era culpado.

E se ela estivesse errada sobre ele?

Ele deve ter percebido que ela estava hesitando, porque sua expressão de repente obscureceu e seus lábios curvaram-se cruelmente. “Quero que você saia”, ele sugeriu. “Não estou interessado em assumir outro caso de caridade, e não tenho interesse em ajudar a encontrar uma criança. Neste momento, estou mais preocupado em manter minha bunda fora da prisão.”

Os pés de Augusta ficaram plantados firmemente. “Não acredito em você!”

Os olhos dele estreitaram-se ao dar um passo na direção dela. “Por quê? Porque você me conhece tão bem?”

E, então, ele de repente estava bem na frente dela, tão perto que se ela se inclinasse para a frente seus lábios teriam tocado o queixo dele. Embora de salto, ela teria tido que se levantar na ponta dos pés para sentir a barba curta contra

seus lábios.

“Você não me conhece de forma alguma”, ele assegurou-a.

Augusta endireitou-se, embora não conseguisse encontrar a voz para falar.

Ele não a tocou, não moveu as mãos da lateral do corpo, mas a tensão em seu corpo era palpável e o olhar, ameaçador. De repente, ele parecia assustadoramente desconhecido, de pé na cozinha vazia.

Ela olhou ao redor. Não havia nada em lugar nenhum para lhe dar uma ideia de *quem* este homem era de verdade – nenhuma foto. Nenhuma louça suja. Nenhum copo no balcão, exceto um – o dela. Nenhuma mesinha familiar na cozinha. Sem listas na geladeira. O olhar dela foi levado até lá, ao item solitário debaixo do imã do Piggly Wiggly – uma versão de computador muito dobrada de uma foto de Jennifer Williams de pé nas ruínas. O sorriso dela era genuíno ao posar para alguém desconhecido. O olhar era cheio de adoração. Seu cabelo ruivo-amarelado era um pouco parecido com o de Augusta, e algo sobre ela era tão surpreendentemente familiar que Augusta ficou lá encarando.

Ela reconheceu a foto. Caroline tinha uma cópia dela também, dada pela mãe de Jennifer, que havia dito a Caroline que a filha havia enviado a foto para Ian por e-mail. Mas Ian *poderia* ter tirado aquela foto. Ela olhou para Ian e piscou.

“Hora de ir”, ele anunciou, batendo as mãos e movendo-se até ela, forçando-a a dar um passo atrás. Entendendo a sugestão imediatamente, ela virou-se e foi para a sala de estar. Ele a seguiu de perto, e apesar do fato que ela estava liderando o caminho até a porta, ela sentia-se como uma ovelha desgarrada sendo arrebanhada. No caminho da saída, ela esticou o braço e pegou a bolsa no chão, sentindo que se parasse por dois segundos longos demais ele iria atropelá-la.

Ela alcançou a porta, e ele estava bem atrás, esticando o braço ao redor dela, deslizando-o na cintura dela. Ela deu um salto ao toque dele, mas ele meramente puxou a porta. Claramente, ela não era bem-vinda. Aquela noite na praia não significou nada para ele. Ela era idiota – idiota por ter vindo aqui.

“Se cuida”, ele disse, e então indicou com a cabeça a direção do carro ainda estacionado discretamente no meio-fio. “Não se esqueça de sorrir para a câmera.”

Augusta lançou um olhar sitiado para ele, mas tudo o que ele disse foi, “E diga a sua irmã que eu mandei oi”. Então, bateu a porta.

Estupefata pela afobação e animosidade com as quais ele se livrou dela, Augusta ficou lá fora, na varanda da frente dele, segurando a bolsa. Ela olhou

apenas brevemente para o carro preto sem identificação, e soube com certeza que não era a mídia. Parecia um Dodge Charger da polícia, semelhante ao que Jack dirigia. A única coisa que ela tinha certeza era que não era o Jack ou ele teria muito a dizer sobre ela estar aqui. Ela fez uma linha reta até o carro e torceu para ninguém reconhecê-la.

Ela correu pelo quintal até o Lincoln e deslizou para dentro, fechando a porta. Se ela queria ajudar Cody, teria que fazer isso por conta própria, mas onde diabos deveria começar?

Talvez Ian estivesse certo? Talvez ela devesse ficar fora do caminho? Querer, ou mesmo precisar ajudar, não tornava isso a coisa certa a fazer. Qualquer que fosse a verdade daquele problema, a única coisa que ela sabia com certeza era que não conseguiria encarar as irmãs ainda, então não foi para casa.

Q uinta-feira, 19 de agosto, 12:22.

Enquanto mal havia sido o mesmo espetáculo obsceno do funeral da mãe dela, o Cemitério Magnólia estava cheio de pessoas. Aos oitenta e sete, Rose Simmons veio de uma família conservadora de Charleston. Entre aqueles presentes hoje estavam políticos, Filhas da Confederação e pessoas da alta sociedade. Mas embora Rose e a mãe de Augusta tivessem frequentado os mesmos círculos, a maioria daquelas pessoas tinha olhos coroados de vermelho e lábios que tiritavam – não como os rostos vazios e olhos emocionalmente vagos dos enlutados atendendo ao funeral de Flo. Rose Simmons era querida por seus vizinhos. Flo havia sido venerada. Havia uma diferença.

Ouvindo o pastor apenas com indiferença, Augusta mapeou os rostos na multidão. Expressões deprimidas, lábios finos debaixo de óculos escuros.

Do outro lado do túmulo, Sadie ficou silenciosa ao lado de Josh. Nenhum deles olhou na direção de Augusta e ela achou que Josh ainda devia estar chateado com ela também, embora ela tivesse certeza absoluta que as razões dele não eram as mesmas da mãe ou de suas irmãs. Atrás de Sadie estava Daniel Greene, e se Augusta precisasse de provas de que aqueles dois estavam envolvidos, ela as tinha agora. Ele estava atrás da Sadie, com a mão descansando de forma solícita no ombro dela, lembrando-a de sua presença. Do lado direito de Sadie estava a governanta da Rose, Queenie Pritchett, que estivera fazendo a caminhada vindo de St. Helena Island uma vez por semana desde que Augusta conseguia se lembrar. Queenie e Sadie eram primas distantes, e Queenie fazia

uns dos melhores feijões vermelhos e arroz que Augusta já havia comido, embora nunca fosse admitir para a Sadie. Queenie pelo menos reconheceu-a com um silencioso aceno de cabeça e olhos escuros melancólicos.

Era bastante certo que Rose teria deixado Queenie muito bem de vida, embora sem dúvidas sua vida agora fosse mudar. Nenhuma das três filhas de Rose era do tipo de manter criadas, e então era o fim de uma era para Pritchetts e Simmons. Augusta perguntou-se se Sadie iria seguir os passos da prima. Ela esperava que sim. Poder-se-ia pensar que ela teria cortado os laços que ligavam as famílias a muito tempo, mas, até agora, ela havia permanecido leal, pronta para desistir da vida para cuidar do lar Aldridge. Que Josh nunca tivesse ressentido isso era um milagre em si. Mas depois de todos esses anos, Sadie merecia descansar.

O som de argila e terra úmida batendo em madeira oca rompeu seu devaneio. “Ajude-nos a encontrar a paz no conhecimento de sua terna misericórdia”, o pastor entoou. “Dê-nos a luz para guiar-nos para fora da escuridão em direção à garantia do Seu amor, em Jesus Cristo Nosso Senhor.”

“Amém”, a multidão respondeu.

Augusta aproveitou a oportunidade e não esperou pelas irmãs. Ao escapar para o carro, vagueou pelas campas para evitar conversa.

“Augusta!” chamou uma voz familiar.

Augusta virou-se para encontrar Nick Simmons seguindo-a.

“Oi”, ela disse, parando ao lado de uma cruz de pedra manchada de musgo.

“Não está com as suas irmãs?”

“Cheguei tarde”, Augusta confessou, e apontou com a cabeça na direção de Caroline e Savannah. As duas estavam indo ao túmulo da mãe delas – algo que Augusta queria evitar desesperadamente. Ela imaginou que nenhuma delas poderia justificar vir aqui sem ao menos olhar a lápide de Flo, embora Augusta não tivesse nenhum interesse em se prolongar por cinco minutos na memória da mãe.

Nick observou-as por um momento e então virou-se para dizer, “Vocês três nunca poderiam ficar juntas em um único lugar por muito tempo”. Ele não quis que soasse como uma ofensa, mas Augusta franziu. Não era precisamente verdade, e a ideia perturbou-a, mas ela não o corrigiu. Era o funeral da mãe dele afinal. Ela deu de ombros. “Estamos bem ultimamente”, ela ofereceu, embora ele não tivesse perguntado e não fosse completamente verdade. “A morte da mãe, sabe?”

“Acho que é isso o que precisa às vezes.” Seu olhar procurou as próprias

irmãs e encontrou-as reunidas, andando até a limusine. Pareceu um pouco como se Claire estivesse sustentando Janet.

“E você?” Augusta perguntou. “Como está lidando?”

“Bem”, ele disse, observando as irmãs. “A mãe sempre admirou Cody, sabe? Acho que é melhor ela não estar por perto para isso.”

Augusta concordou, mas ele não estava olhando para ela. “Sem novidades ainda?”

Ele balançou a cabeça, e seu olhar retornou a ela. “Nadinha.”

“Como está a Janet?”

Ele levantou um ombro. “Tomando Diazepam, e você sabe como ela é com medicamentos.” Ele suspirou. “De qualquer forma, não estamos tendo uma grande comoção em casa. Não parecia correto. Espero que todos entendam.”

“Danem-se as regras”, Augusta disse com um sorrisinho.

Nick concordou. “Passe lá mais tarde se quiser”, ele ofereceu. “Ficarei na cidade por um tempo.” E, então, ele lhe deu um aceno estranho de dois dedos e saiu. Como ele estava andando na direção do carro dela, ela ficou lá parada sem jeito, sem querer seguir. Deixou pessoas passarem por ela, e depois desistiu, após alguns acenos desconfortáveis, e fez o caminho para onde suas irmãs estavam perto do túmulo da Flo, preparando-se para a discussão.

PERTO DE UM grupo de lápides seminovas pertencentes à última equipe do submarino H.L. Hunley, entre duas lápides imaculadas, uma aranha de jardim havia fiado sua teia – uma fiação dupla de mestre com centro em ziguezague. A fêmea tinha mais do que dois centímetros e meio, com marcas em amarelo, preto e branco. Poder-se-ia pensar que ela iria se esconder com aquelas colorações brilhantes e de advertência, mas não. Ela sentou-se lá, esperando à vista.

Hoje, um bebê lagarto Anolis carolinensis lutou em vão para se remover da teia pegajosa dela. Cada movimento que fazia só servia para selar seu destino. A aranha permaneceu a certa distância, no centro de sua cama de seda, onde poderia controlar a ondulação com habilidade; cada movimento, uma manipulação para enlaçar ainda mais sua vítima azarada. Mais tarde, assim que tivesse certeza que o lagarto era mesmo dela, ela iria aproximar-se cuidadosamente e então injetar seu veneno nele, e envolvê-lo impecavelmente para se alimentar.

Havia lições a serem aprendidas da natureza.

Paciência agora.

*Ele tinha o garoto em um lugar seguro; ninguém iria encontrá-lo.
Mas mesmo se o fizessem, a criança não conseguiria identificá-lo.
Melhor esperar, como a aranha.*

Isso empolgava-o – não como os outros, que não mereciam ser enterrados em solo sagrado. Sem brincadeiras agora. Sem mais vaidade. Ele era mais esperto do que eles. Este valeria a pena a espera. Havia tempo; uma pessoa saudável poderia viver talvez nove ou dez dias sem água e comida. Mas ele não teria de esperar tanto.

Ele observou a aranha sem piscar, pensando na ironia que ela havia escolhido os tímulos da equipe do Hunley para criar sua casa. Pelo menos para ele. A equipe do submarino histórico, somente recentemente levantada do túmulo aquático, havia sufocado em sua prisão de ferro no fundo do Atlântico, menos de seis quilômetros de Sullivan's Island.

Ele sabia mais do que ninguém como eles teriam estado no momento da morte, olhos salientes e ensanguentados com vasos rompidos. Aqueles que se afogaram teriam espuma nos canais de ventilação devido à mistura de muco e água enquanto lutavam para respirar. Seus corações aumentados. Sob um microscópio poderia ser encontrada a presença de algas e outras substâncias flutuantes... normalmente no estômago ou canais de ventilação, e a constituição química do sangue mudaria.

Algumas de suas matanças eram limpas.

Outras não.

Sua primeira não foi.

O garoto tinha pouco mais de quatro anos. Seu pequeno bote havia começado a afundar, enchendo de água. Soluçando em silêncio, ele gritou por ajuda, mas ninguém ouviu... exceto ele.

A princípio, os olhos da criança haviam estado cheios de confiança, então, confusão e, finalmente, medo. Mas houve um momento além do medo, quando um olhar de compreensão havia entrado em seus olhos – um momento em que ele entendeu que a salvação estava bem em frente aos olhos, e em vez de tentar escapar naqueles segundos finais, seus dedinhos haviam agarrado a carne dele de forma possessiva enquanto ele o segurava debaixo da superfície d'água. Perto o suficiente para assistir ao processo com o mesmo tipo de curiosidade mórbida que fazia um homem desacelerar após um acidente, e passar com olhos cabisbaixos para o asfalto, somente meio chocado com a possibilidade de espiar a morte. Com aqueles bracinhos apertados firmemente, as pernas se debulhando – como o lagarto estava fazendo agora mesmo – ele sentiu uma sensação de poder diferente

de tudo o mais.

Cheio de admiração, ele assistiu à aranha se aproximar agora, presas expostas. Elas apareceram para ele como punhos pequenos se esfregando em regozijo.

Seu olhar subiu ao nome sob a lápide: Arnold Becker. Morto em 1864. Enterrado em 2004.

Naquele dia, ele havia ficado aqui, junto com outros espectadores curiosos enquanto enterravam oito caixões de madeira – todos reunidos como haviam morrido naquele submarino malogrado.

Aquela era a beleza de um lugar como este... elitista que fosse, qualquer um poderia vir aqui e turistas normalmente o faziam.

Não longe de onde ele estava admirando a aranha, Augusta Aldridge estava se aproximando das irmãs após conversar com um rapaz. Sua linguagem corporal havia lhe chamado a atenção. De flerte. Ela havia tocado o braço dele.

Vagabunda.

Em vez de roubar o celular, e guiar a irmã dela para as ruínas, ele deveria tê-la atraído para lá no lugar da outra. E em vez de deixá-la para ser descoberta... ele deveria tê-la matado lá e enterrado no pântano.

Assim como seu irmãozinho.

“VOCÊ PRETENDIA NOS CONTAR, Augie?”

“Eventualmente”, Augusta respondeu, embora não tivesse pretendido responder daquele jeito. A atitude de Caroline simplesmente a irritava. Flo pode tê-la deixado no comando do *Tribune*, mas ninguém a havia apontado como chefe da vida doméstica.

Savannah encontrou seu olhar, mas nada disse, e Caroline aparentemente não estava contente em parar ali. “Eu teria apreciado um alerta, assim não precisaria ter ouvido da Sandra Rivers. Você me fez parecer uma idiota, Augie!”

“Eu quis lhe contar, Caroline. Sêrio.” Ela olhou para Savannah. “Eu queria contar para vocês duas.”

“Por que não o fez?” Savannah perguntou suavemente.

Augusta balançou a cabeça, encontrando o olhar irritado de Caroline. “Não sei... Não consegui.”

“Droga, Augie! Como você pôde pagar a fiança daquele homem?”

Augusta ficou arrepiada com a pergunta porque percebeu que *aquilo* precisamente era a razão pela qual não havia conseguido contar a nenhuma delas

– porque nenhuma das irmãs poderia entender e ela não conseguiria – não queria – explicar o Ian para elas. Para resumir, ela simplesmente disse, “Porque acredito que ele seja inocente”.

“Ele poderia ter me matado naquela noite!” Caroline argumentou.

“Sim, ele pode ter salvado você também!” Augusta reagiu, querendo que Caroline visse a situação por olhos diferentes. “E se, na realidade, ele estiver falando a verdade, e não tivesse encontrado você a tempo – você estaria grelhada como aquela floresta!”

Não havia nada que Caroline pudesse dizer àquilo.

Sua irmã havia passado meses literalmente tentando provar que Ian era um assassino a sangue frio. Ela parecia *precisar* acreditar que ele a havia atraído para aquelas ruínas com a intenção de matá-la, mas não fazia sentido para Augusta. Ok, então aconteceu que Ian foi pego com Caroline nos braços. Mas aquilo não significava que ele havia tido a intenção de machucá-la de verdade. Ele a estava carregando para *fora* do fogo. E com as sirenes da polícia correndo pela estrada Fort Lamar e apenas uma saída, onde alguém pensaria que ele havia planejado levá-la? Cada vez mais Augusta acreditava que ele estava dizendo a verdade – sobre tudo. Ela não estava precisamente impressionada com ele no momento, mas não acreditava que ele fosse culpado.

Ela e Caroline ficaram se olhando, em um impasse. Augusta percebeu que Caroline havia levado isso para o lado pessoal – como se, de alguma forma, ao pagar a fiança de Ian, ela havia tomado o partido dele. Mas Augusta somente quis estar de um único lado – o lado da verdade.

Ela não ia pedir desculpas por aquilo.

Esperta, Savannah ficou fora disso. Ela ficou ao lado delas, mãos juntas em frente ao corpo, sorrindo com desgosto para as pessoas que passavam por elas. Augusta não se importava com o que pensavam. Caroline havia começado isso.

Sentindo que Caroline estava hesitando, ela perguntou, “Você *realmente* acredita que ele seja culpado, Caroline?” Caroline adotou um ar de determinação, mas não respondeu, e Augusta persistiu, “Você acha que eles iriam soltá-lo sob fiança se tivessem alguma prova concreta?”

Augusta conseguia ver a incerteza nos olhos de Caroline, e sabia que era o máximo que poderia perguntar por ora. Caroline tinha um bom coração. Se ela passasse sobre isso, Augusta sabia que a irmã iria chegar a mesma conclusão que ela.

“Não sei o que pensar sobre Ian Patterson”, Caroline vociferou finalmente, “mas eu merecia que *minha* irmã fosse honesta comigo – principalmente quando

me faz parecer uma incompetente! Você foi esperta o suficiente para vir a mim quando quis oferecer aquela recompensa para Amanda Hutto – isso é muito pior, Augusta! Aquele homem é acusado de tentar me matar! Apesar do que você possa acreditar, não retiraram as acusações contra ele. Você não está pensando claramente quando se refere a ele!”

“Nem você!” Augusta reagiu com teimosia. “Juro por Deus, você praticamente tem crucificado aquele homem!”

“Eu fiz o que pensei que fosse certo”, Caroline respondeu.

“Eu também”, Augusta lhe disse, defendendo sua posição.

Com aquilo, Caroline saiu andando, deixando Augusta e Savannah juntas sozinhas. Algumas pessoas lançaram olhares curiosos ao passar.

“Veja pela perspectiva da Caroline”, Savannah intrometeu-se, embora sem qualquer raiva. “Você pagou a fiança de um cara acusado de –”

“Sei o que fiz, Sav! Não preciso de você abrindo o jogo para mim. Não quis que acontecesse desse jeito, mas acredito em meu coração que Ian é inocente, e Caroline lhe fez uma injustiça! Ele não é um assassino!” ela insistiu.

Savannah olhou para a grama entre elas por um instante, parecendo medir suas palavras, e então levantou o olhar de novo. “Só para constar... acho que ele é inocente também”, ela ofereceu. Seus olhos cinzentos tão cheios de compaixão que inquietaram Augusta, pegando-a de surpresa. Savannah suspirou pesadamente. “Mas nós duas sabemos que você realmente não está pensando com clareza quando se trata dele. Caroline está certa sobre isso.”

Augusta conhecia a verdade quando a olhava de frente. A coisa era que... ela *estava* pensando com o coração, mas a cabeça não estava discutindo de modo algum. Uma onda de emoção quase a sufocou. “Talvez não”, ela admitiu.

“De qualquer forma”, Savannah falou, “estamos indo para a casa dos Simmons. Você vem?”

Augusta balançou a cabeça, sabendo que deveria ir, mas confusa demais para confortar alguém.

“Bom... Melhor eu ir antes que ela me deixe para trás”, Savannah comentou, olhando para o carro. Caroline já estava sentada atrás do volante, checando a maquiagem no espelho retrovisor. “Ligue para mim mais tarde se precisar conversar”, ela ofereceu.

Augusta concordou, e Savannah atirou-se nos braços de Augusta tão rápido que ela não teve escolha a não ser abraçá-la enquanto lutava contra outra onda de emoção quase insuportável demais para negar. Todos aqueles sentimentos que ela havia mantido presos por meses agora ameaçavam estourar bem aqui na

frente de metade da cidade. De algum modo, ela sentiu que Savannah sabia mais do que estava dizendo, e a compaixão da irmã era sua ruína.

Naquele momento, ela arrependeu-se de não ter mantido maior contato com as irmãs. Mas não era tarde demais para mudar aquilo... e ela desesperadamente queria fazê-lo. Ela sentia falta de Savannah, sentia falta da amizade fácil que costumavam ter quando crianças. E ela sentia muita, mas muita falta de Caroline. De alguma maneira, Augusta havia construído uma fortaleza de gelo ao redor do coração, e ficou longe o suficiente ao norte da Linha de Mason-Dixon para mantê-lo congelado e intacto.

Talvez estivesse na hora de mudar aquilo?

Talvez fosse a hora de levar a restauração da casa um pouco mais a sério?

Talvez fosse a hora da cura?

“Tenho que ir”, Savannah disse e soltou-se.

Augusta sentiu a separação severamente. Ela engoliu fundo enquanto observava sua irmã mais nova andar até o Lexus prata de Caroline. Ela ficou lá fixa no lugar por um instante, tentando dissolver as emoções. A essa altura, a multidão do funeral já havia dispersado da área, e ela não queria falar com ninguém. Ela prolongou-se um momento, observando as irmãs saírem de carro, assistindo à cena com tamanha atenção que foi surpreendida por uma voz inesperada ao seu lado.

“Oi”, o homem disse. Em seus quase quarenta anos, ele parecia vagamente familiar, embora Augusta não conseguisse identificá-lo de imediato. Ele esticou a mão. “Brad Bessett”, ele falou. E, então, notando a confusão dela, ofereceu, “Trabalho com a Caroline no jornal”.

Augusta engoliu e concordou. “Ah. Oi”, ela disse, e forçou um sorriso.

“Estava observando você com as suas irmãs”, ele falou, olhos azuis sagazes. “Caroline pode ser um pouco explosiva, não é?”

Augusta decidiu que não gostava do cara. Não importa do que poderia chamar as irmãs em particular, ela era ferozmente leal a ambas. Ainda assim, ela conteve-se, não querendo atacar o funcionário da irmã sem causa. “Você é amigo dos Simmons?” ela perguntou, seu tom seco.

Ele deu um sorrisinho falso, como se soubesse exatamente o que ela estava implicando – que, do contrário, ele estava invadindo. Para o bem de Caroline, ela estava sendo atipicamente diplomática, então estava feliz em ver que ele não era tacanho. “Nah. Estou cobrindo o funeral para o jornal. Não realmente meu furo de reportagem, mas desde que esteja conectado às investigações, percebi que poderíamos matar dois coelhos com uma cajadada só.”

As costas de Augusta enrijeceram-se. “Entendi.” Obviamente, outra Sandra Rivers, exceto com um pênis pendurado entre as pernas.

Vendo o recuo de Augusta, ele disse, “Nós nos conhecemos quando você foi ao escritório algumas semanas atrás para o inventário. Você se lembra?”

“Sim”, Augusta mentiu. Ela havia estado distraída demais naquele dia para se lembrar de qualquer coisa. Ela havia ido para fazer o inventário dos escritórios do *Tribune* para a arrecadação de fundos, para se concentrar nas extravagâncias da mãe e eliminá-las, e havia saído com um único item na lista – um candelabro gritante – e uma cruzada novinha na forma de Ian Patterson.

Recordando a expressão de Ian ao expulsá-la da casa dele, ela engoliu outra onda de emoção.

“Então, como está indo a arrecadação?”

Merdinha intrometido. “Um pouco fora de curso, por motivos óbvios.” Augusta olhou ao redor para ver se havia alguém que poderia salvá-la desta conversa. A maioria dos convidados já havia partido, e somente uma mão cheia permanecia – ninguém que ela reconhecesse.

“Compreensível”, ele disse e forçou um riso, e Augusta quis lhe perguntar que diabos ele queria. Por mais fofo que parecesse, havia algo sobre ele que simplesmente irritava seus nervos – talvez fosse a sensação de que ele achava que poderia abrir portas com seu sorriso. Ele a recordava de um daqueles caras do ensino médio que esperava que as garotas caíssem umas nas outras sempre que passava.

Sua expressão mudou de repente, tornando-se racional. “De qualquer forma, também estou cobrindo o funeral da Pam Baker... uma pena... ela era uma boa garota. Isso me faz pensar naqueles assassinatos dos anos noventa, você se lembra? Aqueles em que corretores estavam todos sendo apanhados enquanto mostravam casas? Fale sobre estar no lugar certo na hora errada, hein?”

Um arrepio correu pela espinha de Augusta com a escolha de palavras dele.

O lugar certo na hora errada.

Seu cérebro trouxe de repente as ruínas. Pamela Baker havia desaparecido após estar lá. Mas quantas pessoas sabiam disso? Augusta sabia sobre as fotos da Pam, colocando-a nas ruínas no dia de seu desaparecimento, mas somente por causa de Jack e Caroline. Pelo que Augusta sabia, Caroline não havia compartilhado aquele conhecimento com o jornal. Na realidade, Augusta tinha bastante certeza de que Jack estava tentando manter aquela informação em particular longe da mídia inteira. Mas talvez aquilo não fosse o que Brad estava insinuando. Ela apertou os olhos para ele.

“Olha, eu preciso ir... para a casa dos Simmons”, ela mentiu, e sentiu uma leve pontada de culpa. “Foi bom vê-lo de novo... Brad?”

Ele concordou e estendeu a mão, e Augusta cumprimentou-o, embora não quisesse. Então, ela afastou-se o mais rápido que as pernas conseguiam carregá-la.

“Vejo você mais tarde”, ele gritou enquanto ela se apressava para o carro. Não se ela pudesse impedir, Augusta pensou.

Pela primeira vez, repórteres não estavam acampados em seu jardim, então Ian decidiu que poderia ser uma boa hora para sair e cuidar das coisas. A menos que quisesse passar o resto da vida atrás das grades, ele precisava encontrar um bom advogado para pegar o caso dele – não um apontado pelo Estado.

Ao sair pela porta, ele puxou a lista que havia imprimido da Internet, determinado a continuar sua busca pela Jennifer.

A mãe dela ainda não havia tido notícias das autoridades. Sob vários aspectos, era como se ela tivesse saído de casa e desaparecido no ar. Ela havia enviado mensagens para Ian algumas vezes e lhe enviado aquela foto dela nas ruínas, mas além disso, ele não tinha muitas evidências de ela ter estado na cidade. Ele verificou os abrigos, não conseguiu localizar onde ela poderia estar hospedada, nem algo que indicasse que ela poderia estar empregada. E ainda assim sua conta de celular estava sendo paga – ele sabia disso por causa das mensagens e da foto que ela havia lhe mandado.

Ele lembrou-se de que ela havia assinado como Jennifer Leigh – seu primeiro nome e o nome do meio, tendo adotado a assinatura por causa da atriz, Jennifer Jason Leigh. Aparentemente, ela havia sido influenciada por assistir à atriz em *The Hudsucker Proxy* onde Leigh fazia o papel de repórter. Isso era o que Jennifer mais queria fazer da vida quando crescesse – ser uma repórter.

Uma ideia lhe ocorreu.

Enfiando a lista de advogados no bolso, ele imaginou se Jennifer havia sido levada às Aldridges por causa do *Tribune*. Talvez ela tivesse tentado arranjar um emprego lá? Augusta poderia ajudá-lo a descobrir, mas a última coisa que ele

queria fazer era envolvê-la. Droga. Ela era uma distração que ele não podia bancar.

Ele fechou a porta da frente e trancou-a, checando duas vezes.

Ela era como um tique no cérebro. Ela havia se plantado lá, e não importava quanto Ian tentasse removê-la, ela não estava saindo. O olhar dolorido no rosto dela antes de ele bater a porta remoía-o agora.

Ele não estava certo do porquê, mas sentia-se inexoravelmente atraído a ela. E não tinha nada a ver com o pau duro que ele estivera carregando nas calças desde o instante em que botou os olhos nela. Droga. Ele não conseguia pensar direito em sua presença – ou mesmo fora dela, aparentemente.

Dane-se que ele não queria vê-la. Mas aquilo não era tudo o que ele queria. Ele queria enterrar o rosto entre aqueles lindos seios – queria fazer amor com ela propriamente – não em uma praia debaixo de um píer com areia se arrastando entre as nádegas. E quando tudo tivesse acabado, se ela ainda estivesse disposta, ele planejava fazer exatamente aquilo.

Se ele não acabasse de volta na prisão pelo resto da vida.

Ele entrou no carro e bateu a porta, então encarou o celular, determinado a não digitar os números que estavam se tornando familiar demais.



SENTINDO-SE um pouco sem amigos, Augusta entrou em casa, agradecida por encontrar Tango esperando na porta da frente para cumprimentá-la, seu rabo preto balançando feliz. Ele choramingou e ela riu, apesar do mau humor, e acariciou sua cabeça com afetividade. “Você precisa fazer xixi, garoto?”

Ele choramingou de novo, lamentavelmente, e ela tomou aquilo como um sim, levando-o para a cozinha, colocou a bolsa no balcão enquanto buscava a correia do Tango.

“Onde a Sadie guarda a correia, Tango?”

Tango choramingou, batendo o rabo no chão da cozinha.

“Claro, não estaria à vista”, ela reclamou, e então virou-se para olhar para ele. “Por que é que você gosta tanto da Caroline quando é Savannah quem provavelmente o leva para passear, hein?” Ele era macho, ela decidiu, e homens sempre gostavam da Caroline. Provavelmente porque ela era bem mais afável do que Augusta e não ficava amuada. Augusta aceitou aquilo. Ela percebeu que não era a pessoa mais acessível. Mas Savannah era bem mais agradável do que Caroline. Augusta provocava a irmã mais nova, mas provavelmente era porque Augusta queria poder ter ao menos uma fração da paciência de Savannah.

Tango não respondeu – não que ela esperasse que ele o fizesse –, e ela continuou procurando pela correia, pensando na irmã mais velha. Embora Augusta não conseguisse viver a vida seguindo as ordens de Caroline, era provável que fosse verdade que ambas as irmãs estavam bem menos inclinadas a perdôá-la ultimamente por seguir sua própria marcha. Sob vários aspectos, após todos aqueles anos, elas eram estranhas agora. E quanto ela havia contribuído desde seu retorno? Ela passou tanto tempo irritada com o testamento da mãe que não havia realmente saído do limbo. Bom, era hora de fazer seu trabalho aqui, mesmo se fosse uma estadia temporária. E agora, com a Sadie de fora, todas precisariam ajudar. Tudo dando certo, Savannah tiraria o gesso logo.

Ela havia conversado com um construtor que havia dito que poderia começar cedo na manhã seguinte, dia vinte e um. Ela estava feliz com aquilo. E, no meio tempo, provavelmente era hora de ela conhecer melhor o cachorro da mãe já que tinham mais nove meses de encarceramento juntos.

Contudo, a correia parecia estar evitando-a. Ela vasculhou gavetas em vão, tentando pensar como Sadie. Onde Sadie colocaria a correia?

Apesar do fato que o cachorro parecia ter se tornado a sombra de Caroline, ela sabia que Caroline não estava muito em casa para cuidar das necessidades diárias dele. E Savannah, com o gesso, provavelmente precisava de ajuda para passear com ele.

Havia algum conforto a ser encontrado na labuta diária, principalmente nessas circunstâncias horrendas. Crianças desaparecidas. Vizinhos mortos. Mulheres mutiladas. Com tudo o que estava acontecendo, era alguma surpresa que Augusta não conseguia manter a mente na tarefa dada? E, então, havia a arrecadação de fundos... ela ainda precisava de todo esse lixo fora do caminho antes que pudesse realmente ter a reforma em andamento. Vasculhando as gavetas abarrotadas somente enfatizou aquele fato.

De acordo com os termos do testamento da mãe, ela tinha aproximadamente nove meses de sobra, e então o relógio parava e todas as três tinham que sair com tudo ou nada. Mas como diabos ela ia trabalhar na casa quando pessoas estavam sendo assassinadas por todo lado?

Literalmente.

Não apenas as ruínas ficavam exatamente na propriedade delas, mas o primeiro corpo nos homicídios de Secessionville – uma estudante universitária – havia sido encontrado à mera distância de um jogar de pedra, no quintal de uma das novas casas que ainda estavam à venda na estrada Backcreek. Ela poderia literalmente cuspir pela janela dos fundos e iria aterrisar no embarcadouro

delas.

Augusta pensou na garota que havia estado tocando no palco na noite em que ela encontrou Ian. Julgando pelo modo como a garota havia encarado os dois, ela estava enamorada por ele.

Ela teria mentido para lhe dar um álibi?

Ela não poderia começar a ter críticas posteriores de tudo que fazia agora.

Franzindo, ela deu uma pausa na busca pela correia. Com sede e precisando de uma bebida antes de continuar, ela abriu a geladeira e agarrou uma garrafa d'água, então girou a tampa e deu algumas goladas antes de colocar no balcão. “Desculpa, garoto”, ela disse, e então retomou a busca. Tango seguiu-a pela cozinha, choramingando pertinho dela enquanto ela abria mais gavetas.

Finalmente, ela encontrou a correia em uma gaveta ao lado da despensa e colocou-a no balcão. Somente então ela percebeu a antiga fotografia na ilha da cozinha. Ela não via uma Polaróide há anos – não desde que o pai se foi. Pegando a foto do balcão, ela franziu o cenho. Estava exposta demais. Ela imaginou o sol brilhando nos olhos do fotógrafo, mas reconheceu o objeto da foto e o pequeno bote inflável. Ambos haviam desaparecido no mesmo dia.

Sammy.

Tango choramingou de novo, mas ela o ignorou, estudando a velha fotografia.

Pelo que sabia, a foto poderia ter sido tirada no mesmo dia em que Sam desapareceu; ela não tinha certeza. Mas era o mesmo trecho da praia que eles sempre iam – norte de Folly. Em retrospecto, um lugar idiota para se deixar uma criança livre em um pequeno bote inflável quando as correntes lá eram tão traiçoeiras.

Não longe daquele ponto, o farol da Morris Island lutou uma batalha perdida contra o mar. Quando foi construído, o farol havia ficado no meio de uma ilha, a uns 823 metros para dentro. Agora ficava a 487 metros em alto-mar e avançando vagarosamente para o Atlântico. Na realidade, as correntes lá eram tão intensas que durante os anos 1700 havia existido três ilhas que se esticavam por seis quilômetros e meio entre as ilhas Folly e Sullivan. O farol havia sido construído na ilha do meio e, no fim, devido às correntes e parcialmente por causa dos esforços para aprofundar o canal, as entradas que separavam aquelas ilhas se obstruíram com sedimentos, resultando em uma única faixa que mais tarde tornou-se conhecida como Morris Island. Vidas haviam sido perdidas naquelas águas. Hoje em dia somente pessoas idiotas nadavam naquela faixa do oceano... embora, às vezes, até surfistas mais idiotas enfrentassem as ondas espumantes.

Mas ninguém em sã consciência deixaria uma criança de quatro anos velejar por aí em uma canoa inflável sob a supervisão de três garotinhas distraídas, todas com menos de oito anos. Augusta tinha sete na época, Caroline, oito e meio, e Savannah, cinco. Que idiotice deixá-las todas com aquele fardo.

Augusta ainda estava irritada com Flo por causa daquilo. Ela esperava que a mãe tivesse aproveitado cada uma das margaritas naquele dia na praia – e todas desde então. Quanto a ela, Augusta não conseguia ver um copo de margarita corado com sal ou um guarda-chuva de papel cheio de adereços sem pensar naquele dia terrível.

Ela perguntou-se qual das irmãs havia desenterrado a foto. O que ela estava fazendo no balcão? Virar do outro lado não revelou coisa alguma. Seu pai às vezes escrevia nas costas de suas polaroides, mas nesta não havia nada.

Ambas Savannah e Caroline haviam estado inspecionando o sótão ultimamente, tentando ajudar Augusta a juntar itens para a arrecadação de fundos, mas nenhuma havia mencionado ter descoberto a foto. Nem era algo que alguma delas estivesse disposta a simplesmente deixar jogado por aí. Por mais que todas amassem o irmãozinho, nem ela, Caroline ou Savannah saboreava as memórias que o nome dele evocava – e, há muito tempo, Sammy havia sido banido de discussões e lembranças. Por um tempo, elas nem haviam tido permissão para falar o nome dele ou referir-se à morte. Flo havia estado tão certa que ele havia simplesmente desaparecido e que iria surgir um dia. Ela havia programado o coração para encontrá-lo... e, então, ficado deprimida quando não conseguiu.

Augusta jogou a foto na ilha com um suspiro, imaginando como a mãe de Amanda Hutto estava passando. Ela havia tentado ajudar Karen a encontrar a filha oferecendo uma recompensa, mas agora que tanto tempo havia se passado sem uma única pista, a pobre mulher havia parado de ligar e Augusta tentou não pensar sobre ela. Cody era diferente. Seu desaparecimento era recente e tão perto de casa.

Ela lembrou-se de quando a criança nasceu. Ir visitá-lo no hospital era uma das últimas coisas que ela se lembrava de fazer em Charleston antes de deixar a cidade. Ele era tão fofo, com seu rostinho vermelho e punhos pequeninos. Augusta lembrou-se de sentir uma pontada incrível de inveja, pensando que talvez nunca chegaria perto o suficiente de alguém para justificar ter um filho. E, até agora, ela havia estado certa. Uma série de relacionamentos ruins haviam-na deixado mais feliz sozinha... até Ian. Embora, aparentemente, Ian não fosse a resposta também. Mesmo se todos os problemas fossem deixados de lado, ele

não parecia querer algo com ela.

Tango choramingou de novo e ela agarrou a correia do balcão, afastando sua introspecção. Ela pendurou na coleira, mudando o foco para longe de todo o drama, para longe de Ian, e longe da fotografia no balcão.

Ainda assim, era estranho que ela fosse surgir logo hoje, quando haviam acabado de enterrar a avó de Cody... e Cody ainda estava desaparecido.

Ela olhou para o calendário pendurado na porta, e uma percepção inesperada atingiu-lhe em cheio.

Era dezenove de agosto.

Ela olhou de volta para a fotografia, e uma sensação de mau presságio a tomou por completo. Hoje era o vigésimo nono aniversário da morte de Sammy.

Franzindo, Augusta voltou para apanhar a fotografia de Sam do balcão. Ela enfiou-a na bolsa e agarrou o celular antes de levar Tango para a porta da frente, sentindo-se completamente insegura. Na varanda, Tango choramingou quando ela parou para desenrolar a correia dele em volta do celular em sua mão. “Espera, garoto”, ela apelou.

Ela havia esquecido quão assustadora a Oyster Point poderia ser quando ninguém estava por perto. Mesmo em plena luz do dia, havia algo sobre estar no fim de uma estrada abandonada, com somente uma saída, cercada pelo pântano coaxante, que sempre lhe deu um pouco de pânico. Acrescente a isso suas ressalvas quanto à história da propriedade e não era exatamente um lugar onde havia desejado estar. Flo deve estar rindo do túmulo agora mesmo por tê-la forçado a dormir debaixo deste teto desgraçado de novo.

Não ajudou muito que o desaparecimento de Cody trouxe Sammy à mente, e que hoje, de todos os dias, ela encontraria a foto de Sammy no balcão da cozinha.

O suor formava gotas entre os seios, umedecendo seu sutiã. Agosto em Charleston sempre fora um pouco sauna, e qualquer coisa além de algodão branco neste clima era um erro, mas Tango não poderia esperar tempo suficiente para ela trocar o uniforme de funeral, então ela arrumou o sutiã, enrolou a correia na mão, e aproveitou a oportunidade para olhar ao redor.

A Oyster Point ficava completamente isolada no final da estrada Fort Lamar, mas com a floresta próxima dizimada, parecia vulnerável e aberta para examinar, mesmo com os portões da frente fechados. Ela tinha a sensação de

que alguém a estava observando... provavelmente apenas paranoia. Um raio nunca caía duas vezes no mesmo lugar, certo? Simplesmente porque sua irmã havia se encontrado no centro da atenção de um assassino não significava que Augusta estava em perigo. Na realidade, Augusta pensou que talvez estivessem mais seguras do que nunca, porque agora estavam vivendo sob uma lente de aumento. Ainda assim, ela não era estúpida o suficiente para vaguear sozinha sem o celular e não planejava levar Tango longe de casa.

Suas irmãs estavam na casa dos Simmons a essa altura, e Sadie e Josh provavelmente também estavam lá. Augusta imaginou se encontrariam uma forma de superar a discussão, ou iriam andar por lá evitando-se para sempre. Conhecendo Savannah, ela não deixaria Sadie ficar muito tempo sem outra tentativa de desculpa.

Seu olhar foi levado para a tinta azul descascando no teto da varanda. A casa inteira precisava ser repintada em algum momento, e as reformas pairando no ar estavam começando a pesar forte sobre ela. Se não comesse logo, nunca a terminaria a tempo e de acordo com o testamento da mãe. Suas irmãs nunca a perdoariam se ela passasse um conto do vigário nos trinta e sete milhões de dólares.

Que inferno, elas provavelmente não a perdoariam de qualquer forma.

Do canto do olho, a velha tábua sacudindo chamou-lhe a atenção. O banco de quatro metros ficava exatamente onde sempre ficou, embora, diferente da casa em si, ele ostentasse uma camada novinha de tinta verde que ainda não havia sido despida no meio por muitos traseiros. Augusta duvidava que alguém tivesse sentada no banco desde que eram crianças. Obviamente, era apenas para exposição agora, um regresso, não apenas para a adolescência delas, mas para uma era anterior. Quando crianças, ela e as irmãs usavam a tábua para irritar uma a outra. No que se tratava de bancos, não era um lugar ideal para se sentar, embora ficasse de um lado da varanda, cercado por plantas que ofereciam uma pitada de privacidade. Mas Caroline em particular havia usado com frequência, e Augusta tinha certeza de que foi onde Caroline ganhou seu primeiro beijo do Jack. Ela sorriu com a memória dela e Savannah se escondendo nas azaleias, espiando os dois. Pobre Savannah, sempre era arrastada para os esquemas.

Do outro lado do banco, sua mãe havia juntado uma coleção de cadeiras de balanço, todas feitas à mão por um artesão local. Cumprindo a palavra do homem, as cadeiras haviam ultrapassado a existência de Flo, e provavelmente iria ultrapassar a delas, embora o pensamento de envelhecer nesta varanda em particular, encarando o capim-da-praia arqueado, não ajudasse muito em sua

paz de espírito.

Tango puxou-a escada abaixo, passando o estacionamento de cascalho e indo até a grama. Ela ainda estava agarrando o celular na mão quando ele tocou, assustando-a. E, então, seu coração deu um salto de novo ao ver o número no identificador de chamadas. *Ian*.

Ela derrubou o telefone no limite do estacionamento – felizmente na grama. “Merda!” ela disse e ajoelhou-se para pegar, Tateando. “O-oi”, ela gaguejou, e revirou os olhos com o tom de desespero em sua voz.

“Oi”, ele disse, e, então, sem preâmbulo, “Eu lhe devo um pedido de desculpas, Augusta”.

Augusta não sabia o que dizer. Ela só estava feliz em ouvir a voz dele.

“Olha, sou grato por você ter pagado minha fiança. Foi ingrato de minha parte não dizer isso para começar. Você pode me perdoar?”

Ele souu sincero, com nada da raiva que havia parecido dirigir-lhe ontem. O coração de Augusta contorceu-se um pouco. “Claro... eu lhe disse, Ian... acredito em você.”

Ela ouviu-o soltar um suspiro. “Ouça”, ele falou, chegando ao ponto. “Eu não teria ligado... só que preciso da sua ajuda.”

“Claro”, ela repetiu e ficou lá, segurando a correia de Tango, tentando examinar as emoções que a assaltavam – mais notavelmente decepção. As palavras de sua irmã ecoaram na mente: *Você não está pensando claramente no que se trata dele*.

“Minha casa tem estado recheada de repórteres”, ele continuou. “Você acha que consegue me encontrar no The Shack?”

Seu coração recuou. “Em Folly?”

“Sim.”

“Quando?”

“Agora.”

Augusta respirou fundo, suas emoções crescendo rapidamente, sentindo-se tonta de um modo que não sentia há tempos. Talvez ele só estivesse usando-a, talvez não. Ela ouviu sinceridade na voz dele. Ela queria acreditar que se as circunstâncias fossem diferentes, o relacionamento deles também seria. “Claro”, respondeu. “Deixe-me terminar de passear com o cachorro e já vou.”

Houve um momento de silêncio e, então, ele ofereceu, “Quer que eu vá buscá-la? Sei que você odeia dirigir aquele barco de carro”.

“Não”, ela falou de uma vez, e sorriu porque ele havia se lembrado. “Estou me acostumando.” Incerta do que mais dizer, e sentindo-se estranha, ela

ofereceu, “Vejo você em vinte minutos?”

“Até lá”, ele disse.

Augusta desligou e forçou um riso, percebendo tardiamente que estivera tão empolgada, que havia desligado sem nem dizer tchau.

E daí se ele havia ligado só porque precisava de ajuda? Era um começo, ela considerou. Simplesmente ouvir a voz dele a fez se sentir melhor de alguma forma. Ela esperou o Tango terminar seus afazeres, então levou-o de volta para a casa, encurtando seu passeio.

O cachorro da mãe encarou-a, olhos escuros cheios de censura. Se Augusta não fosse esperta, poderia achar que Flo havia lhe ensinado aquele olhar.

“Quê?” ela perguntou na defensiva. “Os dias de longas caminhadas acabaram”, ela argumentou como se ele possivelmente compreendesse o que ela estava dizendo. “Pelo menos por um tempo”, ela considerou.

Tango encarou-a.

“Ei, fique feliz que eu não faço você fazer xixi no jornal!”

Ele sacudiu o rabo preto de um lado para o outro e olhou para a floresta; Augusta deu-lhe um gentil puxão, voltando com ele para a varanda, sentindo-se culpada. Pobre cachorro, não poderia compreender tudo o que estava acontecendo. Mesmo se Ian não tivesse ligado, ela não teria ido perambular pela floresta – não com o anoitecer chegando. Ela acariciou o Tango na cabeça quando ele obedeceu, e então garantiu que ele estivesse acomodado e alimentado, antes de checar a maquiagem no espelho do hall. Ao ver o reflexo, ela balançou a cabeça pensando que Sadie devia estar certa sobre o espelho ser assombrado, porque, neste instante, ela parecia um pouco uma morta-viva. Com sorte, Ian não iria perceber. Ela acariciou o Tango uma última vez e apressou-se para a porta.



DE SUA POSIÇÃO VANTAJOSA, Ian observou Augusta parar o carro em frente ao The Shack e dar um jeito de estacionar em uma vaga grande o suficiente para aquela barca que ela dirigia – da mãe dela, ela havia dito. O Town Car *vintage* era difícil de não notar, com sua tintura amarelo-limão impecável – tão difícil de não notar quanto o carro secreto em frente à loja de camisetas. Era o mesmo carro que havia estado posicionado do lado de fora de sua casa mais cedo – quase tão discreto quanto fogos de artifício com sua curta antena de rádio no capô do carro, os faróis fronteiros e faroletes manuais.

Ignorando o carro, ele colocou a cerveja na mesa e observou Augusta se

aproximar, faminto de repente, mas não por comida.

Hoje ela estava vestindo preto – saia preta, sapatos pretos e camisa preta abotoada. Parecia que havia vindo de um funeral – provavelmente o tinha. Ele havia ouvido no noticiário que a senhora cujo neto havia desaparecido tinha falecido. Ele sentiu-se mal pela família, e imaginou que Augusta deveria ter conhecido eles. Pelo que sabia, as famílias frequentavam os mesmos círculos – pelo menos a mãe dela o havia feito. Ele ainda não sabia tanto sobre as garotas Aldridge, e tudo o que sabia sobre Augusta era que sua boca tinha sabor de lima – isso, e que a garota tinha sérias tendências altruísticas. Ele nunca havia conhecido alguém tão pronta para sangrar pelo mundo à solta. Exceto por ele. O simples fato que ele estivera disposto a deixar a vida de lado – sexo, filhos, amor – sem qualquer convicção religiosa verdadeira, somente com o propósito de ajudar os outros, parecia extremo... mas somente agora que ele havia conhecido Augusta.

Ele observou-a entrar pela porta da frente e parar no balcão da anfitriã. Ela deve ter perguntado onde ele estava sentado, porque a anfitriã apontou com a cabeça para o pátio e assim Augusta o fez. Ela acenou, disse algo para a garçonne e andou na direção dele.

Como um aluno do ensino médio, suas mãos começaram a suar e o monstro em sua calça movimentou-se. Que inferno. Era quase como se ela tivesse um relacionamento exclusivo com o pênis dele, e o pequeno Benedict Arnold não desse a mínima para o que Ian tinha a dizer sobre nada daquilo.

Seu batimento cardíaco saltou quando ela deslizou no assento em sua frente e lhe deu um sorriso experimental – um que era tão doce que ele teve de se segurar para não esticar o braço e tirar um fio de cabelo dos lábios dela.

“Oi”, ela cumprimentou, parecendo um pouco incerta.

Ian queria beijá-la antes de dizer outra palavra, mas se segurou. “Que bom que você veio”, ele ofereceu no lugar.

“Então, qual é o mistério?”

Ian sugou uma respiração fortalecedora e decidiu ir direto ao ponto. Nenhum deles gostava muito de falar com rodeios. Eles tinham muito em comum; ele sentia aquilo sem precisar ser avisado. “Eu menti”, ele admitiu. “Mas tenho certeza de que você já sabia.”

Augusta preparou-se para as próximas palavras saírem da boca dele.

Ela não tinha muita certeza de que queria saber sobre o que ele havia mentido – principalmente desde que ele havia jogado no ar antes que ela pudesse acomodar-se na cadeira. Ela colocou a bolsa na cadeira ao lado e exigiu, “Ok, então desembucha”.

Ele esticou-se na cadeira, cruzando os braços. “Ainda estou procurando a Jennifer.”

Uma sensação de alívio percorreu-a, e ela inspirou o ar que não havia percebido que estivera segurando. “Isso não é novidade para mim, Ian. Eu tinha certeza absoluta de que você não desistiria.”

Ele inclinou a cabeça, o gesto um pouco pueril e incerto, completamente em desacordo com as linhas duras no rosto e o crescimento de costeletas daquele dia. “Não achei que você fosse cair. Só não queria envolvê-la. Você entende, certo?”

Augusta levantou a sobrancelha. “Mas agora quer?”

Seus olhos azuis pálidos penetraram-na. “Não.”

“Então, o que mudou?”

“Como eu disse, preciso da sua ajuda.”

Augusta tentou desviar o olhar, mas o olhar dele segurou-a com firmeza. Ela não conseguia nem começar a entender o que tinha nesse homem que a prendia com tanto fascínio. “O que é que você precisa de mim exatamente?” ela perguntou, conformada em ajudá-lo como pudesse. A verdade inconveniente era que ela estava começando a acreditar que daria a Ian qualquer coisa que ele pedisse.

Qualquer coisa.

Inclusive seu coração.

Mas ele não estava pedindo aquilo, aparentemente. “Só preciso saber se Jennifer Williams alguma vez se candidatou a uma vaga no jornal.”

Augusta franziu o cenho, surpresa pelo pedido. “No *Tribune*?”

“Você gostaria de uma cerveja?” o garçom interrompeu. Seu tom não era particularmente amigável; Augusta olhou para o rapaz – um cara do tipo surfista em seus vinte e poucos anos. O olhar dela concentrou-se na garrafa em frente a Ian. Ela levantou a sobrancelha. “Não, obrigada”, respondeu e deu uma risadinha. A última vez que havia bebido álcool com Ian, eles nem mesmo acabaram na cama, mas na praia, e o cheiro de areia molhada e ar salgado estava perto demais. “Chá”, ela disse ao garçom, limpando a garganta.

“Adoçado ou não?”

Augusta sorriu, predominantemente para o bem do garçom, porque sentia-se tão ansiosa no momento que realmente pensou que poderia vomitar. “Quer dizer que eu tenho escolha?” ela gracejou. Os restaurantes no sul costumavam lhe dar chá adoçado, nada mais. O garçom concordou, parecendo não entender a pergunta, ou talvez não estivesse de bom humor para piadas. Ele olhou discretamente para Ian. “Sem adoçar”, ela cedeu. “Obrigada.”

O garçom saiu, indo anotar o pedido em outra mesa do outro lado do pátio. O casal lá juntou as cabeças quando ele saiu, e olhou na direção deles. Augusta virou-se para Ian, ignorando-os. Eles provavelmente reconheceram Ian – ou ela – mas ela se recusou a deixá-los incomodá-la, ou lhes dar a satisfação de sua irritação. “Estou confusa. Por que Jennifer Williams teria se candidatado para uma vaga no jornal?”

Ian tomou um longe gole da cerveja e colocou a garrafa em sua frente, olhando Augusta pela borda enquanto balançava a garrafa na beira. “Ela queria ser repórter um dia.”

“Ela chegou a *estudar* jornalismo?”

Ele balançou a cabeça. “Ela era uma fugitiva”, ele recordou-a. “Duvido disso.”

“Então, não teria ido muito longe com uma candidatura no *Tribune*. A mãe era uma defensora da educação. Ela mal permitiu que Caroline estagiasse lá.”

“Ela poderia ter conseguido um trabalho como estagiária talvez?”

Augusta deu de ombros. “Talvez, mas acho que a Flo provavelmente teria contratado estudantes. Ainda assim, acho que é possível.”

Ian concordou. “Eu teria perguntado a sua irmã, mas obviamente, ela não gosta muito de mim.” Ele forçou um sorriso, e Augusta riu nervosa, balançando a cabeça.

“Honestamente, não consigo acreditar que estamos tendo esta conversa”, ela admitiu. “Considerando as circunstâncias...”

Ele colocou a mão no pescoço da garrafa, envolvendo os longos dedos nela. “Ou você acredita que sou inocente, ou não acredita, Augusta”, ele disse naquela fala lenta e sensual dele. “Se acredita mesmo em mim – como diz – preciso da sua ajuda.”

Augusta suspirou.

Do lado de fora da varanda, dois pardais perseguiam um ao outro do telhado para um poleiro na tela da varanda. A branda luz do sol no final da tarde infiltrou-se no pátio, transformando o aposento em uma sombra brilhante de laranja-avermelhado. Não havia nada nefário sobre este momento. Sua intuição não estava gritando, e ela não sentiu como se estivesse fazendo algo errado. Estar com Ian – acreditar nele – *parecia* a coisa certa a fazer.

Ainda assim, ela era a última pessoa na terra que poderia ajudá-lo com esse problema em particular agora. “Minha irmã não está exatamente falando comigo”, ela confessou.

Ele levantou a garrafa. “Por minha causa?”

Augusta deu-lhe um aceno contido. Não adiantava mentir ou contornar o assunto. Ela deslizou a mão pela mesa para brincar com o saleiro. “Em parte... e também porque fui idiota o suficiente para não contar a ela sobre você antes de ela ouvir em outro lugar.”

Ele olhou para ela enfaticamente, levantando a sobrancelha. “O que sobre mim exatamente... que você pagou minha fiança... ou que acabou sendo meu álibi para a noite do assassinato da Kelly Banks?” Ian colocou a garrafa na mesa e esticou o braço, aproximando seus dedos dos dela. A sensação da mão quente dele mandou o pulso de Augusta para o espaço. “Ou talvez você esteja falando sobre o fato que fizemos um pouco mais do que trocar saliva... você e eu?”

“Ela só sabe sobre a parte da fiança”, Augusta respondeu, encarando a mão dele, incapaz de olhá-lo nos olhos. “Por que você não contou à polícia sobre a noite que passamos juntos?”

“Meu advogado sabe, mas a polícia não perguntou”, ele disse. “O caso até agora enfocou o sequestro e a tentativa de assassinato da sua irmã.”

“Que você não fez...”

Não era uma pergunta, mas Augusta olhou para medir a expressão dele mesmo assim.

Ele concordou tardiamente. “Que eu não fiz. Mas como já tenho um álibi – um no qual não parecem querer acreditar – para ambas as noites das mortes de Amy Jones e Kelly Banks, o caso da sua irmã foi o mais forte e esse tem sido o foco deles. Até agora não havia um corpo para Pamela Baker, e nós dois sabemos exatamente onde eu estava quando ela respirou pela última vez.”

Sentado na prisão.

Nas noites dos assassinatos de Amy e Kelly, Ian havia alegado estar no Windjammer, assistindo à amiga se apresentar. Em pelo menos uma daquelas noites, Augusta sabia sem sombra de dúvida que ele estava falando a verdade.

Ele a estava observando atentamente.

“Você vai contar a eles que eu estava com você naquela noite?” ela perguntou.

“Mais ao ponto... *você* vai contar a eles que estive *comigo*?”

Augusta hesitou, mas somente por um instante, e então concordou com certeza.

Parecia ser o que ele precisava ouvir. Ele a recompensou com um sorriso. “Provavelmente não foi a coisa mais inteligente não dizer a sua irmã sobre a fiança”, ele consentiu. “Mas aprecio sua ajuda, Augusta. Percebo que não poderia ter sido fácil para você.”

Augusta engoliu o bloco enorme que crescia na garganta. Ela evitou o olhar, pensando em como Caroline poderia interpretar mesmo este simples convite de jantar. Ela se perguntou se deveria contar à irmã, e sabia a resposta, embora a relação delas fosse sofrer mais por causa disso.

A mão dele apertou a dela. “Não estava tentando machucar sua irmã naquela noite, Augusta. Você tem que acreditar em mim.”

Augusta precisou de toda a força de vontade para soltar a respiração que estivera segurando e falar. “Acredite em você. Eu disse que acredito, e acredito.”

Ele soltou a mão dela e deslizou de volta pela mesa para o colo. “Estou confuso”, ele admitiu. “Sinto dentro de mim que a Jennifer é parte dessa coisa toda de alguma forma, mas não consigo descobrir como ela se encaixa.” Ele esfregou o queixo distraidamente, um gesto que ela estava começando a reconhecer como frustração.

Por mais que odiasse dizer isso, Augusta tinha de perguntar. “Ian... Jennifer está desaparecida há meses... bem antes de Pamela Baker. Você considerou o fato que talvez ela esteja...”

“Morta?” Ele concordou e encontrou seu olhar. “Claro.”

“Eu diria que encontrar o Cody seria uma prioridade maior.”

“Não conheço o Cody”, ele reagiu.

“Mas eu sim.”

Ele olhou para ela, resolutivo. “Isso é um trabalho para a polícia, Augusta.”

“Eu poderia dizer o mesmo para você sobre Jennifer.”

Ele concordou. “Justo.”

“Olha, a polícia está fazendo o melhor que pode, mas nunca encontraram Amanda Hutto – ou Jennifer também – ou meu irmão por sinal. Você sabe a quanto tempo foi isso? Em essência, meu irmão *ainda* está desaparecido.” Ela olhou para a bolsa onde a fotografia estava escondida. “Colocamos *toda* a nossa confiança nas autoridades em todos aqueles anos e adivinha só? Até hoje, não temos a menor ideia do que aconteceu com o meu irmãozinho. Você sabe quanto isso debilita alguém? Eu *sei* qual é a sensação.”

“Milhares de pessoas são reportadas desaparecidas todos os dias, Augusta – adultos e crianças. Somente uma fração delas foi realmente rapto ou sequestro. A maioria é simplesmente azarado.”

“Como Jennifer?” ela pressionou.

Ele apertou os olhos, mas Augusta não conseguiu ler bem a expressão dele. “Você acha que consegue fazer um trabalho melhor que a polícia?”

Augusta deu de ombros. “Talvez – talvez não, mas como podemos não tentar,

Ian? Se emitiram um Alerta de Desaparecimento, não deveríamos retirar nossas viseiras e começar a olhar os rostos que passamos na rua?”

Ela conseguia ver os dentes dele cerrando. “Sim, mas notar um rosto ao passar na calçada *não* é a mesma coisa que ir atrás de um assassino.”

“Sério, você acha que eu não sei disso? Jesus, olha o que quase aconteceu com a minha irmã! Por tudo o que sabemos meu irmão se afogou – e talvez Amanda Hutto tenha feito o mesmo. Mas Cody Simmons é uma história completamente diferente. Ele desapareceu de uma cena de crime. Eu *sei* que você sabe algo mais do que está deixando transparecer.”

“Eu sei basicamente o que você sabe”, ele mentiu. Augusta conseguiu ver pela posição da mandíbula dele.

“Tanto faz. A essa altura, Cody tem uma chance melhor do que Jennifer. Se você sabe de algo, ele é a pessoa que você deveria estar procurando.”

“Fique fora disso”, ele disse tranquilamente, e eles cruzaram o olhar, nenhum dos dois querendo ceder um centímetro.

Depois do que pareceu uma eternidade, o garçom retornou para anotar o pedido deles, mas Augusta não havia se incomodado em olhar o menu. Ian pegou o folheto de plástico e entregou a ela, depois mudando de assunto, disse, “Está com fome?”

“Um pouco.”

“Você sabe o que quer?”

Augusta balançou a cabeça.

“Posso voltar depois”, o garçom ofereceu, seus olhos fixos em Augusta. Claramente, ele não estava confortável em reconhecer Ian, ou se demorar na mesa deles.

“Por que você não traz um balde de ostras e nos deixa pensar no resto?” Ian sugeriu. “E traga para a senhorita uma cerveja”, ele exigiu. Seus lábios curvados em um sorriso apertado e ele disse, olhando direto para Augusta, “Com lima”.

Augusta lambeu os lábios, recordando do gosto da boca dele naquela noite. Ele estava encarando os lábios dela atentamente agora. Com tanta atenção que ela não conseguia pensar direito – e aquela era provavelmente a intenção dele.

“Cody é só uma criança”, ela persistiu quando o garçom saiu de novo. “Talvez não vamos encontrá-lo, mas não vejo por que não deveríamos ao menos tentar. Acho que você sabe de algo”, ela tentou de novo. “Na realidade, sei que você sabe. É parte da razão pela qual paguei sua fiança.”

“Entendo”, ele falou, sua voz mudando levemente. “Não porque você acredita em minha inocência, no fim das contas... ou talvez mesmo por causa de

algo mais?”

“O que mais?”

Seus lábios afinaram.

“Eu acredito em você”, ela protestou. Eles estavam evitando um assunto perigoso aqui. Ela sabia que ele estava ciente do que ela sentia por ele. A questão era... ele também sentia isso?

Neste momento, Cody era muito mais importante, ela recordou-se.

E se ele tivesse sido filho dela? Ela não poderia simplesmente sair andando, sabendo que ele estava lá fora em algum lugar, sozinho. Ela não ia querer deixá-lo de lado – como pareciam já ter feito com Amanda Hutto. Pobre Amanda, havia desaparecido de seu próprio quintal. Ninguém viu nada e nem mesmo a recompensa que haviam oferecido pescou alguma pista. Seis anos de idade e a criança havia simplesmente sumido no ar. Da mesma forma que Sammy havia desaparecido. Se a comunidade tivesse se unido, em vez de seguir com suas vidas como se nada tivesse acontecido, talvez Sammy teria tido a chance de crescer e se tornar um homem.

Ou talvez pelo menos elas teriam tido um corpo para enterrar.

Tantas coisas poderiam ter sido diferentes.

A mãe delas poderia ter sido diferente.

Augusta poderia ter sido diferente.

Mas ela estava começando a perceber que sua força era verdadeiramente uma fraqueza. Ele ainda estava encarando-a, e parecia estudá-la, mas seus olhos estavam tão cheios de segredos.

Ele sabia os dela também?

“Quer saber de uma coisa?”, ele sugeriu, abrandando. “Podemos ajudar um ao outro... se você prometer que não vai a lugar algum e não fará coisa alguma sem mim, Augusta.”

O garçom deixou a cerveja, e ela a pegou, evitando o olhar de Ian. Ela pegou a lima, apertou e jogou pelo pescoço da garrafa, tentando não pensar na forma que os dedos dele haviam se enfiado dentro de seu corpo naquela noite. Ela teve arrepios com a memória.

Ele estendeu a mão e segurou a garrafa dela, envolvendo seus dedos nos dela, e puxou firme para chamar sua atenção. “Você está me ouvindo, Augusta?”

Augusta encontrou seu olhar, e quase lhe deu uma resposta típica da Augusta – uma sem compromisso e cheia de sarcasmo, mas ele encaixou os dedos entre os dela até que os dois estivessem segurando a garrafa, dedos enlaçados – e Deus Pai, o corpo dela se contorceu em lugares secretos. Eles se entreolharam,

demorada e firmemente.

“OK”, ela cedeu, frustrada. “Não farei nada que você não queira que eu faça – mas você tem que me dizer tudo o que sabe!”

Ela tentou soltar a mão, mas ele segurou a garrafa firmemente, e seu sorriso tornou-se travesso de repente. “E as coisas que eu *quero* que você faça? Você quer que eu lhe diga essas também?”

Augusta tentou um de seus olhares mais naturais, embora tivesse certeza que estava falhando completamente. “Isso depende...”

“Do quê?”

Ela sorriu de volta para ele. “Se eu quero isso também...”

A calmada pelos últimos minutos da luz do sol, uma borboleta papilionídea pousou no para-brisa, desviando sua atenção. Suas asas amarelas e pretas agitavam-se com elegância, ficando mais lento ao se acomodar. Atrás dela, o ar inclinava-se enquanto o calor do capô preto esfriava e se dissipava no anoitecer. Uma fêmea. Pelo menos nessa espécie, machos eram bem mais insípidos. E ela era jovem, ele conseguia dizer pelas asas imaculadas e as projeções longas debaixo delas. Provavelmente havia sido atraída aos arbustos de borboletas que foram plantados pela calçada. Essa em particular tinha marcas azul e laranja brilhantes com uma listra de tigre negro que se misturava em uma cauda azul rígida. Ficou perfeitamente imóvel, aproveitando um momento de serenidade. Ele observou-a por um longo instante, hipnotizado pela graça do inseto... e, então, casualmente estendeu o braço e ligou o limpador de para-brisa, removendo com um peteleco a borboleta para o capô do carro preto, para o fundo, onde suas asas começaram a fritar no calor, deixando um rastro de pó amarelo onde ela lutou para se endireitar. Ele observou por um instante enquanto ela se debatia, e depois entediado com a exibição de fraqueza, retornou seu olhar para o casal sentado na varanda do Crab Shack.

Sobre o que estavam falando?

Ela estava tentando descobrir como enfiar o pinto dele no meio das pernas dela?

Ou ela estava falando sobre a criança agora?

Não era difícil descobrir o que motivava Augusta Aldridge... principalmente após ter colocado aquela recompensa no jornal da irmã por informações que

levassem ao retorno de Amanda Hutto. Ela não era uma repórter intrometida como a irmã, apenas uma boa samaritana, que pensava que poderia mudar o mundo.

Todos esses anos ele havia lutado em vão para encontrar a paz.

Ele havia tido sua primeira palpitação verdadeira quando o ar deixou os pulmões do mais jovem Aldridge... talvez ele fosse ter a última com a morte de sua irmã vagabunda? Talvez então fosse encontrar paz das vozes em sua cabeça?

Em algum lugar na parte dele que não estava morta, ele sabia que deveria parar. Mas como um fumante ansiava por nicotina... ou um alcoólico precisava de bebida, ele não era impotente para resistir ao canto da sereia. A única diferença era que seu hábito precisava de planejamento adequado... e força de vontade.

Ele tinha de ser mais esperto do que os drogados em geral.

Ele tinha de arranjar pequenas doses onde pudesse.

Seu olhar retornou à borboleta quando se lembrou daquele primeiro dia na praia...

Ele havia ficado observando-as. A mãe bêbada de sol e margaritas, deixando as garotas para tomar conta do irmãozinho... mas ninguém estava realmente olhando o garoto. Da mesma forma que ninguém nunca o percebeu.

A menos que ele as fizesse perceber.

Ele havia reconhecido aquele olhar no rosto da criança quando gritou para as irmãs, acenando sua bandeirinha em uma vareta.

"Yo ho, yo ho – olha pra mim, Cici! Sou um pirata – igual o Barba Negra!"

Ninguém percebeu os gritos por atenção, e ele logo ficou emburrado e silencioso enquanto se resignava para uma viagem solitária. E, então, ele foi levado pela corrente... longe o suficiente que não estava mais na visão da família.

Ainda assim, ninguém percebeu.

Naquele dia... ele realmente não havia tido a intenção de que algo acontecesse.

A criança estava sentada lá em sua pequena canoa. Sozinho. Chateado com as irmãs, e provavelmente com a mãe também, ele pegou a bandeirinha que estava segurando e começou a golpear a canoa de plástico, seu rostinho retorcendo em frustração. Mais longe e mais longe ele flutuava... até que estava bem além das sombras e sendo levado para água mais funda.

A canoa estourou com um woosh do ar, penetrado pela ponta da vareta de madeira da bandeira, e o olhar em seu rosto foi um de surpresa... ainda assim, ele não havia percebido o perigo em que havia se metido, jovem demais para entender que seu barco logo teria sumido de debaixo dele.

Compelido, ele havia se arrastado pela água até a criança enquanto o barco esvaziava devagar. Mas o garoto não havia ficado com medo mesmo então. Ele havia parecido mais preocupado com o fato que seus pés estavam enrolados no plástico e a água estava começando a vaziar.

Arrastando-se com o peito para cima, ele parou lá para observar, curioso com o que a criança poderia fazer em seguida. Suas pequenas sobranceiras franziram quando ele olhou para cima, espiando-o pela primeira vez. Pelo instante mais longo, eles simplesmente encararam-se, até que a canoa esvaziou debaixo do garoto e seu corpinho deslizou para a água, jogando-o com um alento. Somente então ele decidiu chorar – quando a água poderia entrar pela boca enquanto ele afundava debaixo da superfície.

Ele não sabia nadar.

Suas mãozinhas debulhavam-se desesperadamente. A boca aberta para gritar, engolindo tanta água que encheria os pulmões. A água se agitava aos seus pés, mas ele não chutava rápido o suficiente ou com força suficiente para boiar.

Ninguém o havia ensinado a nadar.

Que tipo de mãe coloca uma criança em um barco de borracha e o deixa flutuar sem ensiná-lo a nadar? O tipo egoísta. O tipo que não dava a mínima sobre ninguém além de si mesma. O tipo que coloca as necessidades dos outros na frente dos filhos.

O garoto estava em uma situação melhor morto.

Ainda assim, ele não se moveu, indeciso... simplesmente observando.

Finalmente, compelido por algo mais profundo, ele avançou, uma sensação de empolgação se construindo dentro dele. Ele apanhou o garoto com os braços. Por um mero segundo. Não mais que isso. Sem tempo para o garoto gritar, ou mesmo pegar a respiração. E então ele o empurrou debaixo da superfície e segurou-o lá, sabendo que poderia salvá-lo se quisesse. Se quisesse. Sabendo que tudo o que tinha de fazer era levantar a cabeça da criança acima d'água. Em vez disso, ele ficou lá, segurando-o debaixo da superfície, e naquele momento ele sentiu-se no controle pela primeira vez na vida – uma sensação estonteante de controle que floresceu em seu peito.

O garoto estava triste, ele assegurou-se. Matá-lo era uma misericórdia. Matá-lo era uma bondade. Deixá-lo viver, por outro lado... simplesmente iria criar outro monstro... como ele. Porque foi assim que ele nasceu... das chamas da raiva e do ressentimento... e naquele instante, enquanto observava o garoto sugar o resto de água para os pulmões e seus olhos se destacarem, os vasos sanguíneos romperem... naquele incrível instante, ele foi transformado.

Augusta Aldridge tinha aquele mesmo olhar triste nela.

Ela lutava contra isso em cada cruzada que travava com o mundo. Ela seria muito mais feliz se pudesse juntar-se ao irmão, ele pensou em vão. Ele a observou com o ex-padre por mais alguns minutos... então, ligou o carro.

Não era a hora certa.

Ainda não.

Mas logo...

Porque ele já sabia que Cody não era quem silenciaria as vozes em sua mente. Seu olhar retornou para o capô do carro.

Cody era como a borboleta.

Uma dose para ajudá-lo durante tempos difíceis.



IAN ESTAVA mentindo para si mesmo, ele percebeu. Claro que ele precisava da ajuda de Augusta, mas ele queria vê-la, pura e simples.

Eles abriram o caminho pela montanha de camarão cozido e ostras, e beberam meia dúzia de cervejas entre eles. Augusta inspecionou o apanhado de conchas, procurando por uma que não tivesse sido saqueada enquanto ele observava, satisfeito pela primeira vez em anos.

Por enquanto, diante do sorriso fácil dela e modos convictos, ele quase conseguia se esquecer de que a presença deles aqui havia atraído olhares curiosos e de reprovação de quase todos os clientes. Graças a irmã dela e ao resto da mídia, a única pessoa em Charleston que não o reconhecia eram aqueles que viviam debaixo de pedras. Felizmente, ninguém fez estardalhaço, mas Ian meio que esperava que a gerência o expulsasse por incomodar a clientela.

Augusta era facilmente a mulher mais teimosa que ele havia conhecido. Ela também era a mais adorável, embora sua beleza não fosse apenas superficial. Se ele quisesse mantê-la a salvo, agora sabia que teria de mantê-la por perto. Mas não tinha certeza do quanto contar-lhe. Ela era igualmente tão inteligente quanto teimosa.

Seu olhar foi atraído à cruz prata pendurada em uma fita de couro gasto ao redor do pescoço. Ele tinha a distinta impressão de que não era uma afirmação religiosa. A cruz era intrincadamente entalhada, com representações dos quatro elementos em cada haste e rosinhas cosidas pelo círculo. Ele queria perguntar-lhe sobre isso, mas não tinha certeza se estava pronto para abrir aquela situação complexa, cheia de problemas. Com sorte, com exceção daquela primeira noite, ela não havia nem mencionado sua ex-afiliação com a Igreja. Na realidade, ela

parecia preferir ignorar.

Ele também, francamente.

Quando se tratava disso, ele sempre fora mais atraído aos trabalhos da Igreja do que à ideia de Deus. Sua decisão de servir à Igreja não era mais misteriosa do que o filho de um encanador seguindo os negócios do pai. Ainda assim, haviam-no preparado completamente para fazer qualquer coisa que fosse preciso para fazer a diferença, e o celibato nunca havia sido um grande problema. Relacionamentos eram complicados demais para justificar a troca de fluidos do corpo...

Até Augusta.

Mesmo agora, quando ele *sabia* que deveria ir, não conseguia parecer reunir a vontade de realmente fazê-lo. Em algum lugar no fundo da mente, ele percebeu que nada bom poderia sair disso, mas ficou sentado lá mesmo assim, aproveitando a companhia dela... amando o jeito que a blusa dela se adería invejosamente àqueles seios incríveis...

Sua intenção havia sido apenas pedir a ajuda dela – pessoalmente – uma vez que ele também lhe devia um pedido de desculpas e agradecimento por pagar a fiança, mas agora que estava com ela, sentia uma sensação de paz que nem mesmo a Igreja havia conseguido incutir nele.

Mas era uma ilusão, ele percebeu, porque não haveria paz para ele até que encontrasse Jennifer Williams... até o homem responsável por todas essas mortes estar finalmente atrás das grades... até que o homem que havia machucado Jennifer fosse responsabilizado por suas ações.

Apesar do que os jornais alegavam, ele não havia sido excomungado da Igreja. Ele havia saído por vontade própria. Mas admitir aquilo agora iria expor a mentira que todos – inclusive a mãe de Jennifer – estavam tentando esconder. Uma mentira que havia levado Jennifer a qualquer fim que tivesse encontrado. Encontrá-la não era simplesmente colocar a culpa dele em descanso. Jennifer era a única que poderia consertar as coisas.

“Acho que você já comeu todos”, Ian disse, referindo-se às ostras que ela inspeciona com tanta diligência.

“Quis garantir que sobrasse para você o suficiente.”

“Suficiente para quê?”

Ela estava flertando com ele claramente. Ele reconheceu aquele olhar, mas levá-la para a cama não era a jogada mais esperta para nenhum deles – e sua reticência não tinha nada a ver com os votos que ele já havia abandonado.

“Só o suficiente”, ela falou, com um sorriso malicioso.

Ele inclinou-se para a frente, apoiando-se nos cotovelos. As luzes haviam diminuído a cerca de uma hora atrás, e ele queria vê-la com mais clareza. “Na verdade, isso é um mito, eu acho.”

Ela balançou a cabeça, seus olhos brilhando levemente. “Não. Elas são cheias de zinco, que na verdade aumenta a libido”, ela informou com uma piscadela. “Caso você não saiba.”

Ian sorriu maliciosamente para ela. Não havia nada errado com sua libido – não perto dela. Se ela soubesse a dança que seu pequeno monstro estava aproveitando debaixo da mesa, ela poderia se assustar. Ele certamente o estava. Ele forçou-se para retroceder, inclinando-se de volta na cadeira. “É? Bom, acho que eu sempre pensei que fosse por causa da forma delas. Imaginei que um velho nojento tivesse surgido com essa ideia.”

Ela deu risada. “Poderia ser, mas também acontece que a falta de zinco pode deixar um homem impotente, enquanto uma abundância...” Ela piscou de novo, uma versão exagerada de sua última piscadela. “Bom, nós dois sabemos que efeito pode ter.”

Ele amava que ela falava francamente. E, ainda assim, ela nunca cruzava a linha. Ela levava-o para a beirada, provocando-o... mas nunca cruzava.

“Quer colocar em prova?” ele perguntou. As palavras saíram da boca por vontade própria, desafiando seu desejo. Ou talvez fosse apenas a cerveja?

Seus olhares cruzaram-se, ninguém falou, incerto para onde ir daqui.

O celular dela tocou, quebrando o feitiço do momento.

Ela balançou a cabeça, parecendo perturbada, e jogou o punhado de ostras que segurava na mão. Ela havia encontrado uma no fim das contas, mas mesmo o vapor não havia feito os músculos se partirem. Não havia fendas em sua armadura, nenhuma forma de entrar. De algum modo, apesar de todos os flertes, ele sentiu que os dois eram assim. Palavras eram uma coisa, mas as emoções de Augusta Aldridge estavam bem trancadas no interior. Somente paciência e persistência poderiam fazê-la se abrir, e nenhum deles tinha tempo para isso. No que se tratava de Ian, sexo por si só não era suficiente. Ela pescou o celular da bolsa e olhou para o número. “Minha irmã”, ela disse.

“Qual?”

“Savannah. Você ia gostar dela. Ela não tem nada a ver com a Caroline. Nada a ver comigo também.” Ela riu com aquilo.

“Vamos dar uma volta na praia”, ele sugeriu. “Tenho algo que quero lhe mostrar...”

PARECIA que havia areia nos olhos de Cody.

Eles estavam arenosos e secos, e ele mal conseguia mantê-los abertos. O ar parecia estar queimando o interior do nariz. Seu estômago doía quase tanto quanto a cabeça, e seus pulsos e tornozelos estavam queimando onde a pele estava esfolada e inchada ao redor das algemas. Seu batimento cardíaco não desacelerava, embora ele não conseguisse ficar acordado, e ele estava com medo de chorar mais porque o muco estava congelando dentro do nariz e, se fechasse a passagem, ele não conseguiria respirar.

O interior do prédio estava cheio de vapor... ou talvez tudo estivesse ficando embaçado. Tudo o que sabia era que estava com sede e medo. Mosquitos o estavam picando por toda a parte. Desesperadamente, ele empurrou a língua contra o pano na boca, depois tossiu um pouco e vomitou no fundo da garganta...

Com algum esforço, ele retirou o pano vomitado do fundo da garganta e pensou que talvez ele parecesse uma jiboia com um rato meio comido descendo a garganta. Exceto que em vez de enfiar o pano ainda mais fundo na boca, ele estava devagar trabalhando para retirá-lo ao alargar a mandíbula e agitar a língua.

Ele não entendia o que estava acontecendo.

Por que alguém iria amarrá-lo como um peru do Dia de Ação de Graças e, então, deixá-lo aqui para apodrecer? Ele esperava o homem de preto voltar e matá-lo, mas até agora ele não o havia feito, e Cody estava com medo que talvez fosse morrer antes de alguém encontrá-lo. Ele sentia um pouco como se já estivesse morrendo. Talvez. Ele não tinha certeza. Sua cabeça doía tanto que era mais fácil apenas deitar-se no chão de cimento e esperar com os olhos fechados.

Mas ele não estava pronto para morrer.

Ele não odiava sua irmãzinha, e não queria ir embora sem dizer a ela que ele nunca quis esmagar a cabeça da boneca dela. Ou botar fogo no cabelo da Barbie. Ou colocar chiclete nas rodas do skate dela. Ele só estava aborrecido. Porque até ela nascer, sua mãe sempre teve muito mais tempo para ler para ele. Agora, ele sempre tinha que ler para ela, embora não se importasse muito. Ele até que gostava. E sentia-se orgulhoso quando ela perguntava as palavras difíceis. Lila só tinha seis anos, mas ela era inteligente. Quem iria ajudá-la a ler se ele não conseguisse ir para casa? A mãe iria pegar outro garoto para substituí-lo?

Tristeza preencheu-o, porque ele sabia, em seu coração, que se não tivesse feito todas aquelas coisas feias com a Lila, seus pais não os teriam separado depois da escola e feito ele ficar com a vovó Rose.

Ele tinha sido mau, ele sabia, e talvez por isso estivesse sendo punido agora.

Se tivesse sido um bom garoto, nunca teria ido olhar aquele estúpido sangue em uma igreja destruída. Ele teria ido para casa, em vez disso, e tido uma janta muito boa, e depois sua mãe iria buscá-lo com a Lila e levá-lo para casa.

Por que ele teve que ir com o TC? Por que ele ouvia o TC? Cody desejou poder desfazer cada coisa ruim que já fez na vida.

Por favor, Deus, ele pensou, não me deixe morrer.

Ian e Augusta saíram do The Shack e foram sentido leste para a praia. Quando alcançaram o Desbotamento – literalmente um bloco desbotado de casas em frente à praia onde o vento rasgava pela costa do rio Folly –, cortaram caminho pelo quintal de alguém em direção à avenida Ashley.

“Isso é tudo o que eu preciso”, ele disse, “acabar voltando para a prisão por transgressão”.

Augusta riu. “Essa é a casa do Jack Shaw.”

“Ótimo!” ele disse. “Ainda melhor.” Ele balançou a cabeça.

“Relaxa”, ela falou. “Ele não está em casa.” Ela piscou para ele. “Provavelmente, sentado no escritório agora tentando descobrir como levá-lo de volta para trás das grades.”

“Isso não é muito engraçado”, ele sugeriu, mas riu mesmo assim.

Eles seguiram a estrada passando pelo chalé amarelo branqueado de sol de Karen Hutto, onde Amanda havia desaparecido do jardim da frente, e finalmente até a estrada de acesso à praia que virava na antiga estação extinta da Guarda Costeira. Quanto mais longe andavam para o leste, mais escuro ficava o céu, intocado pelas luzes artificiais. “Fico me perguntando, o que é aquilo?” ele disse, apontando para uma fundação de cimento coberta de grafite que estava cercada por arbustos de praia. O que quer que fosse, coberto de escritas psicodélicas, parecia que o homem havia travado uma guerra contra a natureza, ambos tentando reivindicar o prédio perdido para si mesmos.

“Uma velha estação da Guarda Costeira. Aparentemente, teve um papel enorme em proteger a base naval dos espões alemães durante a Segunda Guerra

Mundial. Acho que Hugo a achatou.”

“Hugo em Furacão Hugo?”

Augusta concordou. “Sim. Mesma tempestade que achatou aquelas casas de frente à praia no Desbotamento. É um refúgio de surfistas agora.”

“Algo que vale a pena ser visto aqui?”

“E enfrentar esporões de areia?” Augusta balançou a cabeça. “Não mesmo. Mas poderia atrair aquele policial para fora do carro se achasse que estamos brincando com território histórico.”

Olhando por cima do ombro para as luzes vermelhas estacionadas que piscavam no final da estrada de acesso à praia, Ian riu. “Eu sei. Droga. Pensei que tivéssemos perdido eles.”

“Só há uma rua que vai esse caminho todo até o leste”, ela disse. “Nem mesmo um bom palpite, realmente. Ele teria de ser idiota para não imaginar aonde estamos indo.”

“Ainda podemos nos livrar deles”, ele se gabou, e deu um sorriso malicioso. Ele pegou as sandálias dela abruptamente estatelando-as no chão. “Coloque-as de volta”, ele ordenou. “Quero lhe mostrar algo, de qualquer forma.”

Augusta o fez e Ian levou-a pelas dunas para mostrar-lhe onde uma tartaruga marítima havia botado os ovos recentemente. Ninhos conhecidos eram marcados, mas, aparentemente, uma mamãe tartaruga havia enfrentado a costa da praia infestada de turistas para depositar seus filhotes em um ponto isolado na praia mais longe ao nordeste. Cuidadosamente, Ian descobriu o ninho para Augusta poder olhar dentro, onde havia literalmente centenas de ovos. “Fale sobre rivalidade de irmãos!”

Ele sorriu para ela. “Falou como uma filha do meio de verdade.”

Olhando para o ninho, mãos nos joelhos, Augusta deu de ombros. “O que posso dizer, fui eu quem acabou sem a atenção da mamãe, certo?”

Ele lhe deu um olhar de compreensão. “Algo me diz que você se deu bem sem isso.”

Augusta deu um sorriso forçado. “Depende de com quem você falar.”

Ele deu uma risadinha baixa. “Do meu ponto de vista, Augusta Aldridge, não há uma coisinha errada com você.”

Augusta piscou e encontrou o olhar dele, um arrepio correu pela espinha. Ele estava encarando-a, seus olhos azuis intensos. Desconfortável com o escrutínio dele e incerta do que dizer em seguida, ela olhou para o ninho e os ovos do tamanho de bolas de golfe.

Sua mente estava clara – tão clara quanto o céu iluminado pela lua.

Ela sabia exatamente o que estava fazendo.

Não sabia?

Ian cobriu os ovos de volta com areia, gentilmente... do modo como havia tocado o corpo dela uma vez... como se de alguma forma ela fosse quebrar sob o toque dele. “Aparentemente, leva uns trinta anos ou mais para elas pegarem o desejo maternal”, ele disse, “mas quando o fazem, viajam de volta para botar os ovos na praia onde nasceram. Coisa incrível”.

Exceto que aquelas tartarugas marítimas bebês descobririam logo que não havia mamãe por lá para cuidar delas. Algo que Augusta conhecia de primeira mão. Mas aquela foi uma realidade que ela teve de aceitar há muito tempo. Ela sentou-se na praia e suspirou.

Ela tinha trinta e dois anos agora. Talvez isso fosse tudo o que havia de errado com ela? Como as tartarugas marítimas, talvez ela estivesse tendo um desejo maternal?

Exceto que... quando olhava para Ian... não era a ideia de ter bebês que mandava seu coração derrapando até parar...

Ian sentou ao lado dela, aproximando-se rápido, suas pernas tão próximas agora, os joelhos estavam quase se tocando.

Augusta enfiou os dedos na areia quente, levantou uma mão cheia, deixando a areia escorrer pelo pulso fechado, como uma ampulheta quebrada. “Então, como você encontrou o ninho?”

Ele olhou para ela, afastando do rosto o cabelo que chegava à altura do ombro. “Andei fazendo várias varreduras pela praia ultimamente.”

“Legal”, ela disse. Mas não era legal, porque os dois sabiam exatamente por que ele estava procurando.

Era assim que o assassino encontrava as vítimas? Revirando a costa?

Desconfortável com o escrutínio dele e o rumo da conversa, junto com seus pensamentos, ela olhou para o céu escurecendo.

De onde estavam sentados, conseguiam ver o farol da Morris Island à distância, de pé no meio da luz do luar, onda com crista espumosa. Mais além, a cidade de Charleston emitia um brilho suave. No meio do caminho, a água era escura, e as silhuetas de inúmeros veleiros manchavam o porto. “Você sabia que há um horário de recolher para a iluminação por aqui?” ela perguntou-lhe.

“Nah, mas percebi. O lugar fica preto depois das dez.”

Augusta levantou uma sobrancelha. “Acho que eles tentam manter as praias o mais escuro possível à noite... para as tartarugas.”

“Iluminação artificial”, ele sugeriu, e piscou para ela.

“Acho que isso as desorienta”, ela reagiu. “As luzes aparentemente as atraem para longe do oceano aonde deveriam ir.”

Na escuridão crescente, a brisa sussurrava pelo capim-da-praia. Augusta conseguia ver pontos escuros movendo-se na praia... provavelmente caranguejos ermitões ou outras criaturas do mar revirando as coisas também. Criaturas oportunistas, operando encobertas pela noite.

Mas Ian não era um assassino. Os instintos dela eram bons. Ela não estaria aqui com ele se houvesse ao menos uma bandeira vermelha.

Ela respirou fundo o ar salgado, com medo de torcer por algo mais do que tinham no momento. Se ela permitisse, sua vida inteira poderia ser definida por uma fileira de relacionamentos ruins. Era tudo o que ela conhecia, e seus pais haviam sido um exemplo ruim. Seu pai tinha vindo de uma longa linha de políticos, e a mãe havia sido uma “filha da Confederação” – realeza de Charleston, por assim dizer. Enquanto as aspirações políticas do pai haviam sido atendidas pela herança imaculada da mãe e sua fachada inabalável, o idealismo de Flo mal foi beneficiado pela carreira imoral do pai. Na superfície, o casamento poderia ter parecido perfeito – como Jackie O. e John Kennedy – mas a disfunção deles havia sido pré-determinada. Some a isso o fato que Flo havia sido uma mulher forte, intransigente, e não era surpresa que a família dela havia se desatado tão rapidamente após a morte do Sam. Seus pais não haviam se casado por amor. Ela duvidava que um deles soubesse o significado da palavra. Ela se preocupava que talvez também não soubesse.

“Então, aqui estamos de novo”, ele disse.

Augusta engoliu e recostou-se na areia, encarando o céu acima, ouvindo o oceano bater nas pedras abaixo. Aqui a praia era atipicamente rochosa – por desenho, para evitar a costa de ser desgastada pelas fortes correntes.

“Aqui estamos de novo”, ela ecoou, e arrepio ondulou-se pela pele.

Não importava que ela tentasse negar a atração, estava lá, tão grossa quanto a neblina de Lowcountry na manhã. Ela estava descalça, as sandálias ao seu lado na praia, e o final da saia estava úmido de andar pelas arrebentações. A brisa quente e macia amassou o decote de sua blusa de algodão, e Ian moveu-se ao seu lado, virando-se para ficar de frente a ela.

Augusta prendeu o ar, não ousando olhar para ele. “O que estamos fazendo?”

Ela observou pela visão periférica enquanto ele se apoiava em um cotovelo, encarando-a. “Quem dera eu soubesse, Augusta. O mundo ao nosso redor está indo para o inferno e aqui estou, sentado na praia de novo... encarando seus lábios maravilhosos... pensando em quanto quero beijá-la.”

Sua voz soou áspera, como se ele quisesse dizer cada palavra.

Augusta engoliu e virou o olhar para ele, medindo sua expressão, o coração batendo intensamente. Sob o escrutínio dele, seus mamilos começaram a ansiar por seu toque, queimando apesar do ar frio noturno.

Ele esticou o braço e colocou a mão na bochecha dela, mal tocando-a, virando o rosto dela para ele. “Você merece fazer amor... em uma cama”, ele disse.

Augusta tentou encontrar a voz. Ela encontrou o olhar dele de uma vez. “Essa é a última coisa que deveríamos estar fazendo”, ela concordou.

Pelo momento mais longo, nenhum dos dois falou.

Seu coração batendo como um tambor, Ian encarou o adorável rosto de Augusta.

Ela era a última coisa que ele precisava na vida, disse a si mesmo – a última pessoa com quem deveria estar envolvido. Se ao menos ele fosse metade do homem que costumava ser, iria levá-la pela mão de volta ao carro e deixá-la a salvo em casa.

No mínimo, iria levá-la para casa e fazer amor com ela do modo que ela merecia, com lençóis limpos e frescos debaixo de seu corpo macio e doce.

Mas eles estavam sozinhos. Aqui na praia. Pela primeira vez em tanto tempo não havia uma dúzia de pares de olhos grudados nele, e a noite estava tão bonita quanto ela.

A luz do luar refletiu na areia branca, deixando-a resplandecente na luz suave. Atrás deles, a grama da duna dançou com a brisa.

Ela levantou o rosto na mão dele, e ele não conseguiu impedir. Ele curvou-se para cobrir a boca dela com a dele, saboreando. “Quero você”, ele sussurrou.

Em resposta, ela esticou o braço, deslizando seus dedos longos e graciosos ao redor do pescoço dele, puxando-o mais para perto, e Ian se perdeu daquele momento em diante.

Ele deslocou o corpo para deitar-se ao lado dela na areia quente, atando a mão ao redor da coxa dela e puxando sua perna sobre a dele, deleitando-se na sensação de seu corpo flexível e a pele suave abaixo da saia.

Ele beijou-a intensamente, sabendo que o que quer que estivesse acontecendo entre eles era para ser. Parecia certo, mesmo se fosse a pior hora.

Mas sua consciência lutava com ele. Ela merecia melhor do que isso. Ele poderia mesmo ter certeza de que a relação deles iria sobreviver a todo o drama? Era possível – inocente ou não – que ele passasse o resto da vida atrás das grades. O simples fato de que a polícia o estava seguindo dizia-lhe que eles não iriam

simplesmente retirar as acusações. Nem deveriam – não quando havia tanto em jogo.

Eles não deveriam estar aqui agora.

Augusta gemeu debaixo dele, mas ele se arrancou, olhando para os olhos confusos dela. “Não é assim que deveria acontecer de novo”, ele disse com convicção.

Mas ele queria que ela soubesse que não era uma decisão fácil. Ele colocou a mão no traseiro dela e puxou a coxa contra sua ereção, empurrando-a na cavidade do corpo dela.

Ele estava duro como granito e seu corpo ansiava por liberar-se, mas ele não poderia seguir em frente, não aqui, não agora. Ele deslizou a mão para a cintura dela, puxando-a mais para perto, querendo desesperadamente que ela entendesse que não era uma rejeição.

A confusão em seus olhos azuis era terna, e ele queria segurá-la a noite toda. Ele a abraçou então, enterrando o rosto no ombro dela, e pelo instante mais longo, simplesmente a segurou, controlando o desejo. “Vamos revisitar isso quando tudo acabar”, ele sussurrou em seu cabelo.

Augusta concordou, tremendo. O calor do corpo dele era intenso, mas ela tremeu quando ele a segurou. Era exatamente o que precisava ser dito, mas isso a encheu de arrependimento... por não ter sido forte o suficiente para ser a pessoa a dizer.

Sua irmã estava certa; ela não conseguia pensar direito no que dizia respeito a Ian.

Ele não parecia com pressa para se soltar dos braços dela, então ela o deixou segurá-la, descansando a cabeça contra o peito dele, ouvindo o socar firme de seu coração. Depois de um longo tempo, ele se virou para que ela pudesse deitar na curva de seus braços, e juntos eles encararam o céu.

O cheiro do mar estava forte aqui. Combinado com o cheiro familiar da pele dele, foi o mais perto de sentir-se em casa que Augusta pensou que experimentaria – inexplicável como poderia ser.

O céu estava claro, com quase cada estrela visível nos céus, e o som de grilos preencheu o ar noturno. Parecia que estavam completamente sozinhos, com apenas o som do oceano como música. “Não acho que já vi as estrelas de forma tão clara.”

“Essa é a Cassiopéia”, ele disse, apontando para o céu ao norte. “Aquele grupo que parece um pouquinho um *W* preguiçoso.” Ela ouviu em silêncio e ele continuou, puxando-a mais para perto. “Segundo a história, Poseidon a banuiu

como castigo por sua arrogância. Supostamente, ela está amarrada a um trono em uma posição que quando circula os polos, ela fica de cabeça para baixo.”

Augusta sorriu embaixo dele. “Poseidon deve ter sido um perverso”, ela determinou. “Isso não é uma posição de sexo esquisita – sexo de cabeça para baixo?”

Ele deu risada, então olhou para ela, cutucando-a gentilmente. “Só você diria algo assim. Diabos, sei lá.” Ele deu um sorriso malicioso. “Nunca tentei.” Mas algo sobre o tom de sua voz dizia-lhe que não era bem verdade.

“Mentiroso!”

Ele riu. “Talvez quando eu era mais jovem.” E, então, sua voz ficou contida. “A verdade é que você é a única mulher em quase seis anos, Augusta.”

Augusta inspirou e enterrou os dedos do pé na areia quente. Por alguma razão, sabendo que aquilo a fazia se sentir melhor, não pior, embora não pudesse dizer o mesmo.

“Mas droga... estou tentando *tirar* nossas mentes desse assunto em particular e você não está ajudando.”

“Sinto muito”, ela falou, embora não sentisse. Era a coisa certa a fazer – esperar –, mas o simples fato que ele havia sido a pessoa a sugerir isso só a fazia querer fazer amor com ele ainda mais. “Você acha que eles vão retirar as acusações?” Augusta ousou perguntar depois de um momento.

Ele levou um momento para responder. Continuou encarando o céu noturno, sua boca fechada com firmeza e seu perfil rígido. “Eles não têm um caso”, sugeriu. “Ou eu não estaria aqui com você agora...”



PATTERSON NÃO ERA CULPADO.

O pensamento contorceu-se no cérebro de Jack como uma larva.

Ele sentou-se à mesa, encarando o relatório do laboratório, incerto de como processar a informação mais recente. A sensação que chegou ao âmago enquanto encarava os exames de sangue era uma desordem se contorcendo que se manifestava como dor.

Durante toda a investigação, ele estivera tão certo de que Caroline estava errada. Ele ficou furioso com ela por interferir quando foi atrás do Patterson usando o *Tribune*. E, então, Patterson foi pego em flagrante – pelo menos, foi o que pareceu – e sua prisão havia balançado a moral de Jack. O suficiente que ele havia considerado fortemente se aposentar da força. Mas agora... aquela sensação doentia incomodando-o estava de volta. Apesar da evidência, que

parecia apontar o contrário, Patterson não *parecia* ser o criminoso, e pouco a pouco as evidências que haviam obtido estavam sucumbindo.

Ele permitiu que seu relacionamento pessoal com Caroline interferisse em sua intuição. Ele havia defendido sua posição, até a noite do sequestro de Caroline, mas ver Patterson com ela nos braços o havia abalado até o âmago. Ele imediatamente julgou o homem culpado daquele momento em diante, apesar da insistente alegação de inocência de Patterson.

Patterson alegava ter recebido uma mensagem e uma foto do celular de Augusta, atraindo-o para as ruínas. Aparentemente, aqueles dois haviam estado se comunicando, embora Patterson tenha perdido completamente a fala após a prisão, mantendo a natureza do relacionamento deles para si mesmo – e seu advogado. Agora Jack estava começando a entender por quê. Augusta não havia apenas pago a fiança, mas eles estavam juntos agora. A pessoa que seguia Patterson havia acabado de transmitir essa novidade.

Ele empurrou para trás a tela do notebook, examinando as fotos de Amy Jones. Ele as tinha na tela, comparando-as às fotos que haviam tirado de Kelly Banks após seu corpo ter sido jogado no Brittlebank Park, junto com as novas fotos de Pamela Baker. Exceto pela laceração da pélvis até o esterno na Baker, o resto era o mesmo. Todas as três mulheres haviam sido encontradas desnudas completamente expostas, suas mãos amarradas e em posição de oração, as bocas cobertas com fita e as línguas removidas. O interior das bocas estava tingido de azul com corante alimentício do tipo comum – o tipo que poderia ser comprado na maioria das mercearias. Todas as três haviam morrido de asfixia associada a afogamento. Nem mãos ou amarras haviam sido utilizadas ao redor da garganta da vítima. Durante a autópsia, descobriram evidências de cianose e hemorragia petequeal nos olhos, e manchas de sangue ao redor da boca e do nariz. Também encontraram água nos pulmões, o que sugeria que todas as três garotas morreram em algum momento após entrarem na água.

Talvez algum tipo de batismo?

Em suas anotações para o Programa do FBI de Captura de Criminosos Violentos (ViCAP) ele já havia inserido asfixia, estrangulamento, manual, não-manual, tinta azul, nudez, e agora batismo e feridas de sacrifício. Embora nem todas as agências de força de segurança contribuíssem para o banco de dados de crimes violentos do FBI, a maioria o fazia, e ele queria ter certeza de que o assassino estava no radar de todos.

Estava começando a parecer um pouco religioso na natureza – principalmente em conexão com as anotações que o transgressor havia deixado

em cada para-brisa das mulheres: *A morte e vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto. Provérbios 18:21.*

O que aquilo significava? As vítimas haviam sido escolhidas por causa de algo que haviam dito? Algo que havia sido dito sobre elas? Algo que elas não disseram? O perpetrador estava comendo a língua delas porque acreditava que tinham algum tipo de poder divino? Ele as estava removendo simbolicamente para impedir que elas falassem?

Na mitologia grega, Tereu estuprou a irmã da esposa e cortou a língua dela para impedi-la de contar a alguém sobre o crime. Andrei Chikatilo, um assassino em série ucraniano, arrancava a língua de suas amantes como uma forma de gozar. Nativos da parte extremo sul da Nova Guiné supostamente comiam as línguas de inimigos mortos para roubar o poder deles. O assassino em série e canibal Joachim Kroll matou e comeu suas vítimas simplesmente para economizar na conta das compras do mês. E Dennis Rader considerava suas vítimas projetos. Ele comparava matá-las a sacrificar animais. Ele as estrangulava múltiplas vezes, ressuscitando-as, gozando com a luta delas, até que finalmente as matava e ejaculava em um de seus itens pessoais. Então, a essência disso era que o cara deles poderia estar removendo as línguas por qualquer número de razões malucas, embora fosse definitivamente parte de seu *modus operandi*. Em todos os casos, ele havia cortado a língua e pintado a boca de azul. Mas se fosse sobre manter troféus, nada havia sido descoberto na posseção de Patterson.

Quanto à tinta azul... Jack não conseguia nem começar a decifrar aquilo. Os pictos antigos se pintavam de azul como uma forma de tinta de guerra, embora alguns alegassem que era uma forma de antisséptico. Azul era a cor da água. Era também a cor do céu. E era a cor das chamas em seu ponto mais quente. Azul estava associado à paz, serenidade e espiritualidade. Era associado ao sangue da aristocracia e garotinhos. O deus Krishna tinha a pele azul. As associações eram infinitas. Mas se Ian estivera mexendo com tinta azul, você pensaria que, a essa altura, ele teria se sujado ou algum lugar da casa. Sua casa estava limpa. Assim como o carro. E ele também. Eles o haviam inspecionado da cabeça aos pés após a prisão.

Na cena, descobriram uma roupa de mergulho no porta-malas de Patterson, junto com uma “bolsa de ataque” contendo um rolo da mesma fita usada para cobrir a boca das vítimas, corda, um frasco de corante azul de comida usado pela metade, assim como uma faca manchada de sangue e um pano que tinha manchas de ambos sangue e tinta azul – o que provava que o assassino não era à

prova de respingo. Mas a única peça de evidência que Patterson realmente sustentou foi a roupa de mergulho – comprada, ele havia dito, para facilitar sua busca no rio. Mas ele também alegava que ainda não a havia utilizado e, com certeza absoluta, uma análise da roupa mostrou que nunca havia sido utilizada.

Patterson alegava que tinha chegado apenas minutos antes do primeiro carro de polícia, viu as chamas crescendo após localizar o carro de Caroline, e correu para as ruínas para encontrá-la deitada inconsciente com chamas lambendo-a por completo. Ele não viu ninguém – convenientemente –, mas disse que não perdeu tempo procurando também. Ele levantou-a e correu para a estrada, onde ouviu as sirenes.

O resto era história.

Os carros da polícia chegaram, eles o retiveram na mira do revólver, ele soltou Caroline, colocou as mãos para cima e parou de cooperar daquele momento em diante.

Em retrospecto, era completamente possível que Patterson estivesse dizendo a verdade e que havia mesmo tentado *salvar* Caroline, não a machucar.

De acordo com o depoimento de Caroline, ela chegou primeiro e não se lembra de outro carro estar lá, o que significava que Patterson deve ter chegado depois dela. As portas do carro dele haviam sido deixadas escancaradas com o porta-malas facilmente acessível. Qualquer um poderia ter aberto o porta-malas e jogado a evidência dentro. Na realidade, quando os carros da polícia chegaram, o porta-malas de Patterson havia sido deixado aberto, o que não fazia o menor sentido para alguém que planejava suas matanças de forma tão meticulosa. Tudo sobre aquela noite parecia apressado. Carros deixados à vista, portas entreabertas, porta-malas escancarado.

E, então, com as sirenes correndo até eles, e nenhuma maneira de sair daquela península além da estrada – exceto pelo pântano salgado – aonde ele planejava ir? Se tivesse planejado escapar para o pântano, estaria andando na direção errada. Nem haviam encontrado qualquer evidência de botas isoladas nos riachos ao redor.

Todas as deliberações de Jack levavam-no para o mesmo lugar.

Ian Patterson não era culpado.

Jack pegou o relatório do laboratório – o ponto final no caso contra ele, do ponto de vista de Jack. O sangue da faca e do pano no carro de Patterson haviam sido enviados para um laboratório particular. Normalmente, o Estado teria processado o trabalho e o progresso teria sido de seis meses a um ano, mas esse era o caso da década. Nenhuma despesa havia sido poupada. Mesmo antes da

prisão de Patterson, eles haviam juntado o DNA de todas as pessoas desaparecidas e cadastraram-nas no CODIS, o sistema de indexação nacional de DNA.

De acordo com o relatório em mãos, havia mais de 99 por cento de chances de que o sangue encontrado no pano e na faca no carro de Patterson pertencesse a Pamela Baker, mas a hora da morte dela apresentava um problema sério de logística uma vez que Patterson não poderia tê-la matado enquanto estava atrás das grades.

O resto da evidência estava comprometido também – um caderno de Amanda Hutto, uma câmera de Amy Jones, completa de fotos catalogando sua morte horrenda. Esses haviam sido confiscados da casa de Patterson, embora ele alegasse que as evidências haviam sido plantadas. Suas digitais não foram encontradas nos itens. Nem mesmo as superfícies que teriam conservado digitais latentes haviam produzido algo de valor. A verdade era que, para Jack, parecia que haviam sido plantadas – todas elas – assim como Patterson disse.

E, então, havia o piercing: Descoberto no cinzeiro do carro de Patterson, eles haviam colocado tanta esperança nele, porque haviam descoberto tardiamente que Amy Jones tivera um piercing na língua – algo que haviam perdido durante a investigação – algo que a colega de Amy não poderia ter sabido que devia contar-lhes porque nunca revelaram completamente os detalhes da mutilação da amiga dela e de sua morte. Mas a matéria orgânica não batia com o DNA de Jones. Nove em uma que pertencia à garota que deu o álibi a Patterson, assim como ele havia alegado durante os dois testes no polígrafo pelos quais havia passado – e aquilo era fácil o suficiente de descobrir.

Embora Patterson pudesse estar trabalhando com uma cúmplice, Jack não acreditava. Por que diabos ele iria concordar em ser o bode expiatório? Não fazia sentido.

Não, o assassino ainda estava lá fora, em algum lugar, e agora ele tinha Cody Simmons. Não importava que Cody não se encaixasse no perfil das vítimas passadas. Amanda Hutto também não se encaixava, mas ele estava começando a acreditar que todos estavam conectados. Jack só tinha que encontrar a criança antes que ele também aparecesse morto.

Ele levantou-se e pegou a jaqueta das costas da cadeira, inclinando-se para desligar o computador antes de encolher os ombros nela. Então, pegou o celular e ligou para o parceiro. Don Garrison atendeu ao primeiro toque – provavelmente entediado. “Onde está ele?”

“Ele deixou o The Shack e foi para East Ashley com a Augusta.”

“Só os dois?”

“Sim.”

“Você sabe aonde eles foram?”

“Só há um caminho para ir daqui, chefe, e eles tinham aquele olhar, se você sabe o que quero dizer. Eu não segui até as dunas. Imaginei que ela estava segura o suficiente já que os dois me passavam segurança.”

Jack suspirou. “Tudo bem, deixe-os ir. Mais para frente, vamos apenas checá-lo. Vá para casa, Garrison.”

“Já vou, Jack Obrigado.”

Jack desligou e enfiou o celular no bolso, então pegou as chaves da mesa e suspirou. O envolvimento de Augusta com Patterson era algo a mais para Caroline ficar aborrecida, mas ele com certeza não ia esconder dela e arriscar o relacionamento deles. Em sua opinião, ela poderia ouvir isso dele já que Augusta não parecia nem um pouco inclinada a compartilhar aquela informação. Para ele, Augusta estava por conta própria.

Sexta-feira, 20 de agosto, 13:31.

Na rua em frente ao The Shack, as luzes estavam acesas, mas vagamente acesas, obscurecidas pelas sombras pretas em forma de sino para manter o brilho baixo. Somente os carros de Augusta e Ian foram deixados na estrada. O dele estava visivelmente debaixo do poste de luz em frente ao The Shack, enquanto o dela estava protegido pela metade do torso de um tubarão de plástico que se sobressaía do prédio, acima de uma placa do escritório de advocacia. A essa hora da noite, os postes piscando concediam movimento ao tubarão, dando uma sensação assustadora.

Ian andou com ela até o Town Car, e eles ficaram em frente a ele por um instante antes de Augusta destravar a porta e deslizar atrás dela, usando-a como escudo.

Ian estava certo. Havia o suficiente acontecendo na vida deles e não precisavam acrescentar drama de relacionamento à bagunça. Além disso, pela primeira vez na vida dela, ela estava determinada a fazer isso de forma diferente. Sexo não era a razão mais inteligente para nenhuma relação e, de alguma forma, ela sentia-se mais perto de Ian agora. Sexo por si só não poderia ter conquistado aquilo. Eles conversaram a noite toda, revelando segredos, desejos e medos...

Ian tinha sido uma criança perturbada, cuja vida antes da Igreja havia sido repleta de dificuldades – uma daquelas para quem o programa *Scared Straight!* havia realmente funcionado. No caso dele, provavelmente porque o homem que

botou medo nele foi o próprio pai. Ele envolveu-se com a igreja local por causa de um tio, e de lá acabou no seminário, pretendendo passar a vida à serviço da comunidade. Eles eram mais parecidos do que ela poderia ter percebido. Não era surpresa que ela era atraída a ele.

“Estarei bem atrás de você”, ele assegurou-a. “Não vou deixá-la fora de vista.”

Augusta sorriu e inclinou-se na porta. “Apesar de tudo que está acontecendo, adorei passar esse tempo com você, Ian.”

Ele sorriu de volta para ela, enfiando as mãos nos bolsos – Augusta sentiu que era a forma dele de se controlar. O impulso para beijá-lo era errado, e a tensão entre eles era palpável. “Eu também.”

“O que é isso?” ele perguntou de repente, sacando a mão do bolso e estendendo-a na direção dela.

Augusta supôs que ele havia falhado no próprio teste de força de vontade, mas ele esticou o braço passando por ela até o para-brisa para puxar um pequeno guarda-chuva de papel amarelo que estava preso no plástico preto do limpador.

Ela sorriu ao vê-lo passando pelos olhos. “A ideia de algum bêbado de um presente de despedida, imagino. Odeio essas coisas!” ela disse. “Elas me fazem lembrar da minha mãe.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Assumo que seja uma coisa ruim.”

Augusta olhou o pequeno guarda-chuva sem o menor grau de aversão. “Pode-se dizer isso.” Mas ela não se voluntariou para mais do que aquilo. Outro dia, outra hora, e ela teria lido qualquer coisa que quisesse saber, mas a uma e meia da madrugada, essa não era a hora ou o lugar.

Ele levantou a sobrancelha e girou o pequeno guarda-chuva com delicadeza entre os dedos, levantando-o com zombaria acima da cabeça. “Combina com o seu carro”, ele observou.

Augusta riu. “Fique com ele”, ela indicou. “Leve como lembrança.” E, então, ela deslizou para dentro do carro antes que pudesse fazer ou dizer algo do qual iria se arrepender – antes que ele pudesse começar a sentir-se obrigado a dar-lhe um beijo de boa noite. Uma rejeição pela noite – mesmo que não tivesse parecido uma – era o suficiente.

Ele começou a jogar o guarda-chuva fora, e então no último minuto enfiou-o no bolso. Augusta levantou as sobrancelhas e falou, “Eu estava brincando. Você não precisa guardar esse lixo”.

Ele deu de ombros. “Com a minha sorte, um policial vai pular detrás de um arbusto e me acusar de atirar lixo em local público. Vou usar para limpar os

dentes no caminho pra casa.”

Augusta riu e ligou o motor do carro, lutando com a urgência de dizer três palavrinhas ridículas. A essa altura, mal era apropriado, não importava o que seu coração estivesse lhe dizendo.

“Vou ligar para você amanhã”, ele prometeu, então virou-se e lançou-se para o carro dele. Augusta esperou-o ligar o carro antes de sair na estrada e ir em direção a casa, dando-lhe tempo para ficar atrás dela. Como disse que faria, ele seguiu-a o caminho todo, parando apenas do lado de fora do portão quando ela atravessou. Ele deu meia-volta na estrada, mudando de pista, mas ficou lá esperando. Ainda dentro da visão dele, ela estacionou o Town Car na entrada circular e demorou-se apenas o suficiente para acenar dando adeus. Então, ela destravou a porta e apressou-se para dentro.

O carro de Caroline estava do lado de fora, mas a casa estava escura. Eram duas da manhã. Provavelmente, todas estavam na cama, e nem mesmo a raiva justiceira de Caroline a teria impedido da oportunidade de estar alerta e cheia de vida pela manhã. Deus não permita ela estar fora de forma. O pensamento fez Augusta dar um sorriso afetado.

Com apenas uma olhadela breve no espelho do saguão, ela fez o caminho subindo a escada até o quarto. Os degraus rangeram na subida, e, no escuro, ela passou pela tábua solta no topo da escada, tropeçando.

“Droga!” ela disse, e lembrou-se do encontro com o empreiteiro amanhã. Ela esperava que isso fizesse Caroline feliz.

Tango latiu no quarto de Caroline, e Augusta mergulhou para o quarto dela, relutante em enfrentar mesmo uma breve discussão antes da hora de dormir. Felizmente, o cão acalmou-se após outro *au* sem entusiasmo, e ela fechou a porta do quarto e jogou a bolsa. Ela chutou os sapatos e livrou-se da saia antes de fazer uma linha reta até a cama, pretendendo dormir de camiseta regata e roupa íntima. Era tarde demais para escovar os dentes. A ideia de areia na boca era muito mais convidativa do que um encontro com a irmã furiosa.

Uma vez na cama, ela se esticou, sentindo os grãosinhos de areia que a haviam seguido até em casa. Mas, de modo geral, dormir em uma cama granulosa era um pequeno preço a pagar pela noite, e um sorrisinho curvou-se em seus lábios ao pensar em Ian, segurando aquele guarda-chuva de papel ridículo.



IGNORANDO O ALMOÇO, Caroline balançou a cabeça com o anúncio de casamento

no jornal. “A mulher aparentemente queria um casamento no jardim com tudo o que tem direito, com empregados usando vestimenta da época e tudo o mais.”

“Jesus!” Jack disse e deu risada. “Eu não diria que faço ideia do que é apropriado, mas mesmo eu sei que isso não chega perto.” Ele deu uma mordida indiferente no sanduíche de carne apimentada no pão pita.

Eles ainda estavam nas etapas de planejamento do próprio casamento, embora Caroline ficaria feliz se eles simplesmente fugissem. Eles ainda tinham que marcar uma data, e um grande casamento não parecia certo – não com tudo o que estava acontecendo. Jack a havia surpreendido ao insistir em um grande estardalhaço. Ele disse que queria que o mundo inteiro soubesse que ela era sua esposa. Era um gesto carinhoso, mas ela sabia que tinha raízes em uma vida anterior, quando casamentos haviam estado entre os assuntos mais cobiçados da mãe dela. Flo não ter vivido tempo suficiente para ver uma filha sequer de pé perante o altar fazia Caroline sentir-se estranhamente obrigada a seguir em frente, apesar de suas reservas.

Ela colocou o jornal de lado percebendo que a mãe ainda era sua maior fraqueza. A necessidade de provar-se persistia, como um mosquito flutuando em frente ao rosto. Enquanto algumas pessoas digitavam no celular durante o almoço, amarradas ao Facebook, ela não parecia conseguir parar de ler jornais – não apenas o *Tribune*, mas cada jornal ao alcance. Ela lia vorazmente, tentando medir a competição para ter certeza de que o *Tribune* não havia perdido qualquer oportunidade ou pistas. Jack era extremamente paciente com ela, e, por isso, ela era agradecida, mas também sabia que o humor pensativo dele também tinha a ver com a investigação em andamento. Da parte de Caroline, isso nunca esteve longe do limite da mente, mas ela havia prometido ao Jack não se envolver além da relação pessoal com os Simmons. Aquilo não era fácil de fazer, principalmente agora que parecia que ela tinha algum tipo de influência. A chave estava em aprender quando flexionar seu músculo da mídia.

“Ok, então, o que era tão importante que você tinha que me ver *agora mesmo* – não que eu esteja reclamando, veja bem. Estou contando os dias até ficarmos juntos cada segundo.”

Jack levantou uma sobrancelha, obviamente confundindo o tom dela com sarcasmo, uma vez que Caroline não era a mais sociável com os sentimentos. Ela o havia pegado com um pedaço do carneiro na boca, e ele continuou a mastigar. Ela sorriu para assegurá-lo.

“Como você pode contar os dias quando está evitando marcar uma data?” ele desafiou-a.

“Só não parece certo ainda”, Caroline defendeu-se. “E agora com a Rose e o Cody...”

Ele havia estado tenso desde o instante em que se sentaram, evitando a razão pela qual a havia convidado para o almoço em primeiro lugar. Por mais agradável que a manhã estivesse, e por mais feliz que ela estivesse em vê-lo após passar a noite longe dele, eles estavam sentados agora há mais de trinta minutos desde que abriram o lugar.

“Augusta estava com Ian Patterson ontem à noite”, ele deixou escapar.

O estômago de Caroline afundou em algum lugar debaixo da cadeira.

“Se serve de consolo, Caroline, eu não acredito que o homem seja culpado.”

Por um instante, Caroline encarou o próprio prato, tentando determinar o que dizer. Ela não poderia controlar Augusta, mas não conseguia lidar com Jack defendendo o homem também. Em algum lugar no fundo da mente, ela estava lutando com a explosiva possibilidade de que Patterson fosse inocente, mas aceitar aquele fato significaria que ela havia ido atrás de um homem inocente com a tenacidade e graça de um Pit Bull, pensando em nada além da história. Neste momento, ela não conseguia escolher o que era pior – a ideia de que ela havia estado tão terrivelmente enganada, que estava se tornando exatamente como a mãe, ou que a irmã havia tomado o partido de um completo estranho em vez de o dela – porque era assim que ela se sentia, embora seu lado racional dissesse que não era verdade.

“Ele não matou a Pam”, Jack disse com mais certeza. “Sabemos disso.”

Ela sabia que não valia a pena perguntar-lhe *como* ele sabia. Eles haviam feito um pacto de ficar longe de assuntos potencialmente explosivos. “Ok”, ela falou, levando um momento para processar a informação que ele havia lhe dado. “Então, e o Cody?” ela perguntou, dirigindo a conversa para um ponto mais seguro. “Alguma novidade nisso?”

Ele balançou a cabeça. “Não.”

Ele olhou para o prato, de repente empurrando-o, com metade de um sanduíche ainda nele. Ela percebeu que ele estava tendo dificuldade com o desaparecimento do Cody. Será que ele sentia que haviam perdido tempo com Ian Patterson e que era culpa da Caroline eles não terem o homem certo atrás das grades?

Ela não poderia culpá-lo por aqueles pensamentos porque eram exatamente os mesmos com os quais ela havia lutado.

Seu desejo de ajudar – de alguma forma – era impressionante, mas dessa vez ela havia entregado a história ao editor-chefe, Frank Bonneau, e saído, colocando

sua energia em confortar a família do Cody. Facilitava que ela confiava em Bonneau implicitamente – quase tanto quanto confiava no Jack, então deixou o assunto Augusta e Ian de lado por completo... por enquanto. Ainda assim, tinha de perguntar. “Já faz dias, Jack. Você acha que ele ainda está vivo?”

Jack concordou, mas então balançou a cabeça. “Não sei. É impossível dizer. Não acho que este cara está matando as pessoas na hora. A posição oficial do escritório de informações públicas é que temos esperança de que ele ainda está vivo.”

Então, era isso que ela deveria reportar.

Caroline esperava que fosse verdade.



O TELEFONE TOCOU, acordando Augusta de um sono entorpecido. Ela apalpou em busca do aparelho, imaginando quem estaria ligando para a linha da mãe. Não era um número privado, mas nem era um número que ela havia dado.

“Alô?”

Um sinal de discagem foi a resposta, mas não imediatamente. Por alguns breves segundos, ela ouviu o som de música tocando do outro lado da linha... ou talvez a música estivesse tocando aqui em casa? Ela não conseguia dizer. Ela desligou e ouviu a música como um eco no cérebro.

Reconhecidamente, a manhã não era a melhor hora do dia para ela.

Em segundos, assim que colocou o aparelho de volta, o telefone tocou de novo, e ela reprimiu um palavrão quando levou o aparelho à orelha. “Sim?” ela disse irritada.

“Lucas Skywalker, Skywalker Construction”, a voz ofereceu.

Augusta ficou lá, desorientada e confusa por um momento. Poderia ter sido uma brincadeira, exceto que ela realmente havia ido à Skywalker Construction ontem à tarde para uma reunião com o empreiteiro. Ela simplesmente não havia percebido que era o nome completo do cara.

Interpretando corretamente o silêncio, ele ofereceu, “Eu sei, desculpa. Sempre pega as pessoas de surpresa no começo. Por isso, raramente uso meu nome verdadeiro. Sou parte Cherokee”, ele explicou. “Pelo menos essa é a explicação que prefiro em vez de admitir que meus pais estavam doidões quando assinaram minha certidão de nascimento.”

Augusta deu risada. “Oi”, ela disse.

“Pode me chamar de Luke.”

“Oi, Luke”, ela cumprimentou-o, e falou com ele brevemente sobre os

horários dele, aliviada em ouvir que ele poderia começar logo de manhã. Felizmente, a reputação de sua mãe na comunidade ainda se agigantava, mesmo do túmulo. Além disso, Augusta havia dado a entender na primeira reunião que dinheiro não era problema. Ela admitiu que não estava acima de usar seu nome para obter algo no final das contas – não quando significava salvar as irmãs e ela de terem que perder trinta e sete milhões de dólares.

Ele assegurou-a de que estava juntando a equipe enquanto conversavam, embora não fossem estar disponíveis até depois do almoço. “Tudo bem”, ela disse. “Estarei aqui. Muito obrigada”, ela falou e desligou.

Ainda grogue, sentou-se na cama, erguendo a cabeça na direção do som persistente de música vindo pela porta fechada do quarto. Uma leve dor de cabeça no fundo do cérebro, mas não o suficiente para fazer a ideia de se levantar tão intimidante. O relógio ao lado da cama lia 11:38, e ela sorriu. Nunca havia sido uma pessoa que acorda cedo, mas da última vez que se levantou perto do meio-dia, ela tinha uma colega de quarto e notas de provas para se preocupar. Desde então, havia estado correndo em uma roda para hamster. Sem dúvida, a vida tinha um ritmo mais lento aqui do que em New York, mas acordar ao meio-dia era simplesmente inaceitável.

Tropeçando para sair da cama, ela abriu a porta do quarto, e o som da música espalhou-se para dentro do quarto. Ela conseguia distinguir a melodia confusa de “Blanket for a Sail” de Harry Nilsson tocando no andar de baixo enquanto ela voltava para pescar os shorts da pilha suja de roupas no closet. Quando criança, Savannah havia amado aquela música, mas era uma escolha estranha estar ouvindo-a agora – não que ela tivesse algo contra Harry Nilsson. O homem era um gênio. Mas era uma música de que se lembrava de uma coleção infantil – uma que incluía canções como “This Old Man” e “Itsy Bitsy Spider”.

“Savannah?” ela chamou ao fazer o caminho de volta para o saguão de cima.

Savannah não respondeu, mas Augusta sabia que ela deveria estar por lá porque ela não tinha nenhum outro lugar para ir – nem teria simplesmente pegado o carro sem acordar Augusta para pedir as chaves. Elas o estavam dividindo agora, mas era entendido que Augusta precisava estar móvel se ia ter a casa restaurada, enquanto o trabalho de Savannah era plantar a bunda na cadeira do escritório e escrever. Embora nenhuma delas tenha feito muito para aqueles fins, Augusta havia estado ocupada com planos para a arrecadação de fundos – algo que ela ainda queria realizar, embora não parecesse apropriado ter uma enorme reunião da comunidade agora que mulheres estavam sendo assassinadas e crianças desaparecidas.

O pensamento deu-lhe um arrepio enquanto andava pelo corredor, parando no quarto de Caroline no caminho para o de Savannah. Ela encontrou a porta fechada. Abriu-a, escancarando-a. Vazio, claro. Caroline estaria no trabalho agora.

O quarto de Augusta era o mais longe ao final do corredor, longe da escada. O de Caroline era o mais perto, com o de Savannah no outro final do corredor passando a escada. Quanto mais perto ela chegava da escada, mais alto a música tocava.

“Savannah!”

Com a música estourando no andar de baixo, gritar era inútil, ela percebeu. Claramente, Savannah não estava no quarto, a menos que tivesse aumentado o volume do aparelho de som para conseguir ouvir do andar de cima. Mas aquilo não era do feitio dela. Uma olhada no quarto revelou que também estava vazio. A porta estava aberta. Diferente do quarto de Augusta, estava impecável e ordenado, nem uma peça de roupa fora do lugar. Aquilo era provavelmente o único traço de personalidade que Savannah havia herdado da mãe delas, embora fisicamente Savannah fosse uma imagem cuspida de Flo, com sua forma esguia e graciosa e fundos olhos cinzas.

Esperando encontrar Savannah no andar de baixo, Augusta fez o caminho descendo a escada, tardiamente perguntando-se onde estava o Tango. Ele não estava no final da escada onde parecia se plantar o dia todo esperando Caroline chegar a casa, então ela chamou o nome dele também.

Nem Tango ou Savannah responderam, e Augusta vagueou até o som da música, seus nervos à flor da pele. A música estava vindo da sala de lazer, o acompanhamento das cordas soando um pouco como a música de perigo de *Psicose* na intensidade da percussão. “Blanket for a Sail.” Nilsson estava falando sobre um pequenino comandante mantendo o barco flutuando. A canção imediatamente a fez lembrar-se de Sammy. Ele havia amado aquele botezinho inflável dele, e ele corria pelo lugar com sua bandeirinha de pirata, agitando como um estandarte, gritando, “Yo ho, yo ho, uma vida de pirata para mim!” A memória a teria feito sorrir, exceto que ela começou a se sentir um pouco assustada quando a música chegou à conclusão orquestral, depois começou tudo de novo.

Na sala, ela encontrou a plataforma giratória da mãe ligada, o aparelho retumbando. Savannah não estava em nenhum lugar à vista. A voz de Harry Nilsson estava cantarolando o refrão, “Way out on the ocean...”

Augusta puxou com força o braço para cima, derrubando a agulha no vinil.

Ela arranhou brevemente antes de Augusta pegar e colocar de volta no posto, desligando a plataforma giratória. “Jesus”, ela disse, e gritou de novo, “Savannah!” Ela virou-se para examinar o aposento e xingou suavemente para si mesma.

Onde diabos estava Savannah?

A casa parecia vazia. No momento, parecia um pouco como aquelas mansões misteriosas de um filme de horror, onde fantasmas estavam atormentando os donos da casa, mas Augusta não acreditava em fantasmas. Por mais improvável que parecesse, sua irmã deve ter deixado o aparelho ligado. Talvez ela tivesse levado o Tango para passear?

Augusta colocou a cabeça para dentro da cozinha e gritou pelo Tango de novo. Ela ouviu um choramingo vindo da despensa e foi direto para lá, abrindo a porta. Tango estava lá, ofegando pesadamente, olhando para ela com gratidão. A despensa estava quente.

“Como diabos você entrou lá?” ela perguntou-lhe.

Ele saiu, balançando o rabo com timidez, babando no chão da cozinha, como se achasse que tinha feito algo errado, e Augusta decidiu que alguém deve tê-lo trancado acidentalmente na despensa e saído com pressa de casa. Mas se o Tango estava na despensa, obviamente Savannah não estava passeando com ele, então ela continuou procurando pela irmã, andando pela casa, não uma, mas três vezes, antes de perambular do lado de fora e ir para o cais. O carro estava no estacionamento, exatamente onde Augusta o havia deixado, então Savannah deve estar em algum outro lugar nas premissas.

Tango seguiu-a, e ela estava grata pela companhia dele enquanto fazia o caminho até o cais, meio esperando Savannah estar do lado de fora do ancoradouro por alguma razão. Ela não estava lá. De volta para casa, a escada do sótão estava para dentro, não abaixada, então não havia como ela estar lá em cima no sótão de novo, explorando as caixas para a arrecadação de fundos.

Tango seguiu-a, ofegando pesadamente enquanto ela fazia o caminho de volta ao quarto. Ela olhou para o relógio e, vendo que era quase meio-dia e meia, puxou o celular da bolsa. No processo, viu a fotografia de Sammy no bolso interior.

Um leve arrepio percorreu a espinha.

Era uma coincidência assustadora que ela encontraria a fotografia na noite anterior e depois acordaria esta manhã ao som daquela música, mas era inteiramente possível que Savannah tivesse encontrado a foto e, então, sentindo-se sentimental acordado com o desejo de ouvir aquela música.

Ou isso ou elas tinham um fantasma na casa. Talvez Flo estivesse por aqui em algum lugar vagueando, tentando explicar por que aquele ténis idiota dela estava na floresta. Ou talvez ela estivesse simplesmente incomodando Augusta para começar as reformas, ela pensou ironicamente.

Sentindo-se um pouco ansiosa, ela digitou o número de Caroline.

“Já era hora!” Caroline disse, atendendo o telefone ao primeiro toque.

Ela balbuciou a palavra “Augusta” e levantou-se da mesa para andar lá fora, esperando poupar Jack da visão dela espumando pela boca. “Onde diabos você esteve, Augusta?”

“Dormindo. Acabei de acordar.”

Caroline deslizou pela porta do pequeno restaurante grego, por pouco evitando um ombro de bater com um homem de negócios. “Ontem à noite?”

“O que você quer dizer, *ontem à noite*? Desde quando virou minha mãe, Caroline?”

“Não importa! Eu já sei onde você esteve, não graças a você!” Caroline reagiu. “Nem venha usar essa parte de mãe!”

“Se você sabia, por que se importou em perguntar?”

Caroline agarrou o celular mais forte. “Talvez porque queria ouvir da sua própria boca, pela primeira vez.”

“Você não entenderia.”

“Como você saberia? Nem tentou, Augusta! Você não fala mais com ninguém. Você guarda para si mesma e supõe que ninguém se importa – bom, algumas pessoas se importam, e você me deixou preocupada feito louca ontem à noite!”

O tom de Augusta estava cheio do sarcasmo usual. “Certo, então você está ok com relação ao Ian e tudo com que se importa é o meu bem-estar?”

“Claro! Há um assassino lá fora, caso você não tenha escutado?”

“Jesus, como poderia perder isso, Caroline? Você gritou dos telhados, mesmo

antes de ter uma pista sobre qual era a verdade.” Suas palavras eram desafiadoras e irritadas, embora ela soasse desinflada. A raiva de Caroline estremeceu ao perceber que havia verdade na acusação de Augusta. “Nós vamos mesmo ficar brigando sobre isso, Caroline? Tenho trinta e dois anos. Tenho o direito de ver quem eu quiser. E não acredito que Ian seja culpado. Simples assim. É meu dinheiro, não seu.”

“Acredite ou não, eu não ia trazer o assunto dinheiro da fiança. Não há muito mais que eu tenha a dizer sobre isso. O que está feito, está feito.”

“Bom”, Augusta disse. “De qualquer forma, eu só liguei para perguntar onde está a Savannah e por que ela deixou o aparelho de som no último volume.”

“Se você tivesse se levantado esta manhã, em vez de dormir para curar uma noite de festa com Ian, ou se tivesse se importado em falar com alguém além do Ian, saberia que levei a Savannah ao aeroporto hoje de manhã. Se ela deixou o som ligado foi um acidente.”

Aquela revelação pareceu esvaziar a raiva de Augusta por completo. Ela parou um instante, e então perguntou em tom brando, “Savannah se foi?”

Caroline aproveitou a oportunidade para encorajar um cessar-fogo. “Sim.”

“Mas ela vai voltar, certo?”

“Sim, ela está finalmente fazendo o que você e eu fizemos quando nos conformamos com o testamento da mãe. Ela voltou para D.C. para colocar as coisas em ordem. Embora eu tenha certeza de que ela está se livrando do apartamento e se mudando permanentemente de volta para Charleston. Ela cansou da capital. Além disso, acho que ela precisava de tempo para pensar sobre toda essa experiência difícil com a Sadie. Ela está bem chateada com isso tudo.”

“Como foi ontem na casa dos Simmons?”

“Não foi ótimo”, Caroline admitiu. “Sadie basicamente não tinha nada a dizer para nenhuma de nós. Ela claramente não está com humor para perdoar. Josh não estava lá.”

“Bom, isso é uma droga. Mas pelo lado bom, tenho um empreiteiro chegando em alguns minutos – ah espera”, ela disse de repente. “Pode ser ele agora. Preciso ir. Vou passar na Sadie e conversar com ela quando ele sair.”

Caroline nem teve a chance de dizer tchau. Augusta simplesmente desligou na cara dela, e Caroline se viu traumatizada pelo fato que Augusta havia realmente dado passos para completar a tarefa que a mãe delas havia transmitido como herança para ela. “Uau”, ela falou para si mesma, e fez o caminho de volta ao restaurante para dar os detalhes ao Jack.

A SKYWALKER CONSTRUCTION veio preparada para trabalhar, Augusta percebeu.

Luke – ela teve dificuldade para levar o nome dele a sério – chegou a casa cerca de trinta minutos antes da equipe, e levou um tempo para examinar as áreas problemáticas que Augusta havia identificado – mais notavelmente o exterior descascando, as laterais deteriorando e as tábuas soltas no topo da escada. As tábuas em si não eram tamanha preocupação, mas Augusta estava preocupada que, de alguma forma, Flo tivesse pintado por cima de manchas de água no teto e que houvesse, de fato, prejuízo de um vazamento anterior no telhado.

Aquela era a primeira tarefa dele assim que ela tivesse terminado de mostrar a casa; ela queria ter certeza de que não havia nada de importância estrutural para ser corrigido. A lateral em si não era um problema de estrutura. Mas no clima úmido e quente de Charleston, não era incomum pendurar uma porta de garagem de madeira e encontrá-la completamente apodrecida no ano seguinte. A madeira tinha que ser tratada antes de ser pintada e, se não fosse, era comum encontrar dano de umidade, principalmente ao redor dos pântanos. Substituir as laterais por vinil ou composto de ferro não era uma opção porque Augusta achava que a casa deveria permanecer verdadeira à sua construção original. Como ela havia chegado àquela conclusão quando odiava a casa original, não sabia, mas de alguma forma não parecia apropriado alterar a construção com plásticos ou metais. O mais próximo que ela conseguia chegar a compreender sua própria decisão era que ela era um pouco purista. Nisso, sabia que sua mãe iria aprovar.

Luke era claramente o homem certo para o trabalho porque ele sabia exatamente o que precisava ser feito. Augusta achou que ele era meio fofo, de uma forma alfa grosseira, e desejou que Savannah estivesse por lá para conhecê-lo. Sua irmã poderia escolher algo pior, ela decidiu. O homem era dono da própria empresa de construção, mas soava como um professor. Mas como Savannah não estava por lá, e ela tinha uma sensação renovada de propósito, ela largou-o pela casa por conta própria. Sentindo uma sensação de realização, ela decidiu que havia conquistado força de vontade suficiente para ir perguntar à Caroline sobre Jennifer Williams.

Deixando Luke com instruções e a chave, junto com o número do celular dela, ela saiu pela porta.

O HOMEM ESTAVA LÁ.

Encarando-o.

Cody ouviu-o adentrar o prédio de algum lugar perto dos armários. Ele deslizou através de um buraco no chão, pingando molhado, seus passos batendo como nadadeiras contra o chão. Ele conseguiu ouvir uma pancada e oco *ting* de metal sendo abusado. E, então, o chão apodrecendo rangeu quando ele se aproximou.

Era o calor do dia, como a vovó Rose diria. O cabelo de Cody estava emplastrado no rosto, e o interior do rosto dava a sensação de quando ele ficava de ponta cabeça e todo o sangue corria para lá.

Ele manteve os olhos fechados, com medo de abri-los, com medo de ver o homem, embora pudesse sentir a luz da janela sendo bloqueada pelo corpo dele. Gambás fingiam-se de morto e, às vezes, isso funcionava. Ele esperou um longo tempo, diminuindo a respiração, esperando que o homem fosse embora, mas ele ficou lá por tanto tempo que a água que ele havia trazidos nos sapatos formou uma poça debaixo dos pés e escorreu pelas tábuas inclinadas do chão até o rosto de Cody, fazendo cócegas em seu queixo.

Cody resistiu ao desejo de abrir os olhos.

Ele estava com tanta sede... o pano em sua boca parecia uma bola de fogo. A água contra o rosto dava uma sensação boa. O homem cutucou o peito dele com a bota e ele reprimiu um choramingo, seu peito inchando. Ele manteve os olhos fechados, rezando com mais força.

Por favor, por favor, Deus... eu vou ser bom!

O homem não disse nada, e Cody torceu para que se ele não olhasse, o homem não fosse matá-lo. Nos filmes, no minuto em que você via o assassino, você era um homem morto. Cody não queria ser um homem morto. Ele queria viver.

Desesperadamente.

Ele ouviu o som de articulações estalando enquanto a poça de água se juntava ao redor do rosto, esfriando a febre na bochecha. Resistindo ao desejo de chorar, ele ficou lá pensando na mamãe e na vovó e na piscina no quintal.

Não se preocupe, mamãe. Sou muito inteligente. Como o papai.

Cody havia aprendido a nadar naquela piscina. Ele conseguia flutuar de costas como uma lontra, sua mãe dizia.

Contra a vontade, Cody tremeu quando o homem tocou seu peito de novo com o pé, cutucando gentilmente, como se estivesse inspecionando-o. Ainda assim, ele resistiu à vontade de abrir os olhos, focando na irmã, Lila. Ele pensou

na boneca Barbie dela, a que ele havia queimado o cabelo, e tentou lembrar quanto dinheiro tinha em seu cofre de porquinho em casa. Sua avó havia lhe dado o porco sardento com óculos, e ele pensou que era um presente bem idiota, até que começou a se prender ao troco que sobrava e ele encontrava perdido pela casa. Ele sempre perguntava primeiro, e agora talvez tivesse o suficiente para comprar uma nova boneca para Lila. Ela iria gostar, ele pensou. Talvez ele tivesse o suficiente para comprar duas...

“Obrigada, Cody”, ele ouviu sua voz doce dizer na mente. “Você quer brincar de boneca comigo?”

Da próxima vez, Cody diria sim.

Ele iria sentar-se com ela e curtir, e iria convencer o pai a lhe ensinar a construir uma casa de bonecas para ela – como as que algumas pessoas construíam com móveis de madeira e placas no telhado. Lila amava suas bonecas, e Cody perguntou-se se aquilo era porque ele não brincaria com ela. Ele o faria de agora em diante, prometeu a si mesmo. Ele até a deixaria vir e brincar com ele e seus amigos se ela quisesse, e não reclamaria quando sua mãe lhe pedisse para cuidar dela. Agora ele entendia... ela precisava ser vigiada, e ele nunca mesmo deixaria alguém sequestrá-la... como haviam feito com ele.

Ele a manteria a salvo.

Sempre.

Assim que chegasse a casa.

Ele viu-se removendo as algemas e cordas, arrancando a fita da boca e se levantando e andando para casa. Provavelmente era um longo caminho através da lama com o cheiro de pântano encrostado no nariz.

Um pouco delirante devido à falta de comida e água, ele desapareceu na mente por um tempo. Quando voltou, encontrou as bochechas nadando em água fedorenta. A poça havia corrido até o ponto mais baixo no chão entortado e a fita estava começando a ficar molhada de um lado do rosto. Devagar, ele abriu a pálpebra e encontrou-se sozinho de novo, mas não tinha certeza de quanto tempo havia-se passado.

O sol estava mais fraco agora no céu, como se fosse o final da tarde, e ele se balançou em uma posição mais confortável, raspando da bochecha um pedaço da fita na água.

Seu coração chutou contra as costelas em surpresa.

Ele torceu a bochecha um pouco mais forte e a fita soltou-se um pouco mais.

Seu coração bateu ainda mais rápido.

De repente, ele estava como um animal estúpido, trabalhando furiosamente

para arrancar a fita da pele com bolhas. Esfregando o rosto na poça, ele friccionou até a pele ficar esfolada, e finalmente a fita saiu e Cody cuspiu o pano da boca, virando os lábios para a poça e lambendo como um cachorro.

Água, água, água!

Sim! Ele estava indo para casa!

Era mais do que uma simples atração. Ian percebia isso agora. Apesar de tudo que estava acontecendo, o sabor dela se prolongava em sua língua. De vez em quando, sua memória concentrava a atenção nos dois deitados na areia, as pernas dela envoltas nas dele. Havia sido tudo o que ele poderia fazer para afastá-la quando ele queria mais do que qualquer coisa fazer amor com ela lá na praia.

De novo.

Apesar do fato de ele ter ficado com areia esfolando a bunda por horas depois da primeira vez. Ela era uma baita sedutora, e era uma coisa boa que ela não havia entrado em sua vida enquanto ele vestia o colarinho branco eclesiástico. Ou talvez teria sido exatamente a coisa a mostrar-lhe quão inadequado ele era para a vida de padre. Mas ele sabia disso agora. Isso era tudo o que importava.

Ele havia recebido uma ligação de Jack Shaw. Ele estava a caminho da estação Lockwood para juntar a documentação e reaver o carro – um bom sinal, ele pensou. Talvez, finalmente, eles haviam decidido gastar energia procurando o assassino verdadeiro.

Dentro da estação, ele perguntou pelo Shaw e foi instruído a esperar o detetive sair e buscá-lo, o que ele fez em seu próprio tempo, Ian percebeu. Quando Shaw finalmente apareceu, ele parecia cansado e bem menos presunçoso do que havia estado durante o último encontro deles.

“Tem um instante?”

“Claro.” Ian ficou de pé, pronto para seguir. “Contanto que você não esteja procurando maneiras de me vestir de verde. Não é muito minha cor.”

Sorrindo sem alegria, Shaw fez sinal para ele segui-lo pelo corredor, assegurando-o, “Na realidade, você não vai vestir mais nenhum macacão a essa altura”, ele disse, guiando-o corredor abaixo.

Ian seguiu. “Isso o decepciona?”

Shaw não se importou em olhar para ele, mas falou, “Por mais insignificante que pareça, não acredito na pena de morte.”

“Seu patrão acredita”, Ian sugeriu, referindo-se ao Estado.

“Vamos logo ao assunto”, Shaw disse, guiando-o para um escritório minúsculo e abafado que Ian supôs pertencer-lhe.

“Legal. Você deve ser importante”, Ian atormentou.

Shaw olhou para ele enfaticamente. “Para com essa merda antes que eu decida não me apressar em retirar essas acusações.”

Ian inspirou fundo e afundou em uma das duas cadeiras de frente para a mesa de Shaw. “Você vai retirar as acusações? Não brinca?” ele perguntou. Não tinha a intenção de pergunta. O fato quase o derrubou. Shaw estava assistindo-lhe atentamente. “Uau”, Ian disse, acalmando-se, e arranhou a nuca para esconder a queimação das lágrimas nos olhos. Ele sentiu-se de repente como uma garotinha, emocional para caramba e pronta para chorar. Ele engoliu, cruzando as mãos, e olhando para os dedos, tentando retomar o controle. Ficou sentado assim por um bom minuto, e para seu crédito, Shaw permitiu, compartilhando o espaço com ele, mas sem dizer nada.

“Não achei que você fosse culpado para começar”, Shaw ofereceu finalmente, quando ficou claro que Ian não ia ter um ataque, como um bebê, e chorar.

Qualquer coisa que Ian pudesse ter dito em resposta não parecia apropriado. Mas ainda não conseguia falar por sobre o bloco em sua garganta.

“Preciso que você acerte as contas comigo”, Shaw disse, arrumando-se atrás da mesa. “Preciso que me diga tudo o que sabe, Patterson – *tudo*.”

Ian concordou, retomando a postura.

“Ajude-me a pegar esse cara”, ele implorou. “Antes que uma criança inocente seja morta.”

Ian encontrou seu olhar diretamente. “Só me diga o que precisa que eu faça.”



CHEGA de trabalhar os nervos para falar com Caroline – sua irmã não estava no escritório. Aparentemente, ela havia se encontrado com Jack para o almoço e ainda não havia retornado.

Essa era a primeira vez que Augusta retornava aos escritórios do *Tribune* desde o dia em que havia vindo fazer o inventário para a arrecadação de fundos – o mesmo dia em que encontrou o nome de Ian e informações sobre ele entre as anotações da irmã – anotações todas que apontavam a culpa dele. Era estranho entrar e ver alguém novo na mesa da recepção que Pamela Baker havia uma vez preenchido.

O candelabro gritante ainda estava pendurado na área da recepção, seu massivo volume suspenso por correntes grossas de ferro preto. Tão bonito quanto o ferro ornamental parecesse, a geringonça da era anterior a guerra lhe dava uma sensação ruim no âmagô, porque a lembrava das correntes de galé e ferros golpeados ao redor do tornozelo de escravos. Mas era simplesmente uma luminária – uma estúpida e cara, mas mal valia a pena irritar-se com ela. Quando a hora chegasse, ela arranjaria alguém para arriá-la e vendê-la para algum banqueiro abastado com causas políticas questionáveis que poderia pendurá-la em cima de sua coleção particular de falsos ovos Fabergé.

Ela ainda estava lá de pé, olhando para a monstruosidade, quando Brad Bessett surgiu e ficou ao seu lado.

“Ouvi dizer que a coisa custa vinte e dois mil apenas para restaurar.”

Augusta olhou para ele por cima do ombro e suspirou. “Não duvidaria disso.” Mas foi tudo o que disse. O fato que a mãe delas não havia reagido à tamanha extravagância, enquanto pedir-lhe cinquenta dólares era uma provação, não era da conta dele. Não era do estilo de Augusta compartilhar a roupa suja da família. Ignorar – como ela mesma fazia – era mais seu estilo. A prova disso estava sentada em uma pilha no closet. Era loucura que ela fosse herdeira desse legado e, mesmo assim, não conseguisse se convencer a usar roupas limpas.

Percebendo de repente que, por mais irritante que o cara fosse, ele poderia ajudá-la a descobrir o que precisava saber, ela virou-se para encará-lo. Talvez não tivesse que lidar com Caroline?

“Ei, é Brad, certo?”

Um sorriso espalhou-se no rosto e ele concordou, sua mão indo imediatamente para os bolsos.

“Você é exatamente a pessoa que pode me ajudar. Há quanto tempo está aqui?”

Ele juntou as sobrancelhas. “Trabalhando?”

Augusta resistiu ao desejo de perguntar-lhe se era isso o que ele estava fazendo. “Sim. Há quanto tempo você trabalha para o jornal?”

“Vai fazer cinco anos agora”, ele disse, olhando para a recepcionista, que se

levantou de repente.

Augusta esperou a garota sair antes de perguntar. “Sim... então, talvez você possa me dizer se Jennifer Williams alguma vez se candidatou a um cargo aqui?”

Seu rosto de repente apertou. “Jennifer Williams? Como em a garota desaparecida?”

Augusta concordou. “Sim”, ela disse, observando a linguagem corporal dele. Suas mãos saíram dos bolsos, e ele cruzou os braços. “Tenho um palpite que talvez ela o fez.”

Ele balançou a cabeça, mas os lábios afinaram, como se a pergunta o incomodasse.

Ou ele não sabia. Ou sabia. De qualquer maneira, Augusta sabia lidar com ele. Ela era uma criança do meio talentosa, afinal, e sabia jogar dos dois lados. “Você percebe que, se de alguma forma o *Tribune* perdeu essa parte da informação, Caroline vai ficar furiosa”, ela sugeriu. “Você é um repórter investigativo, certo?”

“Sim”, ele respondeu, claramente irritado agora.

“Então, você provavelmente saberia, certo?”

Ele inclinou a cabeça e estalou as articulações. Augusta não conseguia dizer se era um gesto nervoso ou se ele simplesmente se sentia desconfortável por ter sido pego com as calças arreadas, por assim dizer. “Posso procurar”, ele ofereceu.

“Tudo bem. Bom, se descobrir, me avise, por favor. Vou deixar você compartilhar essa parte da informação com Caroline. Sei a chata que minha irmã pode ser. Deixe-me lhe dar meu número”, ela ofereceu, e mergulhou na bolsa em busca de caneta e um pedaço de papel. Ela andou até a mesa da recepcionista e escreveu seu nome e número em um velho cartão de visita, então entregou-o a ele quando a recepcionista retornou.

“Frank quer vê-lo no escritório dele”, ela disse.

“Eu?” Brad perguntou.

A garota concordou.

“Obrigada”, Augusta ofereceu, e piscou para ele. “Só me dê um toque quando descobrir tudo.”

“Pode deixar”, ele falou, e saiu sem mais uma palavra.

“Você quer esperar na sala da Caroline?” a recepcionista perguntou.

“Nah. Eu falo com ela em casa. Obrigada”, ela disse e se virou, entregando-se a um sorriso privado. Ela tinha a sensação de que Brad iria procurar isso logo. Então agora, com uma segunda tarefa cumprida, ela colocou o foco na Sadie.

Duas já foram, falta uma.

Talvez ela teria mais sorte dessa vez.



ALGUNS DIZEM que os mortos não podem cruzar a água. Então, foi lá que ele o colocou, seu rebanho de almas rebeldes, que em vida não haviam sido mais que instrumentos cheios do pútrido odor de ódio e medo.

Ele uma vez leu que todas as ações poderiam ser reduzidas a uma de duas motivações: medo ou amor. Matar pode ser interpretado como um ato de medo ou ódio, mas não era verdade, porque ele amava cada membro de sua congregação crescente. Com suas mortes, elas haviam lhe dado seu maior presente.

E ele devolveu multiplicado por dez.

Elas estavam deitadas abaixo da sujeira, a beleza terrestre preservada para o resto da eternidade.

O cheiro de decadência pairava no ar. A maioria culpava a lama – um ensopado Lowcountry feito de bactéria, água e matéria orgânica em decomposição no clima sulista úmido e quente.

Por experiência ele sabia que se um corpo ficasse submerso logo após a morte, os tecidos macios – pele, cabelo e órgãos – eram preservados. Aqui, o solo era tão denso, e a lama grossa segurava tão pouco oxigênio, que literalmente sufocava a vida dos micro-organismos que causavam a decomposição... de uma forma, era isso o que ele estava fazendo também... abafando a doença... da mesma forma que a Mãe Natureza fazia. Mas ele ainda estava aperfeiçoando sua arte.

Ele colocou a linha de pesca na água e observou quando o flutuador pesado pousou a quase vinte e três metros de distância, transmitindo ondas que refletiam o sol do final da tarde. De pé com a lama quase na altura dos joelhos, o que endureceu sua calça bege curta nas coxas, ele levantou a bota como por hábito. Fez som de sucção quando mudou para um novo lugar; e ele observou à toa enquanto a onda se fundia ao molde da perna, lavando sedimentos para suas pegadas até que começaram a encher de novo. Ele havia observado pescadores novatos esperarem tempo demais, e depois lutar com a lama, afundando na altura do quadril, antes de se soltar por fim. Mas ele sabia exatamente quão longe ir. Sabia precisamente onde não pisar. Esses pântanos salgados lhe eram tão familiar que conhecia a zona entremarés como a palma da mão.

Daqui ele conseguia ver a quilômetros de distância.

Ele imaginou como deve ter sido nos tempos antigos, quando podia-se ver claramente o centro de Charleston do meio da ilha, por quilômetros e quilômetros

de campos brancos de algodão que pareciam tundras com neve no meio do verão.

Além daquele lençol de algodão ficava a água preta.

Não azul. Mas preta.

Certamente não aquele matiz azul desbotado que os supersticiosos sulistas chapinhavam suas venezianas e varandas para afastar as almas dos mortos – almas presas ao mundo material pelas forças da vingança.

A boca do justo jorra sabedoria, mas a língua da perversidade será cortada

Isso que os Provérbios decretavam.

A faca na bainha em sua perna coçava para ser usada em algo mais do que peixe.

Ainda havia tempo.

Talvez uns bons quatro ou cinco dias a mais.

No final da linha, ele sentiu um puxão e sacudiu a linha para arrumar o anzol, então ele enrolou a presa, o sangue rugindo nas veias.

Paciência é uma virtude.

Ao ver o BMW prata de Sadie na entrada, Augusta mudou de direção para a casa dela em vez de continuar até a casa principal. Os portões de ferro preto se fecharam automaticamente atrás dela quando ela reduziu e chegou a uma parada de barulho desagradável em frente à casa de Sadie. Felizmente, o carro de Josh não estava em lugar algum à vista. Ela não estava com humor para lidar com ele hoje. Eles haviam crescido separados. Não eram mais nada parecidos. Ele apreciava seus sapatos italianos demais.

A casa da Sadie precisava muito de uma camada de tinta, e Augusta decidiu que mandaria os pintores para lá quando tivessem terminado a casa principal – um presente das três por tudo que Sadie havia feito desde a morte da mãe delas. Seria impossível retribuir tudo que ela havia feito por elas durante a vida. Ela tinha certeza de que nem Caroline ou Savannah iriam se queixar do custo adicional ao projeto.

Por outro lado... Sadie era muito detalhista quanto ao matiz de azul que usava na varanda, venezianas e porta, então talvez ela devesse mandá-los para cá primeiro, e então usar a mesma cor na varanda delas?

Na magia popular Hoodoo, água e céu eram cruzamentos entre céu e terra, e, portanto, barreiras entre os mortos e os vivos. Sadie acreditava piamente no poder dos mortos. Por isso, odiava aquele espelho antigo na casa delas. Ela dizia que ele tinha visto mortes demais.

Do lado de fora da própria casa, ela havia construído uma árvore de garrafa feita de cedro vermelho morto. Era demais, com antigas garrafas azuis de cobalto de todos os tipos – enlatados velhos e potes de remédios – nada como as

criações esculpidas que dá para comprar pela Internet. As raízes Geechee de Sadie eram mais fortes do que seu sotaque. Ela costumava dizer que quando o vento soprava no final da tarde, dava para ouvir os murmúrios dos espíritos presos assobiando na brisa. Com a chegada da manhã, o sol nascendo iria queimá-los, impedindo-os de vir e roubar as almas dos vivos.

Não que Augusta acreditasse nessas superstições velhas de fantasmas, mas a visão da árvore de garrafa a confortava de alguma maneira.

Na varanda, ela reconheceu o vaso de terracota rachado que ela havia pintado para Sadie quando tinha nove anos. Ainda estava intacto depois de todos aqueles anos – mesmo rachado, mesmo lugar. Como havia permanecido inteiro depois de todo esse tempo era um mistério. A única explicação que Augusta tinha era que Sadie havia cuidado com muito amor. Ela e Josh haviam-no derrubado logo após de pintá-lo, e eles reforçaram as fendas com cola e depois repintaram-no, mas só poderia ter aguentado todos esses anos se tivesse sido cuidado por uma mão amorosa. Ela ficou lá por um instante, perdida em devaneio, e Sadie atendeu à porta antes de Augusta ter a chance de bater, abrindo-a bem.

“Ei!” Augusta disse, sentindo-se de repente estranha, apesar do histórico delas juntas.

Sadie levantou uma sobrancelha e Augusta olhou para a bolsa na mão. Mal poderia ter passado despercebido que ela não batia nessa porta desde que tinha dezessete anos. “Você vai ficar aí o dia todo? Entra, hein?” Virando as costas para a porta, Sadie secou as mãos no pano de prato que segurava.

Augusta seguiu-a para dentro e de volta à cozinha, onde tinham uma vista desimpedida do capim-da-praia pela janela da cozinha. A casa ficava longe da água o suficiente que Sadie não tinha que se preocupar com a maré alta, mas ainda estava perto o suficiente que conseguia ver o final do cais. Gaivotas e andorinhas pontilhavam o horizonte. Em um ano, havia existido um ninho de águia marinha do lado de fora da janela.

“Tenho certeza absoluta de que você não veio em busca de café, mas acabei de fazer um fresquinho, se quiser.”

“Claro”, Augusta disse, e colocou a bolsa no balcão.

“Metade descafeinado, ok?”

“Sim, tá bom.”

Por um instante, Sadie ocupou-se em preparar o café, e Augusta observou, sentindo-se desconfortável. Não era a casa dela, e ela era visita da Sadie, então não poderia insistir muito em se servir. Em vez disso, sentou-se em um banco no balcão da cozinha, inspecionando a cozinha recém-reformada.

Usando tons de anil e branco, os armários pareciam velhos, mas novos – não tão encantador quanto um pano de algodão listrado, mas se encaixava no lar. A geladeira Sub-Zero estava escondida atrás de portas de madeira azul-escuras, e o resto dos utensílios todos escondidos da vista, como se Sadie não quisesse lembrar-se dos deveres de casa enquanto na própria casa. Após dar duro por quase sessenta anos, Augusta tinha certeza absoluta de que ela poderia desenvolver uma aversão similar aos deveres da cozinha. Quem poderia culpá-la?

Ela só estava puxando assunto quando disse, “Parece que você está colocando o dinheiro para bom uso, Sadie. Bom para você. Tenho certeza de que a mãe iria aprovar.”

Sadie colocou a caneca de café em frente a Augusta – uma que dizia MÃE DA CIDADELA – e levou as mãos ao quadril. “Eu reformei esta cozinha há dez anos, criança. Se parece nova, é porque acabei de começar a usá-la, e você não tem estado por perto. Agora o que você está fazendo aqui? Como eu disse, sei que não veio por causa do café.”

Augusta levantou as duas sobranceiras, sentindo-se envergonhada. “Isso é tão óbvio?”

O queixo de Sadie apontou para baixo. Seus olhos pretos apertaram-se. “O que você acha, hein?”

Augusta suspirou e contou-lhe sobre a partida repentina de Savannah. “Ela está chateada porque sabe que feriu seus sentimentos.”

Sadie sentou-se no banco ao lado dela, com sua própria caneca de café, ouvindo em silêncio. Quando Augusta acabou, ela disse, “Já superei isso, Augusta. A verdade é que não culpo Savannah nem um pouquinho. Estamos todas um pouco sensíveis ultimamente.”

“Como a Queenie está lidando?” Augusta perguntou. “Sei que ela amava a Rose.”

“Melancólica pelo Cody. Você sabe que ela ajudou a educar aquele garotinho.” Ela deu um olhar significativo para Augusta. “Espero que o encontrem...”

Vivo.

A palavra pairou no ar entre elas, não pronunciada. Mas as duas sentiram-na.

Augusta tomou um gole do café. “Sim, eu sei.”

Sadie esticou o braço e tocou a mão dela inesperadamente, sua expressão sincera. “É mesmo muito bom ver você, Augusta. Pensei que nunca veria o dia em que você passaria de novo pela minha porta. Sei que não gosta deste lugar. E

sinto muito por qualquer coisa que o Joshua possa ter dito para aborrecê-la no outro dia. Sabe, ele só se sente um pouco rejeitado por você, mas é melhor que ele fique afastado agora.” Aquela revelação pareceu deixá-la desconfortável, e ela retirou a mão e olhou para dentro da xícara, então, balançou a cabeça, abaixando a xícara.

Augusta abaixou a caneca também. “Não acho que ele tenha me perdoado por eu me mudar”, ela reconheceu.

Sadie concordou. “Talvez, mas aquele garoto tem muitas outras coisas para se preocupar.”

“Como o quê?”

“Um emprego, por exemplo. Ele pediu demissão – você ficou sabendo? Ele não está mais no escritório da procuradoria.”

“Por que não?”

“Bom, você sabe, originalmente ele renunciou por causa da iminente eleição para prefeito da James Island, mas não acho que ele tenha colocado o nome na cédula, e não acho que pretenda fazê-lo. Ele tem estado tão preocupado com aquela casa na rua Tradd – escondido nela o dia todo!”

O rosto de Augusta entortou. “A casa do papai?” Mas não era mais a casa do pai dela; era do Josh agora.

Sadie concordou e esticou o braço para acarinhar a mão dela de novo, como se desenvolvendo a coragem para dizer algo. “Sim, mas isso me traz a outro ponto... algo que tenho pretendido falar para vocês, garotas. Imagino que estive evitando falar no geral, não tanto porque fiquei chateada com a Savannah, mas porque é hora de acertar os ponteiros e não sei por onde começar.”

“Oh-oh”, Augusta disse, e deu a Sadie um sorriso torto. “Você roubou a prataria?”

Sadie não abriu um sorriso. “Criança... sua mãe nunca quis que eu lhe contasse isso, mas Florence se foi e eu tenho que fazer o que é certo, né? Você nunca se perguntou por que sua mãe deixou em testamento a casa da rua Tradd para o Joshua?”

Augusta pensou nisso por um momento, e então deu de ombros, pegando a caneca de café de novo. “Não mesmo. Você é da família. Pensei que fosse o mínimo que vocês dois mereciam. Na realidade, fiquei irritada que o testamento dela distribui em quinhões sua herança como um salário mensal. Você merece mais do que os negócios usuais.”

“Não importa tudo isso!” Sadie exclamou. Ela deu tapinhas na mão de Augusta de novo, parecendo nervosa. “Você vê... não é tão simples assim, então

posso também desembuchar e acabar com isso. Robert e eu tivemos um romance”, ela disse calmamente. “Joshua é filho dele.”

Augusta quase derrubou a caneca da mão. “O papai?”

Sadie concordou.

“Josh é meu irmão?”

Sadie concordou de novo, seus olhos pretos parecendo melancólicos. “Tantas mentiras!” ela exclamou e começou a chorar. Ela colocou as mãos no rosto enquanto Augusta simplesmente encarava, parecendo dormente. “Deus me perdoe, eu queria poder desfazer tudo!”

Sadie continuou a chorar, incontrolavelmente, e Augusta não conseguia se mover, incapaz de confortá-la. Por dentro, ela conseguia sentir sua fachada explodindo, as fissuras se alargando a cada segundo. Era tudo o que conseguia fazer para evitar enlouquecer. Como ela manteve a calma, não sabia. “Não sei o que dizer.”

Era mais do que simplesmente não saber o que dizer.

Essa era a mulher que a havia criado, amado. Com base nessa nova revelação, tudo que Augusta sabia era uma mentira. Sua vida acelerou de uma vez, tudo agora estranho, com ações e reações que não faziam sentido. Tudo o que ela acreditava entender sobre a sua vida, não o fazia mais.

Josh era seu irmão.

Ela beijou-o uma vez.

Atrás do ancoradouro.

E se ela não tivesse dito não?

Após outro instante, Sadie se recompôs. “Você não tem que dizer nada, Augusta.” Seus olhos estavam circudados de vermelho agora, e Augusta percebeu que já estavam inchados, como se ela estivesse chorando por isso há dias. “Fico feliz que estou contando para você primeiro. Por isso, nunca quisemos você... e o Josh... bom, você sabe.” Ela esfregou os olhos e pegou o pano de prato, assoando o nariz nele.

Algo volátil estava se movimentando lá no fundo. Algo que Augusta tinha medo de não conseguir controlar. Mas seu tom não traiu nada. “O Josh sabe? O pai sabia?”

Sadie assoou o nariz de novo. “Sim e sim. Tenho certeza de que é por isso que Josh não está com tanta pressa para concorrer a prefeito mais. Acho que ele está furioso comigo e com raiva do Robert, e não tem nenhum desejo de seguir os passos dele. Pelo menos é assim que acho que ele pensa.”

“Uau”, Augusta disse de novo. Sua pele pinicando por todo canto. “Ele não

disse uma palavra. A quanto tempo ele sabe?”

“Contei pra ele no dia que ele encontrou você. Mas é algo com o qual estive lutando por um tempo. Depois daquela briga com a Savannah... pensei muito, e não consigo mais guardar segredos. É difícil demais.” Ela colocou o pano de prato para baixo.

Provavelmente ainda dormente, Augusta ficou sentada e ouviu a confissão completa de Sadie, de alguma forma segurando tudo por dentro. Aparentemente, o pai dela havia sido um promíscuo maior do que qualquer uma delas percebera. Mas mesmo a parte de Sadie no romance não era o mais chocante. Elas haviam decidido há muito tempo que o pai de Josh deveria ter sido um erro, alguém sobre quem Sadie não se importava de falar, mas que Robert Samuel Aldridge II era aquele homem, e que ele havia sabido sobre o filho, e que a própria mãe dela havia sabido do romance – e Josh – e acobertado, era chocante. Além do mais, que Sadie continuaria a trabalhar para Flo – e que Flo permitiria – de alguma forma, parecia aumentar a disfunção da família delas a proporções bíblicas.

Augusta guardou sua expressão, incerta de como processar algo daquilo. A quantidade de informação que ela estava baixando fez sua cabeça girar e o estômago doer. As mãos tremeram. Ela levou a mão tremendo para a testa, seus pensamentos correndo, de repente incontroláveis.

Evidentemente, Sadie havia amado Robert, havia acreditado nele quando disse que a amava também. Mas em retrospecto, Augusta duvidava de que seu pai tivesse amado a si mesmo. Ele certamente não havia amado os filhos. Ou a mãe dela, a propósito!

Enquanto ficou lá sentada, encarando a xícara de café agora vazia, ela sentiu, pela primeira vez na vida, um senso de pesar pela mãe.

Quão horrível deve ter sido estar no lugar dela, ter todo mundo esperando que você fosse extremamente bem-sucedida... quando na realidade estava se sentindo pequena e vulnerável, e todos em seu círculo mais próximo a estavam traindo. Então, seu filho morreu. E suas filhas a odiavam...

“Ah Deus”, ela disse, incapaz de segurar por mais tempo.

Ela experimentou o maior desejo que já havia sentido de abraçar a mãe naquele instante, mas Flo já havia partido. Ela estava enterrada em um túmulo dentro de um caixão de teca debaixo de um velho carvalho, em um lugar onde nenhuma das filhas iria se aventurar, inclusive seu filho amado.

Augusta ficou lá sentada, focando a xícara de café, sentindo-se intoxicada, mas não pela cafeína.

Ela havia pensado em perguntar a Sadie sobre a fotografia de Sam, mas não

conseguiu aguentar a ideia de pescá-la da bolsa agora. No momento, não parecia importante. Assim como 99 por cento das brigas que ela havia tido com as irmãs ultimamente. Tudo isso era inútil. Tudo o que realmente importava era a família, e não dava para saber o quanto eles importavam até que fossem retirados de debaixo de você como um tapete. Seus ouvidos estavam ressoando, e ela percebeu que estava prendendo a respiração, prestes a desmaiar.

Ela se sentia enjoada.

“Eu queria lhe contar primeiro”, Sadie ofereceu, sua expressão imitando a dor que estava crescendo no peito de Augusta. “Parecia importante.”

Augusta de repente ansiou pela mãe. Era uma sensação afiada e dolorida que a tomou completamente de surpresa. Ela piscou para afastar as lágrimas, segurando a xícara de café vazia na mão. Desde antes da morte da mãe ela não havia derramado uma lágrima sequer. Agora elas ameaçavam fluir sem parar.

Sadie levantou-se e pegou o ombro dela, apertando com força, como se para manter Augusta com os pés no chão da realidade. “Ah Augusta!” ela disse e jogou-se nos braços de Augusta, e embora a criança nela quisesse empurrá-la e correr, ela se agarrou a Sadie desesperadamente, deslizando os braços ao redor das costas dela e enterrando o rosto em seus peitos.

As duas permaneceram daquela forma pelo que pareceu uma eternidade.

Augusta mal conseguia encontrar a voz para falar.

“Você algum dia vai poder me perdoar?” Sadie perguntou.

Augusta concordou, mas segurou-a mais forte quando ela tentou se retirar, incapaz de olhar nos olhos dela ainda.

Sadie deu tapinhas no cabelo dela com carinho. “Deveríamos ter contado a vocês, garotas, há muito tempo”, ela lamentou. “Eu queria tanto, mas sua mãe disse não, Augusta. Ela disse que não queria arrastar vocês em mais drama... então, cuidamos uma da outra e das nossas crianças juntas. Você entende agora por que eu não poderia partir?”

Augusta não compreendia, mas não fazia sentido dizer isso. Todos tinham que lidar com a vida à maneira deles, mas ela queria acreditar que, no lugar delas, ela teria mandado todos ao inferno.

“Você está bem, criança?”

Augusta afastou-se de repente, engolindo forte. “Preciso ir”, ela falou e agarrou a bolsa.

“Augusta!” Sadie gritou por ela.

Mas Augusta já tinha ido.

IAN NUNCA TEVE a intenção de se dedicar a tornar-se um exército de um só homem por justiça. Quando chegou a Charleston, ele tentou pedir ajuda à polícia, mas acabou com portas fechadas em sua cara, ambas literal e figurativamente. E, então, Caroline Aldridge entrou no jogo e de repente ele se viu desviando de acusações como balas.

Portanto, sua decisão havia sido fácil.

Ele contou a Jack tudo o que sabia. Explicou como as acusações iniciais de Jennifer Williams haviam surgido, sua história com a família dela, e por que se sentia tão impulsionado a encontrá-la – principalmente agora que parecia que ela poderia ter virado presa de um assassino. O pai da garota estava morto, a mãe dependia de um tio, que por acaso era um diácono na Igreja. O tio havia molestado Jennifer, usando a morte do pai como forma de aproximar-se dela. A mãe sabia e pressionou-a para ficar quieta, então Jennifer havia buscado a Igreja. Infelizmente, sob pena de *latae sententiae* – excomunhão automática – um padre não poderia revelar nada aprendido durante a confissão, mesmo sob a ameaça de sua própria morte ou de outros. Mais tarde, quando Jennifer foi a ele fora da confissão com intenções de seduzi-lo, pedindo ajuda da única forma que sabia, ele afastou-a, gentilmente, encorajando-a a procurar conselho com um profissional. Irritada e confusa, ela o havia acusado de molestá-la – ao mesmo tempo, o verdadeiro perpetrador movia-se sem repercussões. Como a mãe de Jennifer soubera de toda a história desde o início, ela havia colocado juízo na filha, e as acusações foram retiradas de imediato, mas Jennifer havia fugido.

Ian havia concordado em procurar por ela porque, bem, ele sentia-se responsável por não ter lidado melhor com a situação, para começar. Mas aquela não era sua única razão. Sem Jennifer, era a palavra dele contra a da mãe dela e do tio, e ele tinha toda a intenção de levar o tio à justiça, se possível. Agora que ele não estava mais afiliado à Igreja, não havia nada impedindo-o – certamente não o Selo da Confissão.

Mas ele estava em um beco sem saída. Talvez Jack teria mais sorte. Ele entregou cada final de informações que tinha.

Infelizmente, o telefone de Jennifer era pré-pago, e Shaw já havia seguido aquela pista, tendo pegado o número no celular de Ian após a prisão. Embora Ian não tivesse ouvido notícias dela há meses, sua foto – a que ela lhe enviou – ainda estava no telefone. Mas os registros do celular dela haviam revelado pouco mais além de que ela não usava o celular desde o dia seis de abril – menos da metade dos créditos usados com mais de seis meses para a recarga de trezentos e sessenta e cinco dias expirar. Era como se nos seis de abril Jennifer tivesse

simplesmente desaparecido.

Eles estavam procurando o carro dela, que também estava desaparecido. Não muito para prosseguir, mas muito mais do que Ian havia descoberto em todo o tempo que passara procurando por ela.

Em troca, Jack deu-lhe sua primeira informação útil sobre Jennifer desde sua chegada a Charleston. Jennifer tinha, na realidade, legalmente mudado seu nome para Jennifer Lee. Os registros, a nível local, eram públicos se você soubesse exatamente onde procurar e a quem perguntar. Ela havia, de fato, se metido em alguns problemas sob aquele nome, mas como agora tinha dezoito anos, sua mãe nunca foi notificada sobre a prisão. Os termos de sua soltura foram negociados pelo advogado *pro bono* Daniel Greene – o mesmo Daniel Greene que também era o advogado geral para as Aldridges.

Pelo lado negativo, embora ele tivesse uma imagem mais completa agora, Jack advertiu-o contra interferir na investigação e o havia proibido de falar com Greene. Como um homem que a apenas vinte e quatro horas atrás havia estado em risco de perder a liberdade e o pescoço para o Estado, ele com certeza não estava prestes a colocar-se em risco, mas pelo menos sabia algo mais do que antes.

Ele não tinha certeza se deveria contar a Augusta algo daquilo. Jack não havia lhe dado nenhuma informação confidencial em si, mas de alguma forma ele sabia que contar a Augusta sobre Greene poderia ser prejudicial para a investigação de Jack, ou ele já o teria feito. Augusta contaria para Caroline, e Caroline já havia provado uma vez que sua relação com Jack não era suficiente para manter informações críticas fora dos jornais. Por outro lado, Greene era o advogado da família. Talvez elas se sentiriam obrigadas a protegê-lo – ou alertá-lo de que seu nome estava sendo espalhado pela investigação – em especial porque parecia que a governanta de longa data estava romanticamente envolvida com esse cara. Aquilo era algo que Ian sabia simplesmente por xeretar. Daniel Greene passava um bom tempo na casa de Sadie Childres.

Remexendo fatos velhos e novos na memória, ele fez o caminho de volta para casa, aproveitando o som do motor do próprio carro. “Isso aí, baby”, ele disse, dando tapinhas no painel, grato que o Acura ainda estava inteiro. De modo geral, eles haviam cuidado bem do carro, e ele de repente estava se sentindo muito melhor.

Enquanto ia para a via expressa, o celular tocou no banco ao lado. Sem olhar para o número, ele pegou-o e atendeu. “Ian.”

“Oi, é a Augusta.”

Ela estivera chorando.

“Onde você está?”

“Indo para a sua casa.”

“Você está bem?”

“Não.”

“Já estou chegando.”

Chocado com o tanto que a revelação dela o afetou, Ian desligou e enfiou o pé no acelerador.

Como os estuários de Charleston, as sinuosas estradas secundárias na área do riacho de Secessionville em James Island se contorciam para dentro e fora das vizinhanças, aparentemente desprovidas de qualquer princípio de organização. Havia apenas duas saídas levando diretamente à estrada Folly Beach.

Chateada como Augusta estava, ela fez algumas curvas erradas. Somente após fazer a segunda que percebeu que estava sendo seguida, embora não reconhecesse o carro. Para ela, uma boa descrição de um carro era preto ou vermelho, novo ou velho. Se lhe dessem uma bicicleta, ela provavelmente conseguiria dizer o modelo e ano aproximado, mas carros não eram seu forte.

Depois das revelações bombásticas da Sadie, seu instinto levou-a direto para a casa do Ian em vez da sua. A equipe de construção estava trabalhando do lado de fora hoje e, além disso, Luke tinha uma chave, então ela não tinha que se preocupar em trancar, e a última coisa que queria fazer era dar de cara com um canteiro de obras, cheio de homens estranhos, chorando como uma criança – principalmente já que Savannah não estava em casa e Caroline estaria lá em um minuto. Até ela organizar os pensamentos, sua irmã Caroline era a última pessoa que desejava ver. Ela não fazia ideia de como se sentir sobre nada neste instante, mas não conseguia lidar com mais drama. A única coisa que parecia certa era que Ian sempre conseguia fazê-la sentir-se melhor. Ele tinha um jeito acessível que a ajudava a esquecer tudo exceto o momento que estavam vivendo. De alguma forma, apesar das próprias aflições, ele parecia conseguir deixar ansiedade e raiva de lado – como O Cara de *O Grande Lebowski*, ela pensou. Na realidade, ele parecia um pouco um Jeff Bridges mais jovem, ela refletiu ao

estacionar na frente da casa dele.

O carro seguindo-a parou ao lado da estrada e estacionou três portas para baixo, na grama alta, mas a porta do carro nunca se abriu. Estacionada no quintal de Ian, Augusta ficou sentada, esperando e observando.

Provavelmente um repórter, ela decidiu. Pobre Ian. Ela não sabia como ele aguentava. Essa era a primeira vez que ela vinha à casa dele que ele não tinha meia dúzia de carros estranhos estacionados no quintal.

Contudo, este a estava perseguindo claramente – talvez tentando descobrir qual era a conexão dela com Ian. Cães de caça intrometidos. Falem o que quiserem. Diferente de outras pessoas em sua vida, Augusta não tinha nada a esconder.

Curiosa, ela ficou sentada e observou pelo retrovisor, tentando distinguir o motorista, mas estava anoitecendo agora e ela não conseguia ver muito dentro do carro com os últimos feixes brilhantes de luz do sol irradiando no para-brisa. Quando o Acura preto de Ian veio correndo pela esquina, os faróis do carro se acenderam; então, ele saiu para a rua atrás dele. Ela observou quando o carro passou devagar, mas as janelas estavam todas escurecidas demais para ver dentro. Ela tinha bastante certeza de que isso não era mais legal. Ela pegou as primeiras três letras da placa do automóvel antes de o carro virar a esquina. NZ3. Era uma Dodge preta mais velha que parecia ter visto quilômetros demais na estrada – talvez até um carro de polícia reabilitado.

NZ3, ela repetiu para si mesma.

Ian saiu do carro antes que ela conseguisse abrir a porta, e ela andou até ele, lágrimas de repente ardendo nos olhos. Ele estendeu os braços, e sem aviso elas começaram a correr, quebrando as barreiras cuidadosamente levantadas.

“Ei, ei”, ele disse, levantando o rosto dela. “O que foi?”

“Não sei por onde começar”, ela falou em uma voz que não soava com a dela.

Ele esfregou as lágrimas e, com os braços em volta dela, virou-a para a casa. “Vamos para dentro. Tenho cerveja, e basicamente nada mais, mas você pode me contar tudo quando estiver pronta.”

Augusta concordou, permitindo que alguém a guiasse pela primeira vez.

“Tenho boas notícias”, ele ofereceu, apertando-a gentilmente. “Talvez vá ajudar ouvi-la primeiro?”

Com olhos cheios de lágrimas, Augusta olhou para ele, e ela soube antes de ele dizer. “Ah Ian! Eles retiraram as acusações?”

O sorriso dele alargou-se, e ele concordou, e ela se sentiu de repente mais

despreocupada – ainda mais quando a porta se fechou atrás dele, excluindo o resto do mundo.



DE ACORDO COM ESPECIALISTAS, havia três tipos de raiva: a primeira, um temperamento de má qualidade que se manifestava na personalidade de uma pessoa, como homens velhos irritados; a segunda, uma reação que fervia devagar perante injustiças percebidas; e a terceira, um mecanismo de lutar ou fugir. Como motivação para assassinato, poderia significar a diferença entre homicídio culposo e doloso.

A raiva não era sua amiga, então ele tranquilizou o batimento cardíaco, limpando a mente.

Ela era uma vadia e prostituta, mas aquele não era o porquê ele a queria fora do caminho. Ele a queria fora do caminho porque achava que era esperto.



AUGUSTA CORREU OS dedos pelo aparador sobre a lareira.

Parecia não ter sido espanado há uma década. Pontos limpos, onde adereços haviam residido uma vez, sobressaíam-se contra a cor marfim, visíveis sem as bugigangas usuais para escondê-los. Atrás da grade, embora os tijolos estivessem manchados com ferrugem, não havia uma brasa a ser encontrada. Estava tão limpo quanto o osso de um cão. “Então, você deve estar alugando?”

Ian retornou à sala de estar com um copo d’água, nenhuma cerveja. “O que a faz dizer isso?”

Augusta deu-lhe um sorriso torto. “Ah, não sei... talvez o simples fato que seus aposentos estejam todos vazios e pareça que têm estado dessa forma por um bom tempo.”

Ele piscou para ela. “Nem *todos* os aposentos estão vazios. Na realidade...” Ele sacudiu a sobrancelha para ela quando colocou o copo no aparador ao seu lado e puxou-a em seus braços. “Talvez mais tarde eu lhe darei um tour de meu *boudoir* pós-moderno, assim como uma demonstração de como a cama minimalista de finalidade única funciona. Você vai ficar impressionada”, ele assegurou-a.

Augusta riu, mas uma vibração correu pela espinha ao pensar em ficar nua com ele de novo. Seu corpo respondeu ao toque dele. “Finalidade única?”

Ele concordou devagar, dando um sorriso malicioso. “Dormir é sobrestimado”, ele disse, seus lábios curvando-se um pouco de forma travessa.

“Claro, tudo isso só acontece após termos tido uma chance de conversar.”

O coração de Augusta bateu mais forte. “Conversar é sobrestimado”, ela falou, e seus mamilos ficaram granulados contra a blusa, atraindo o olhar dele.

“Droga”, ele sussurrou, e ela soube no instante em que ele deixou o gracejo de lado. Seu olhar ficou parcialmente coberto, movendo-se dos seios dela para a boca.

O humor mudou de repente e a voz dele ficou mais contida agora. “Dessa vez não quero álcool em minha respiração ou areia na minha bunda. Só quero você na minha cama macia, boa a limpa, e quero lhe mostrar exatamente como me sinto sobre você, Augusta.”

Augusta deslizou os braços ao redor da cintura dele, inclinando-se para trás para medir sua expressão. “Sim? E como é?” Ele nunca havia parecido mesmo o tipo sacerdotal, mas completamente sumido estava o ex-padre, e em seu lugar estava um menino mau que ela nunca conhecera antes deste momento. Seus olhos brilharam com a intensidade de chamas azuis.

Ele alcançou-a, levantando o queixo dela, e pareceu precisar perguntar. “Por que você não me diz o que a aborrece primeiro?”

De repente, nada pareceu tão importante quanto ouvir como ele se sentia sobre ela. Ela deslizou os braços pelas costas dele, alegrando-se na resistência dos músculos largos. “Mais tarde”, ela prometeu. “Agora estamos comemorando.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Você vai comemorar comigo?”

Augusta concordou devagar e prendeu a respiração. Não havia música para mover os quadris ao som dela, nenhuma luz esfumaçada na qual se esconder, nenhum champanhe nas veias deles... mas o momento era tão sensual quanto qualquer outro que Augusta tivesse experimentado. Ela moveu-se contra ele, transferindo o peso com o instinto de uma amante, derretendo-se no abraço dele, ousando provocá-lo.

“Augusta”, ele disse, sua voz áspera. Cada parte soava como um alerta.

Ele pegou a mão dela na altura do pescoço dele, mas em vez de empurrá-la, ele inclinou-se para beijá-la gentilmente nos lábios. Augusta respondeu aprofundando o beijo, oferecendo a língua. Ele beijou-a profundamente, seu corpo tenso e tremendo, e após um instante, ele se separou, apoiando a testa contra a dela, encarando seu rosto.

“Parece que não sou um cavalheiro suficiente para resistir a uma mulher linda sozinha em minha cama.” Ele moveu-se para beijar o pescoço dela.

“Não estou na sua cama ainda”, ela apontou.

“*Ainda* sendo a palavra operante.” Seus dedos curvaram-se ao redor da

garganta dela, segurando-a imóvel para sua exploração.

O corpo dele endureceu contra ela, e ele pressionou sua ereção nela, deixando-a senti-lo através dos jeans. Ela prendeu a respiração, sua pele formigando de antecipação.

Os dedos dele moveram-se para a blusa dela, soltando os botões, olhando-a nos olhos. A respiração de Augusta largou-a apressada com a gentileza com a qual ele desabotoava a camisa, botão por botão, expondo-a; o olhar em seu rosto, faminto e decidido, enquanto descia pela blusa dela.

Sem piscar, Ian observou a expressão dela, com medo de perder uma centelha de emoção.

Não era assim que deveria ser.

Ele só estava brincando até certo ponto sobre a cama, embora estaria mentindo se dissesse a si mesmo que não havia colocado as cervejas no fundo da geladeira de propósito, não querendo que nada entorpecesse seus sentidos... ou os dela. Só para garantir. Mas ele havia querido dar-lhe a chance de respirar... contar com ele se precisasse e, mesmo então, se ela não quisesse fazer amor com ele hoje à noite, ele a teria simplesmente abraçado e lhe dito que a ama.

Porque ele a amava.

Ele sabia disso agora.

A sensação dela em seus braços era como maná para sua alma. Ele não tinha certeza de como ela havia se infiltrado em sua casca blindada, mas o havia feito. Vagarosamente, alegrando-se na sensação acetinada da pele dela, ele virou-a para que a luz do poste a iluminasse por completo a seus olhos. A última vez que ele a segurou nos braços, e a vez antes daquela, havia sido em uma praia escura. Ele queria fazer amor com ela na claridade, assim poderia ver cada centímetro adorável do corpo dela... cada arrepio... cada rubor.

Ele pressionou sua ereção mais firmemente contra ela, querendo que ela sentisse, querendo que ela soubesse os perigos de seduzir a besta vigorosa dentro dele.

Ela era a primeira mulher que ele havia desejado tanto assim em mais de seis anos... a primeira mulher que o havia feito esquecer o passado... a primeira que o havia feito ansiar para passar cada dia, pelo resto da vida, enrolando na cama.

O desejo arranhava pelas veias.

“Diga a palavra e nós paramos”, ele sugeriu e mandou uma pequena oração ao céu para que ela não fosse lhe pedir aquilo. Orações geralmente o decepionavam, mas hoje ele esperava que o homem lá em cima estivesse

firmemente ao lado dele. Ele não queria ter de se aliviar no chuveiro, com apenas a memória do sabor dela se prolongando na boca. O corpo dele doía para se aliviar. Mas ele queria que ela quisesse e estivesse na mesma página.

“Não pare”, ela sussurrou, e Ian gemeu forte no fundo da garganta, tomando-a pela mão. Ele levou-a para o quarto, acendendo a luz, e puxando-a gentilmente para a cama.

Augusta engoliu, incapaz de dizer uma palavra. Ela deixou-o guiá-la para o quarto e resistiu à vontade de lhe pedir para apagar a luz.

Ela sabia por que ele a havia acendido... conseguia ver nos olhos dele – aquela fome mal contida que molhava sua calcinha com apenas um olhar. E, no fundo do coração, ela sabia que não ia pará-lo. O que ela mais queria neste instante era tê-lo dentro dela. Algo sobre ele a animava; aquela era a única explicação para o desejo febril que ela sentia cada vez que estava em sua presença. A boca dela de repente parecia algodão. Suas lágrimas foram completamente esquecidas. As mãos ficaram úmidas e a pele formigava de antecipação – tudo com um mero olhar.

Sem uma palavra, ela apoiou-se na cama, e ele a seguiu, seus olhos azuis brilhantes e cheios de propósito. Engolindo o nó que crescia na garganta, Augusta sentou na cama e ele se ajoelhou em frente, abrindo as pernas dela sem uma palavra, deslizando a saia para cima.

Um protesto ficou preso na garganta quando ela se reclinou na cama, agarrando a barra da saia e empurrando o resto para cima. “Sim”, ela disse com um suspiro, mesmo antes de os lábios dele tocarem-na.

Ele acomodou o nariz contra a calcinha dela, respirando fundo e, então, pressionando a língua contra o algodão macio antes de tomar o material úmido na boca e arrancar a calcinha com os dentes. Augusta engoliu convulsivamente.

Depois de ficar tanto tempo sem uma mulher em sua vida, Ian poderia ter pensado que tudo o que queria fazer era enterrar-se dentro do corpo doce dela, mas desejava mais do que isso. Ele queria saborear todo e cada momento. Ele queria sentir o gosto de cada centímetro do corpo dela. Ele prolongou-se no pequeno botão que o seduzia além da razão, provocando-a com um dedo, e ele não parou até o corpo dela tremer debaixo dos seus lábios e ela gemer com prazer desenfreado.

Ele queria que ela se sentisse apreciada e adorada. Ele fez amor com ela primeiro com a boca, bebendo o néctar do corpo dela com abandono completo. E, então, quando acabou, ele beijou-a completamente, querendo que ela soubesse que não havia uma parte dela que não fosse divina.

“Eu faço para valer”, ele sussurrou contra a têmpora dela, e então pressionou seu peso em cima dela, puxando a blusa dela um pouco calorosamente.

Augusta recebeu o peso dele, puxando-o para baixo, em cima dela, mas as palavras lhe faltaram.

Avidamente, ela desabotoou a camisa branca dele e a puxou, jogando-a para trás dela no chão. Ele abriu o zíper do jeans, e levantou-se um instante para sair dele. “Quero ver você inteira”, ele disse, seus olhos nunca a abandonando.

Augusta rebelou para sair da saia, e antes que alcançasse o chão, ele estava se ajoelhando em cima dela mais uma vez, seu corpo duro e pronto.

Não havia vergonha em suas ações. Ele olhou para ela, parecendo primitivo e pronto para tomar o que queria. Sua mão moveu-se para o pau e ele bateu uma enquanto ela observava, completamente desinibido. A visão dele se tocando, arrastando o polegar por cima da gota de umidade na ponta, excitava-a como nada antes havia feito. Deus a ajude, ela pensou que teria outro orgasmo simplesmente por observar, e então ele trouxe a mão aos lábios dela, pintando sua boca com a umidade sedosa, dando-lhe a menor insinuação do sabor dele. Seus dedos balançaram com paixão mal contida, e ele olhou para ela com sutileza.

“Eu quero você em minha vida até nós dois exalarmos nosso último suspiro, Augusta. Você é a última coisa que quero ver à noite antes de ir para cama. Se não quiser isso também, diga e eu vou me levantar agora mesmo, colocar a calça e levar você até a porta.”

De olhos arregalados, Augusta encarou-o. Nu e sem vergonha, ele descansou a mão mais uma vez em sua ereção, acariciando-a de forma sedutora, esperando pela resposta dela. O cabelo dele caía atrás dos ombros, e o brinco na orelha brilhava pecaminosamente. O equivalente a um dia de pelos dourados brilhava em seu rosto. Ele era facilmente o homem mais bonito que ela havia conhecido.

Augusta não conseguiria ter se afastado desse momento se sua vida dependesse disso.

Ela estava perdida – de corpo e alma.

Com Ian ela não sentia inibição ou vergonha. Sentia apenas o desejo primitivo de reivindicá-lo para si. Ela jogou a cabeça para trás em um convite ostensivo, sorrindo levemente enquanto ordenava, “Faça amor comigo, Ian”.

12:02

Foi preciso cada quilo de força de vontade que Augusta tinha para se levantar e ir para casa.

Ian implorou para que ela ficasse, mas ela sabia que não poderia – não sabendo que Caroline devia estar em casa sozinha. Até o casamento, ela e Jack haviam concordado que era estranho demais que ele ficasse lá, e ela mal passava a noite com ele na casa da praia – nunca sem dizer a ela e Savannah. Augusta não poderia levar Ian para casa também – não até ter uma longa conversa com as irmãs.

“Fique”, ele implorou, e, apesar dos protestos desanimados, ele seduziu-a de volta para a cama. Fizeram amor mais uma vez antes de ela conseguir se levantar e vestir a blusa e a saia de volta.

“Você é tão mau para um ex-padre!” Augusta lhe disse, amando que era verdade. Havia uma linha tênue entre sensual e obsceno. Para ela, cruzá-la não era uma opção, mas empurrar a fronteira era excitante. Ela e Ian tinham as mesmas sensibilidades, ela percebeu. Ela confiava nele implicitamente.

Ele jogou as mãos para o ar e sorriu sem arrependimento. “Eu não fui sempre um padre”, ele recordou-a com uma piscadela. “Na realidade, se você voltar pra cama, vou lhe mostrar quão *não sacerdotal* posso ser.” Agarrando a mão dela, ele puxou-a para baixo, para cima dele, mas Augusta resistiu, beijando-o firmemente nos lábios e se afastando.

“Eu tenho mesmo que ir”, ela insistiu.

“Então, acompanho você até a casa”, ele disse, e seu tom não carregou nenhum argumento. Ele levantou-se e vestiu-se sem queixas, e Augusta observou, pela primeira vez na vida realmente apreciando a natureza solícita de um homem. Normalmente, isso a fazia querer correr o mais rápido que conseguisse na direção oposta. Mas, de alguma forma, Ian a fazia sentir-se à vontade, apesar do fato de ele ter claramente declarado suas intenções – talvez até por causa disso.

Mas havia algo pairando no fundo da mente dela – uma sensação que ela não conseguia afastar, embora tivesse certeza absoluta de que não tinha nada a ver com Ian.

Com tudo o que estava acontecendo, a confissão de Sadie, saber que ainda tinha de conversar com a Caroline, havia um peso no ar – uma sensação amarga da qual não conseguia escapar. Isso empurrou o caminho até a alegria dela, mas ela colou um sorriso no rosto enquanto Ian a levava até a porta do carro.

“Quer que eu dirija até a sua casa? Posso buscá-la de manhã.”

“Nah... melhor eu levar o carro.”

Aceitando sua resposta, ele deixou-a guiar o caminho, seguindo atrás dela pela estrada isolada.

A noite estava clara, mas agradável. Augusta dirigiu para casa com as janelas somente abertas pela metade, passando devagar pelos sinais de pare em vez de parar completamente. As portas estavam trancadas, mas o silêncio era enervante. Por mais bonitos que os carvalhos sobrejacentes fossem, com as cortinas cobertas de musgo derramadas sobre o asfalto, ela não conseguia abandonar a sensação geral de melancolia. Era como uma nuvem negra pressionando-a.

Aparentemente, ela não era a única que sentia aquela sensação de melancolia. Depois do assassinato de Amy Jones na estrada Backcreek, mais algumas casas haviam surgido para venda. Corretores de imóveis aproximavam-se dela através da escuridão.

Era estranho como os assassinatos estavam tão concentrados nessa área.

Ela havia lido uma vez que assassinos em série moravam e trabalhavam nas áreas que estavam caçando – eles tinham empregos em posições nas quais pessoas vulneráveis buscavam ajuda. Era sinistro, mas não surpreendente. O simples fato que pessoas moravam e trabalhavam ao redor de tais monstros e não conseguiam reconhecê-los por quem eram era um pouco assustador.

Augusta gostava de pensar que seus instintos eram melhores do que isso.

Ela nunca havia tido uma sensação ruim sobre Ian, embora sua irmã o tivesse

restringido a assassino do instante em que botou os olhos nele. Mas a personalidade dele nunca havia levantado uma única bandeira vermelha para Augusta.

Talvez assassinos em série tivessem múltiplas personalidades? Parecia a única explicação plausível para tantas pessoas conseguirem não ver o que parecia estar bem em frente a elas.

De volta ao início dos anos noventa, quando o Estado executou Donald Pee Wee Gaskins, revivendo os horrores que ele havia cometido no Lowcountry, ela lembrou-se de ler que o cara havia alegado ter comprado um carro funerário para rebocar as vítimas ao seu “próprio cemitério privado”. Ainda assim, ninguém acreditou em suas ostentações. Todos os seus companheiros de bebida achavam que ele era uma piada. Mas ele não era. Por sua própria confissão, Gaskins havia assassinado mais de uma centena de homens e mulheres, inclusive a filha de um senador. Se aquilo era verdade ou não, ninguém sabia. Ele nunca compartilhou a localização dos corpos e havia milhões de hectares de pantanal – impossível vasculhar cada centímetro.

Depois de Gaskins, Charleston levou literalmente décadas para remover o manto de medo jogado sobre a cidade – principalmente considerando o novo despertar do público para os crimes dele após sua execução. E agora, como naquela época, havia uma aura de medo rodeando a comunidade... exceto que esses homicídios estavam concentrados bem aqui ao redor da Fazenda Oyster Point... ao redor dos lugares onde Augusta havia brincado quando criança. Aquele cemitério do qual Cody desapareceu era uma parada frequente nas longas caminhadas delas.

Ela observou Ian pelo retrovisor com um sorriso.

Mesmo o anoitecer assombrado não poderia diminuir o jeito que ele a fazia se sentir. Ele a fazia sentir-se amada, mesmo se não tivesse dito aquelas três palavrinhas. Depois de tantos relacionamentos fracassados, dessa vez *parecia* diferente. Não fazia muito sentido negar isto: Augusta estava apaixonada por ele. Ela havia ido até ele após a confissão da Sadie em vez de se aproximar de Caroline. Porque confiava nele ainda mais do que na própria família.

Assim que chegaram aos portões, como ele havia feito antes, ele se conteve de entrar atrás dela e simplesmente esperou Augusta entrar.

Projetada na luz dos faróis, sua irmã Caroline estava sentada no último degrau da varanda com Tango deitado em silêncio ao seu lado. Seus olhos refletiam a dor de Augusta, e Augusta viu... que ela sabia sobre o Josh.

A cabeça de Tango subiu quando Augusta saiu do carro, e seu rabo bateu uma

vez contra a varanda, embora ele não tenha se levantado. “Sadie acabou de sair”, Caroline lhe disse quando ela bateu a porta do carro. Mas isso foi tudo; ela não disse nada sobre Ian ou a presença dele na Oyster Point – embora Augusta soubesse que ela havia espiado o carro dele. Era impossível não notar porque ela estava sentada diretamente no farol alto dele. E ela nem fez alguma observação acusatória sobre os dois terem estado juntos.

Do lado de fora do portão, os faróis de Ian afastaram-se, lançando uma sombra na irmã, e então as brilhantes luzes traseiras desapareceram devagar na estrada quando ela se sentou nos degraus da varanda perto de Caroline. “Ela contou tudo para você?”

Caroline olhou para ela e respirou fundo. “Espero muito que sim. Já tivemos mais do que drama suficiente, não acha?” Ela estendeu o braço atrás dela para acariciar Tango, acrescentando, “Ela estava preocupada com você”.

Augusta ficou sentada em silêncio, incerta do que dizer. Sentia apenas um pouquinho de culpa por ter se confortado nos braços de Ian e deixado Caroline sozinha para encarar Sadie.

Tango choramingou e esfregou a cabeça nas costas dela.

Hoje à noite, havia sinal de um nevoeiro descendo na água. O campanário de estanho do ancoradouro estava coberto, mas a água em si, depois do capim-da-praia, estava tão lustrosa quanto uma folha de vidro preto. Grilos cricilavam. Sapos coaxavam com pesar. Felizmente, elas haviam perdido a estação de acasalamento este ano, mas se ainda estivessem aqui em março, ela ia ter que comprar um bom par de fones. O som de sapos acasalando era ensurdecador.

“Ela está bem?” Augusta perguntou finalmente.

Caroline virou-se para olhar para ela. Augusta conseguia ver que a irmã estivera chorando. “Triste. Acho que... é difícil para todos.”

Augusta concordou, e a pontada de lágrimas de repente reapareceu em seus olhos. A melancolia repentina desceu um pouco mais. “Pobre mamãe”, ela se viu falando.

Caroline simplesmente encarou-a, piscando, provavelmente tão surpresa pelas palavras que haviam saído da boca de Augusta quanto ela estava. Os olhos de Caroline ficaram opacos quando ela encarou a irmã. Um filete de umidade apareceu no canto de um olho, mas estava fadado ao fracasso lá.

Augusta aproveitou a oportunidade para abrir o coração – colocar em palavras as coisas que a haviam incomodado desde o instante em que Sadie revelou seus segredos. “Julguei a mãe com base no que sabia – o que era absolutamente nada”, ela confessou. Pegando-a de surpresa, uma lágrima correu

pela bochecha.

Ouvindo o pesar em seu tom, Caroline jogou um braço ao redor dos ombros de Augusta. “Todas nós o fizemos, Augie – a mãe inclusive –, ela se julgou. Tenho certeza absoluta de que é por isso que ela continuou se punindo até o dia que morreu.”

“Você acha que ela *já* foi feliz, Caroline?”

“Não sei. Acho que ela estava triste na maior parte de nossas vidas – mesmo antes de Sam –, mas ela é tão responsável por isso quanto qualquer um”, Caroline ofereceu. Mas seus lábios tremeram um pouco, camuflando a fachada calma e racional que ela estava tentando tanto apresentar. “Se ela não era feliz com o pai – com a vida dela – não deveria ter ficado com ele... mas isso é fácil para nós dizermos agora.”

“Ela se foi mesmo”, Augusta recordou-a.

“Sim, depois que a vida de todos estava praticamente arruinada, a dela inclusive. Vamos encarar isso, o pai era um pouco sociopata.”

Augusta ficou lá sentada, considerando sua família inteira, indo para o abraço de Caroline. “Antigamente eu teria dito que a mãe também era.”

Caroline balançou a cabeça. “Impossível... há uma diferença entre ser incapaz de sentir e escolher não sentir. A mãe se medicava para não sentir. Não é a mesma coisa.”

Havia sido mais fácil pensar na Flo como sem coração. Pensar nela sofrendo tanto fazia Augusta sentir-se infinitamente pior. Mas hoje à noite era impossível não ver a mãe como um ser humano – com falhas, mas tentando fazer o melhor com o que tinha. Havia uma razão para a mãe tê-las trazido todas juntas aqui debaixo de um teto, e ao sentar perto de Caroline, ouvindo o nó na respiração da irmã, ela percebeu que precisavam uma da outra muito mais do que qualquer uma delas havia percebido. Flo havia se importado o suficiente para forçá-las a ficar juntas.

Talvez fosse a hora de parar de correr? Talvez ela gostando deste lugar ou não – com toda a história sórdida e o fantasma da mãe cambaleando por lá, margarita em mãos – fosse a hora de encarar o passado?

Talvez fosse a hora de se deixar sentir?

“Eu me preocupo, às vezes, que puxei o pai”, Augusta confessou. “Não pareço conseguir sentir o que você e Savannah sentem.”

Caroline levantou as sobrancelhas e lhe deu um balançar de cabeça inflexível. “Augusta, há muitas coisas que você é, querida irmã, mas insensível não é uma delas. Na realidade, se você procurar *fogo de artifício* no dicionário,

sua foto está ao lado da definição!”

Augusta deu risada, apesar do humor rabugento – apesar do insulto provável.

Caroline olhou para o pântano. “De qualquer forma, não é muito uma questão de não sentir. Aparentemente, sociopatas sentem – eles sentem dor, raiva – só não têm uma consciência. Faltam-lhes sirenes na mente quando se trata de ética e moral.”

“É? Quando você se tornou a Dra. Caroline?”

Caroline lhe deu um sorrisinho forçado. “Provavelmente na mesma época em que me transformei na mãe.”

Augusta riu de novo. “Você sabe... eu não quis dizer aquilo.”

“Ah sim, você quis, mas tudo bem.”

“Você ligou para a Savannah?”

“Ainda não.”

“E o Jack?”

“Não. Estava esperando você.”

Os olhos de Augusta lacrimejaram com a revelação. Em algum momento, há muito tempo, elas haviam sido o maior suporte uma da outra. “Você poderia ter ligado.”

Caroline deu de ombros. “Sadie ficou aqui a noite toda. Além disso, eu ia ligar se você não aparecesse logo, mas eu estava me preparando para outra lição de moral sobre quão inadequada eu era de estar no lugar da mãe.”

Augusta riu. E ainda assim Caroline evitou trazer o assunto Ian. Ela ficou grata pela folga.

“Não é surpresa que o Josh não tem estado por aqui”, Caroline disse, depois de um instante. “Pobrezinho.”

“É, eu acho”, Augusta falou. “Ele foi mimado demais, e ambas Sadie e mamãe o adoraram. A mãe era muito mais complacente com o Josh do que jamais foi conosco.”

“Sim”, Caroline concordou. “Ele teve mais e melhor com certeza. Ele era o único homem em uma casa cheia de fêmeas e saiu impune.”

As duas caíram no silêncio, encarando a água negra. Uma brisa quente varreu do pântano, emaranhando o cabelo de Augusta

O cheiro de lama estava forte hoje à noite – um odor doce sulfuroso que permeava o ar, principalmente agora que as azaleias já tinham terminado de florescer. As flores murchas estavam segurando firme, mas um pouco desgastadas. A mãe delas costumava cuidar dos jardins sozinha, removendo as flores murchas para encorajar novo crescimento. Agora os arbustos estavam

cheios de pétalas secas, parecendo negligenciadas e aflitas. Augusta decidiu que faria algumas leituras e descobriria como cuidar delas.

“Topei com a equipe de trabalho hoje”, Caroline disse após um longo intervalo. “Obrigada por começar isso, Augusta.”

Ela souou como se realmente quisesse dizer aquilo.

“De nada”, Augusta respondeu e sorriu. E juntas elas ficaram sentadas, braços dados, ouvindo a respiração fácil de Tango ao lado delas.



SADIE HAVIA se esquecido de trancar a porta. Ela só percebeu aquele fato quando enfiou a chave na fechadura. Balançando a cabeça, ela virou a maçaneta e empurrou a porta para abri-la, revelando uma sala de estar imaculada, tudo precisamente como havia deixado. Ela tinha tempo demais nas mãos ultimamente, e não sabia o que fazer consigo, então limpava incessantemente e removia coisas com compulsão de TOC.

Bom que ela tinha Gracie para limpar e alimentar, ou então poderia se sentir inútil. Agora ela entendia toda a conversa sobre síndrome do ninho vazio. Só Deus sabia, ela não sabia o que faria quando a gata morresse.

Ela estava um desastre, percebeu quando trancou a porta atrás de si e andou direto até a cozinha para pegar um copo d'água da torneira. Algumas pessoas não gostavam da água da ilha, mas Sadie gostava. Ela bebeu de pé à pia enquanto olhava para o pântano.

Noite agradável – uma pena que ela havia estragado o humor para todos...

Mas qualquer que fosse o resultado, ela não poderia se arrepender. Era hora de se livrar de todo o *jijú* ruim por aqui... não importa que algumas coisas foram feitas para nunca ver a luz do dia.

Aquelas coisas ela levaria para o túmulo.

Ela imaginou se Daniel havia passado aqui. Normalmente, se ela não estivesse em casa, ele teria tentado a casa principal, mas com tudo o que estava acontecendo, ele provavelmente percebeu que era o último lugar que ela iria. Ele sabia que ela estava pensando em contar às garotas a verdade e não achava que era uma boa ideia, mas Sadie não se importava. Parecia a coisa certa a fazer – não importava o que Flo ou Daniel pensassem –, e se Daniel realmente a amasse, ia ter de deixá-la ser quem ela tinha que ser.

Era tarde demais para ligar para ele agora, então ela decidiu ligar para ele de manhã, e com aquilo decidido, ela não se importou em procurar pelo celular. Ela já havia conversado o suficiente por hoje de qualquer forma. Amanhã ela ligaria

para Savannah também, porque Savannah merecia ouvir a verdade dela. Com um suspiro cansado, deixou o copo no balcão e fez o caminho até o quarto.

A forma preta de Gracie pulou saindo da pia do banheiro quando ela passou, miando uma reclamação pela ausência dela. Como esperado, a gata seguiu-a pelo corredor, pronta para tomar um lugar ao pé da cama.

O velho chalé era pequeno – uma caixa de pão para uma casa, mas era dela. O quarto dos fundos dava para o pântano também, e ela amava aquilo ainda mais – olhar pela janela panorâmica para o capim-da-praia dançando na brisa enquanto lia.

Fazendo o caminho até o criado-mudo, ela ligou o abajur e sentou-se na cama para retirar os sapatos, olhando para o livro atual que descansava lá – *The Road to Forgiveness*. Ela conseguiria ler uma página inteira? Provavelmente não, mas era seu hábito ler um pouco cada noite.

Ela jogou um sapato no chão. “Flo”, ela disse. “Você teve muita coragem para me deixar assim, hein? Completamente sozinha com essa bagunça!”

A casa permaneceu silenciosa, sem resposta. Não que Sadie esperasse uma. Embora fosse tão supersticiosa quanto todo mundo, ela sabia que os únicos tipos de espíritos que se prolongavam aqui nesta terra eram os maus – aqueles que não poderiam, ou não iriam, seguir em frente. Flo não tinha um osso mau no corpo.

“Por outro lado, talvez você não possa ir ainda”, ela falou para uma Flo de mentirinha. “Você com certeza fez para si mesma um enorme desastre.”

Sadie percebeu que havia tido uma parte nisso, e considerou a possibilidade de que talvez ela e Flo fossem assombrar o que sobrou dessa antiga fazenda juntas. A ideia fazia sentido de algum modo. Isso a fez sorrir um pouco, e ela jogou o outro sapato no chão, pensando que o único mau suficiente para voltar dos mortos seria o Robert.

Egoísta. Malévolo. Conivente.

Não havia muito o que se falar de positivo daquele homem, e embora isso não fosse cristão, ela estava feliz de ele estar morto. Ela odiava que Josh havia herdado a casa na rua Tradd – não poderia haver nada além de carma ruim naquele lugar velho. Talvez Flo tivesse pensado que estava lhe fazendo um favor, mas não era assim que Sadie via isso. Ela preferia que o filho tivesse ficado na casa que Queenie havia lhe vendido em John’s Island. Ele havia tido muita privacidade lá e vários aposentos para crescer – mesmo se fosse um pouquinho longe demais para alguém visitá-lo. Ela supôs que, pelo menos agora, ele estava mais perto.

“Vão fazer um filme sobre a gente”, ela disse à Gracie, e esticou o braço

para acariciar a gata.

Gracie lhe deu um “mech” solene e esticou uma pata, aparentemente para afastá-la.

“O que você sabe mesmo?” ela disse à Gracie. Mas a verdade era que Gracie provavelmente sabia muito mais do que a maioria das pessoas. Gatos conseguiam ver coisas que os humanos não. Com um suspiro, ela levantou-se da cama, encontrou sua camisola, mudou de roupa e, então, foi para cama, puxando as cobertas para cima. Gracie observou-a o tempo todo, seus olhos fixos em cada movimento de Sadie, garantindo-lhe que não havia ninguém aqui hoje à noite além das duas.

Por um longo instante, Sadie encarou a gata, pensando sobre a árvore de garrafa lá fora. Se alguém tivesse se importado em esvaziar aqueles bilhetes de dentro, teriam descoberto todos os segredos dela há muito tempo. Era a forma dela de entregar suas preocupações para Deus e deixá-lo lidar com elas. Assim que todos os sentimentos ruins e histórias estivessem nas garrafas, todo o sinal de más notícias cercando-os ficava preso dentro. Embora alguns acreditassem que para realmente se livrar deles, você tinha de tampar a garrafa e jogar ao mar. Talvez ela tentasse isso algum dia.

Sua avó costumava ter um feitiço de garrafa para cada coisa, mas o único que Sadie havia tentado foi o feitiço de separação. Talvez estivesse levando as coisas um pouco longe demais, mas caso fosse tudo verdade, ela havia colocado o pelo de um cão negro – cortesia do Tango – e o pelo de um gato negro – ela olhou para Gracie – em uma garrafa com os nomes de Augusta e Josh. Ela não queria que eles se odiassem, mas era melhor do que a ideia de irmão e irmã se casando sem nem mesmo saber que eram parentes, e Flo a havia feito prometer nunca contar.

“Desculpa, Flo”, ela disse, e pegou o livro que descansava no criado-mudo. Embaixo dele havia uma folha de papel dobrada. Colocando o livro de lado, ela pegou a folha, desdobrou-a e leu:

Eu, Florence W. Aldridge, de James Island, declaro este o primeiro codicilo de meu Último Desejo e Testamento datado de primeiro de maio de dois mil e catorze.

SADIE PISCOU, seu coração dando solavancos. Era o codicilo desaparecido para o testamento de Florence – o qual Savannah a havia acusado de esconder. Ela

prende a respiração ao continuar lendo:

ITEM I: Eu desejo e ordeno que o item V do meu supracitado Último Desejo e Testamento seja cancelado por completo. Item II: Eu desejo e ordeno que o seguinte seja o item V de meu Último Desejo e Testamento.

SADIE AGARROU o peito ao ler as próximas palavras:

EU DESEJO e ordeno que a propriedade que faz fronteira com o riacho de Secessionville do atalho até a estrada Fort Lamar; e consistindo das regiões originais existentes da Fazenda Oyster Point, assim como os pântanos nos limites, sejam por meio deste doados ao estado de Charleston.

SEU OLHAR CAIU para o final da página no qual o nome de Flo estava posicionado em uma assinatura clara e evidente que ela reconheceu imediatamente. Flo havia dado a casa de Sadie para a cidade. Ela realmente havia feito isso. Mas por quê? Ainda mais importante do que por quê... o que o codicilo estava fazendo debaixo de um livro no criado-mudo de Sadie? Ela nunca havia visto este pedaço de papel em toda sua vida. Mesmo após Savannah ter lhe dito sobre ele, ela havia duvidado de sua existência.

Quem diabos havia colocado o codicilo lá?

Ao pé da cama, Gracie piscou para ela serenamente, seus olhos pretos sabidos. Com mãos tremendo, Sadie dobrou o codicilo cuidadosamente e colocou-o de volta dentro do livro, batendo-o. Ela deixou o livro no criado-mudo, seu coração batendo dolorosamente, e então desligou as luzes e encarou a escuridão.



O BARULHO em seu crânio estava aumentando.

Como o chiar de sapos durante a estação de acasalamento, o som era irritante e incessante, abafando o pensamento racional.

Com cinquenta e duas janelas na casa de seiscentos metros quadrados, as chances haviam estado a seu favor que uma seria deixada aberta. Encontrar o

quarto dela havia sido fácil. Apesar do tamanho da casa, havia somente quatro quartos no andar de cima. A porta dela foi deixada escancarada.

O chão rangeu suavemente quando ele entrou no quarto.

Matar o cão deixaria um alerta desnecessário. Felizmente, o animal estava trancado dentro do quarto da irmã, dormindo contra a porta. Ele conseguia ouvir o pelo grosso dele esfregando a madeira pintada quando passava. Mas aqui... neste quarto... ela dormia profundamente... o sono dos inocentes... inconsciente que tinha uma audiência.

Mas ela não era inocente, ele decidiu.

Nem era muito intuitiva.

Ele queria que ela ficasse com medo... queria que ela entendesse que não estava no controle. Ele queria que ela soubesse que mesmo quando acreditou que estava sozinha, a mão do destino estava suspensa acima dela, pronta para atacar.

Ele ficou nas sombras ao pé da cama dela, observando-a dormir... por um instante... o rosto dela iluminado pelo tom prateado da lua. Ao seu lado, ele deu um peteleco na ponta afiada da faca embaixo das unhas, inconscientemente pressionando a lâmina na pele macia debaixo da unha. Ele sentiu uma excitação imediata na virilha, mas não se moveu.

O relógio no criado-mudo dela lia: 3:07.

Alguns alegavam que o véu entre o mundo espiritual e o físico era mais fino a essa hora... então era quando ele gostava de trabalhar. Mas ele ainda não estava pronto. Primeiro ela tinha que entender...

Ele esperou até ter certeza de que ela não acordaria, então fez o caminho até o lado da cama dela e deixou o presente, saindo em seguida.

9:20

“Ei, dorminhoca...”

Augusta acordou ao som da voz de Caroline e um pequeno salto na cama. Um olho aberto revelou que Caroline estava vestida para trabalhar, e uma olhada no relógio lhe disse que estava tarde.

“Passei do horário também. Ontem me tirou toda a força”, Caroline disse e Augusta afastou o sono do cérebro. “Não quis deixá-la dormindo sozinha com a equipe da construção trabalhando duro no andar de baixo.”

Augusta sentou-se na cama. “Ah Deus! Esqueci completamente! Eles já estão aqui?”

Caroline concordou. “Sim. Embora eles pareçam saber exatamente o que fazer sem eu ter que me envolver, pensei em ficar até você acordar. Mas tenho uma reunião em quarenta minutos.”

Augusta saiu cambaleando da cama e encontrou suas roupas, prometendo lavá-las hoje. Ela olhou para Caroline. Elas eram aproximadamente do mesmo tamanho e altura. Talvez Caroline não se importasse se ela pegasse emprestada uma roupa para o dia. “Obrigada”, ela falou. “Obrigada mesmo. Este soma dois dias em seguida que dormi como os mortos. Não sei o que está errado comigo!”

“Drama”, Caroline disse, balbuciando a palavra com enorme ênfase. Augusta sorriu, e Caroline levantou-se para sair. “Precisa de algo enquanto estou fora?”

“Nah, tô bem. Planejo dar uma saída para o almoço.” Almoço significava

tempo com Ian.

“Tudo bem, então estou indo”, Caroline falou e saiu do quarto. Seus saltos estalaram contra o chão de madeira quando ela passou o tapete no corredor.

Augusta puxou o cabelo em um rabo de cavalo e, então, esticou o braço para pegar o elástico que havia deixado no criado-mudo na noite anterior, congelando ao ver o pequeno guarda-chuva de papel amarelo.

Abandonando o rabo de cavalo, ela esticou-se para pegar o guarda-chuva, inspecionando-o. Parecia *exatamente* com o que Ian havia colocado no bolso na noite anterior. *Exatamente*. Mas ela não se lembrava de ele tê-lo devolvido. Nem se recordava de trazê-lo para casa. Mais seguramente, ela não se lembrava de colocá-lo no criado-mudo.

De onde diabos aquilo havia vindo?

Combinado com a fotografia de Sam e a canção de Nilsson, era absolutamente assustador. Lá fora, ela ouviu o Lexus de Caroline dar partida e ela olhou para o chanfro que o traseiro de Caroline havia feito em sua cama. Ela havia se sentado longe demais do criado-mudo para colocá-lo lá, e por que ela o faria?

Ela encarou a pequena decoração cheia de babados, enervada em vê-lo. Mas era simplesmente um guarda-chuva de papel, disse a si mesma. Nada de especial sobre ele, exceto pelas memórias desagradáveis que evocava – memórias e sentimentos ruins com os quais poderia viver sem, principalmente nesta manhã quando ela queria sentir algo diferente pela Flo e pela casa.

Era hora de deixar o passado para trás.

Sua mãe foi um ser humano. Todos cometiam erros. Augusta havia certamente cometido o suficiente por conta própria. Para o bem de todos, ela precisava colocar um ponto final em toda a decepção que não poderia mais ser reparada. Se ela conseguia perdoar completos estranhos por erros percebidos, então por que não poderia perdoar a mãe?

Com aquele pensamento, ela jogou o guarda-chuva no lixo ao lado da penteadeira.



ERA DE MANHÃ.

De novo.

Ele pensou.

Mas talvez estivesse sonhando.

Os braços de Cody estavam mais do que doloridos. A dormência os havia

tomado, fazendo-o sentir como se não fossem mais parte de seu corpo – como a língua. Até agora, o homem não havia retornado, mas agora Cody tinha certeza absoluta de que morreria antes que alguém viesse, então não tinha mais medo.

Seus olhos estavam em chamas. Os lábios rachados e enfraquecidos. Ele estava tão fraco que nem se moveu quando viu a serpente se arrastar do vestiário. Ele ficou imóvel, observando o réptil deslizar até o quarto cavernoso, frágil demais para puxar o ar para as narinas queimando. Mas seu coração acelerou dolorosamente, batendo de forma irregular enquanto observava o réptil se aproximar. Não era a primeira vez, desde que havia chegado aqui, que seu coração parecia querer sair pelo peito, então, ele ficou deitado em silêncio, desejando que ele se acalmasse.

A mente acima da matéria, seu pai diria, embora ele não conseguisse lembrar por que exatamente ele dizia isso.

Olhos meio fechados, ele observou a serpente parar e inspecioná-lo... quase como se sentisse Cody deitado nas sombras.

Não respire, falou a si mesmo. *Fique imóvel*.

Mas ele sabia que serpentes conseguiam sentir calor, então fingir de morto não era exatamente a coisa certa a fazer. Ainda assim, ele ficou lá tão imóvel quanto sabia ficar, sem ousar piscar.

Seu peito subia e descia em um ritmo rápido.

Depois de um instante, a serpente deslizou se afastando para um canto atrás da cabeça de Cody e enrolou seu longo e grosso corpo preto ao redor de uma pilha de madeira no meio, onde um feixe de luz do sol emanava da janela quebrada.

Cody conseguia ver a serpente, deitada lá à luz do sol.

Era larga, com uma grande cabeça preta na forma de uma cunha. Do ponto de vista de Cody no chão, ele conseguia ver que o baixo ventre ainda tinha algumas faixas horizontais, mas não em demasia, e elas desbotavam para um preto acastanhado na parte de cima do corpo da serpente. Aquilo significava que provavelmente era velha, Cody percebeu. Ela havia se livrado da extremidade amarela do rabo, mas Cody a reconheceu como uma boca-de-algodão no momento em que se acomodou na pilha de lenha e inclinou a cabeça para trás para mostrar ao Cody o interior branco da boca. Ela ficou lá, com a boca aberta, não mais do que noventa centímetros de distância – perto suficiente que Cody conseguia ver os dois dentes venenosos, alertando-o para ficar afastado.

Cody tentou não respirar.

Ele não falou com a serpente exceto em sua mente.

“Não vou machucá-la”, ele disse. “Não se preocupe.”

A boca-de-algodão respondeu balançando o rabo, movendo a cabeça ainda mais para trás e virando a boca branca para Cody, assim ele conseguia ver os dentes com mais clareza.

Seu pai sempre lhe dissera que se estivesse perto o suficiente para ver os dentes de uma serpente, você estava perto demais, mas Cody não tinha muita escolha.

Pelo tempo mais longo, a serpente ficou naquela posição ameaçadora, observando Cody do canto de um olho elíptico.

Lá fora, ele ouviu o som de trovão se aproximando, e o céu rapidamente escureceu, lançando o corpo da serpente na sombra junto com o de Cody.

Cody piscou, fechando os olhos, lembrando-se da boca-de-algodão que havia vindo direto para o barco de pesca deles. Elas nadavam com as cabeças acima d'água, seus corpos gordos quase invisíveis no rio preto. Seu pai dizia que elas só eram curiosas, mas o homem no habitat selvagem disse que elas eram agressivas e que seu amigo sobreviveu por pouco a múltiplas mordidas de uma serpente venenosa má.

Forçando os olhos abertos, ele observou a forma escura no canto através das pálpebras entreabertas, seu cérebro fraco enquanto lutava pela necessidade de fechar os olhos.

Depois de um instante, a serpente fechou a boca e Cody relaxou, deixando os olhos descansarem.

Em algum lugar em sua mente sonhadora, ele pensou ter ouvido a serpente dizer, *“Não se preocupe, Cody. Não vou machucá-lo”*.



NUVENS DE TEMPESTE ESTAVAM CHEGANDO.

A equipe de trabalho mal havia começado antes de terem que guardar tudo de novo, prometendo retornar pela manhã. Augusta ficou de pé na varanda da frente, observando a última cabeça da equipe de Luke sair do portão.

A previsão do tempo anunciava chuvas leves, mas essas nuvens em particular tinham um baixo ventre irritado e contundido que prometia mais do que chuveiros. O vento ficou mais forte, e mesmo a zona entremarés tinha algumas ondas espumantes visíveis.

Augusta poderia ter ficado decepcionada, mas o que realmente queria fazer era ver Ian, e isso lhe proporcionaria a oportunidade perfeita para sair se ele estivesse disponível.

Ela sabia que apesar dos alertas de Jack, ele provavelmente não desistiria por completo da busca por Jennifer, mas também não estava indo na velocidade máxima com isso. Ele havia prometido cooperar com a polícia, e Augusta tinha certeza de que ele não iria arriscar acabar atrás das grades de novo, principalmente agora que todas as acusações haviam sido retiradas. Mas ela também sabia que ele se sentia responsável por Jennifer.

Ela ficou na varanda, olhando para o pântano. Parecia que a porta do ancoradouro havia sido deixada escancarada e parecia estar pendurada de forma precária. Se ela não saísse e a arrumasse, ia acabar sendo apenas outro reparo que teriam de fazer. Na realidade, julgando pelo modo que ela estava balançando, já era tarde demais. Mas antes que pudesse ir naquela direção, seu celular tocou e ela pescou-o do bolso – bolso de trás da Caroline, para ser mais específica, e a calça estava um pouco apertada. Ela havia roubado um par de jeans da gaveta da irmã junto com uma blusa macia como algodão. Decepção infiltrou-se nela quando viu que era um número desconhecido. Hesitando entre deixar para lá e atender, ela tocou o botão verde de resposta e disse alô.

“Oi”, respondeu a voz. “É o Brad Bessett.”

“Ah, oi!”

“Oi, então, procurei aquela pista que você me deu – obrigado, por sinal.” Ele soou genuíno.

Um pouco distraída pela porta do ancoradouro, Augusta disse, “Ótimo, de nada. O que você descobriu? Alguma coisa?”

“Não o que você estava procurando. Pelo que podemos dizer Jennifer nunca se candidatou a uma vaga aqui no *Tribune*, embora eu verifiquei com a minha fonte na polícia e eles me deram uma nova pista. Parece que Jennifer legalmente mudou de nome, e, aparentemente, agora emitiram uma busca pelo carro dela desaparecido.”

Ian ficaria feliz em saber que a polícia estava realmente seguindo a informação que ele havia lhes dado. “Isso são boas notícias, certo? Então, eles têm uma pista?”

“Não é certeza, mas pensei que você iria se interessar em saber que o veículo está registrado sob um nome com o qual você pode estar familiarizada...”

“Ah sério?”

“Sim...” Ele parou por um instante, como se construindo o suspense, e Augusta se viu instantaneamente irritada. “Daniel Greene”, ele revelou antes que ela pudesse falar.

A revelação deixou Augusta perplexa por um segundo; ela não sabia o que

dizer.

“O carro é um Dodge velho da polícia, retirado de serviço”, ele acrescentou, quando ela permaneceu em silêncio. “Com a seguinte placa registrada: NZ3 H43.”

Um arrepio desceu a espinha de Augusta. “Repete a chapa, por favor.”

“NZ3 H43.”

O carro seguindo-a ontem à noite havia sido um Dodge preto com uma placa que começava com NZ3. Augusta tinha certeza absoluta de que Jennifer Williams não estava atrás do volante.

Daniel Greene?

Mas não poderia ser.

“Aparentemente, o carro foi leiloadado a pouco mais de um ano atrás. Parece que Greene compra e doa veículos com frequência.”

“O que você quer dizer?”

“Bom, isso é basicamente tudo o que sei. Ele era o advogado *pro bono* de Jennifer e ele faz esse tipo de coisa com frequência – doa veículos velhos para organizações como Wheels for Women, que em troca os entrega para mães solteiras e tal. Exceto que parece que dessa vez ele entregou as chaves direto para Jennifer, porque a maioria das caridades vão assumir o título e atuar como revendedoras, vendendo o título para o recipiente. Esse ainda está no nome de Greene.”

“Isso é de conhecimento público?”

“Ainda não. Então, por favor, mantenha em segredo. Eu gostaria de cobrir isso propriamente quando puder.”

Augusta estava estupefata demais para saber o que dizer.

“Tenho certeza de que sua irmã vai gostar disso também.”

“Caroline?”

“Sim”, ele falou, e acrescentou, caso ela não entendesse o que ele estava lhe contando. “Ela provavelmente iria gostar de você ficar quieta sobre isso.”

“Claro”, Augusta concordou.

“Ah, e tem mais uma coisa... Greene também era o advogado *pro bono* de Karen Hutto.”

Outro formigamento correu a espinha de Augusta.

“Como eu disse, ele está bem envolvido com um monte dessas caridades para mulheres que sofreram maus-tratos. Aparentemente, o marido dela foi um agressor, e ela estava tentando conseguir custódia completa da filha Amanda antes de ela desaparecer.”

Os pelos na nuca de Augusta pinicaram. “Obrigada”, ela falou, e então disse adeus e desligou, impressionada demais para continuar qualquer conversa.

Daniel Greene conhecia cada vítima, exceto possivelmente Amy Jones.

Ela encarou o ancoradouro, a porta batendo violentamente ao vento, sua mente correndo pelas possibilidades. A mãe provavelmente teria mostrado o codicilo ao Daniel, embora ela possa não ter lhe entregado ainda, porque do contrário ele não teria invadido a casa para tentar encontrá-lo – supondo que foi assim que aconteceu. Na manhã seguinte em que descobriram o corpo na estrada Backcreek, alguém havia invadido o escritório da mãe delas pela porta dos fundos. Nada havia sido roubado pelo que podiam ver e, além da janela quebrada nas caras portas francesas, nada estava fora do lugar. Não encontraram digitais – nenhuma que não pertencesse ao aposento – e nada que indicasse que realmente havia acontecido um roubo bem-sucedido. Todos os documentos e livros da mãe estavam intactos.

A invasão havia acontecido *após* a invasão no escritório de advocacia de Daniel na manhã da leitura do testamento. Mas não fazia sentido algum que Daniel fosse invadir o próprio escritório e se espancar. Supostamente, ele havia atendido ao alarme silencioso, surpreendendo um intruso que, então, espancou-o até quase a morte com um taco e colocou-o no hospital.

Algo não fechava.

Além disso, se Daniel tivesse sabido sobre o codicilo, não poderia ter contado à Sadie sobre ele porque a Sadie era uma das pessoas mais honestas que Augusta havia conhecido. Ela nunca poderia ter mantido um segredo como aquele para salvar sua vida – ou assim Augusta havia acreditado até ontem. E, mesmo assim, seu sentimento era que Sadie havia desejado dizer a verdade. Se escondeu delas o segredo da paternidade de Josh, era porque Flo o havia exigido. Isso era o que Sadie havia dito, e, apesar da dor que sentia pela revelação, Augusta acreditava.

À distância, a porta do ancoradouro balançava para frente e trás, mas Augusta ficou de pé enraizada no lugar, estupefata demais para mover-se, seu cérebro se enchendo com novos cenários.

Mesmo com todo o exagero da mídia, Daniel Greene nunca havia pronunciado uma única palavra sobre Jennifer Williams. Ele havia mantido aquela informação completamente para si – apesar do fato que Caroline havia denegrido a imagem de Ian pelo relacionamento dele com a garota desaparecida. Não apenas isso, Daniel nunca revelou seu relacionamento com Karen Hutto.

Por outro lado, oficialmente Jennifer nunca havia sido um foco dessa

investigação policial pelo que Augusta sabia. Nem Amanda Hutto. As únicas vítimas assassinadas conhecidas a essa altura eram a estudante universitária Amy Jones e Kelly Preston – policial ex-namorada de Jack, que foi encontrada no parque Brittlebank no quatro de julho –, potencialmente sua irmã Caroline – e agora Pamela Baker.

Daniel conheceria Amy também?

Ela não sabia a resposta para aquilo, mas precisava contar ao Jack sobre o carro ontem à noite. E, neste instante, a porta do ancoradouro estava balançando de forma selvagem ao vento, então ela fez o caminho até o cais, torcendo para trancá-la antes que o tempo piorasse.

12:47

Murrells Inlet ficava a cerca de uma hora e meia de carro de Charleston, mas Ian ainda não poderia oficialmente sair da cidade, então fez a próxima melhor coisa. Pegou o celular, saiu até o deck e ligou para a mãe de Jennifer para atualizá-la.

A conversa foi concisa e breve, porque ele ainda tinha dificuldade com o fato que ela se recusava a se apresentar e incriminar o irmão. Ele deu-lhe a informação diretamente, contando tudo que Jack Shaw havia compartilhado com ele, confiando que Shaw não iria lhe dar informações que já não fossem conhecidas ou logo fossem de conhecimento público. A essa altura, Jennifer havia estado desaparecida a tanto tempo que ele sabia que a mãe dela ficaria feliz com um encerramento, de qualquer maneira que conseguisse receber. Ele devia-lhe isso pelo menos. Mas desligou sentindo um pouco de fracasso no que dizia respeito a Jennifer e a família dela.

Ele havia passado um bom tempo procurando pela garota e parecia haver uma boa chance de ninguém jamais saber o que havia acontecido com Jennifer. Ela era simplesmente outra pessoa desaparecida. Não havia evidência para conectá-la aos assassinatos recentes. Nenhuma prova física, além da foto que ela havia enviado a Ian, que simplesmente a colocava nas ruínas. Mas aquilo mal era suficiente para a polícia declará-la morta e vítima de um assassino em série. O fato que ambas Pamela Baker e Caroline Aldridge haviam sido feridas após estarem naquelas ruínas não provava nada. Contudo, Shaw parecia acreditar nele

– finalmente –, e após a discussão recente deles, ele sabia que o detetive intrépido iria seguir cada pista disponível. A polícia agora estava trabalhando intimamente com a Divisão Policial da Carolina do Sul e havia chamado o FBI para ajudar. Eles estavam trabalhando com uma imagem maior do que a que Ian tinha. Claro, ele queria encontrar Jennifer, mas não estava com humor para queimar pontes com Shaw ou com o departamento de polícia de Charleston. Algumas semanas em cárcere eram mais do que suficiente para mantê-lo à distância – seu maldito senso de dever. Pela segunda vez na vida, era possível dizer que ele estava bem assustado.

Quanto à criança desaparecida... Cody era o foco principal da investigação deles agora, e com razão. O garoto estava desaparecido há seis dias, sem nenhuma pista de onde poderia estar. Suas chances não eram ótimas neste momento, e Ian sentiu-se péssimo por Augusta porque ela era tão ligada à família do garoto.

Não era a primeira vez que parecia que tudo voltava para as Aldridges... elas eram a conexão central aqui... mesmo se não soubessem. Aquele era um fato que ele havia compartilhado com Jack, apesar da conexão de Jack com Caroline, e apesar da de Ian com Augusta.

Venha o que vier... o culpado deve pagar por seus pecados.

Lá fora no pântano, nuvens escuras estavam se movendo, transformando a água em um cinza mercúrio. O capim-da-praia estava sendo espancado por um vento crescente, mas a frente fria era uma trégua bem-vinda do calor brutal de agosto.

Ele perguntou-se o que Augusta estava fazendo agora, e resistiu ao desejo de discar o número dela. Ele sentiu que ela precisava de espaço após a noite passada, então deu-lhe isso. Mas não havia razão para não lhe enviar uma mensagem, ele decidiu. Desbloqueando o celular, ele apertou o número dela...



CINZA DE ENVELHECIMENTO, mas construído para resistir ao tempo, o cais das Aldridge estendia-se mais de quatrocentos e cinquenta metros pelo pântano salgado, com acesso às águas profundas. Um pouco mais elaborado que a maioria, tinha espaço para três barcos grandes próprios para alto-mar. Somente um dos portos estava vazio. O pai delas o havia construído em um estilo que combinasse com a casa Georgiana, e o teto parecido com uma torre de estanho era o mesmo campanário que adornava a sacada.

No final do cais, a porta do ancoradouro batia repetidamente, balançando um

pouco embriagada por uma dobradiça.

Augusta fez o caminho pelo longo calçadão, pretendendo amarrar a porta rapidamente, depois levar o carro até o centro para ver Jack. Obviamente, a conexão de Daniel Greene com Jennifer não era novidade para a polícia, porque já estavam seguindo aquela pista, de acordo com Brad, mas ela sentia que a placa do automóvel era, de alguma forma, uma peça-chave de informação. Embora não tivesse visto a placa inteira, a descrição do carro parecia semelhante.

Ela pensou na Sadie e tudo o que ela havia passado, e a possibilidade de contar-lhe sobre Daniel a deixava doente.

O vento chicoteava o cabelo no rosto e para dentro da boca enquanto ela fazia o caminho pelo calçadão. Água salpicou do pântano, respingando nos braços, e ela inalou o cheiro familiar de lama para os pulmões, andando mais rápido. Sobre a cabeça, o céu escurecia, lançando uma sombra cinza-arroxeadada sobre a água. À distância, ela conseguia ver outros barcos indo em busca de cobertura.

Finalmente, chegando ao ancoradouro, ela olhou para dentro. O lugar tinha o cheiro de uma área de trabalho bem-amada. Josh sempre amou cuidar dos barcos, e Augusta já tinha levantado a possibilidade de lhe dar todos eles. Eram dele de qualquer forma, e o simples fato que a mãe delas havia negligenciado legá-los em testamento era um ponto irrelevante no que dizia a ela – principalmente à luz dos desenvolvimentos recentes. Eram tanto legados dele quanto de qualquer outra pessoa. Na realidade, um dos barcos, um Chris-Craft de sete metros, havia pertencido ao pai do pai delas. Augusta não conseguia se lembrar da última vez que havia saído à água. Deixado com ela e as irmãs, provavelmente apodreceria aqui. Parecia apenas apropriado que Josh ficasse com o barco do avô.

Ela pensou sobre a casa na rua Tradd e não conseguiu se lembrar da última vez que qualquer uma delas havia passado lá. Não era uma decisão consciente, mas nenhuma delas havia realmente reconhecido parte da família desde bem novas. E agora que a verdade era conhecida, era completamente compreensível por que a mãe daria a casa do pai delas para Josh. Apesar da fissura crescente entre eles, Augusta pensou que ele deveria ter ganhado mais.

Dentro do ancoradouro, tudo parecia em ordem, exceto que o menor dos barcos, um alfaquim, estava sumido da prateleira. Ela voltou para inspecionar a porta, checando a tranca. Estava quebrada, mas ainda balançando no pino da lingueta.

“Merda”, ela disse e revirou os olhos. Algo mais para adicionar à lista

crescente de provas. Ela suspirou, incerta se queria incomodar-se com um relatório policial quando havia muito mais para eles enfocarem a atenção – como o pobre Cody.

A porta não estava completamente arrebitada ainda. Ela andou pelo ancoradouro, fechando todas as janelas para impedir que o vento passasse, e então, de alguma forma, apesar do vento aumentando, ela conseguiu estabilizar a porta do ancoradouro e fechá-la. Ela tirou o elástico do rabo de cavalo do cabelo e segurou a tranca o melhor que pôde, amarrando tudo junto. Certamente não era à prova de ladrão, mas tudo o que realmente importava agora era que a porta não iria sair voando e machucar alguém. Amanhã, ela faria o Luke vir aqui e dar uma olhada para ver que reparos eram necessários.

Ela ouviu a mensagem chegar ao celular quando estava terminando de amarrar a tranca temporária, mas esperou até ter acabado para checar a mensagem. O texto era de Ian; dizia: *Amo o sabor que você tem.*

Ela sorriu e discou o número dele imediatamente, ansiosa para falar com ele. Foi direto para a caixa postal, e ela teria lhe mandado uma mensagem em seguida, mas enfiou o celular no bolso quando as primeiras gotas de chuva começaram a tamborilar em sua cabeça.



A LÁPIDE não havia estado lá na terça-feira quando Sadie passou da última vez para conversar.

Uma viagem por semana ao cemitério era normalmente suficiente, mas hoje ela precisava de conselho, então levou os problemas a Florence, como sempre fazia, exceto que hoje ela ficou de pé em frente à lápide novinha de dois metros.

Havia sido colocada sem nenhuma comemoração, ou reconhecimento pela família. Alguém da empresa onde Florence havia comprado simplesmente entregou e saiu. Nem mesmo Sadie havia percebido que estava sendo colocada.

De todos os cemitérios aqui em Charleston, Magnolia era o mais celebrado. Descansando perto do rio Cooper, a elite de Charleston estava enterrada aqui entre cedros antigos, magnólias e carvalhos corcundas. Alguns arbustos e mirtos foram espalhados entre os ramos de sempre-viva, e iúca espinhosa e cactos foram plantados para manter os espíritos no lugar. Nem todos percebiam aquele fato, mas Sadie o fez. Era uma tradição que vinha direto das raízes Gullah. Na realidade, ela havia plantado uma no topo do túmulo de Robert – porque ele era um velho e mau filho da puta.

Sadie endireitou-se, desejando ter trazido um suéter. Havia uma rara frente

fria vindo, e o vento aumentando trazia uma reação inesperada.

Ela havia prometido a Queenie que iria ajudá-la a levar suas coisas da casa dos Simmons, mas ainda não estava pronta para partir... ela ainda tinha algumas coisas a dizer. Encarando o pilar, ela ponderou sobre como dizer o que tinha na mente.

A lápide de Florence era um regresso ao passado. Ela sabia que Flo tivera que obter permissão especial para subir um pilar de dois metros. Muitos dos túmulos antigos tinham simples marcadores de pedra no campo, ou placas de ardósia, arenito ou pedra-sabão, e cravavam apenas o nome, datas de nascimento e óbito do morto, mas os entalhes naquelas pedras macias mal eram legíveis. Era fácil dizer quais haviam vindo mais tarde... estas eram marcadas com rico mármore com desenhos grandiosos. Antes da Guerra, muitas das pedras mais intrincadas haviam sido importadas de New England. E, mais tarde, as pedras foram feitas de granito industrial e cravadas por máquinas em vez de cinzel e martelo. A de Florence era feita de granito, então iria durar por anos, mas era maior que a maioria das pedras mais novas. Ficava de pé como destaque do lote da família. Em contraste, a de Robert mal era um travesseiro sobre o solo, e a de Sammy era uma cruz adorável, mas pequena. A de Florence ficava como uma matriarca, presidindo seus parentes, passado e presente.

Mesmo em morte, ela era maior que a vida.

Sadie ficou lá, olhando para o túmulo, segurando a bolsa vermelha na mão. “Florence... você sabe que encontrei aquele codicilo do seu testamento – você colocou lá, amiga querida?”

Não houve resposta do túmulo. Mas o vento lamentou pelos topos das árvores.

“Diga-me... o que eu devo fazer, hein? Você quer mesmo que eu desista da minha casa depois de todo esse tempo?”

O céu escureceu enquanto ela ficou lá, e Sadie franziu e balançou a cabeça.

“Querida que você estivesse aqui”, ela reclamou. “Estou com uma sensação horrível sobre as coisas, Florence.”

A iúca que Sadie havia plantado após a morte de Sammy tremeu violentamente com o vento, e um arrepio de mau presságio viajou descendo sua espinha. Em todos os anos em que havia vindo aqui falar com esses túmulos, ela nunca havia sentido como se alguém estivesse escutando. De repente, teve a sensação de não estar sozinha.

Por outro instante, ela encarou a iúca tremendo, e então a coragem lhe faltou completamente e ela se afastou, apressando-se para o carro.

Eles estavam no meio da temporada de ciclones, mas essa tempestade não tinha um nome oficial. Ela cresceu de repente, dominando a baixada como um espírito irritado. Se não fosse pelo simples fato que, de novo, após as tempestades que quebraram o recorde no mês passado, ela ameaçava atirar uma barriga cheia de precipitação na maré alta, teria sido uma trégua bem-vinda do calor e umidade.

Mas ninguém estava com humor para mais alagamento ou remoção – principalmente porque mais uma vez estavam lidando com uma melancolia geral que não tinha absolutamente nada a ver com o tempo e tudo a ver com os assassinatos recentes não solucionados.

Caroline ficou sentada à mesa, ouvindo Brad Bessett falar sobre informações que ele havia descoberto – dicas que aparentemente havia recebido da irmã dela, logo de quem.

Quando Caroline achava que estavam progredindo, Augusta parecia determinada a arruinar a relação delas.

E Jack... aparentemente, ele também fazia parte da informação, e não havia nem se importado em contar isso a ela. Embora tivessem concordado em não passar dos limites no trabalho do outro, essa era uma informação que tornava tudo mais pessoal.

Ainda assim, ela sentiu-se forçada a proteger Jack.

“Você checkou com o departamento de informações públicas da polícia para ver qual a história oficial?”

“Com certeza”, Brad afirmou.

Frank Bonneau, seu editor-chefe, avançou, braços cruzados. Ele havia ficado

ouvindo em silêncio a conversa inteira, mas interrompeu agora. “Caroline... eu verifiquei tudo o que ele está trazendo para você. É tudo exato.”

“Então, *por que* está trazendo a mim? Você tem meu apoio total, Frank. Se acha que devemos publicar a história, então siga em frente. Se Daniel Greene é uma pessoa de interesse, e tudo bem para a polícia que divulguemos essa informação, não posso deixar meus sentimentos pessoais interferir.”

A expressão dele foi uma de satisfação. Ele concordou. “Só para garantir.”

Brad arrastou-se para frente para juntar seus papeis e Caroline hesitou, levantando um dedo, pedindo-lhe que esperasse enquanto ela olhava as notas em sua frente.

Daniel Greene era o titular do carro registrado para Jennifer Lee – pelo menos de acordo com a seguradora, que já havia encerrado a cobertura por falta de pagamento. Ninguém havia visto a garota desde abril. O celular dela era pré-pago e ainda tinha mais da metade dos créditos sobrando. Nem uma única ligação foi feita desde abril, mas o número ainda estava ativo. Eles ligaram repetidas vezes, não conseguindo deixar mensagem de voz porque a caixa estava cheia. Ela perguntou-se se Jack tinha a autoridade para ouvir aquelas mensagens, mas ela era esperta de não perguntar a ele. Mesmo se ele soubesse de algo, não iria lhe contar – não se pudesse arriscar a investigação, que estava causando um enorme prejuízo ao relacionamento deles.

Ela não o tinha visto além de alguns minutos aqui e ali desde que descobriram o corpo de Pamela. Ela sabia que ele estava determinado a achar o assassino – e ela queria que ele encontrasse o cara. Com esse intuito, não havia como ela arriscar a investigação dele – mas ela era responsável por reportar as notícias.

“Mais alguém já tem essa informação?”

Por ‘mais alguém’, ela estava claramente se referindo à mídia local ou nacional. Um nó formou-se no fundo do estômago de Caroline. Ela conhecia Daniel Greene de toda a vida. Ele havia passado vários sábados na casa delas, instalado no escritório da mãe dela. Às vezes ele ficava para panquecas, e agora parecia que ele e Sadie estavam fortemente envolvidos. Seu coração doeu pela Sadie, que era a única pessoa completamente inocente nisso tudo.

“Não.”

“E prisões? Há alguma planejada?”

“Até agora só levaram-no para interrogatório.”

O *Tribune* não poderia perder a vantagem em mais uma história. Sua mãe não teria hesitado, ela sabia. Flo teria entregado as próprias filhas em uma bandeja se alguma delas tivesse cruzado a linha entre o certo e o errado. Sua

mãe havia sido uma heroína da cidade, e a população vinha em primeiro lugar.

Esse não foi o primeiro teste de Caroline – apenas o mais difícil até agora. Mesmo sacrificar Jack por razões egoístas – publicar algo que ele havia lhe contado em segredo – havia sido fácil comparado a isso, porque ela tinha tomado aquela decisão, ela pensou, por todas as razões corretas.

Mas se Daniel fosse inocente, isso poderia arruinar a vida dele... e da Sadie também.

Ela suspirou, empurrando os papéis como se a ofendessem. “Publique a história. Coloque na primeira página.”

Aquela decisão trouxe uma dor de cabeça instantânea e ela sentou-se, esfregando as têmporas. No minuto em que Frank e Brad saíram pela porta, sua nova assistente administrativa entrou na sala. “Linha dois”, ela disse. “É a sua irmã.”

“Ótimo”, Caroline murmurou e pegou o telefone na mesa, sentindo-se tensa. “O que você quer, Augusta?”

“É a Savannah. Caroline, o que houve?”

Caroline soltou a respiração que não havia percebido que estivera prendendo. “Savannah”, ela falou com um suspiro de alívio.

Caroline levantou-se e deu a volta na mesa para fechar a porta, então sentou-se para contar tudo a Savannah.



15:47

Augusta odiava dirigir por cima de pontes nesse tipo de tempo. O vento estava soprando tão forte que realmente balançava o carro dela, e seus limpadores de para-brisa mal funcionavam. Ela deixou o celular na bolsa, sabendo que precisava de toda a atenção para a estrada. Ela estava ensopada, mas isso era importante o suficiente que levar um tempo procurando um guarda-chuva pareceu inapropriado.

Ela dirigiu direto para a delegacia de Lockwood, esperando que Jack estivesse lá. Se não estivesse, elaalaria com qualquer pessoa que a ouvisse.

Felizmente, Jack estava no escritório. Ele tinha círculos pretos debaixo dos olhos e parecia que não dormia há uma semana, e embora ele tenha cumprimentado Augusta calorosamente, parecia ocupado. Ele levantou uma sobrancelha. “Eu deveria estar feliz ou preocupado por vê-la?”

Augusta cruzou os braços, sentindo-se um pouco desconfortável. Ela estava

fria e molhada e confusa. “Não sei, talvez um pouco dos dois.”

“Venha”, ele direcionou, levando-a para seu escritório. Augusta não perdeu os olhares que recebeu enquanto o seguia pelo corredor. Ela havia mantido a TV desligada de propósito, mas tinha certeza absoluta de que a mídia estava tendo um dia de grande importância com o relacionamento dela com Ian. Para seu crédito, Jack não trouxe o assunto à tona. Em seu escritório, ele puxou uma jaqueta dos cabides na parede e entregou a ela, então sentou-se e esperou que ela falasse.

“Eu posso ter uma pista”, ela ofereceu após um instante.

“Sobre?”

“O carro que vocês estão procurando – o de Daniel – o que ele deu a Jennifer.” Ele apertou o olhar para ela, provavelmente se perguntando como ela havia obtido aquela informação em primeiro lugar. “Acho que o vi ontem à noite”, Augusta disse-lhe e descreveu o veículo. “Não tenho certeza sobre a fabricação”, ela falou e se desculpou. “Mas era preto.”

“Há muitos carros pretos lá fora, Augusta. Você tem certeza sobre a placa?”

Augusta concordou, abraçando-se. “Essa é a única coisa que eu tenho certeza.”

“Merda”, Jack disse e depois, “Ian estava com você?”

Augusta inclinou um olhar petulante para ele, irritada que ele mais uma vez iria apontar isso de volta ao Ian.

“Tenho que perguntar.”

“Sim”, ela disse com certeza. “E enquanto estamos no tópico Ian. Você está fazendo a coisa certa, Jack. Na noite do assassinato da Kelly Preston, ele também estava comigo.”

Ele levantou uma sobrancelha. “E você só está se apresentando agora?”

Augusta enrolou a jaqueta dele ao redor do corpo com mais firmeza, envergonhada, mas preparada para compensar pelos erros. “Você não perguntou antes e, de qualquer forma, ele já tinha um álibi no qual você não acreditou.” Seu olhar desafiou-o.

“Touché”, ele falou e levantou-se. “Preciso que você preencha um relatório oficial. Vai levar alguns minutos. Espere aqui.”

O olhar dela caiu no cinzeiro na mesa, onde um cigarro aceso havia queimado até o final.

“Não conte para a sua irmã”, ele disse, percebendo a direção do olhar dela. “Estou tentando parar.” E, então, ele saiu pela porta.

Em um gesto louvável, Augusta não o viu pegá-lo uma vez sequer, e não

parecia ter sido tocado. Pelo menos ela não era a única que se sentia intimidada pela Caroline, e a ideia de alguma forma a fez se sentir um pouco melhor, porque claramente não impedia Jack de amá-la.



CODY ACORDOU com a primeira explosão do trovão.

Ele piscou para limpar a névoa da cabeça, mas não se importou em olhar ao redor. Ele não queria mais ver este lugar.

Lá fora, ele conseguia ouvir o som da chuva caindo na ponte de cavaletes. Ela estatelava contra o telhado de madeira em gotas gordas. O ar estava cheio de umidade, mas não era suficiente para molhar a garganta dele. Isso provocava suas narinas como o cheiro de pão assando em outro aposento.

Sem muita energia, ele encarou a mordaca que havia saído da boca. Imunda e um pouco ensanguentada, ficou em frente ao seu rosto, como um amendoim gigante. Ele estivera apavorado que o homem fosse retornar e enfiá-la de volta na garganta dele, mas o homem havia sumido, e estava escuro de novo, e Cody não tinha mais medo do escuro.

Todos os horrores reais eram visíveis à luz do dia.

Pelo menos assim ele poderia fingir que estava dormindo em sua cama em casa.

Ele ficou deitado no chão, acordado, observando a água da chuva derramar pela janela. Ela formava uma poça resplandecente no chão e crescia em circunferência como aqueles vídeos em *time-lapse* do *National Geographic*. Ela crescia e crescia até que finalmente começou a derramar pelas tábuas de assoalho inclinadas até Cody.

Esperança incendiou o peito de Cody.

Ele sentiu-a como a asa de um passarinho batendo contra suas costelas.

Apenas um pouco de esperança que talvez a água fosse fazer o caminho até ele e, assim, poderia beber um gole. Ele estava com tanta sede.

Olhando de volta para a serpente que descansava observando-o do canto com olhos em fendas, ele quase estava grato pela presença dela. A cabeça dela não estava mais inclinada em alerta. Estava simplesmente esperando lá paciente por algo para comer.

O olhar de Cody retornou para a corrente de água, aprendendo com a serpente, esperando pela água vir até ele... conservando sua energia.



Quando Augusta saiu da delegacia, as notícias sobre Daniel Greene já haviam irrompido o rádio. Ela considerou parar no escritório do *Tribune*, mas decidiu que era melhor ir checar a Sadie em vez disso. Se, na realidade, fossem prender Daniel, ela não queria que Sadie ficasse sozinha. Não importa pelo que mais estivessem passando agora, Sadie ainda era da família.

Ela dirigiu direto para a Oyster Point e estacionou em frente a cabana da Sadie, então correu para a varanda. A chuva estava impiedosa. Apenas a corrida até a entrada havia ensoado Augusta de novo. A SUV da Sadie estava na garagem, então ela bateu na porta, e por hábito, tentou a maçaneta. Por tanto tempo, a casa de Sadie havia sido simplesmente uma extensão da casa delas, e, encontrando a porta destrancada, ela empurrou, abrindo-a.

“Sadie?” ela gritou.

Até a jaqueta de Jack estava ensoada agora – mas, por outro lado, não era muito uma capa de chuva. Era uma jaqueta leve de beisebol dos RiverDogs que ele obviamente não usava muito. Xingando de leve, ela retirou-a e levou para a varanda dos fundos, colocando-a para secar em uma cadeira.

“Sadie!” ela gritou de novo e olhou para o corredor curto até o quarto dela. As luzes estavam apagadas, e ela não parecia estar em casa. Considerando a chuva por um instante, ela andou até a janela da frente, depois de volta ao banheiro para pegar uma toalha e tentar se secar. Ela não queria sentar na mobília da Sadie molhada, então fez o caminho até a cozinha, secando-se lá, torcendo para que Sadie não ficasse chateada que ela havia simplesmente entrado. Afinal, não eram mais crianças, e Sadie tinha o direito de privacidade.

Gracie, a gata, saracoteou para a cozinha, olhando para ela e lhe dando um longo miau, como se dizendo à Augusta, em termos certos, que ela não pertencia lá.

“Sim, eu sei, garota. Você se lembra de mim?”

Ela inclinou-se para acariciar o animal, e a gata esticou-se em sua frente, claramente relutante em seguir seus princípios com a possibilidade de um pouco de prazer. Augusta sorriu, pegando a gata para recompensá-la com mais carinho, mas a gata decidiu de repente que não queria a atenção de Augusta. Ela saltou para baixo e vagueou saindo da cozinha, seu rabo preto assobiando ansiosamente.

Será que a Sadie estava na casa principal?

Ela achava que não – o carro dela estava lá fora – e a porta foi deixada destrancada – mas talvez ela tivesse andado até a casa por alguma razão e foi pega pela chuva. Ela ainda tinha as chaves.

Ela pescou o celular da bolsa e ligou para o celular da Sadie. Nenhuma resposta, mas não tocou em casa, então onde quer que Sadie estivesse, o celular estava com ela.

Tentando ser tão discreta quanto possível, ela colocou o celular no balcão e pegou um copo sujo da pia, lavou-o e serviu-se de um copo d'água.

Talvez Sadie estivesse com o Daniel? Nesse caso, não havia muito o que Augusta pudesse fazer para poupá-la de algo. Sentindo-se ansiosa agora, ela tentou o celular de Sadie de novo, mas ainda não havia resposta.

Olhando a chuva rígida lá fora, ela decidiu esperar um pouco mais e colocou o celular no balcão de novo.

Ele queria que ela entendesse que elas não eram suas amigas.

Por isso, havia deixado o codicilo ao lado da cama – assim, ela poderia abrir os olhos e ver. Mas agora havia sumido. Ele precisava dele de volta. E se ele a tivesse julgado mal e ela o levou para a polícia?

Mas não, ele não acreditava que ela faria aquilo.

Alguns minutos atrás ele ouviu a porta se abrir e escondeu-se no quarto. O som da voz de Augusta Aldridge simultaneamente lhe deu uma ereção e o irritou até o âmago. Ele estava convencido agora de que ela seria a pessoa a lhe dar paz finalmente.

Lá fora, a chuva vinha jorrando agora. O vento espancava a casa. Estava ficando mais escuro a cada instante. Ela estava bem na cozinha... poderia ser tão simples...

Mas não era a hora, ele se recordou enquanto as vozes ficavam mais altas em sua mente.

Logo Sadie estaria em casa. Ele não queria que ela soubesse que ele havia estado lá. Ele tinha trocado de carro com ela, insistindo que ela dirigisse o dele para visitar a prima, porque ele sabia que ela guardava uma chave extra para a casa na porta luvas. Ele precisava do testamento de volta, sem levantar suspeitas, sem quebrar janelas ou arrombar portas. Havia existido surpresas inesperadas mais do que o suficiente, começando com Florence pegando-o aqui sozinho no dia em que ela havia vindo contar a Sadie sobre o codicilo para o novo testamento.

Aquele foi o primeiro erro dela.

O segundo foi contar a ele seus planos para a casa e a propriedade.

O terceiro foi fugir dele. Ele a havia perseguido pela floresta, onde ela tinha perdido o tênis idiota, e depois carregou-a de volta para casa e jogou-a escada abaixo.

Agora ela estava morta.

Como sua filha logo estaria.

Mas ele não poderia bancar erros – não poderia agir de forma imprudente agora.

Planos poderiam mudar, mas necessitavam de pensamento. Ele tinha que pensar – mas não conseguia se concentrar. Havia muitas vozes incômodas falando ao mesmo tempo.

Ele concentrou-se na imagem da criança sentada em sua canoinha, deslizando até a água, mãos debulhando desesperadamente, a água se agitando aos pés dele, mas não rápido ou forte o suficiente para mantê-lo boiando.

Que tipo de pessoa deixava um garotinho flutuando sozinho em um bote inflável?

O tipo que não sabia amar.

E crianças não amadas eram as mais perigosas de todas...



ONDE DIABOS ESTAVA A SADIE?

Augusta sentou-se no sofá, com uma toalha debaixo da bunda, resistindo ao desejo de ligar a TV. Ela realmente queria saber se havia alguma novidade, mas não saboreava a ideia de Sadie entrando com ela sentada no sofá assistindo à televisão. Era suficiente ela estar na casa dela sem ser convidada.

Ela levantou-se, sentindo-se um pouco inquieta, e andou de volta ao banheiro. Lá, abriu a torneira e esperou a água cair limpa, então jogou água no rosto. Havia apenas um banheiro nesse pequeno chalé, e os canos estavam todos enferrujados. Augusta honestamente não entendia por que Sadie era tão apegada ao lugar. Ela tinha dinheiro mais do que suficiente para comprar uma casa legal em algum lugar que não vinha com tanto jujú ruim – palavras de Sadie, embora se encaixassem.

Augusta estava ficando com fome. Ela não havia tido notícias de Ian desde a mensagem que ele havia lhe enviado mais cedo, então andou até a cozinha para pegar o celular e sentou-se de novo no sofá para enviar uma mensagem a ele. Ela não queria falar com ele ainda, porque se o fizesse, sairia dessa casa direto para vê-lo. Era fácil demais deixá-lo afastá-la de todos esses problemas, mas ela devia isto a Sadie: ficar e encarar isso com ela.

Talvez Sadie estivesse com o Josh?

Ela enviou uma mensagem rápida para o Josh primeiro: *Você sabe onde está a sua mãe?*

Então, sentindo-se corajosa, ela mandou para Ian: *Acho que amo você.*

Ela colocou o celular ao lado no sofá, mas ele vibrou de imediato.

Ela pegou-o e leu a mensagem de Ian: *Então, casa comigo.*

O coração de Augusta saltou do estômago para a boca. Ela escreveu de volta: *Você está falando sério?*

O mais sério possível.

Uma carinha sorridente piscou perto daquelas palavras, fazendo-a duvidar.

Ela afundou no sofá e escreveu de volta: *Por quê?*

Porque você faz o melhor sexo oral que já tive?

Augusta deu risada e levantou uma sobrancelha. “Idiota”, ela disse e começou a escrever de volta para dizer algo genioso por ele aumentar suas esperanças, mas então ele lhe enviou o seguinte: *Porque eu amo você, Augusta. Por que mais?*

Augusta viu-se sorrindo de orelha a orelha, apesar do que estava escrevendo para ele. *Você está mesmo me pedindo em casamento por mensagem? Que lixo!*

Pareceu que ela esperou para sempre uma resposta dele: *Você já viu um homem adulto chorar?*

Só uma vez.

E se você dissesse não? E, então, imediatamente em seguida, ele escreveu: *Você também roubou o coração dele?*

Augusta pensou no dia que foi para a faculdade – o dia que havia contado ao Josh que nunca mais voltaria para casa se pudesse. Embora ele não tenha chorado, foi o mais perto que ela chegou de ver um homem adulto chorar. Ele ficou lá encarando-a com aqueles olhos azuis vidrados, mas retomou a postura, piscando para afastar as lágrimas sem dizer uma palavra.

O relacionamento deles nunca mais foi o mesmo depois daquilo.

Ela ficou lá sentada, encarando a tela, incerta de como responder, porque tinha certeza absoluta de que Josh nunca a havia amado de verdade. Ela era apenas familiar a ele. E agora que sabia toda a verdade, a situação completa era um pouco nojenta.

Ainda assim, ele alegava tê-la amado, e ela tomou como uma pechincha, sabendo que pelo menos ele achava que o havia feito.

Sim, ela escreveu de volta.

ESPARRAMADO na cama – a cama que havia dividido com Augusta –, completamente nu após o banho, Ian não estava com pressa em se trocar – a menos que fosse para ir até ela. Ele desejava o corpo dela. Como um adolescente, ficou deitado encarando o celular na mão, prendendo-se a cada palavra, excitado pelas meras palavras digitadas na tela.

O sexo era bom, mas era mais que isso. Ele não era uma virgem agradecida – longe disso, na realidade. Ele havia tido uma fileira de amantes, começando aos onze anos. Mulheres sempre haviam se jogado nele, e ele logo aprendeu como o jogo funcionava. Ele era o garoto mau para quem as mulheres queriam dar. Os caras com quem elas acabavam se casando tinham uma conta no Morgan Stanley Smith Barney. Eles usavam relógios caros e queriam a casa e a esposa com dois-ponto-cinco filhos porque parecia bom no currículo.

Ian nunca foi aquele cara. Ele tinha vindo de um lar destruído. Seu pai foi um drogado e criminoso ordinário. Ele vendia metanfetamina e roubava maços de cigarro em vez de pagar por eles, mesmo quando tinha o dinheiro. A melhor coisa que fez por Ian foi ligá-lo ao seu irmão, que era a imagem reversa do pai. A mãe dele havia estado perdida desde o início. Ele queria algo melhor que tudo aquilo, mas não precisava ser *aquele cara*, porque a esposa daquele cara era exatamente o tipo que iria flertar com ele enquanto o marido estava ocupado bebendo uísque maltado uma única vez e fumando charutos cubanos com clientes. Quando jovem, ele recebeu um sinal de alerta muito rude, e situações extremas pediam mudanças extremas. Então, ele tomou a curva direita mais difícil. Desistir do sexo nunca havia parecido um enorme sacrifício quando ele tinha uma mão que funcionava tão bem quanto qualquer vagina. Fazer algo melhor com a vida era o que lhe importava. Dinheiro não fazia tanta diferença, exceto que não ter nada era uma droga. Então, ele havia colocado cada último centavo de suas economias em uma conta bancária arrumadinha que agora quase competia com a *daqueles caras* – principalmente considerando que Ian vinha sem débito.

Mas sua vida inteira havia mudado no espaço de um dia, e ele queria Augusta ao seu lado pelo resto da vida.

De repente, fazer amor – com ela – ocupava pelo menos metade de seus pensamentos ao acordar. Ele já estava duro de novo apenas lendo as palavras dela, mas nem cogitou cuidar disso, porque sexo significava nada sem ela.

Ele pensou em ligar para ela e ouvir sua voz em vez de enviar mensagem, mas neste instante isso era suficiente. Ele tinha visto o noticiário e sabia que, no instante em que se falassem, a realidade voltaria estalando. Claro que deveria.

Rápido o suficiente. Mas, por enquanto, ele queria dizer o que estava em seu coração, sem interrupção e sem realidade para calá-lo. Ele saboreou o momento.

Seu coração bateu contra as costelas enquanto digitava a pergunta. *Sim o quê?*

Levou um bom tempo para ela responder dessa vez. *Sim, acho que sim.*

Sorrindo e aproveitando o flerte, ele digitou sua pergunta: *Isso é um sim, você acha que partiu o coração dele? Ou sim, você acha que vai se casar comigo?*

Provocação. Ela prolongou-se na pergunta por um momento interminável. *Depende*, escreveu.

Do quê?

“Augusta Aldridge está digitando” continuou por tempo demais. *Se você planeja me perguntar pessoalmente.*

Amanhã, ele escreveu de volta imediatamente. E quis dizer aquilo. Mais tarde, ele planejava procurar anéis – algo simples para combinar com o bom gosto dela e o orçamento dele. Aquela era a única coisa que ele não havia confrontado – o dinheiro que ela parecia ter à disposição. Felizmente, ela receberia o dinheiro da fiança logo.

O que tem de errado com hoje? ela disparou de volta.

Ian encarou o texto e sorriu de orelha a orelha. Realmente, o que tinha de errado com hoje? Exceto que ele não ia pedi-la em casamento pelo telefone. Ele ia ter que tirar a bunda da cama, vestir-se, ir buscá-la e, quando estivessem frente a frente, ele ia pedir de novo.

O que tem de errado com hoje?

Enquanto esperava pela resposta, ela inspecionou o livro na mesinha de centro. Mal havia qualquer luz na casa agora – apenas um brilho azul fraco das janelas da frente e de trás – mas ela estava se sentindo preguiçosa demais para levantar e acender uma. Lá fora, uma fenda da lua mal estava visível através de uma cortina sólida de chuva. Usando o celular como lanterna, ela mirou a luz no livro. *The Road to Forgiveness*. Era um livro de autoajuda gordo e grande escrito por um autor que ela não reconhecia. Ela pegou-o, trazendo-o mais para perto e segurando a luz em cima dele, curiosa com a mensagem que transmitia. Alguns desses livros eram pedras preciosas. Outros um monte de baboseiras. Com sorte, Sadie estava lendo um dos primeiros. Por um tempo, Augusta havia devorado esses tipos de livros e encontrado conforto em alguns, inspiração em outros. No final, ela percebeu que, o tempo todo, tudo o que havia precisado foi vir para casa e encarar seus demônios.

Ela estava finalmente fazendo as pazes com Flo.

Uma pena que a mãe não estava mais por lá para saber disso.

Ou talvez estivesse.

Sadie acreditava na vida após a morte.

E, às vezes, ultimamente, Augusta sentia a mãe por lá... então, talvez fosse verdade.

Sentindo-se completamente satisfeita, pelo menos por um instante, ela abriu o livro em uma página que estava marcada com um pedaço de papel dobrado. O documento tinha uma caligrafia nítida no interior. Dava para ver claramente do

outro lado, sangrando pelo papel. Sentindo-se intrometida, ela deixou o livro no colo e pegou o pedaço de papel com a mão esquerda, desdobrando-o, usando o celular na mão direita para ler. Ela ouviu a mensagem chegar enquanto estava lendo, mas continuou a encarar as palavras, impressionada demais para compreender o que estava olhando, embora seu cérebro o tenha reconhecido de imediato.

Eu, Florence W. Aldridge, de James Island, declaro este o primeiro codicilo de meu Último Desejo e Testamento datado de primeiro de maio de dois mil e catorze.

“O TESTAMENTO DA MÃE”, ela disse em voz alta e prendeu a respiração enquanto seus olhos examinavam a página. Ela ouviu um barulho repentino no quarto, e seu cérebro estupefato atribuiu à gata e continuou lendo.

EU DESEJO e ordeno que a propriedade que faz fronteira com o riacho de Secessionville do atalho até a estrada Fort Lamar; e consistindo das regiões originais existentes da Fazenda Oyster Point, assim como os pântanos nos limites, sejam por meio deste doados ao estado de Charleston.

CHOCADA, Augusta levantou-se, derrubando o livro no sofá, agarrando o pedaço de papel na mão, junto com o celular. Ela foi direto para a cozinha apanhar a bolsa, pretendendo ir embora com o testamento, mas parou ao ver um homem de pé no final do corredor. Seu rosto estava coberto por um capuz. Ele vestia preto da cabeça aos pés. Tudo que o distinguia do escuro eram seus olhos pálidos. Por um instante, ele simplesmente a encarou, parecendo tão surpreso quanto ela.

Augusta gritou e correu pela porta da frente, abandonando a bolsa.

Destra, e sabendo que não conseguiria abrir a porta com o celular na mão, ela derrubou o celular para abrir a porta e correu para a chuva, batendo a porta bem forte atrás dela. Ela ouviu xingamentos em seu rastro.

Ela não foi para o carro, porque mesmo que conseguisse entrar e trancar as duas portas a tempo, não tinha as chaves e não queria ficar presa dentro.

Ela correu para o cais, escorregando no matagal quando o homem emergiu na varanda da frente de Sadie, uma sombra escura contra a varanda de azul

desbotado. Ela enfiou o testamento dentro da camisa enquanto corria para protegê-lo da chuva. Graças a Deus ela não era de usar salto alto! Molhada e desmazelada, o chão afundava embaixo dos pés, mas ela corria o mais rápido que podia.

Ela não tinha as chaves de casa. Estaria trancada. As chaves estavam na bolsa. Era tarde, mas Caroline não estaria em casa ainda. E a equipe da construção já havia ido embora há tempos. O único telefone na casa ficava no andar de cima em seu quarto. Mas, se ela tivesse que arrombar para chegar a ele, não conseguiria manter o homem do lado de fora – mesmo se conseguisse entrar na casa a tempo. Mas ela sabia que não conseguiria. Elas haviam reforçado as trancas após a última invasão. Mas de que aquilo adiantava? Janelas poderiam ser quebradas. Não havia ninguém por quilômetros para ouvi-la gritar.

O cais parecia sua melhor escolha. A tranca na porta do ancoradouro já estava quebrada. Ela poderia entrar lá rápido, e talvez tivessem chaves em um dos barcos.

Ela sabia que o homem estava em algum lugar atrás dela, mas não ousou virar para olhar. Ela conhecia essa propriedade melhor do que ninguém, exceto suas irmãs. Ele não. Augusta corria com esforço, seu cérebro buscando opções.

O cais ainda estava a alguns cem metros de distância através da lama engrossando, mas ela estava camuflada pelo matagal. Seus pés afundaram na lama, e a sucção ameaçava puxar seus sapatos. Ela não conseguia mais ouvi-lo atrás dela. Ele esperaria que ela corresse para a casa, para a segurança. As luzes da varanda eram um farol na escuridão crescente. Ela sabia que ele não conseguiria vê-la na chuva torrencial e teria de adivinhar sua direção.

Quanto mais perto chegava do cais, mais macia a lama ficava, até que começou a atolá-la. Ela perdeu um sapato quando a lama sugou direto de seu pé, mas continuou correndo, saltando para o cais quando sentiu que estava lá em sua frente. Ela mal conseguia ver onde estava indo agora, mas apesar do fato que ela não morava aqui há dez anos, ela conhecia cada centímetro da propriedade.

No cais, ela fez um tempo melhor, correndo para o ancoradouro, seus passos ecoando pelo píer de madeira. Ela rezou para que ele não ouvisse. Ela sabia que ele não conseguia vê-la. O ancoradouro no final do cais não era mais do que um buraco preto na escuridão. Ela correu até ele, rezando pelas chaves.

À distância, uma explosão de relâmpago acendeu no horizonte.

Atrás dela, o brilho das luzes da varanda da casa através da cortina de chuva parecia vagalumes à distância.

Chegando ao ancoradouro finalmente, ela arrancou a tranca provisória

enrolada, e a porta desmoronou com uma pancada oca. Ela soube o instante em que ele percebeu que ela não estava indo para a casa porque ela o ouviu xingando à distância. Seu tempo era limitado.

Dentro do ancoradouro, ela conseguia ver que uma porta da baía havia sido deixada aberta. O barco pequeno estava lá e na água, então ela tomou uma decisão de última hora e saltou procurando pelas chaves. Ela mergulhou no barquinho, torcendo com pouca esperança para não errar. Ela aterrissou no fundo do barco pequeno com uma pancada, batendo a cabeça em um dos bancos e as costelas em outro, mas o barco deslizou para fora da baía em direção à noite escura.

Foi somente quando ela estava dentro do barco que se perguntou por que ele estava de volta à baía e por que a porta estava aberta. Não havia remos dentro do barco, mas ela tinha propulsão suficiente para carregá-lo para fora em mar aberto.

Sua coxa esquerda doía. Assim como o peito e a cabeça, e ela pensou sentir sangue na água da chuva que penetrava entre os lábios.

Atrás dela, conseguia ouvir passos correndo para o cais, mas, julgando pela distância, ele estava um bom caminho atrás dela. Ela ficou deitada imóvel, esperando que sua força a carregasse o mais longe possível. A chuva caía com força nas costas e nuca. O menor gosto de seu próprio sangue prolongou-se na boca. À distância, outra leve faísca de relâmpago brilhou, seguida por uma *explosão* de trovão. Augusta ficou deitada de forma silenciosa, tentando lembrar o que estava vestindo. Escuro. Graças a Deus. Ela estava usando calça de brim e uma camisa ameixa escura, nada brilhante para refletir a luz.

A frente da camisa estava ensopada agora, e ela conseguia sentir o papel do testamento emplastrado à pele – provavelmente arruinado. No final, ela tinha desistido de sua forma de chamar ajuda para salvar um pedaço de papel que seria completamente inútil.

O barco de repente tremeu em uma parada quando a proa se enfiou na lama.

Outra faísca de relâmpago iluminou o céu o suficiente para Augusta ver que estava presa na zona entremarés. Ainda outro flash iluminou o cais atrás dela. Ela conseguiu ver alguém de pé na beira, mas ele ainda não estava vindo atrás dela. Uma forma escura de pé no final do cais, silhueta desenhada com cada flash de raio. Trovão estourava entre cada faísca, cada vez mais perto.

As entradas dos riachos eram como veias aranhosas. Mesmo na maré baixa, o meio do riacho era fundo o suficiente para acomodar um barco de bom tamanho que poderia lidar facilmente com o estreito de Clarke e os rios e estuários

espiralados ao redor da Morris Island. Mas você precisava de remos e de luz para navegar. Augusta não tinha nenhum dos dois.

Se ele pegasse um dos barcos, poderia facilmente alcançá-la.

No instante em que ele desapareceu do cais, sua decisão foi tomada. Ela deslizou saindo do barco e engatinhou para o capim-da-praia.



IAN VESTIU A BOTA ESQUERDA, olhando para o celular deitado nos lençóis amarratados.

Atenda o celular, ele havia escrito, mas ela ainda não havia respondido, e ele sentiu-se um pouco tolo por ficar tão desapontado com aquele fato. Ele não fazia ideia de onde ela poderia estar, ou o que poderia estar fazendo. Talvez ela tenha se distraído com algo importante. Não havia nada anormal em uma mensagem que ficou sem resposta. Quantas vezes ele havia feito esse tipo de coisa?

A maioria de propósito.

O problema era que ele estava no meio de pedir sua garota em casamento, e não parecia do feitio de Augusta deixar o celular de lado e afastar-se de uma conversa como aquela. Ela poderia mandá-lo para o inferno, mas não iria ignorá-lo.

Pegando o celular, ele rolou as mensagens buscando alguma pista de seu paradeiro, mas a conversa deles nunca havia chegado lá.

Ele ligou de novo para ela, pela terceira vez, mas o celular tocou e tocou e foi direito para a caixa de voz.

“Droga, Augusta.”

Orgulho que se dane – isso não parecia certo.

Ele olhou para o relógio. Eram quase oito horas da noite. As estações chuvosas ainda tinham que diminuir, e ele tinha que acreditar que ela estava em casa. Quem estaria fora nesse tipo de tempo? Ele não tinha o número da irmã dela ou teria ligado para Caroline, apesar de como ela se sentia sobre ele. Impaciente para ouvir notícias da Augusta, ele digitou uma mensagem completamente desprovida de humor.

Onde diabos você foi?

Colocando o celular na cama, tela para cima, ele puxou outra bota, e então ficou lá sentado, encarando o celular, esperando. Quando a tela apagou, ele levantou-se da cama.

“Merda”, ele disse e agarrou o celular, enfiando-o no bolso traseiro. Ele foi direto para a cozinha pegar a chave do carro.

Ele não acreditava que Augusta simplesmente pararia de falar.

Pegando a capa de chuva, ele saiu pela porta da frente, com a intenção de ir direto para a Oyster Point. Ele percebeu que a irmã dela provavelmente não o queria na propriedade, mas não dava a mínima para isso agora.

Ele tinha um mau pressentimento.



FICANDO ABAIXADA, Augusta fez o caminho pelo capim-da-praia, ofegando, tentando não entrar em pânico. Suas costelas doíam devido ao impacto no peito, mas ela focou a atenção na zona entremarés, tentando fazer o caminho através do lamaçal na escuridão.

Com um sapato no pé e o outro não, ela colocou o maior peso no pé calçado. Não havia como dizer literalmente o que existia nesses pântanos. As pessoas diziam que neles foram jogados os ossos dos mortos da Confederação e da União. Havia barcos velhos, instrumentos de pesca, vidro, quebrado e de outras formas – de barqueiros bêbados idiotas que não respeitavam o lugar e jogavam suas garrafas de cerveja quando terminavam de beber. Ela havia ouvido sobre pessoas desenterrando rodas de madeira de carruagem, de mais de centenas de anos, perfeitamente preservadas por causa da natureza da lama. Atravessando com dificuldade a água que chegava na altura dos tornozelos em alguns lugares, junto com o terreno irregular, ela arrastou-se pela grama, usando-a para se cobrir.

Ela nunca havia ido tão longe – nem mesmo quando criança. Com frequência, tinha visto pescadores de pé na zona entremarés vestindo suas brilhantes botas amarelas à prova d'água, mas a possibilidade nunca havia lhe ocorrido. Essa terra era delas, mas enquanto poderia parecer legal explorar os primeiros metros da zona entremarés, o mistério logo dava espaço para irritação sobre a luta de andar através do que se resumia a pouco mais do que lama espumada.

Se não fosse cuidadoso, era fácil acabar com lama até o queixo. Isso não era agradável de retirar de cada fissura do corpo porque a lama fedorenta literalmente se esvaía em cada ruptura disponível. Embora algumas pessoas alegassem amar o cheiro, não era um odor que Augusta saboreava.

Ela não fazia ideia de quão longe tinha ido pelo capim-da-praia, mas continuou indo até não ouvir nada atrás dela. Quando encontrou a carcaça de um pequeno barco apodrecendo, ela lançou-se para debaixo dele para se esconder, tropeçando em algo volumoso no caminho para entrar.

20:17

O portão da propriedade estava fechado, mas aquilo nunca havia impedido Ian antes. O portão era uma medida indiferente de manter as pessoas fora. As Aldridges eram donas de coisas demais na terra ao redor para fechar a propriedade inteira, então ele simplesmente deu a volta, mudando de direção para a floresta onde havia encontrado o tênis no dia em que conheceu Augusta.

Mexendo na barreira, ele deslizou para o estacionamento de cascalho em frente ao pequeno chalé perto da costa. O carro de Augusta estava estacionado em frente, junto com outro veículo.

Estava escuro. Olhando dentro do carro de Augusta, ele encontrou-o vazio. Assim como o carro ao lado.

O relâmpago rasgou os céus ao redor dele, iluminando a varanda. O vento agitou as garrafas na pequena árvore de garrafa. A porta da frente estava escancarada, então, apesar da voz de cautela, ele entrou para dar uma olhada.

A casa estava completamente escura, mas quando entrou, ele chutou um objeto no chão que se acendeu. Ele curvou-se para pegá-lo, reconhecendo o celular de Augusta.

Seu olhar captou a sala quando ele apertou o botão ON, ligando a tela. Ainda estava aberto no programa de mensagens, e sua última mensagem para ela foi a última que viu.

Onde diabos você foi, Augusta?

Algo a havia distraído, mas o quê?

Ele enfiou a cabeça na cozinha, onde uma gata estava agachada no balcão. Ele mal conseguia ver a silhueta do animal contra a janela, preto contra o céu noturno.

Ninguém mais estava aqui.

“Olá?” ele gritou.

Nenhuma resposta.

Era uma casa pequena – sem muita chance de que ele não conseguiria ouvir alguém se escondendo ao redor, mas enfiou a cabeça no quarto mesmo assim – só para garantir.

Ele andou de volta para fora, para a varanda da frente, uma sensação ruim se acomodando no âmagô, e partiu em direção à casa principal a pé, chamando o nome de Augusta.



AUGUSTA SENTOU-SE TREMENDO EMBAIXO da casca do barco apodrecido.

Na parte inferior, tinha cheiro de mofo e madeira velha e molhada – e algo pior. Ela estava sentada no meio do lodo, encharcada até os dentes, seu cabelo encrostado de lama, mas ela não se atreveu a mover-se de debaixo do pequeno abrigo. Lá fora, a chuva se atirava na parte de fora do barco, gotejando por onde a madeira já havia apodrecido. Uma gota insistente nas costas e outra no topo da cabeça a mantinham impaciente, sentindo-se vulnerável e apavorada de ser descoberta.

Quem era ele? Por que estava na casa da Sadie? Onde estava Sadie? E por que ela não atenderia o celular? Ela perguntou-se se Caroline já havia chegado a casa. Ela veria seu carro na casa da Sadie? Ou pior, o homem iria atrás da sua irmã?

Mesmo a mera possibilidade fez Augusta sentir-se uma pessoa horrível, porque estava tão apavorada que não conseguia se mover para salvar a própria vida. Ela sentiu-se paralisada com medo. Sempre pensou que seria mais corajosa do que isso, mas estava congelada com indecisão, apavorada até o âmagô. Ela engoliu lágrimas salgadas, sua garganta se contraindo quando ela segurou um soluço.

Não conseguia pensar direito. Lá fora, relâmpagos explodiram de novo, iluminando seu abrigo dúbio. Era mais como o esqueleto de um barco de madeira, esquecido há tempos na zona entremarés. Provavelmente algum pescador ficou preso na maré baixa e não se importou em voltar pelo barco porque era trabalho demais. Pela aparência dele, estava aqui há um bom tempo.

O relâmpago brilhou de novo, e, dessa vez, ela viu algo vermelho lá fora, perto do barco – uma bolsa talvez. Ela deve tê-la desentocado quando se arrastou para o barco.

Tremendo de medo ou frio – o que não conseguia discernir – ela esticou a mão para agarrar a faixa do material e puxar para debaixo do barco.

Ela teve que puxar forte e quase bateu a cabeça no teto do barco, mas a bolsa finalmente surgiu e, junto com ela, algo mais. Outro flash de relâmpago revelou uma pequena mão, ainda em decomposição, e Augusta não conseguiu segurar um berro de medo.

Sua boca abrindo para gritar de novo, ela colocou a mão por cima e empurrou a bolsa para longe, apressando-se para sair de debaixo do barco. De repente, tomou consciência das coisas na lama – coisas sólidas – coisas que pareciam assustadoramente familiares quando bateu nelas seguindo o caminho para sair. Sua mente negou-se a identificá-las, mas estavam em toda parte, tocando-a. Ela congelou, ficando de pé do lado de fora na chuva, joelho afundado na lama, e focou de repente no som de seu nome à distância.



“AUGUSTA!” Ian chamou de novo.

Ela não estava na casa, e todas as portas estavam trancadas, então ele fez o caminho para o cais.

“Augusta!” ele gritou.

A porta do ancoradouro estava pendurada, metade caída na água. Dentro do ancoradouro, uma das portas da baía estava aberta e ele supôs que um barco estava desaparecido porque a baía estava vazia.

De jeito nenhum ela teria levado um barco para fora nesse tempo, ele assegurou-se – de jeito nenhum – e remontou seus passos, indo de volta para o cais. Ele andou até o final, que se estendia um pouco mais longe para a água do que o ancoradouro fazia. De lá, não conseguia ver nada. O céu estava preto como carvão, a fatia da lua obscurecida pela cortina de chuva.

“Augusta!” ele gritou.

De repente, ouviu uma voz à distância, e parou para ganhar ponto de apoio. Ela estava gritando. Lá fora. Em algum lugar. O som de terror sugou o ar de seus pulmões.

“Augusta!” ele gritou e saiu na direção dos gritos dela.

AUGUSTA ESTAVA EM PÂNICO AGORA.

Agora que tinha escutado a voz de Ian, ela sabia que estaria a salvo, mas não pensou que algum dia ficaria bem depois de tudo que havia visto. Soluçando, ela arrastou-se pela lama, empurrando os horrores do pântano, na direção da voz de Ian.

“Ian!” ela gritou e continuou andando, seguindo a promessa da voz dele.

Finalmente, quando chegou à terra firme e conseguiu ver seu rosto, iluminado pelo flash de um relâmpago, ela caiu e curvou-se em uma posição fetal para chorar.

Enquanto a chuva a esmurrava, ela estava consciente do corpo de Ian, de repente, dando-lhe cobertura, levantando-a, carregando-a. Ela prendeu-se a ele, desesperada por uma âncora na tempestade.

A sala de emergência no Roper estava cheia, mas levaram Augusta imediatamente ao vê-la. Em choque e tremendo de forma febril, deram-lhe uma cama e suas feridas foram examinadas. Ian recusou-se a deixá-la. Ela não parava de soluçar, então lhe deram um sedativo.

“Havia ossos por toda parte”, ela continuava dizendo. “Tudo na lama!”

Eles chamaram a polícia. Ian ligou para Jack Shaw, grato agora que ele tinha uma linha direta para alcançá-lo. Jack veio direto da delegacia de Lockwood.

“Havia ossos”, Augusta repetia de novo e de novo, ainda soluçando. “Em toda parte... me tocando... tinha uma mão, Jack!” E, então, ela voltou a soluçar incontrolavelmente.

Jack colocou uma mão reconfortante no ombro dela, olhando para Ian. Julgando pelo olhar em seu rosto, ele estava se esforçando para manter os sentimentos pessoais longe do trabalho, mas claramente a história que Augusta estava contando o perturbava por mais razões que o óbvio. Ele falou com ela com a paciência de um pai, gentil, mas firmemente. “Augusta, conte-me de novo o que você estava fazendo no pântano.”

Os sedativos estavam começando a fazer efeito e ela estava tendo problemas para focar. Ela segurou a mão de Jack “Eu lhe disse... havia um homem... casa da Sadie. Ele me perseguiu. Eu caí no barco.” Ela tremeu e seus olhos procuraram os de Ian, como se para ganhar força com a presença dele. Ele sentiu isso, e a confiança dela o comoveu profundamente. Eles estavam conectados de alguma forma. Ele sentia isso agora mais do que nunca.

“Você *caiu* no barco?” Jack persistiu.

“Pulei”, ela esclareceu e limpou o nariz contra a manga da camisa de Ian. O fato que ele achava isso amável e não nojento era impressionante. “Não sabia mais para onde ir.”

“Há contusões no peito dela”, o enfermeiro explicou para Jack “Vamos levá-la assim que pudermos para tirar raios-X e ter certeza de que não há costelas quebradas.”

Ian apertou a mão de Augusta, mas não disse nada, deixando-a falar diretamente com Jack, sentindo que ela estava prestes a desmaiar e sabendo que o que ela tinha a dizer era importante. Ele esticou o braço para retirar o cabelo encrostado de lama do rosto machucado e cortado dela, afastando-o onde já havia secado na pele. Havia lama ensanguentada por todo o lado esquerdo do rosto e um pouco grudada nos lábios... lábios que agora eram tão familiares quanto os dele.

“Onde está Caroline?” ela perguntou gagueando.

Jack suspirou, um suspiro pesado e sobrecarregado. “Com a Sadie, Augusta. Estamos procurando o Daniel.”

“Não foi o Daniel”, ela ofereceu, então soluçou e fechou os olhos.

“Pensei que você disse que não reconheceu o homem?”

“Não o reconheci”, ela falou, sem abrir os olhos. “Mas não era o Daniel”, ela persistiu. “Ele usava uma máscara.”

Ian deu de ombros quando Jack olhou para ele em busca de respostas. “Não vi ninguém”, ele disse a Jack “Andei a propriedade inteira.”

“Consegue me dizer onde viu os corpos?” Jack perguntou mais uma vez, direcionando sua pergunta para Augusta.

“Na... lama”, Augusta respondeu com um lamento que soou tanto como o de uma criança que Ian quis acomodá-la em seus braços e segurá-la perto. Estava matando-o vê-la deitada lá, parecendo tão vulnerável – nada como a ativista que sabia que ela era. Ela estava claramente em estado de choque. O que quer que tenha visto lá havia feito isso com ela.

E se ele não tivesse chegado a tempo?

Ele recusou-se a considerar aquilo mesmo por um segundo.

“Augusta... onde exatamente?” Jack persistiu.

“... barco velho”, ela respondeu, mas não abriu os olhos.

O enfermeiro retornou e Jack lhe perguntou, “O que você deu a ela?”

“Propofol. Faz efeito muito rápido e sai rápido também.”

Tudo o que Ian queria saber era que ela não estava seriamente machucada. “Você pode dizer se algo está quebrado?”

O enfermeiro estava checando os sinais vitais dela. “Não parece estar, mas ainda precisamos ter certeza.”

“E o corte na cabeça?”

“Superficial. Ela não deve precisar de pontos. Vamos apenas limpar aquilo e colocar um pouco de cola cirúrgica nele.”

Ian curvou-se para beijar Augusta na testa, bem perto do corte. Ela choramingou em seu sono, cochilando intermitentemente agora.

“Você viu alguma coisa?” Jack perguntou, direcionando a pergunta a Ian.

Ian balançou a cabeça. “Mas sei a direção de onde ela veio.” Dividido porque não queria deixar Augusta aqui sozinha, mas sabendo em seu instinto que o que quer que ela tivesse encontrado lá fora no pântano salgado era pertinente para a investigação de Jack – crucial para a proteção dos outros –, ele ofereceu, “Posso lhe mostrar onde”.

Jack concordou, considerando Augusta também. Ela havia soltado a mão de Ian e estava descansando agora. “Ela deve ficar bem por enquanto”, ele disse. “Vou ligar para a irmã dela”, ele ofereceu e então puxou o celular para discar lá mesmo.

“Tudo bem”, Ian falou, mas seu tom era cheio de conflito.

“Não se preocupe, ela vai ficar bem”, o enfermeiro reassegurou. “Ela vai descansar um pouco, vamos tirar alguns raios-X, e então você provavelmente pode voltar e levá-la para casa depois.” Claramente ele confundiu Ian como parceiro dela.

Jack terminou a ligação, então discou outro número. Ian ouviu-o deixar uma mensagem e supôs que ele estava falando com alguém nos escritórios do *Tribune*.

“Ela é muito sortuda que você estava procurando por ela”, Jack ofereceu quando terminou a segunda ligação.

Ian esfregou o cabelo dos lábios de Augusta, pensando em todas as vezes que ela havia ido ao seu resgate, mesmo quando não o conhecia tão bem. Com a mesma tenacidade que sua irmã havia exercitado para crucificá-lo, Augusta havia se tornado sua salvadora. “Eu que sou sortudo”, ele disse, e quis dizer aquilo; então, curvou-se para sussurrar no ouvido dela. “Amo você, Augusta. Volto logo.”

“Ela nem vai saber que você saiu”, o enfermeiro assegurou-o.

Ian concordou, e então, antes que pudesse mudar de ideia, deixou-a enquanto dormia.

CODY VOMITOU um pouco após beber a água que havia acumulado em uma poça no chão. Mas agora sentia-se um pouco melhor. Ele focou naquela sensação.

Sua avó Rose sempre disse que um coração alegre era um bom remédio. Cody pensou que poderia ser da Bíblia, mas não sabia com certeza. O único remédio que ele tinha agora mesmo era seu cérebro, então iria usá-lo.

Fique acordado. Não desista. Não vomite nos feijões-de-lima.

Ele continuou pensando na mente acima da matéria, lembrando-se da vez em que se preocupou sobre vomitar no jantar na casa da Vovó Rose, mas ele endireitou-se para não o fazer, e não o fez. Esperou até ele e os pais saírem da casa da vovó Rose e a porta de tela fechar atrás dele, então vomitou nas azuleiras da Vovó Rose.

Não se preocupe com a serpente. Fique acordado. Mantenha a atenção.

Estou de olho, papai.

Ele preocupou-se que a serpente fosse deslizar para fora de seu trono de madeira e tentar mordê-lo, mas ela ficou bem lá no canto escuro – debaixo das tábuas – não dormindo exatamente, porque seus olhos estavam abertos e observando –, mas descansando e fazendo companhia para o Cody.

De alguma forma, ele entendia que se deixasse de lado, ela iria deixá-lo também. Era como um pacto em silêncio que haviam feito, um que ele sentia nos ossos doloridos.

Ainda estava chovendo lá fora, e a noite estava enevoadada. Ele mal conseguia ver a ponte de cavaletes do trem através da neblina. O som contínuo da chuva tamborilando no teto acalmou-o. Relacionava-se com uma memória distante de barulhos tranquilizando-o para dormir... o som do oceano, a gentil canção da chuva de primavera, um riacho gorgolejando...

O homem mau nunca mais ia voltar, ele pensou, e agora que se sentia um pouco melhor, tentou entender o que tinha que fazer. Por mais nojento que possa parecer, ele fingiu ser uma serpente e usou a língua para devorar insetos que rastejavam a sua frente. Ele viu uma vez em um filme de guerra que soldados comiam vermes para continuarem vivos.

Ele era um soldado aqui, lutando pela própria vida. Se fosse espero, talvez vivesse tempo suficiente para alguém encontrá-lo e levá-lo para casa.

Sua pele estava em chamas, mas não importava.

Os olhos queimavam, mas ele focou com mais força.

As pernas estavam dormentes, mas ele lembrou-se da dor.

A serpente enrolou-se na cama de madeira, agitando a língua para fora preguiçosamente, mostrando a Cody como se alimentar.

Cody piscou, focando na formiga se rastejando até ele no chão, esperando... como sua amiga serpente.



22:56

A propriedade das Aldridge compreendia uma enorme porção do pântano salgado ao redor da Fazenda Oyster Point, e o que não pertencesse à família foi anexado pela cidade de Charleston. Apesar da oferta final para município bem-sucedida em 2012, porções largas da ilha ainda pertenciam à cidade em vez de ao município de James Island. O resultado era uma proteção policial irregular, uma vez que algumas áreas ainda eram policiadas pela cidade de Charleston, enquanto outras eram patrulhadas pelo estado... e outras, mal patrulhadas.

Felizmente para Jack, a área que estavam vasculhando pertencia a ambas as Aldridges e a cidade, então ele não sentiu a necessidade de esperar por um mandado de busca, sabendo que Caroline lhe daria permissão sem questionar. O time de busca começou na propriedade Aldridge. Não poderiam trazer cães – impossível seguir a pista dentro do pântano, mas encontraram o barco de Augusta aterrado na boca do riacho.

Na chuva torrencial, eles varreram para nordeste, vinte homens, do ponto onde encontraram o barco dela até o ponto que Ian havia encontrado Augusta tropeçando pelo capim-da-praia. Alguns dos homens foram forçados a usar barcos porque a água estava funda demais para avançar. Outros se mantiveram às sombras. No alto, helicópteros iluminavam o céu noturno, aviões de reconhecimento cortando pela neblina forte. A Divisão Policial da Carolina do Sul e o FBI se juntaram a eles com cada homem disponível na área.

Eles encontraram o pequeno barco de madeira sobre o qual Augusta havia lhes contado aproximadamente às 22:32. Estava preso em um banco de areia pequeno cercado por águas mais fundas. O barco havia sido uma vez um pequeno esquife de pescaria. Agora tudo o que restava eram partes de uma casca apodrecendo, grudando-se a uma espinha de madeira que era visível o suficiente acima da água na maré alta, o que não requeria nenhuma marcação de alerta para os barqueiros da área. Era completamente possível que o barco estivesse lá desde o Hugo. Como não impunha nenhum perigo real, não havia chamado muita atenção, mas aparentemente perdeu uma limpeza recente de escombros junto aos estuários. Ondas convergindo com a vegetação havia criado um aterro natural heterogêneo. Atrás dele, semi-protegido das correntezas,

encontraram o enorme túmulo.

Alguns dos corpos haviam estado lá há anos, julgando pelo estado de decomposição – mais devagar do que poderia parecer possível porque o pântano era um conservante natural. Em alguns dos corpos mais antigos, a pele ainda estava intacta e o cabelo grudado ao couro cabeludo. Trabalhando com atenção com a equipe de busca, o médico-legista liderou os esforços para garantir que salvassem cada traço de evidência – a maioria para propósitos de identificação. Os corpos mais recentes ainda estavam em um estado de decomposição muito desacelerado, mas, mesmo assim, a evidência física estaria comprometida pelo tempo submerso na água.

De jeito nenhum dava para mover equipamentos pesados para o pântano, então usando macacões para perigo biológico e quaisquer ferramentas que conseguissem encontrar – botas impermeáveis, redes, luvas grossas –, os homens trabalhavam à mão para desenterrar a descoberta mais nojenta em Charleston em quase quarenta anos. Dentro da primeira hora, eles haviam exumado mais de seis corpos.



CERCA DE UMA hora antes de Caroline sair do escritório, Daniel foi preso. Querendo ter certeza de que o plantão jornalístico sobre a prisão dele era coberto, e corretamente coberto, Caroline ficou trabalhando até tarde. Só quando estava prestes a sair do escritório que sua recepcionista finalmente lhe deu a mensagem de que Jack havia ligado. Infelizmente, seu celular havia morrido às 18h e ela havia esquecido o carregador no carro de Jack, então estava completamente incomunicável no caminho para casa. Quando chegou à Oyster Point, a propriedade estava coberta de luzes azuis. Helicópteros rugiam no alto, refletores balançando por todo o céu noturno.

O primeiro pensamento de Caroline foi Augusta. O coração batendo dolorosamente contra as costelas, ela correu para a casa. Encontrando-a trancada e vazia, apressou-se de volta e correu na direção do pântano. Havia oficiais aglomerando-se no ancoradouro. Mais na água.

Ela tentou obter informação de um dos oficiais uniformizados no cais. Algo momentâneo estava acontecendo aqui, mas ninguém parecia disposto a compartilhar qualquer informação.

“Esta é minha propriedade!” ela disse a um oficial uniformizado.

“Você vai ter que falar com o Detetive Shaw”, o homem insistiu e apontou para as luzes no pântano.

A menos que ela tirasse um dos barcos, não havia como alcançar Jack, e seu celular estava sem bateria. Percebendo que o telefone na casa da Sadie estava mais perto e mais fácil de alcançar, ela fez a caminhada até a casa da Sadie. Mas ela não estava em casa também, e havia mais policiais vigiando a porta da frente dela. Ela pediu para usar o telefone e foi recusada.

“Sinto muito, não podemos deixá-la entrar”, o homem insistiu.

Frustrada, Caroline retornou para a casa principal e apressou-se para o escritório, onde ficava uma das únicas duas linhas disponíveis na casa. Cruzou sua mente que as pessoas estavam completamente dependentes demais do celular. Agora que ela precisava de um, não havia nenhum a ser encontrado. Ela tentou o número de Augusta primeiro, mas não houve resposta. Foi direto para a caixa postal. Em seguida, ela tentou o de Jack, mas o dele também foi direto para a caixa postal. O de Sadie também. Finalmente, ela checkou suas mensagens e descobriu a de Jack. Felizmente, Augusta estava no Roper com machucados leves. Nenhuma palavra da Sadie, embora tivesse certeza de que sabia onde Sadie devia estar.

Por fim, ela ligou para o Josh e lhe contou sobre Augusta e Daniel.

“Vou ver como ela está”, ele ofereceu. “Fique por aí e veja o que está acontecendo. Ligue de volta para mim assim que souber de algo.”

“Obrigada, Josh”, Caroline disse, grata por ele estar tão disposto a ajudar, apesar de toda a confusão que ela havia lhe causado com a investigação do jornal, e apesar da provação com a mãe dele. Augusta em particular apreciaria o cuidado dele. Infelizmente, ela não tinha o número de Ian, e não estava muito pronta para falar com ele mesmo assim. Desculpas pareciam adequadas – para Augusta também. Mas provavelmente era por isso que ela havia pedido a Josh para ir buscar Augusta. Ela ainda não sabia o que dizer para a irmã.

Ela ficou de pé no cais, observando os barcos de polícia à distância, e tentou desorientar seu caminho pela confusão e culpa por suas ações relacionadas a Ian Patterson.

Ela estivera errada.

Tão errada.

Ela havia decidido que Ian Patterson era culpado e fixou como objetivo levá-lo à justiça. Não havia raciocínio para livrá-la disso. Ela havia ajudado a colocar um homem inocente atrás das grades. Ele poderia ter encarado a cadeira elétrica, um homem que, muito provavelmente, havia salvado sua vida. E, ainda assim, ela o tinha perseguido enquanto o culpado corria por aí debaixo de seus narizes o tempo todo: Daniel Greene.

Jack estivera certo.

Augusta estivera certa.

Ela estivera errada.

Nada era o que parecia.

Augusta acordou na sala de emergência, grogue, embora recordasse bem mais do que desejava. Imagens terríveis surgiam em sua mente – uma mãozinha na lama –, aquela sensação horrível de ir empurrando o caminho através de uma orgia atemorizante de corpos em decomposição.

Um enfermeiro andou até ela. Ele sorriu cordialmente quando ela encontrou seu olhar. “Você sabe onde está?” ele perguntou.

Augusta limpou a garganta e concordou. Seu senso usual de sarcasmo lhe falhando completamente. Ela estava grata, lembrando-se de como ele a havia ajudado pelos raios-X, sua disposição agradável e bem mais paciente do que ela poderia ter reunido algum dia. Ele havia lhe dado uma meia para o pé, porque estava frio. Ela balançou-a para fora das cobertas quando se mexeu. O enfermeiro veio checar as grades em sua maca, como se para ter certeza de que ela não ia rolar. “Acho que eles me abandonaram?”

Ele piscou. “Eles deixaram-na em boas mãos.”

Augusta tentou sorrir e encontrou o rosto doendo. Ela levantou os dedos até a bochecha.

“Você vai ficar com um machucado feio e um olho preto, mas nenhum osso quebrado, e o corte não vai deixar uma cicatriz grande.”

Piscando, Augusta estendeu a mão ao rosto, sentindo-se hesitante. “Cicatriz?”

“Só uma pequenina”, ele reassegurou e então piscou. “Ela acrescenta personalidade.”

Ela vagamente se recordava de esmagar o rosto no banco do barquinho, mas não percebeu que havia feito tanto estrago. Naquele momento, tudo em que

pensava era fugir. “Alguém ligou para a minha irmã?”

“Seu marido deve ter ligado. Seu celular ficou tocando direto.” Ele pegou o celular dela de uma mesa próxima e levou para ela, colocando-o na cama ao seu lado.

“Obrigada.”

“De nada.”

“Por tudo”, ela falou e tentou sentar-se, mas pendeu. Ele veio ajudá-la de novo, e, assim que ela ficou em uma posição semiereta, ela checkou as mensagens. Várias chamadas perdidas do Ian, mas nenhuma de mais alguém. Ela chutou que Caroline deveria saber a essa altura e, aparentemente, não estava muito preocupada. Ela tentou o número de Ian primeiro. Tocou até que foi para a caixa postal.

Só tardiamente lembrou-se do pedaço de papel que havia enfiado na camiseta e bateu nas costelas doloridas.

“Procurando isso?” O enfermeiro segurou um fragmento de papel despedaçado e encharcado e andou até ela para lhe entregar. “Nós retiramos durante seus raios-X. Não sobrou muito dele.”

Augusta tentou desdobrá-lo, mas estava colado, completamente arruinado. Pontos cinzas desbotados foi tudo o que sobrou da tinta, e estava rasgado também. *Mas ela sabia o que era.*

Sadie não tinha um osso maligno no corpo, mas havia uma razão para ela ter esse codicilo em sua posse, e Augusta ia descobrir por quê. “Está arruinado”, ela disse para ninguém em particular.

“O que era isso?”

Augusta balançou a cabeça, sentindo-se perturbada. “Mais mentiras.”

A essa altura, as mentiras estavam chegando a proporções épicas. Talvez Daniel tivesse encontrado o codicilo e entregado para Sadie? Essa era a única explicação palatável – a menos que sua mãe tivesse escrito a coisa e, então, mudado de ideia e dado para Sadie. Mas aquilo significaria que Sadie havia mentido sobre a existência dele. Ela não acreditava naquele cenário também. Parecia-lhe mais crível que a mãe havia mostrado para Daniel e que ele o havia excluído do testamento após a morte dela. Ela decidiu que ele deveria ter dado para Sadie após o fato porque, recordando a raiva de Sadie naquele dia na varanda, Augusta não acreditava que aquilo fosse dissimulado. Qualquer que fosse a verdade, Daniel obviamente não era o homem que elas pensavam que fosse.

“Você vai me manter aqui?”

“Durante a noite?” O enfermeiro balançou a cabeça. “Podemos liberá-la a qualquer momento, mas não posso deixá-la sair a menos que eu saiba que tem alguém para dirigir para você.”

“Eu me sinto bem”, Augusta mentiu.

Embora não tivesse nenhum osso quebrado, no interior ela sentia-se devastada.

E um pensamento bem mais insidioso estava trabalhando em seu cérebro – algo em que não queria acreditar. Ao tentar proteger Sadie, Daniel poderia ter encenado seu próprio roubo e mais tarde tentado roubar a casa delas, como um meio de recuperar o codicilo? Ela sabia que não tinha sido Daniel na casa da Sadie, mas e se ele tivesse contratado algum ladrão para fazer o trabalho sujo – como da última vez? Foi uma criança que roubou a bolsa dela depois de sair do escritório de Daniel no mês passado, mas aquela pessoa poderia ter facilmente entregado o celular dela para alguém atrair Caroline para as ruínas. Somente Daniel sabia exatamente onde ela estava naquela tarde porque ela havia estado em seu escritório, e, se fosse verdade que o carro de Jennifer estava registrado em seu nome e que ele era o advogado da Karen Hutto também, então ele tinha uma conexão que poderia ser ligada a quase todas as vítimas.

O enfermeiro ajudou-a a sentar-se completamente. “Tem alguém para quem você pode ligar?” ele persistiu. “O Propofol faz efeito rápido, mas você não deve dirigir no período de vinte e quatro horas de uma dose ministrada. Não podemos liberá-la a menos que tenha alguém levando você para casa.”

“Posso encontrar alguém”, Augusta assegurou-o, percebendo que era uma batalha que ela não venceria.

“Ótimo. Então, se você esperar um minuto, vou chamar o médico.”

“Obrigada”, Augusta disse e discou o número de Ian de novo enquanto o enfermeiro se afastava, seus pensamentos centrados em Daniel.



COM OS DEDOS inquietos no colo, Sadie ficou sentada esperando alguém na delegacia de Lockwood deixá-la saber que poderia ver o Daniel. Ela tinha vindo direto da casa da Queenie após a ligação dele. O que quer que estivessem fazendo lá dentro – interrogando-o, prendendo-o – estava demorando demais. Mas agora algo mais estava acontecendo. Homens uniformizados passaram apressados por ela.

Ela conhecia o suficiente da lei para saber que só poderiam segurá-lo por um tempo determinado sem acusação, mas ela se conteve de ligar para Josh para

descobrir exatamente quanto tempo, recordando-se que Daniel conhecia a lei. E ele era inocente. Ela sabia disso, mas estava tendo um mau pressentimento...

Bem lá no fundo.

Ela não queria falar com Josh agora – nem com Augusta ou Caroline –, pelo menos não até juntar seus pensamentos...

Havia corpos enterrados na lama...

Ela ouviu-os dizer quando passaram, pensando que ninguém conseguia ouvir suas conversas sussurradas. Mas havia um aposento cheio de pessoas esperando, e cada uma delas trocou olhares, juntando as peças.

Sadie estava juntando as peças também.

Ela recordou-se *daquele* dia como se fosse ontem. Ele veio correndo para ela, assustado e incerto do que fazer. Estava quente naquele dia, não chovia há quase um mês – desde muito antes de Sam desaparecer. As marcas de nível de água estavam baixas e ainda mais baixas na maré baixa. Ela estava cortando batatas para a salada, e ele entrou e disse que sabia onde Sammy estava.

Sadie não havia acreditado muito nele, mas sempre teve uma sensação estranha no peito em relação ao filho, então seguiu-o até o pântano na maré baixa. Ele levou-a para um lugar no capim-da-praia onde a maré havia criado uma cavidade no pântano. Foi lá que ela encontrou o corpo de Sammy amarrado, coberto por escombros, como jacarés faziam para guardar as refeições para mais tarde. Mas a água estava baixa agora, e seu corpo estava exposto.

Josh admitiu ter encontrado o corpo algumas semanas antes, disse que topou com ele por acidente e ficou com medo de que fossem pensar que ele havia machucado Sammy, então escondeu-o de todos – inclusive da Sadie. Ela acreditou nele... naquela época.

O corpo de Sammy já estava extremamente desintegrado, e ele já havia partido há tanto tempo que dizer às pessoas depois de todo aquele tempo teria sido cruel e duvidoso. Já haviam procurado em cada canto e cada fenda de cada praia e cada baía. Mas não encontraram Sam porque ele estava tão bem escondido.

Só agora ela estava começando a entender por quê.

Pelo amor de Deus – havia corpos na lama.

Uma sensação terrível acomodou-se em seu peito – e, dessa vez, plantou-se teimosamente e se recusou a ir embora –, não importava quanto justificasse para si mesma. Não importava quantas desculpas criasse. Não importava o que tentasse dizer a si mesma.

Dessa vez, ela não conseguia fazer isso sumir.

Ela ficou lá sentada, pensando em todas as vezes que havia negado suas suspeitas, e sentiu uma melancolia. Mas que tipo de mãe pensava coisas tão horríveis sobre o filho?

Ela sentiu-se culpada, pensando que talvez tivesse colocado todos aqueles pensamentos ruins nele por causa do pai dele – porque ela nunca viu o filho machucar alguém.

Não pessoas.

Ele havia lhe dito que o corpo afogado de Sammy foi levado à praia – e poderia ter acontecido exatamente daquele jeito. Sadie tinha acreditado que o pior já havia passado. O pobre bebê havia partido, e o funeral terminado há tempos. Ninguém poderia evitar que Sammy havia se afogado, mas era uma época diferente, naqueles dias. Ela pensou que fossem culpá-lo também – seu bebezinho –, então ela havia enterrado Sammy em um lugar bom... em algum lugar com sombra e flores, e ela tinha rezado todos os dias pela alma dele... e pela alma de seu filho... e pela sua própria.

Mas lá no fundo... ela sabia... algumas pessoas haviam nascido más... não importava quanto você as amava... não importava quanto você fazia por elas.

Josh teve tudo, mas sempre parecia querer mais. Florence o havia amado bem demais, doida de amor por ele, dando-lhe tudo que seu filho deveria ter tido... através dos anos, Sadie havia compensado dando-lhe menos, embora ela tivesse lhe dado o maior presente materno de todos – fê cega.

O pensamento trouxe lágrimas quentes e ardidas aos olhos.

Uma visão veio em sua mente do primeiro cachorro que elas tiveram antes do Tango – um labrador preto chamado Bear. Ela lembrou-se de Josh chamando aquele cachorro para a água onde estava sentado em seu barco de pesca. Ele sabia que uma serpente venenosa estava deitada bem lá no caminho do cachorro, mas chamou aquele pobre animal mesmo sabendo que Sadie havia ido ligar para o controle de animais. Quando ele pensou que ela estava fora do alcance de escuta, ele insistiu que o cão viesse, sua voz maligna como um diabo.

Não conseguiram salvar o Bear. Mas foi algo sobre o modo que seu filho observara o animal morrer que a havia perturbado até o fundo dos ossos – aqueles olhos perversos enquanto assistia ao animal nos espasmos de morte. Josh jurou que estava simplesmente tentando tirar o cachorro do caminho do perigo. Mas Sadie havia tido um mau pressentimento naquele dia – uma sensação ruim que ela ignorou.

Ela ignorou de novo no dia que Josh surgiu com o Sam nos braços, coberto

em mordidas de formiga. Ele disse que o bebê havia ido sentar em um formigueiro.

Mas Sadie duvidou. Ela se odiava por duvidar, mas o fez enquanto untava com água sanitária cada uma das mordidas raivosas para parar de coçar.

Josh nunca havia feito nenhum mal de verdade. Era simplesmente uma sensação estranha que ela sempre teve de que algo não estava certo – a sensação que, de alguma forma, seu filho orquestrava coisas muito ruins – como um maestro em uma sinfonia.

Ela havia tido aquela sensação de novo na manhã que encontraram a Florence. Ele havia ido até a casa dela bem cedo de manhã, embora nunca visitasse aos sábados. Naquela manhã, ele insistiu que fossem visitar Flo para fazer panquecas... pelos velhos tempos... como se soubesse o que encontraria naquela casa.

Ele havia observado a reação de Sadie com uma calma imparcial quando encontraram a pobre Florence deitada no final da escada, como se ela tivesse caído. Ele até ajudou Sadie a virar o grande espelho para que o corpo de Florence não ficasse preso no vidro. Ele repreendeu-a sobre superstições tolas, mas ajudou a virá-lo mesmo assim, e depois beijou-a na bochecha e perguntou se precisava que ele ficasse... porque ele tinha que ir.

Pareceu ruim naquela época... mas agora parecia pior.

Havia mentiras demais, segredos demais.

E eles estavam ficando cada vez mais difíceis de esconder.

“Licença!” ela disse ao policial que passou pelo assento dela. “Onde exatamente disseram que encontraram aqueles corpos?”

Ele sabia quem ela era e olhou para ela de forma apologética. “Você sabe que não posso dizer exatamente, senhora, mas em algum lugar perto de Clark Sound.”

Sadie concordou enfadonhamente e se sentou, mas somente por um instante para juntar coragem. Essa era a coisa mais difícil que ela teria que fazer um dia.

Mas já havia passado do tempo.

Passado muito do tempo.

Se seu filho fosse inocente, a lei descobriria a verdade. Ela tinha que acreditar naquilo com todo o coração. E, se ele fosse culpado... então ela havia criado um monstro, e ele tinha de ser impedido.

Reprimindo uma onda de culpa por todas as suas suspeitas horríveis de um parente, ela levantou-se da cadeira no corredor e arrumou-se para fazer uma confissão já atrasada.

23:26

Após falar brevemente com Caroline, Augusta entendeu por que ninguém estava atendendo ao telefone. O celular da irmã estava simplesmente carregando e ela falou com Augusta por tempo suficiente para dizer que a polícia havia levado um time de busca para o pântano salgado onde Augusta havia encontrado os corpos. Aparentemente, Ian estava lá fora também, trabalhando com Jack, embora Caroline só tivesse escutado partes da informação por um dos homens de Jack, porque ela ainda tinha que falar com Jack diretamente. Sadie estava na delegacia, mas Caroline não havia conversado com ela também, e Josh estava a caminho para buscar Augusta no hospital.

“Eu teria ido buscá-la, mas Josh estava mais perto”, ela falou. E, então, parou um instante, acrescentando, “Graças a Deus ele estava procurando você”.

Os efeitos do sedativo estavam sumindo, mas Augusta ficou confusa por um momento, certa de que Caroline não teria querido elogiar Ian. “Josh?” ela perguntou.

“Não”, Caroline disse e esperou outro instante para esclarecer, como se, de alguma forma, doesse-lhe dizer isso. “Ian.”

Augusta conteve-se de apontar que era a segunda vez que Ian salvava uma delas do perigo. Mas era suficiente que Caroline tivesse reconhecido a parte dele no resgate de Augusta. Ela conhecia sua irmã bem o suficiente para saber que era um começo. Empurrá-la agora não as levaria longe. Elas tinham aquilo em comum – aquela mesma qualidade teimosa que ambas herdaram da mãe.

“Ele deve estar aí logo”, Caroline prometeu.

Elas desligaram, e Augusta sentou-se na cama, esperando para ser liberada, sentindo-se estranhamente desconectada.

Provavelmente uma parte era dos sedativos. Mas era algo mais também. Caroline estava lá em casa, esperando por ela, e ela sentia como se estivessem progredindo, mas com a Savannah longe, as revelações de Sadie, e Josh evitando-a ultimamente, ela sentia como se suas vidas estivessem desenlaçando.

Josh podia ser seu irmão, mas ela não se sentia mais próxima dele. Na realidade, nunca havia se sentido mais distante da criança com quem havia crescido.

E Sadie... todas as mentiras...

A última vez que ela havia se sentido tão rabugenta, foi depois da morte de Sammy... quando o pai as abandonou e a mãe fechou-se emocionalmente. Sadie

havia sido a cola que as manteve juntas, mas parecia que a cola estava deteriorando perante os olhos.

Que diabos ela deveria dizer ao Josh?

A vida inteira deles foi uma mentira.

Obviamente, ele compartilhava seus sentimentos. Quando chegou, não se incomodou em entrar para apanhá-la. Ele ligou para dizer que estava lá fora. A enfermeira levou-a para fora na cadeira de rodas – provavelmente para garantir que ela não ia pegar o volante sozinha.

Chega de cavalheirismo. O que quer que Josh tivesse sentido por ela uma vez, obviamente não sentia mais. Pelo seu olhar, ele parecia irritado com a ideia de vir ajudá-la. Augusta não prestou muita atenção ao carro que ele estava dirigindo; estava escuro e a enfermeira estava falando sem fim. Ansiosa para chegar a casa, ela praticamente correu para o lado do passageiro, poupando Josh do esforço de sair para ajudá-la. Aparentemente, ele não estava com pressa para fazê-lo de qualquer forma, porque sentou-se atrás do volante, com a janela aberta pela metade, esperando. Só quando Augusta estava dentro do carro que ela percebeu que não era o dele.

Era o da Sadie.

Os ombros dela ficaram tensos imediatamente.

O carro da Sadie estivera estacionado na garagem enquanto Augusta estava sentada na casa dela. Como Josh havia acabado com ele? “Obrigada por vir me buscar”, ela disse, embora de repente um pouco incerta.

“Sem problemas”, ele respondeu sucintamente e, então, não disse mais nada enquanto navegavam pelo estacionamento. Eles saíram na estrada e o estacionamento do hospital desapareceu atrás deles.

Embora ele mantivesse os olhos na estrada, Augusta tinha a sensação de que ele a estava observando em sua visão periférica. Ela acomodou-se no banco, dolorida, mas grata que a maioria dos efeitos do sedativo estava saindo. Ela não se sentia mais fora do controle.

Ainda estava chovendo. Gotas adornavam o para-brisa tão rápido quanto o limpador conseguia afastá-las. O silêncio era um terceiro inquilino no carro, sua presença tão palpável quanto a dor crescente no peito dela – ficando mais intensa a cada minuto que passava enquanto a medicação perdia o efeito. O som insistente dos limpadores a estava irritando.

“É horrível sobre o Daniel”, ela falou, forçando uma conversa.

“É.”

“Eles vão acusá-lo?”

Ele deu de ombros, mal levantando um ombro, uma resposta relutante.

“E a sua mãe... ela tá bem?”

Ele não ia olhar para ela. “Não tenho falado com ela.”

Eles estavam indo para a via expressa agora, na direção de casa. Ela conseguia ver os helicópteros no céu por cima da James Island, os refletores apontados para a área atrás do limite florestal.

Ao seu lado, Josh parecia tenso, seu olhar seguindo os helicópteros no ar.

Ela queria dizer algo sobre a confissão de Sadie – queria perguntar-lhe se ele se sentia tão estranho quanto ela sobre a repentina relação fraternal deles, mas não conseguia puxar o assunto. Ela queria trazer o assunto do testamento, mas de novo algo a impediu. Ficou sentado como uma bomba em sua bolsa. Ela não poderia ter ficado mais consciente disso, mas a tensão já estava alta o suficiente, e ela nunca havia sentido a brecha entre eles tão intensamente.

O olhar dela caiu no celular no console – um pequeno celular vermelho *flip top* que parecia um pré-pago barato. O celular de Josh era um iPhone – como o dela, só que branco e mais novo. Esticando o braço para pegar o celular, ela comentou, meio brincando, “Tá de celular novo?”

A mão dele serpenteou de uma vez, impedindo-a, prendendo o pulso dela ao banco ao seu lado, dando-lhe um olhar que fez os pelinhos da nuca levantarem. Removendo a mão, ela encolheu os ombros. “Jesus, por que tão sensível?”

Ele não respondeu.

Eles dirigiram o resto do caminho pela ponte em silêncio. Augusta deitou a cabeça no banco de novo, encarando a janela do passageiro. Ela conseguia ver o reflexo de Josh na janela, a mandíbula dele tensa e seus olhos no ar tanto quanto na estrada.

O olhar dela voltou ao celular no console... ela queria pegá-lo de novo, mas não se atreveu. Josh não era do tipo que guardava tecnologia velha por aí.

Então, de quem era?

Ela encarou o celular, e Josh começou a tamborilar os dedos impacientemente no volante...

Até os joelhos na lama, Jack sentiu o celular vibrar no bolso. A essa altura, estava um pouco surpreso que ainda funcionasse. Embora ele não o tivesse realmente submergido, suas roupas estavam quase tão molhadas quanto poderiam ficar sem ter ido nadar.

Retirando as luvas grossas que estava usando, ele lutou com o desejo de tirar a sorte em uma moeda que ele tinha um segundo para pensar o que haviam descoberto aqui. O fato de ser tão perto da Oyster Point quase o fez vomitar.

O celular parou de tocar bem antes de ele ter as mãos livres para enfiar no bolso. Ele pescou o aparelho e afastou-se do resto da equipe para falar em particular. Reconhecendo o número, ele discou para a delegacia, identificando-se, e esperou o despachante determinar quem havia ligado para ele. Uma mensagem apitou enquanto ele esperava, e ele lançou um olhar para as redes varredouras pela água. Até agora, haviam desenterrado oito corpos. A rede estava lá para filtrar pertences pessoais – anéis, joias, roupas – qualquer coisa que fosse ajudar a identificar as vítimas. Após ficar submergido na água e lama, não havia muita chance de que eles fossem salvar qualquer evidência física que pudesse levar ao assassino, mas eles haviam chamado um antropólogo forense para ajudar no processo de identificação.

“Jack...” Era Don Garrison na linha. Don estava de volta à delegacia atuando Greene.

“Que você tem?”

“É a governanta”, ele disse e parou. “Ela acabou de se apresentar com uma história extraordinária.”

“E?”

“Uh... ela veio para mostrar onde localizar um corpo.”

“Já os achamos”, Jack falou, não querendo Sadie no caminho. Ouvindo o tumulto atrás dele, enquanto desenterravam outro corpo, ele disse, “Nove até agora”.

“Não”, Garrison falou, sua voz soando lúgubre. “Esse está... em outro lugar.”

Jack afastou o celular por um instante, preparando-se para ouvir o que Garrison tinha a dizer. Qualquer coisa envolvendo Sadie iria afetar Caroline diretamente. Ele levou o telefone de volta à orelha, uma sensação nova de temor acomodando-se no estômago.

Ao seu redor, homens prosseguiram com dificuldade pela lama, alguns empurrando barcos infláveis carregados com partes do corpo e ossos. Eles tinham refletores em barcos próximos apontados para a área. De pé no meio do raso, ele não conseguia ver além do clarão, mas sabia que Caroline estava de volta lá, observando do cais das Aldridge. Um dos homens havia conversado com ela, garantindo permissão para vasculhar a área – permissão que ele sabia que ela não lhes negaria.

Mas no que se tratava dela, havia ainda uma pequena hesitação da parte dele. Ele era esperto para não falar com ela sobre a investigação se desenrolando. Não somente ele sentia a necessidade de protegê-la, mas também sentia a necessidade de se isolar, porque Caroline estava obrigada a pensar em termos de plantões jornalísticos.

“Desembucha, Garrison.”

“É o Sam Aldridge”, ele falou. “Childres e o filho dela enterraram a criança no pântano... Jack... Acho que Josh Childres é nosso cara.”

23:46

QUANTO MAIS PERTO CHEGAVAM DA Oyster Point, mais tenso Josh parecia ficar. Augusta não conseguia evitar; suas suspeitas estavam instigadas. Depois de todas as mentiras, ela não conseguia ignorar cegamente os pensamentos que corriam pela mente.

O celular.

O carro da Sadie.

O comportamento de Josh.

Era tudo um pouco enervante.

Ela tentou baixar a janela do lado do passageiro e a descobriu trancada. Josh não tinha o hábito de dirigir pela cidade com crianças no carro, então por que usaria a trava de segurança para crianças? Nem a Sadie o fazia, por sinal. Apenas para ter certeza, ela pressionou o botão de novo, lançando um olhar nervoso para Josh. “Então... o que você está fazendo com o carro da Sadie?” ela perguntou, tentando soar casual. “Só queria mudar?”

Os dedos dela começaram a formigar. Ela pensou que talvez fosse porque estava respirando um pouco rápido demais.

Eles estavam perto o suficiente para ouvir helicópteros agora, e a atenção dele estava centrada acima da cabeça. O simples fato que nenhum deles havia se importado em mencionar a aeronave deixou Augusta ainda mais inquieta.

“Eu precisava de um espaço para carga... estou de mudança.”

Ele estava mentindo, ela sentiu.

Augusta virou-se para olhar para o banco de trás. Não havia caixas, fitas, nada que indicasse que ele esteve se mudando o dia todo. “Você poderia ter pedido ajuda”, ela sugeriu. “Eu teria ficado feliz em...” Sua frase ficou presa ao engolir. “Ajudar.”

O carro de Sadie estivera estacionado na casa dela.

Ela encarou-o, recordando-se.

Josh tinha a mesma estrutura do homem na casa da Sadie.

Por que Josh iria invadir a casa da própria mãe?

Não fazia sentido.

Ela tentou afastar o tremor da voz. “Então... ficou dirigindo o carro da Sadie o dia todo?”

Ela sabia que ele não o havia feito. Era um teste. Ele deslizou um olhar para ela, um que dizia bem mais do que palavras poderiam ter revelado, e o coração dela titubeou. Por um instante, os olhos azuis dele prenderam-na imobilizada, e então ele voltou para a estrada. Os pelos no braço dela levantaram sucessivamente. Ele sabia o que ela estava pensando. Ele fez uma curva repentina na entrada Riverland – longe de casa.

Uma sensação de pânico tomou-a. “Ei! Estou cansada, Josh. Aonde estamos indo?”

“Quero lhe mostrar uma coisa”, ele falou.

“Está tarde. Prefiro ir para casa.”

Ele continuou dirigindo, e o carro acelerou, correndo pelas estradas secundárias. Ela tentou a trava de novo. Os helicópteros desapareceram acima

de uma cobertura de carvalhos antigos, embora ela ainda conseguisse ouvi-los.

“Por favor”, ela implorou.

“Só vai levar um minuto”, ele disse calmamente e continuou dirigindo. Mais rápido agora.

O batimento de Augusta acelerou dolorosamente. Seu olhar virou-se para o celular no console e, então, para o dela, deitado em seu colo.

A leve nebulosidade que havia se prolongado em sua mente desapareceu por completo. De repente, ela conseguia ver tudo com uma clareza espantadora. A batida do seu coração tocava como tambores em uma sinfonia, e sua respiração ficou pesada o suficiente para doer. Minutos esticaram-se em... momentos de indecisão e confusão que retardavam sua habilidade de reagir.

Ela pensou ter sentido o cheiro de sangue, mas era provavelmente o dela... sua camiseta estava manchada dele.

“Josh?” ela disse, testando o nome, porque ele de repente parecia um estranho. “Aonde estamos indo?”

Ela ligou o celular para ligar para a irmã e ele esticou o braço para apanhá-lo dela, jogando-o pela janela. Sem perder o embalo, ele esticou o braço para agarrá-la pelo cabelo e bateu a cabeça dela no painel. A última coisa de que Augusta se lembrava era o filete quente e grosso que penetrava em sua boca.



JACK DESLIGOU e seu olhar buscou Ian Patterson.

De pé, mergulhado na lama na altura da cintura, Patterson estava recebendo ordens de um de seus homens. Ele havia prometido ficar fora do caminho, mas, no final, eles precisaram de todas as mãos dispostas que conseguiram reunir.

Agora mesmo, ele tinha uma sensação ruim no âmagio que o estava congelando de uma forma que a chuva torrencial não havia conseguido fazer.

Ele ainda tinha que retornar as ligações de Caroline, e estava bem menos inclinado a ligar para ela agora porque não sabia o que lhe dizer – ainda não. Ele não queria lhe contar nada, mas não poderia mentir.

Se o que Don Garrison havia dito era verdade, eles estavam prestes a exumar o irmão dela de quatro anos após vinte e cinco anos. O pensamento fez sua cabeça girar.

Sadie sabia onde Sam estava enterrado.

Ela estava levando a polícia para exumar o corpo dele.

E, de alguma forma, Josh estava envolvido.

Augusta, foi seu próximo pensamento imediato.

Antes de enervar Patterson ou Caroline, ele fez uma ligação para o hospital, esperando, com uma sensação doentia no âmago, o enfermeiro que havia tratado Augusta atender à linha.

“Ela saiu há cerca de trinta e cinco a quarenta minutos”, ele falou. “Sem ossos quebrados. Sem concussão. Não havia realmente razão para mantê-la aqui.”

Jack olhou para o relógio: Era meia noite e dez. Ele sabia que Caroline havia decidido permanecer na propriedade e Sadie estava a caminho da delegacia de polícia, o que deixava apenas uma conclusão lógica. “Ela disse quem ia buscá-la?”

“Não. Mas uma das outras enfermeiras a levou na cadeira de rodas após a liberação. Espere, deixe-me ver o que ela sabe.” Ele abaixou o telefone. Jack ouviu-o tinar suavemente na mesa. Após dois minutos excruciantemente longos, com Jack encarando o relógio, o enfermeiro retornou. “Ela saiu em uma SUV prata,” ele disse. “Mas ela não conseguia se lembrar que tipo.”

Jack discou o número de Caroline, seu peito contraindo-se de forma dolorosa. “Onde está Augusta?” ele perguntou no momento que ela atendeu ao telefone.

“Jack!” ela exclamou. “Finalmente! Fiquei ligando para você sem parar a noite toda! Você não pode simplesmente me deixar no escuro aqui!”

“Caroline”, ele interrompeu. “Onde está Augusta?”

“Ela está a caminho de casa”, Caroline falou, soando irritada, mas seu tom suavizou com a urgência na voz dele. “Josh se ofereceu para buscá-la.”

Jack sentiu como se uma bala de canhão fosse derrubada em seu estômago com a revelação.

“O que aconteceu, Jack?”

“Ligue para mim imediatamente se tiver notícias da Augusta. Preciso ligar para você depois”, ele disse e desligou, dedos congelados rasgando sua espinha.

Ele não tinha provas, recordou-se, mas ele sabia...

Augusta estava com o Josh.

Se eles tinham saído do hospital a quarenta minutos, já estariam em casa a essa altura. Era um caminho curto pela via expressa da James Island.

Ele olhou para o relógio de novo: 12:12. Ele ligou de volta para a delegacia, instruindo Garrison a ligar para a escolta da Sadie e descobrir que carro ela havia dirigido para a delegacia. Enquanto esperava pela ligação de retorno, ele tomou uma decisão da qual poderia viver para se arrepender, e arrastou-se pela lama até Patterson. Não havia prova, apenas pressentimentos, mas se fosse a vida de Caroline em perigo, ele iria querer saber.

Seu celular tocou enquanto ele lutava pela lama e ele atendeu sem hesitar para olhar a identificação.

“Ela veio no Z4 do Josh, disse que ele precisava do carro dela para rebocar coisas para a casa na rua Tradd. Aparentemente, ele está de mudança.”

“Porra!” Jack disse. “Coloque um alerta para o carro da Sadie Childres agora mesmo. Prata 2014 modelo X3. Verifique a casa na rua Tradd e coloque um rastreamento no celular de Augusta Aldridge!”

Augusta acordou em um chão duro, estupefata e encharcada. Ela sentiu um cheiro doentiammente doce – como magnólias apodrecidas –, e sua cabeça estava martelando.

Ela ouviu vozes.

Não, apenas uma.

Josh.

“Tudo está arruinado!” ele murmurou sob a respiração.

Mesmo enquanto o cérebro se acostumava ao som, sua mente rejeitava reconhecê-lo. Havia um pano cobrindo sua boca. Ela esticou o braço, expulsando-o, rolando na direção do som da voz dele.

Ele não a havia percebido ainda. Ele estava falando com uma figura escura no canto, lutando com algo. Ela piscou, tentando focar, e sua respiração ficou presa na visão da criança agachada no chão. Era Cody Simmons. Ela não o via desde que ele estava em um berço no hospital, mas sua fotografia tinha sido colada em todos os jornais.

Ele estava vivo.

O garoto encontrou o olhar dela do outro lado do chão enlameado, seus olhos febris, mas coerentes.

Não fale, Cody disse para a senhorita mentalmente. Fique parada.

Ele era esperto o suficiente para saber que não era bom o homem não estar usando uma máscara. Ele ficou deitado em silêncio enquanto o homem murmurava para si mesmo, como seu pai fazia quando os pais começavam a brigar. Ele havia trazido uma moça com ele. Ela virou-se e encontrou o olhar

dele, e Cody alertou-a com os olhos para não falar.

O homem estava tirando as algemas de Cody, libertando-o. Ele estava de pé perto da serpente, mas não conseguia vê-la. Silenciosamente, ela balançou o rabo em alerta, e então inclinou a cabeça para trás, expondo dentes e uma mancha branca nas sombras.

“Josh”, a moça falou.

Ela sabia o nome do homem.

O homem mau ignorou-a, desatando a aljava de Cody, desmantelando o apoio de metal antes de se virar para olhar para ela.

Mantendo o olho na serpente, Cody testou sua liberdade, balançando os braços um pouco. Eles não responderam bem, mas ele continuou balançando-os, retraindo-se quando uma pontada de dor correu pelos braços.

“Você não tem que fazer isso”, a moça implorou.

O homem levantou-se e andou até a mulher, longe da serpente, olhando para ela. “Não sou idiota, Augusta. Sei o que tenho que fazer.”

A moça sentou-se, segurando as costelas. “Eles vão perceber que foi você, Josh. Você é o único que foi me buscar no hospital.”

Ela estava machucada, Cody pensou.

“Não posso controlá-la, Augusta. Todos sabem quão teimosa você é. Direi que a deixei na casa do Patterson e foi a última vez que a vi.”

“E o carro da Sadie?” ela vociferou.

“O que tem ele?” ele respondeu. “Você se importou em dizer a alguém que estava estacionado na casa dela?”

A moça permaneceu em silêncio, esfregando o peito.

“Foi o que pensei”, o homem zombou, mas ele soou aliviado. “Deixe você na casa do Patterson e não falei com você desde então, daí como eu poderia saber que ele estaria fora com o Jack, metendo-se em negócios alheios? E que você ficaria completamente sozinha? Pobre Augusta – sempre no meio de coisas que não deveria estar.”

A moça fez careta e tentou se levantar, mas o homem andou até ela, chutou sua bunda, e ela soltou um choramingo. “Ian viu o carro dela também”, ela argumentou.

Cody pensou que ela era corajosa.

O homem não disse nada por um minuto, e então, “O cérebro do Ian está cheio de merda, predominantemente por sua causa. Ele estava chegando perto, mas tudo o que foi preciso para tirá-lo do caminho da Jennifer foi você entrar em cena. Ninguém sabe de merda nenhuma”, ele insistiu. “Todos veem o que

querem ver, nada mais.”

“Você a matou também, não foi?”

O homem deu de ombros, a algema de Cody suspensa na mão, e Cody sabia que ele pretendia colocar as algemas nos pulsos da moça... a menos que Cody pudesse fazer algo para impedi-lo. Mas ele sabia que não conseguiria lutar com o homem sozinho. Ele estava fraco, e seus pés ainda amarrados com a corda... mas ele ainda tinha um cérebro... e uma amiga.

Seu olhar deslizou para a serpente.

“Eles vão encontrá-lo, Josh.”

A perna da calça do homem estava amarrada por um estojo de faca que estava preso à perna. Nele estava a maior faca que Cody havia visto. A lâmina cintilou em uma passagem do luar que penetrou pela janela.

“Não, não vão. Não há um retalho de evidência apontando para mim.”

Cody olhou de volta para a serpente, seu corpo preto como carvão, misturando-se à escuridão.

“Pode apostar que *alguém* viu *algo*. Eles vão descobrir.”

“Acho que não”, o homem discutiu. “Mas se descobrirem, você não estará em lugar nenhum por aqui para contar histórias.”

Augusta olhou ao redor, examinando os arredores mais de perto.

Ela não reconhecia este lugar.

Era um prédio velho no meio do nada. As janelas estavam todas fechadas com tábuas, exceto uma. Lá fora, ela conseguiu ver uma ponte de cavaletes de trem através de uma manta de névoa. Ela não a reconheceu, mas havia várias dela ao redor – velhas pontes extintas que haviam carregado trens à carvão.

“Você sabe quantos corpos Gaskins jogou no pântano?”

“O que ele é agora? Seu ídolo?” Augusta reagiu irritada.

“Ele era idiota”, ele cuspiu. “A ideia que estou tentando defender é que eu não sou.” Ele balançou as algemas de metal entre eles, quase como se pretendesse balançá-las nela. Augusta observou os anéis brilhantes de metal movendo-se para frente e para trás, seu cérebro procurando opções.

A chuva havia parado, mas o chão inteiro de um lado estava molhado. Cody estava deitado em uma poça de um lado do chão, com as mãos ainda esticadas acima da cabeça como se não percebesse que seus pulsos estavam livres. A criança mal estava consciente. O coração de Augusta doeu por ele. “Onde estamos?” ela perguntou.

Josh sorriu friamente. “Você já viu filmes demais, Augusta. Esta não é a parte em que digo onde você está e por que fiz isso. Desculpe por desapontá-la.”

Mesmo a visão de algemas balançando não poderia silenciá-la. “Não, eu sei por que você fez isso, Josh. Fez isso porque é maluco!” Seu olhar voltou para o Cody. “Por que pelo menos não o deixa ir? Para que você o quer?”

Ele apertou ainda mais forte as algemas, mas sua raiva não estava aparente no rosto. “Claro, Augusta. Por que não o solto assim ele pode correr de volta para casa? E agora, graças a você, ele até sabe meu nome. Não. Não é assim que isso vai acontecer. Prometo que ninguém vai encontrá-los aqui. Ninguém faz ideia de onde fica este lugar, e aqueles que o fazem esquecem-no cinco minutos após terem visto. Eles ficam cegos, assim como pessoas ficam cegas a toda a merda que não querem ver!”

Seus olhos azuis brilharam, frios como diamantes. “Flo era uma vadia idiota. Ela pensou que minha mãe ficaria feliz com a casa na rua Tradd. Ela estava fazendo isso por você, sabia? Doando toda aquela terra para agradar a garotinha que não sabia o suficiente para apreciar o que tinha. Bom, eu não estava prestes a deixá-la expor meu segredinho!”

Um pedacinho de Augusta morreu com aquela revelação – que até seu último suspiro a mãe havia estado tentando reparar as coisas que Augusta estava tão determinada a reforçar. Por anos, ela tinha implorado à mãe para doar as moradias dos escravos e a casa do capataz para a cidade – uma transigência para Caroline, que estimava a história delas. Augusta apenas havia desejado absolver-se da responsabilidade de todas as coisas que lhe traziam vergonha.

“Então, o que vai fazer?”

Ele sorriu com clareza. “Talvez eu vá cortá-la em pedaços e alimentar os crocodilos. Isso vai agradar muito seu interior conservacionista.”

“Foi isso o que você fez com o resto delas?”

Ele balançou a cabeça. “Não exatamente. Mas não se preocupe, vamos lhe dar um funeral melhor do que o que Sammy teve – e, então, talvez eu vá encontrar uma forma de reuni-la com Savannah e Caroline também.” Ele inclinou-se, algemas em mãos, pronto para colocá-las nela, e Augusta chutou-o um pouco desesperadamente.

“Não vou simplesmente deixá-lo colocá-las em mim!”

Com muita calma, ele desembainhou uma faca da bota, segurando a lâmina brilhante entre eles. “Talvez isso vá persuadi-la?”

“Foda-se!” ela gritou e chutou-o de novo quando ele se aproximou, descarregando um golpe perto da virilha dele. O rosto dele contorceu-se. “Não vou facilitar para você, Josh! Se vai cortar minha garganta, eles vão encontrar sua pele debaixo das minhas unhas.” Ela arrastou-se para trás quando ele se

endireitou.

O olhar em seu rosto mudou para um de pura fúria. “Você sempre foi uma tremenda vadia”, ele disse. “Não sei o que vi em você!”

Augusta pensou que poderia vomitar com a declaração dele. “Mesmo sabendo a verdade, isso é tudo o que consegue pensar?” ela perguntou. “Você é a porra do meu irmão – não que eu possa ter orgulho desse fato algum dia. Você é um monstro!”

Ele sorriu friamente.

“Todos aqueles corpos lá no pântano”, ela falou. “Eles são todos seus, né?”

“Sim”, ele disse, sem remorso. “E cada um deles olhou para mim como se eu fosse Deus no final – e assim você o fará, *irmã*.” Ele deu outro bote na direção dela, e Augusta arrastou-se para longe dele, suas costelas queimando. “Você é louco!” ela cuspiu. Ele foi atrás dela mais uma vez, faca estendida, e Augusta chutou a mão dele. A faca voou do aperto dele e deslizou pelo chão, saltando pelas poças como uma pedra.

“Vaca maldita!” ele resmungou.

A faca brilhou debaixo de um feixe de luar.

Cody percebeu que poderia alcançá-la.

Instintivamente – como da vez em que ele pegou a bola rebatida rolando no chão e tirou a criança tagarela em seguida –, ele mergulhou atrás dela, desejando que as mãos funcionassem enquanto mergulhava o mais longe que as cordas permitiam-no ir. A dor no tornozelo direito aumentou quando as cordas prenderam seus pés. Com mãos frouxas, ele esbofeteou a faca para a pilha de lenha no canto. A serpente venenosa curvou a boca mais para trás, alertando todos para se afastarem, mas o homem não poderia vê-la estando de pé. A faca aterrisou debaixo da pilha de lenha, seu cabo cintilando das sombras.

“Pirralho maldito!” ele gritou quando deu o bote até a faca, olhando para Cody. “Eu deveria tê-lo matado assim que o trouxe aqui!”

Cody recuou de uma vez, para longe do homem, longe da pilha de lenha. Seus olhos buscando os da moça. Por um instante, os dois travaram o olhar. Os olhos dela estavam abertos com medo, mas Cody não estava com medo. Ela tentou levantar-se, agarrando as costelas, e Cody balançou a cabeça em negação, dizendo-lhe sem palavras para ficar. O olhar dele escorregou para o canto onde a faca havia aterrisado debaixo de uma tábua, sua lâmina brilhante refletindo o luar.

Aconteceu rápido.

A serpente venenosa atacou quando o homem esticou o braço para agarrar a

faca. Com a força de um martelo, ela afundou os dentes no braço do homem, mordendo para entalhar seu veneno mais fundo. A faca deslizou para Cody. Gritando de dor, o homem puxou o braço com a serpente ainda presa, balançando desenfreadamente enquanto a serpente aderiu-se ao braço. Ele finalmente arremessou a serpente longe. Ela caiu no chão, então arrastou-se atrás dele de novo, mais uma vez afundando os dentes na carne da panturrilha do homem. Ele gritou de novo, tentando arrancar a serpente da perna.

A mulher arrastou-se para o lado de Cody, pegando a faca e rapidamente cortando o resto das cordas de Cody, então levantou-o enquanto o homem lutava com a serpente. A faca pesada caiu no chão com um tinido.

“Para lá!” Cody apontou e a moça correu com ele para o buraco no chão. A rede de metal ainda estava afastada da abertura por onde o homem havia arrastado a mulher com ele. Ela soltou Cody na água. Ele afundou como uma pedra e prendeu a respiração. Como em um sonho, ele ouviu o barulho da batida na água quando ela veio atrás dele.

Percebendo que ela tinha meros segundos antes que Josh se recuperasse e viesse atrás deles, Augusta arrastou Cody debaixo do prédio em direção à segurança. A água era mais funda aqui – funda o suficiente que ela não conseguia sentir o fundo lamacento. Havia um espaço apertado de ar entre o chão e o rio. Mas ela não era forte o suficiente para manter Cody flutuado e ainda levá-los longe o suficiente do Josh. Grata que Cody não estava lutando, ela puxou o peso dele por trás dela, rezando para que ele estivesse prendendo a respiração.

Ela não tinha ideia de onde estavam.

Menos ainda aonde estavam indo.

Ela só sabia que tinha que fugir.

Subindo à superfície por um instante para saber sua posição, ela arrastou a criança para cima para respirar e conseguiu ouvir Josh xingando em algum lugar no prédio. Soou como se ele estivesse correndo para o alçapão no chão, seus passos desajeitados, e então ele tropeçou e caiu de novo, xingando de forma profana.

“Você vai ficar bem”, ela assegurou Cody.

“Eu sei”, o garoto sussurrou, tremendo. Mas ela sabia que ele devia estar apavorado.

“Prende a respiração”, ela ordenou e puxou-o de volta para debaixo d’água. Ignorando a dor que disparava pelas costelas, ela nadou com cada pedacinho de força que possuía.

Era impossível ver para onde estavam indo. A água era preta. Mas Augusta continuou nadando. Quando voltou à superfície, ela nunca havia estado mais feliz

em ver céu aberto, e ainda mais feliz em ouvir o som de helicópteros no ar. Ela sabia instintivamente que estavam buscando por ela, e estavam se aproximando.

Tudo o que ela tinha que fazer era levar Cody para a costa, disse a si mesma e continuou nadando, puxando o garoto atrás dela. Embora a parte superior do corpo dele parecesse um peso morto, ele chutava os pés, ajudando-a a flutuar.

Na escuridão, a margem parecia tão distante.

Cody bravejou quando ela o mergulhou e voltou, respirando com dificuldade. Augusta não achou que conseguiria, mas não poderia parar agora, sabendo que Cody estava contando com ela.

Meu Deus, ela rezou. Deixe-me levar o Cody à segurança.

O rio Ashley era quase quarenta e oito quilômetros mais longo e largo do que o Cooper. Do outro lado de Folly, o rio Stono cortava o caminho pelo terreno pantanoso, curvando-se na John Island e separando-a da James Island. Augusta não fazia ideia de em que rio estavam, mas seu instinto dizia que estavam em algum lugar no Stono. Ela não tinha lembranças do trajeto até este lugar e percebeu que Josh provavelmente a havia mantido inconsciente dando-lhe uma dose de clorofórmio. Eles poderiam estar em qualquer lugar.

Acima deles, um dos dois helicópteros passou em grande velocidade e, então, de repente deu a volta. O outro seguiu, refletores balançando para a água. Na luz deles, ela conseguiu ver Josh aparecer de debaixo do prédio. Ele nadou na direção deles, diminuindo a distância mais rápido do que Augusta poderia conseguir com o peso de uma criança nos braços.

A margem estava longe demais.

Continue nadando, Augusta.

Josh era um nadador melhor à longa distância do que ela, mas ela tinha determinação ao seu lado.

Olha só, Augusta! ela ouviu em sua mente – uma memória enterrada há tempos. Josh mergulhou para fora do barco com mais de quatrocentos e cinquenta metros de águas violentas para atravessar e chegar à margem. Por meio de pura determinação, com Augusta conduzindo ao lado dele, ele havia feito isso sem qualquer problema.

A memória em si foi suficiente para fazê-la afundar debaixo da superfície, mas puxou-se de volta para cima e continuou indo.

Os helicópteros estavam circulando agora, procurando um lugar seguro para pousar.

À distância, ela ouviu sirenes de polícia se aproximando. Mas não rápido o suficiente. Josh continuou nadando, mais rápido, mais perto. Parecia que ela já

havia nadado quilômetros. A dor no peito ameaçando escurecer seus sentidos.

Do nada, a voz da irmã Savannah sussurrou em seu ouvido. *Pode chegar um dia em que você irá se perguntar, “O que eu deveria fazer?” Faça o que Augusta Aldridge nunca faria.*

Seus braços estavam cansados agora.

Não desista.

Sua irmã sabia das coisas.

A última vez que seguiu o conselho de Savannah, ela evitou um assalto em um beco escuro – talvez pior – porque *agora* percebia quão perto de algo vil elas tinham vivido por tanto tempo.

O que ela deveria fazer?

Josh estava mais perto – perto o suficiente que ela viu o azul brilhante de seus olhos cintilando debaixo dos refletores. De repente, os helicópteros afastaram as luzes e desapareceram atrás do limite florestal.

“Você sabe nadar?” ela perguntou ao Cody.

“Sim!” ele disse, e ela empurrou-o na direção da costa, mas ele afundou como uma pedra. Ela agarrou-o pelo cabelo, puxando-o de volta para cima.

O que ela poderia fazer?

Faça o que Augusta Aldridge nunca faria, a voz de sua irmã insistiu.

Josh a conhecia melhor do que ninguém. Ele sabia seus segredos. Ele sabia tudo. O que Josh esperaria que ela fizesse?

Ele estava tão perto agora.

A cabeça dele momentaneamente foi para debaixo da superfície, mas reemergiu de uma vez e ele deu uma braçada pesada.

Augusta virou-se para olhar o contorno da costa. Estava ficando mais perto agora, mas aquilo era o que qualquer um faria. *Nadar para a costa.*

Em terra, Josh poderia facilmente atacá-la. Uma única mordida de cobra provavelmente não iria matar um homem crescido, mas a serpente era grande, seu corpo grosso e preto. Augusta sabia que ela o havia mordido mais de uma vez.

Suas costelas queimavam, os braços doíam, mas Cody a estava ajudando do melhor jeito que podia.

Quando Bear, o cachorro delas, morreu, seu corpo havia inchado duas vezes o tamanho normal em quinze minutos. Aconteceu rapidamente. Elas descobriram mais tarde que o veneno de uma boca-de-algodão era uma hemolisina e causava paralisia. O cão provavelmente tinha se afogado antes de ser puxado para à terra.

A cabeça de Josh afundou para baixo d'água de novo, e Augusta não hesitou. Ela não esperou para ver se ele iria subir dessa vez. Tomando uma decisão repentina, ela deu as costas para a margem, nadando de volta para o meio do rio, em direção à parte mais brilhante do céu noturno.

Ela segurou Cody pelo pescoço. “Nade, Cody!” ela encorajou-o e não teve de pedir de novo. Ele moveu os pés como pequenas nadadeiras e os dois nadaram cegamente para as luzes da cidade. As sirenes se aproximaram, mas Augusta continuou indo, nadando em paralelo à costa.

Josh tentou seguir, nadando desajeitadamente agora. “Augusta!” ela ouviu-o gritar, mas seu nome era um som ininteligível saindo da boca dele. Ela não parou. O garoto em seus braços era tudo com o que se preocupava agora.

Atrás deles, Josh começou a ficar cada vez mais para trás.

Outro helicóptero sobrevoou, balançando o refletor para o rio.

Aquela foi a última vez que Augusta espiou a cabeça de Josh acima d'água. Ele deu uma última braçada estranha, batendo na água e, então, sua cabeça foi para baixo e não reapareceu.

Augusta nadou até não conseguir mais, puxando Cody pelo pescoço. Eles encalharam na zona entremarés, e ela arrastou-o pelo capim-da-praia para ficar de pé, tomando-o nos braços imediatamente. Encontrando forças que não sabia que possuía, ela andou com dificuldade pela lama. O aperto da criança ficou mais apertado, seus bracinhos apertando-a mais forte. Apesar da dor nas costelas, Augusta recebeu com prazer a sensação.

“Obrigado”, ele chorou, enterrando o rosto contra o pescoço dela.

Sem fôlego para responder, Augusta segurou-o mais perto e fez o caminho até as sirenes.



NO TOTAL, dezesseis corpos foram desenterrados da lama.

Os ossos de Sam não estavam entre eles, mas haviam estado próximos o tempo todo, enterrados junto a uma faixa da própria propriedade delas perto das ruínas... onde uma antiga árvore de magnólia competia para sobreviver entre a flora natural mais agressiva. Coberta de trepadeiras e pressionada entre carvalhos maiores e tupelos, a árvore estava doente e morrendo.

As folhas haviam formando pontos preto-arroxeados com centros brancos e míldio pulverulento. Folhas infetadas caíram prematuramente da árvore – um lençol de doença cobria o túmulo sem marcação de Sam – como as mentiras e enganações que haviam coberto a vida delas.

Então, moveram-no para um lugar aconchegante dentro do alcance dos braços amorosos da mãe delas, debaixo de um belo carvalho vivo, seus ramos grossos e pesados com a idade. Musgo prateado agarrava-se aos galhos como cortinas grisalhas. Após longos vinte e cinco anos, elas finalmente tinham um desfecho.

Começar a lidar com tudo tornar-se-ia a jornada delas agora – uma jornada que as três haviam concordado em embarcar juntas. Se havia uma coisa que essa provação tinha feito por elas... foi aproximá-las.

Savannah comprou uma passagem de avião para casa no minuto em que soube. Ela terminaria o livro aqui, desacorrentada da vida em D.C. Caroline marcou uma data para casar com Jack e arranjou de esvaziar suas unidades de depósito em Dallas. Augusta formalmente pediu demissão do trabalho em New York e planejou terminar a reforma antes de tomar uma decisão sobre o que faria com o resto da vida.

Quanto à Sadie, elas ainda estavam tentando perdoá-la. Afinal, ela foi a mulher que as criou... e ela não tinha sabido sobre a vida secreta do Josh – nem havia suspeitado conscientemente até começarem a desenterrar os horrores no pântano. Foi só então que ela ousou ver o filho com diferentes olhos e apresentou-se para confessar.

Mas ela tinha mentido. Ela manteve o corpo de Sam em segredo delas – e não importava quem ela estava protegendo. Também tinha mentido sobre o Josh. Entender os motivos dela não a desculpava, mas ela era apenas humana... e nenhuma delas poderia alegar-se perfeita.

Ainda assim, Augusta não conseguia suportar vê-la sofrer por um monstro. Josh pode ter sido filho dela, e seu irmão, mas ela não conseguia separar o bom do mau. Todas as memórias agora estavam maculadas além de reparo.

Cody Simmons permaneceu no hospital, mas ele se recuperaria. Seis dias sem comida ou água tiveram um efeito ruim em seu corpinho. O tornozelo estava quebrado, e era possível que ele fosse perder o uso da perna esquerda. A pressão de apoiar em um lado do corpo havia constringido a corrente sanguínea para aquele membro, mas ele era um garotinho sortudo e não pareceu se importar. A polícia de Charleston planejou premiá-lo com a medalha de honra, por atos de bravura e persistência. Sem ele, Augusta sabia que nenhum deles teria sobrevivido.

Se alguma coisinha tivesse sido diferente, Cody – e Augusta – poderiam estar exatamente onde Sam estava agora.

Como questão de cortesia, Sadie havia ficado ausente da cerimônia privada,

deixando esses momentos para Augusta, Caroline e Savannah apenas. Não parecia apropriado para ela estar lá.

Augusta não poderia ter tolerado uma multidão. Este momento era privado, doloroso e bem atrasado. Todas as lágrimas que ela não havia conseguido derramar no funeral da mãe agora escorriam de seus olhos em uma corrente infinita.

Ao seu lado, Ian segurava-a pelo braço, como se para mantê-la em pé. Jack ficou ao lado de Caroline, e Savannah ficou de pé estoicamente à esquerda de Augusta, inclinando-se para perto, mas de pé sozinha.

Não havia como determinar a causa de morte do Sammy com precisão, mas não havia fraturas em seu esqueleto – nada que indicasse que sua morte havia sido violenta. Sadie alegou que o corpo havia sido levado para a praia bem depois do fato, e que ela o havia enterrado. Mas sabendo o que sabiam agora sobre Josh, a morte de Sam partiu o coração de Augusta outra vez.

O resto da história do irmão permaneceu coberto em mistério porque o corpo de Josh nunca foi encontrado. Eles escavaram a costa por quilômetros, procurando seu cadáver em vão. Augusta não conseguia decidir se aquilo era uma justiça poética ou um crime em si.

“Dê-nos luz para guiar-nos para fora de nossa escuridão e na direção da promessa do Seu amor, em Jesus Cristo nosso Senhor”, o pastor entoou – palavras que ela havia escutado com frequência demais em tão curto espaço de tempo.

“Amém”, todas as três irmãs disseram em resposta.

Caroline foi a primeira a dar um passo à frente para jogar seu lírio branco no túmulo. Augusta e Savannah seguiram. E, então, estava feito. Finalmente, o pedaço de terra vazio do irmãozinho delas não estava mais vazio.



OS ÚLTIMOS RAIOS de sol brilharam no telhado do ancoradouro à distância. Ian e Augusta sentaram-se na tábua solta na varanda, encarando o pântano.

No passado, a ideia de aproveitar os sons do pântano na varanda da frente havia sido um pesadelo. De repente, não parecia tamanha má ideia. Depois que o ano acabasse, elas poderiam vender a propriedade, mas não haviam decidido ainda. Ela ainda tinha que reformá-la, Caroline tinha que continuar a ressuscitar o jornal... e Savannah teria que escrever seu livro. Com oito meses faltando, tudo poderia acontecer... e se Savannah fosse corajosa o suficiente para escrevê-lo... havia uma história para contar...

Suas irmãs e Jack estavam agora lá dentro com a Sadie.

Puni-la pelos pecados de Josh parecia errado, mas seria difícil deixar o passado completamente para trás. Ela e Daniel tinham vindo contar-lhes que ela estava dando sua propriedade para a cidade, em conformidade com o testamento de Florence. Daniel a havia pedido em casamento. Sadie havia concordado e planejava morar com ele em sua casa no centro. Para a Sadie, deixar seu lar era tanto uma questão de cura quanto reformar a casa principal era para Augusta.

A polícia não estava prestando queixas contra ela, embora pudessem fazê-lo. Sadie não havia sabido sobre os crimes de Josh. Seu maior pecado foi tentar proteger aqueles que amava.

Na varanda, Augusta e Ian esmoreceram em um silêncio fácil, e ela respirou fundo o ar com um quê de enxofre, tentando sentir-se diferente sobre o lugar que uma vez tinha chamado de lar... será que poderia fazer isso de novo?

“Isso veio diretamente de um quadro”, Ian falou ao seu lado.

“Sim”, Augusta concordou. Com certeza, o pântano era bonito, mas ela não tinha certeza se poderia viver aqui assim que a casa estivesse reformada.

Ao seu lado, Ian puxou algo do bolso da camisa e segurou em um punho fechado.

“Ouço as pessoas dizerem o tempo todo que se você esperasse até a hora certa para ter um bebê, não haveriam bebês nascidos no planeta.”

Augusta olhou para ele, surpreendida pela observação aleatória.

“Nunca fui muito de fazer as coisas da forma que as pessoas acham que é certo...” Ele deslizou em um joelho ao lado dela. “Mas você está certa... pedir a mulher que eu amo – a única mulher que já ameí – em casamento por mensagem é um vacilo.” Ele abriu a mão para revelar uma linda aliança de prata com pelo menos uma esmeralda de dois quilates. “Então... aceita casar comigo, Augusta?” ele perguntou, seu coração brilhando como uma luz em seus olhos azul-claros.

Augusta encarou o anel, lágrimas se formando nos olhos. O luar brilhou no anel prata com um cintilar que espelhava o dos olhos de Ian.

“Sim”, ela falou, e naquele instante, uma centelha de luz iluminou o ar entre eles. Por um instante, a faísca surpreendeu Augusta. Vagalumes estavam tornando-se raros nessa área, mas aqui estava um, sua luz um símbolo de esperança. Ele piscou de novo, voando acima da cabeça deles como uma lâmpada elétrica pequenina, e então voou para a noite.

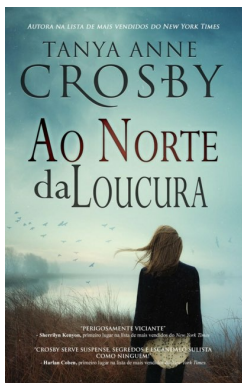
Ela e sua irmã haviam se sentado uma vez aqui nesta varanda para contar vagalumes... procurando esperança no brilho raro de seus corpos. Elas ficaram sentadas aqui a noite toda, esperando, torcendo... e não haviam visto nada,

voltando para dentro, desanimadas e sem esperança.

Ian não poderia ter compreendido verdadeiramente a magia que o surgimento do inseto significava para ela, mas ele sentiu a emoção reprimida que ela não conseguia compartilhar e beijou-a gentilmente.

“Eu amo você”, ele disse e puxou-a de volta para deitar a cabeça dela em seu ombro. Então, ficaram lá sentados, debaixo do pórtico, encarando o capim-da-praia... onde, se você olhasse bem, uma sinfonia de luzes brilhantes acompanhava os sons musicais do pântano.

LIVRO 1 PRÉVIA



Não perca *Ao Norte da Loucura*, a prequela irresistível de *Ao Sul da Morte*, disponível para venda.

Levantando o véu da intimidade de uma grande família sulista em declínio, a autora na lista de mais vendidos do New York Times, Tanya Anne Crosby, explora as vidas de Caroline, Augusta e Savannah Aldridge, três irmãs que dividem um passado obscuro e um futuro incerto...

Caroline Aldridge é surpreendida pelo número de pessoas em luto no funeral de sua mãe. Evidentemente, a herdeira do jornal que havia causado às filhas tamanha dor era bem-amada por todos em Charleston. Agora ela se foi, deixando para trás inúmeros segredos –

e algumas exigências: Caroline e suas irmãs devem morar juntas por um ano ou perdem a herança. E Caroline deve assumir o jornal *Tribune*. Mas um assassino está fazendo as manchetes e, inconscientemente, Caroline pode ter pisado na mira...

Uma série de sequestros e assassinatos ressuscitam nas irmãs as memórias do

desaparecimento do irmão quando criança – e Caroline teme ser a próxima. Ainda assim, no meio da confusão, ela pode reacender um romance que havia extinguido há muito tempo. Com Jack de volta à sua vida e os laços fraternos desgastados se remendando lentamente, Caroline espera que a família possa restaurar a posição na sociedade de Charleston – a menos que uma força sinistra além do controle delas separe-as para sempre...

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby já figuraram em diversas listas de bestsellers, incluindo as do New York Times e do USA Today. Conhecidos pelos enredos carregados de sentimento e humor e repletos de personagens

imperfeitos, seus livros vêm recebendo elogios dos leitores e comentários entusiásticos da crítica. Tanya vive como marido, dois cachorros e dois gatos temperamentais no norte de Michigan.

Per maggiori informazioni:



@tanyaannecrosby



tanyaannecrosby

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com